ISBN: 978-972-9347-21-4

VITORINO MAGALHÃES GODINHO 1918-2011 CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO

VITORINO MAGALHÃES GODINHO 1918-2011

Um itinerário sem ilusões nem desistência

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

3 Dezembro 2018
a
31 Janeiro 2019

FCSH FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

NOVAFCSH 40 ANOS

CICS.NOVA CENTRO INTERDISCIPLINAR DE CIÊNCIAS SOCIAIS

VITORINO MAGALHÃES GODINHO 1918-2011

Um itinerário sem ilusões nem desistência

VITORINO MAGALHÃES GODINHO 1918-2011

Um itinerário sem ilusões nem desistência

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,
Universidade Nova de Lisboa
3 de Dezembro de 2018 a 31 de Janeiro de 2019

coordenação científica:
Maria Teresa Magalhães Godinho
David Justino

Lisboa | 2018

Ficha Técnica

Vitorino Magalhães Godinho (1918-2011):
um itinerário sem ilusões nem desistência: catálogo da exposição

Exposição

Coordenação científica:
Maria Teresa Magalhães Godinho
David Justino

Concepção:
Maria Teresa Magalhães Godinho
David Justino

Organização e produção:
Cátia Carvalho
Marcel L. Paiva do Monte
Rogério Cruz

Secretariado executivo:
Cátia Carvalho

Textos:
Maria Teresa Magalhães Godinho
David Justino

Legendas:
David Justino
Cátia Carvalho

Cedência de peças:
Família de Vitorino Magalhães Godinho
(Documentos e fotografias)

Divisão de Bibliotecas e Documentação,
NOVA FCSH
(Livros)

Catálogo

Coordenação:
Maria Teresa Magalhães Godinho
David Justino

Textos:
Maria Teresa Magalhães Godinho
David Justino

Legendas:
David Justino
Cátia Carvalho

Design e paginação:
Marcel L. Paiva do Monte

Edição:
NOVA FCSH
CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar
de Ciências Sociais

ISBN 978-972-9347-21-4
Depósito legal: 448968/18
Tiragem: 200 exemplares

Impressão:
Palmigráfica

FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

NOVAFCSH 40 ANOS

CICS.NOVA
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ÍNDICE

Apresentação
Maria Teresa Magalhães Godinho e *David Justino*.....9

Catálogo.....15

Núcleo 1: *Família e formação inicial*.....17
Núcleo 2: *Docência na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1941-1943)*.....21
Núcleo 3: *Obra publicada, outros escritos e conferências (1938-1946)*.....31
Núcleo 4: *Vida e carreira académica em França*.....37
Núcleo 5: *Professor no ISCSPU*.....51
Núcleo 6: *Ministro da Educação*.....58
Núcleo 7: *Universidade Nova de Lisboa e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*.....65
Núcleo 8: A Revista de História Económica e Social *e a Associação Portuguesa de História Económica e Social*.....72
Núcleo 9: *Intervenção cívica*.....77
Núcleo 10: *A Biblioteca Nacional*.....82
Núcleo 11: *Reconhecimento internacional*.....86
Núcleo 12: *O último combate: a oposição ao Acordo Ortográfico*.....92
Núcleo 13: *Mostra bibliográfica*.....96

Cronologia.....100

Curriculum vitae : Vitorino Magalhães Godinho (1918-2011)
Maria Teresa Magalhães Godinho.....105

Vitorino Magalhães Godinho, Outubro de 1941.

Apresentação

A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e a Família de Vitorino Magalhães Godinho decidiram assinalar o Centenário do seu nascimento com um conjunto de iniciativas que pretendem reconstruir a memória de um dos seus mais distintos professores, do seu contributo para a fundação da NOVA FCSH e da Universidade Nova de Lisboa, bem como para a valorização do legado científico e cultural com que se identificam sucessivas gerações de professores e investigadores.

A coincidência entre o primeiro Centenário do nascimento de Vitorino Magalhães Godinho e os 40 anos passados sobre a criação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, constitui ainda uma oportunidade única para a concretização de alguns projectos criados e desenvolvidos nos últimos anos:

1. A **Biblioteca Vitorino Magalhães Godinho** de apoio à investigação científica que passa a incorporar, como núcleo próprio, a sua biblioteca pessoal que foi doada pela Família à NOVA FCSH.

2. Do vasto **Espólio** que será entregue à Biblioteca Nacional, reservou-se a parte constituída pelos ficheiros e alguns dossiers temáticos que ficarão à guarda do CICS.NOVA como instrumentos de apoio à investigação, nomeadamente pela criação de novos projetos relacionados com a obra de Vitorino Magalhães Godinho. Entre esses dossiers encontra-se a documentação relacionada com a NOVA FCSH e o Departamento de Sociologia.

3. Uma **Exposição** evocativa da sua vida e da sua obra que se repartirá entre a mostra das edições e uma visita guiada à sua carreira, desde a formação inicial até ao reconhecimento internacional.

4. Um **Encontro** onde uma parte significativa dos seus mais directos colaboradores debaterá com outros mais jovens investigadores as ideias e as teses que Vitorino Magalhães Godinho foi defendendo ao longo da sua carreira. Esse encontro terá lugar no Centro Cultural de Belém, no dia 1 de Dezembro de 2018.

O presente catálogo da Exposição dedicada a Vitorino Magalhães Godinho, à sua vida e à sua obra, não é um mero repositório dos materiais coligidos e expostos. Vai muito além desse acervo que em parte já era do domínio público, trazendo novos materiais que permaneciam inéditos no seu espólio. A preparação da exposição começou pela exploração e sistematização do espólio, cujos materiais permitiram apresentar neste catálogo o *curriculum vitae* atualizado, uma cronologia mais detalhada do que a apresentada no painel da exposição e a transcrição de alguns textos (desde a correspondência até documentos oficiais relativos a cargos e missões) que foram considerados relevantes.

A tarefa, não se apresentando fácil à vista do considerável número de caixas de documentos, foi em grande parte simplificada pela forma extremamente organizada e metódica como Vitorino Magalhães Godinho constituía os seus dossiers temáticos. Neles encontrámos desde os bilhetes de avião a pequenas fichas onde anotava as impressões de viagem, dos cartões de acesso às bibliotecas que frequentou, nomeadamente em França, até ao vastíssimo volume

de recortes de jornais que ia organizando em função de temas e problemas de Portugal e do Mundo que ia observando, ao mais ínfimo pormenor.

Traço de personalidade que desde muito cedo evidencia, essa capacidade de organização e de sistematização da mais diversa documentação é complementada pela abertura à pluralidade das matérias e problemáticas, da literatura à economia, da filosofia à política, da história da Antiguidade aos avanços mais recentes da ciência. Tudo, ou quase tudo, era objeto do seu interesse e da forma particular como exercia o seu "ofício", como historiador, como cientista social ou como cidadão.

Todos estes materiais foram integrados num conjunto de painéis temáticos e diversos expositores cuja sequência pretendia ir um pouco além do alinhamento cronológico. A versão que vingou resulta do compromisso entre os diferentes contextos que moldaram a sua carreira e uma visão biográfica, indissociável da cronologia.

A exposição abre com uma **cronologia** sintética que possa situar o leitor menos conhecedor da sua vida. O primeiro painel temático é dedicado ao que designámos por **formação inicial** com especial destaque para o papel desempenhado pelos seus professores no Liceu Gil Vicente, especialmente Newton de Macedo e Câmara Reys. Este último teve um papel decisivo na aproximação a António Sérgio e ao Grupo da *Seara Nova*, quando não teria mais de 15 anos. Terá sido a formação do liceu e a colaboração com os *Seareiros* (para além de Sérgio, Azevedo Gomes, Bento de Jesus Caraça, Jaime Cortesão, entre outros) que o motivou a escolher o Curso de Ciências Histórico-filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A Licenciatura foi concluída com a defesa da dissertação *Razão e História*, em 1940, identificada por Vitorino Magalhães Godinho como "uma tese de filosofia do conhecimento, ligado à lógica matemática, à lógica moderna".

O segundo eixo temático coincide com o início da carreira de docente e investigador na **Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa**. O convite feito por Manuel Heleno para assumir o lugar de professor extraordinário, assegurando um considerável número de disciplinas do Curso de História, não o afastou da reflexão filosófica – virá a publicar em Coimbra os seus *Esboços sobre alguns problemas da Lógica* (1943) e a colaborar com a Gazeta de Filosofia –, mas abriu o caminho para o reforço da investigação histórica. Ainda em 1940, antes da sua contratação, Vitorino Magalhães Godinho publicara na Revista do Porto o seu primeiro ensaio de história dos descobrimentos – «Os Descobrimentos e a evolução da economia mundial», *Revista do Porto*, nºs 2, 3 e 4, Novembro e Dezembro de 1940. Mas terá sido o ano de 1943 que consagrou a opção pela História, especialmente pela temática dos descobrimentos, através da publicação das primeiras obras que abrem novas perspetivas na historiografia da expansão quatrocentista. No ano seguinte (1944) surge o primeiro conflito que levará à sua demissão.

Desde a publicação dos primeiros artigos na *Seara Nova* (1934-1935) que Vitorino Magalhães Godinho dará continuidade à colaboração em diversas revistas portuguesas e à participação em conferências, parte delas da iniciativa dos movimentos oposicionistas à ditadura de Salazar. Nessa sequência de **publicações e conferências**, especialmente no período de 1938-1946, Vitorino Magalhães Godinho nunca se afastou das temáticas da sua investigação e reflexão. A filosofia e a história, especialmente a dos descobrimentos, são os domínios privilegiados da sua intervenção, concretizando um dos seus principais desígnios de divulgar os resultados da investigação e as temáticas centrais da sua reflexão. O ofício de historiador e

cientista era indissociável do dever de cidadania e de participação cívica.

O quarto eixo temático assinala-se partindo da carta de Vitorino Magalhães Godinho a Lucien Febvre (1946), propondo-se iniciar o processo conducente ao Doutoramento de Estado na Sorbonne. A partir desta iniciativa percorrem-se os seus primeiros tempos em Paris, os contactos com Fernand Braudel, a bolsa no CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique), a fixação de residência já com a família, a sua participação na vida académica e a colaboração com o grupo dos Annales. A **França**, ainda dilacerada pelos efeitos da Guerra, dera a Vitorino Magalhães Godinho a oportunidade e a consagração que o seu país lhe havia negado. Não será de estranhar pois a gratidão que sempre manifestou, ao longo da sua vida, para com aquele país, reconhecendo-o mesmo como a sua segunda pátria. Por isso consideramos no mesmo painel a sua estadia em Paris e a posterior integração na Universidade de Clermont-Ferrand. Facto igualmente destacado neste painel: aceitou sempre os prémios e condecorações que lhe concederam em França e por mais de uma vez as recusou em Portugal.

Vitorino Magalhães Godinho, 1970.
Fotografia de Eduardo Gageiro.

O trabalho desenvolvido no CNRS e na École Pratique des Hautes Études, bem como o facto de ter obtido com a mais alta distinção o Doutoramento de Estado, abriram o cenário de se fixar definitivamente em Paris. Porém, um convite proveniente do **Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina** para os seus quadros docentes como professor catedrático fê-lo interromper a carreira em França e regressar a Portugal. Fê-lo mais por razões familiares que por qualquer expectativa positiva face ao acolhimento por parte do regime. Tomou posse em 1960, mas cedo percebeu que a tolerância desse regime não era muito grande, apesar das promessas feitas no seu regresso: em 27 de janeiro de 1961, a obra encomendada pelos organizadores das comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique viria a ser recusada – posteriormente publicada sob o título *A Economia dos Descobrimentos Henriquinos* – por contrariar claramente a visão oficial dos descobrimentos. No ano seguinte dirige uma carta ao Diretor do ISCSPU solidarizando-se com a luta dos estudantes, em plena crise académica de 1962. Novo processo disciplinar e a consequente demissão que irá contestar em tribunal, sem que a justiça atendesse aos seus direitos. Durante quase oito anos, até ao regresso a França para exercer funções de professor catedrático em Clermont-Ferrand, Vitorino Magalhães Godinho conhecerá o desemprego vivendo em exclusivo dos direitos autorais, da coordenação editorial de algumas coleções e da

tradução de obras fundamentais.

Após o 25 de Abril de 1974 e apesar dos muitos apelos ao seu regresso, Vitorino Magalhães Godinho concluiu o ano lectivo em Clermont-Ferrand e, como era usual, veio a Portugal para gozar o período de férias e rever a família. Nessa altura recebe o convite do General António de Spínola para assumir a pasta da educação no II Governo Provisório (17 de Julho de 1974). Mantém-se no **Ministério da Educação** no Governo seguinte, mas acaba por apresentar a demissão (29 de Novembro de 1974), em clara demarcação face ao "assalto" de que o Ministério da Educação e o País estavam a ser alvo por parte das forças civis e militares mais extremistas. Entretanto, esta passagem pelo Governo permitiu identificar um programa coerente para a reforma do sistema de ensino e o regresso muito saudado de Portugal à UNESCO de que Vitorino Magalhães Godinho foi o principal obreiro.

O painel seguinte trata da sua reintegração na carreira universitária e da sua integração na **Universidade Nova de Lisboa**. Os contactos visando o regresso de Vitorino Magalhães Godinho à vida académica em Portugal eram anteriores ao 25 de Abril de 1974. Foi Maria de Lourdes Belchior a grande entusiasta desse regresso e Fraústo da Silva o reitor que concretizou a sua contratação, não sem antes se ter gerado um impasse sobre a anulação do despacho de demissão de Professor Catedrático no ISCSP. Sempre activo no processo de criação de uma Universidade "Nova", pensada e concebida em moldes distintos das velhas faculdades e departamentos, Vitorino Magalhães Godinho elaborou uma primeira proposta inspirada na VIª Secção da École Pratique des Hautes Études e que consagrava a perspectiva interdisciplinar entre as ciências sociais e humanas. Reunindo um número alargado de professores e investigadores dos mais variados ramos, uma parte deles formados no estrangeiro ou excluídos da vida académica portuguesa durante o Estado Novo, pensou que se dispunha de uma oportunidade única de inovar e de criar de raiz uma instituição universitária à margem da tradicional organização do ensino e investigação das ciências sociais e das humanidades. Não foi esse o entender, nem das autoridades governamentais nem de um sector da própria Universidade Nova de Lisboa. A autonomização da Faculdade de Economia e a criação da **Faculdade de Ciências Sociais e Humanas** provocou, desde logo, a primeira divisão. A Universidade Nova de Lisboa viria a reproduzir e a consolidar a organização em faculdades e departamentos, que se mantem até ao presente. Vitorino Magalhães Godinho, sempre fiel à visão integrada das ciências sociais foi um dos fundadores do Departamento de Sociologia e aí desenvolveu, mesmo depois da sua jubilação em 1988, um trabalho sistemático de formação de novas gerações de alunos, professores e investigadores, quer através do ensino quer pelo incentivo à formação de equipas multidisciplinares.

Logo que saiu do Ministério da Educação e retomou a vida académica, Vitorino Magalhães Godinho foi convidado a orientar cientificamente o Gabinete de História Económica e Social do Instituto Superior organismos que deram Economia. A equipa de jovens docentes e investigadores do GHES – na sua maioria economistas – passou então a trabalhar diretamente com o Professor à qual se vinham associar colegas das universidades de Coimbra e do Porto. Foi deste núcleo inicial que surgiu a ideia de editar a ***Revista de História Económica e Social*** (1978) de que Vitorino Magalhães Godinho foi o único Diretor, e, mais tarde, a fundar a **Associação Portuguesa de História Económica e Social** (1980) de que foi o primeiro Presidente. Estas duas iniciativas representaram dois marcos na historiografia portuguesa, não só pela consagração de uma particular maneira de pensar a história na sua relação com as outras

ciências sociais que Vitorino Magalhães Godinho sempre promoveu, mas, mais importante, pela oportunidade que proporcionou a uma nova geração de professores e investigadores de se afirmarem neste particular domínio.

Um dos traços mais marcantes da biografia de Vitorino Magalhães Godinho é a relação próxima entre o ofício de historiador e cientista e o exercício da cidadania através da regular **intervenção cívica** sob as mais diversas formas. Foi essa relação que marcou decisivamente a sua vida pessoal e académica, desde a colaboração, ainda quando adolescente, com a *Seara Nov*a, aos movimentos de resistência e oposição ao regime de Salazar – Movimento de Unidade Anti-fascista (MUNAF), Movimento de Unidade Democrática (MUD), os sucessivos grupos e movimentos que deram origem ao Partido Socialista, a colaboração na CEUD e a sua participação no Congresso Republicano de Aveiro.

Sempre recusou a condição de exilado ou militante na clandestinidade, mas nunca deixou de participar civicamente na construção de um Portugal democrático. Após a participação no II e III Governos Constitucionais, terá papel de relevo (mandatário nacional) na candidatura do General Ramalho Eanes à Presidência da República e com um conjunto de cidadãos independentes funda em 1979 a Comissão Cívica Independente.

Assumindo o legado cívico e cultural da *Seara Nova*, Vitorino Magalhães Godinho, em 1984, aceita o convite para dirigir a **Biblioteca Nacional**. O velho projecto de fazer da Biblioteca Nacional uma instituição de referência da cultura e da investigação, na senda de Raul Proença, Jaime Cortesão e António Sérgio, tinha então uma oportunidade de vingar pela mão de um dos seus mais distintos herdeiros. Como sempre, redobrou o seu entusiasmo e dedicou todas as suas capacidades para concretizar uma autêntica revolução, bem expressa no programa que se propôs aplicar. Como era característico do seu carácter, VMG não limitou a ambição nem valorizou a incompreensão que as suas propostas poderiam suscitar. Foi o último cargo público que ocupou e a frustração de não ter conseguido concretizar um projecto em que tanto se empenhou, marcou-o profundamente.

Um painel é dedicado ao **reconhecimento internacional** de que sempre beneficiou. A forma como conduziu o processo de reintegração de Portugal na UNESCO em 1974 e a colaboração que prestou em diversas iniciativas daquela organização, a sua participação na Comissão de Ciências Sociais da European Science Foundation ou o inestimável contributo que deu para a redação final da Carta Europeia dos Objectivos Culturais, no âmbito da iniciativa do Conselho da Europa, são marcos de inegável projecção além-fronteiras que não encontra equivalente na sua própria Pátria. Esse é um ressentimento que não conseguia superar na fase final da sua vida.

O último painel foi dedicado ao último dos seus combates cívicos: a **oposição ao acordo ortográfico**. Para Vitorino Magalhães Godinho não se tratava apenas de uma questão linguística ou de identidade cultural. Era sobretudo um combate pela defesa de um património colectivo, um legado de séculos que pre-existe à soberania, e, como tal, não poderia ser objecto da acção normativa de qualquer instituição. A sua participação e apoio ao movimento que se gerou em torno da rejeição do Acordo ainda hoje inspira a resistência que mobiliza cidadãos, professores, escritores e intelectuais portugueses.

Foi esta a fita do tempo que entendemos desenrolar para vos dar a conhecer, especialmente aos que não o conheceram, a razão de uma vida dedicada a um ofício e a uma Pátria que tanto amava, mas que nem sempre retribuiu em vida na justa medida da sua devoção e excelência.

Lisboa, Novembro de 2018

Teresa Magalhães Godinho
David Justino

Catálogo

Primeira fotografia de família de Vitorino Magalhães Godinho, 1918.

Vitorino Barbosa de Magalhães Godinho nasceu em 9 de Junho de 1918, em Lisboa, filho de Vitorino Henriques Godinho e de Maria José Barbosa de Magalhães. O Pai era oficial do Exército, fora um dos "jovens Turcos" da República, combateu em França na Grande Guerra, tendo feito parte do Estado Maior do CEP, foi professor da Escola de Guerra e dos Altos Estudos Militares, deputado, Ministro dos negócios Estrangeiros e do Interior, Director Geral de Estatística. A Mãe pertencia a uma família de Aveiro, em que se destacavam numerosos políticos, deputados e ministros. Vitorino Magalhães Godinho viveria, de 1919 a 1922, em Paris, durante o período do após-guerra em que o Pai esteve como Adido Militar à Delegação Portuguesa.

NÚCLEO 1

Família e formação inicial.

A partir de 1929 e até ao 5º ano, Vitorino Magalhães Godinho frequenta o Liceu Gil Vicente, onde foi aluno de Câmara Reys e Newton de Macedo. Faz os dois anos seguintes no Liceu Pedro Nunes e termina em 1936 o 7º ano com 17 valores, recebendo, como prémio da escola, obras de Herculano.

Desde muito cedo se interessa pelos livros, começando a adquirir livros para constituir a sua própria biblioteca, a partir de 1931, anotando as aquisições. Ainda na Instrução Primária leu a *História de Portugal* de Pinheiro Chagas, que o seu Pai possuía, e mais tarde tem à sua disposição a excelente biblioteca de seu Tio Barbosa de Magalhães. A *História da Civilização na Europa* de Guizot, leu-a por incentivo de seu professor de História no Liceu.

Dos anos trinta, data ainda a sua ligação ao grupo da *Seara Nova*, introduzido por Câmara Reys. Foi por intermédio deste que conheceu António Sérgio, quando o levou "a uma pequena oficina que havia na Rua Nova do Almada, pertencente ao pai de Manuel Mendes e onde se reunia o grupo da *Seara Nova*". Conviveu também com Azevedo Gomes, Bento de Jesus Caraça, Rodrigues Lapa, Mário de Castro. Os contactos com a *Seara* só cessaram após o afastamento de António Sérgio.

Por essa altura, começa a escrever os seus primeiros ensaios. Em 1934, publica na *Seara* uma recensão crítica — a *Uma mulher ciumenta*, de Joaquim Leitão — e em 1935, o artigo "D. Duarte".

Em 1936, entra para a Faculdade de Letras de Lisboa. Apesar de até então a sua formação ser mais ligada à área da Matemática e da Física, a influência decisiva do grupo da *Seara* e o seu desejo de seguir uma carreira de professor para ajudar a transformar a sociedade, levaram-no a optar pela Faculdade de Letras. Para tomar consciência dos problemas da sociedade, a escolha da secção de Ciências Históricas e Filosóficas pareceu-lhe óbvia.

Na Faculdade, onde teve como colegas Óscar Lopes, Piteira Santos e Sofia de Melo Breyner, o seu percurso foi sobretudo como auto-didacta. Destacava apenas dois professores: Vieira de Almeida e Manuel Heleno (Arqueologia). Licenciou-se em 1940, com 15 valores ("a nota mais alta até então"), com a Dissertação "Razão e História. Introdução a um Problema".

Mantém contacto estreito com o grupo do Café Portugal, sobretudo Duarte Leite, seu Mestre em História dos Descobrimentos, e com Jaime Cortesão, então no exílio.

Após a Licenciatura, concorre ao Estágio no Liceu Pedro Nunes e tira o Diploma de Ciências Pedagógicas, na Faculdade de Letras de Lisboa.

República Portuguesa

Liceu de Normal de Lisboa (Pedro Nunes)

O Reitor do Liceu: António Joaquim de Sá Oliveira

Faz saber que o aluno Tiburcio Barbosa de Magalhães Godinho, natural de Lisboa, concelho de Lisboa, filho de Tiburcio Henriques Godinho, tendo sido examinado nas disciplinas que constituem o curso complementar de letras dos liceus, foi aprovado com a classificação final de Muito Bom, conforme consta do livro respectivo a fl. 121.

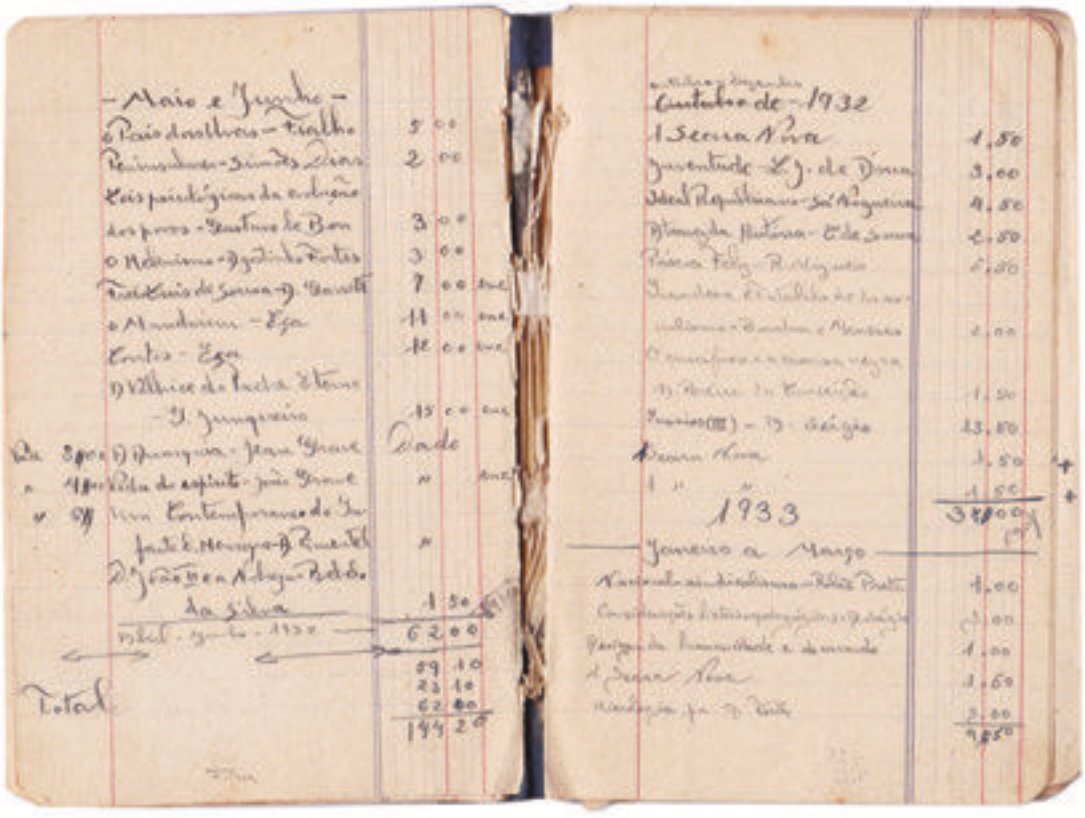
Pedi que, e para os efeitos legais, lhe mandei passar o presente diploma do curso complementar de letras, que vai por mim assinado e autenticado com o selo branco deste Liceu.

Secretaria do Liceu de Normal de Lisboa, em 17 de Julho de 1936.

O Reitor

O Chefe da Secretaria

1. Diploma do Liceu Normal de Lisboa (Pedro Nunes), 17 de Julho de 1936.



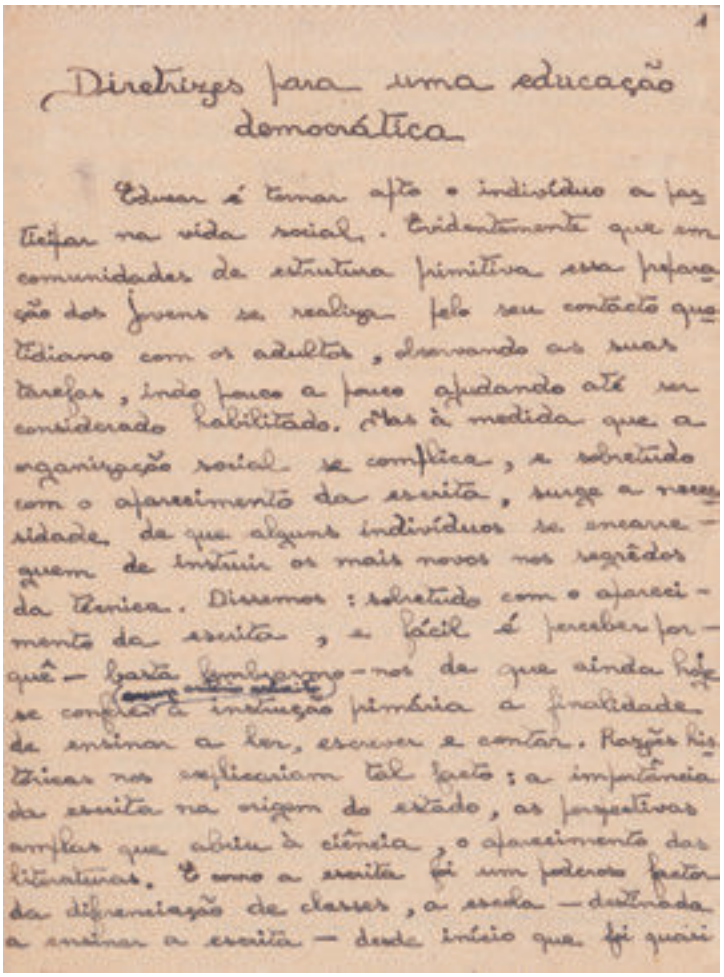
Outubro de 1932

1933

Janeiro a Março

Total

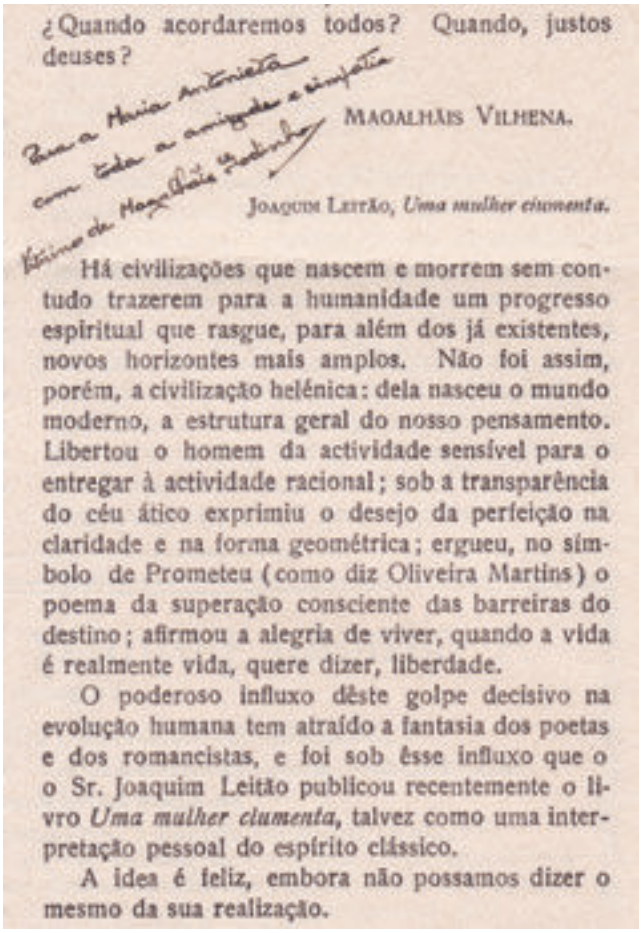
2. Páginas do *carnet* de aquisição de livros a partir de 1931.



Directrizes para uma educação democrática

Educar é tornar apto o indivíduo a participar na vida social. Evidentemente que em comunidades de estrutura primitiva essa preparação dos jovens se realiza pelo seu contacto quotidiano com os adultos, observando as suas tarefas, indo pouco a pouco ajudando até ser considerado habilitado. Mas à medida que a organização social se complica, e sobretudo com o aparecimento da escrita, surge a necessidade de que alguns indivíduos se encarreguem de instruir os mais novos nos segredos da técnica. Dissemos: sobretudo com o aparecimento da escrita, e fácil é perceber porquê — basta lembrarmo-nos de que ainda hoje se confunde a instrução primária a finalidade de ensinar a ler, escrever e contar. Razões históricas explicariam tal facto; a importância da escrita na origem do estado, as perspectivas amplas que abriu à ciência, o aparecimento das literaturas. E como a escrita foi um poderoso factor da diferenciação de classes, a escola — destinada a ensinar a escrita — desde início que foi quasi

3. Página de bloco de notas que contém alguns dos primeiros ensaios manuscritos, 1932.



¿Quando acordaremos todos? Quando, justos deuses?

Para a Maria Antonieta com toda a amizade e simpatia

MAGALHÃIS VILHENA.

Último de Magalhães Godinho

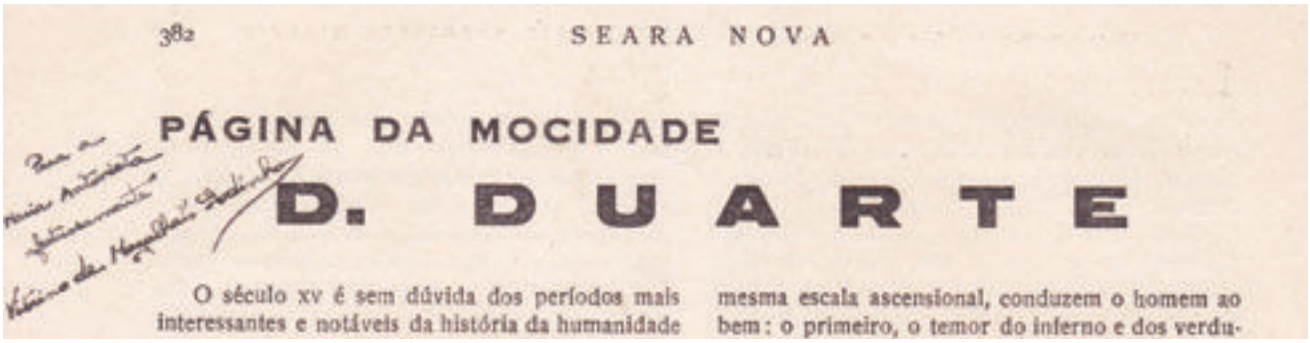
JOAQUIM LEITÃO, *Uma mulher ciumenta.*

Há civilizações que nascem e morrem sem contudo trazerem para a humanidade um progresso espiritual que rasgue, para além dos já existentes, novos horizontes mais amplos. Não foi assim, porém, a civilização helénica: dela nasceu o mundo moderno, a estrutura geral do nosso pensamento. Libertou o homem da actividade sensível para o entregar à actividade racional; sob a transparência do céu ático exprimiu o desejo da perfeição na claridade e na forma geométrica; ergueu, no símbolo de Prometeu (como diz Oliveira Martins) o poema da superação consciente das barreiras do destino; afirmou a alegria de viver, quando a vida é realmente vida, quere dizer, liberdade.

O poderoso influxo dêste golpe decisivo na evolução humana tem atraído a fantasia dos poetas e dos romancistas, e foi sob êsse influxo que o o Sr. Joaquim Leitão publicou recentemente o livro *Uma mulher ciumenta*, talvez como uma interpretação pessoal do espírito clássico.

A idea é feliz, embora não possamos dizer o mesmo da sua realização.

4. Excerto da recensão crítica à obra *Uma mulher ciumenta*, de Joaquim Leitão, publicado na *Seara Nova*, Nº 388, 10 de Maio de 1934.



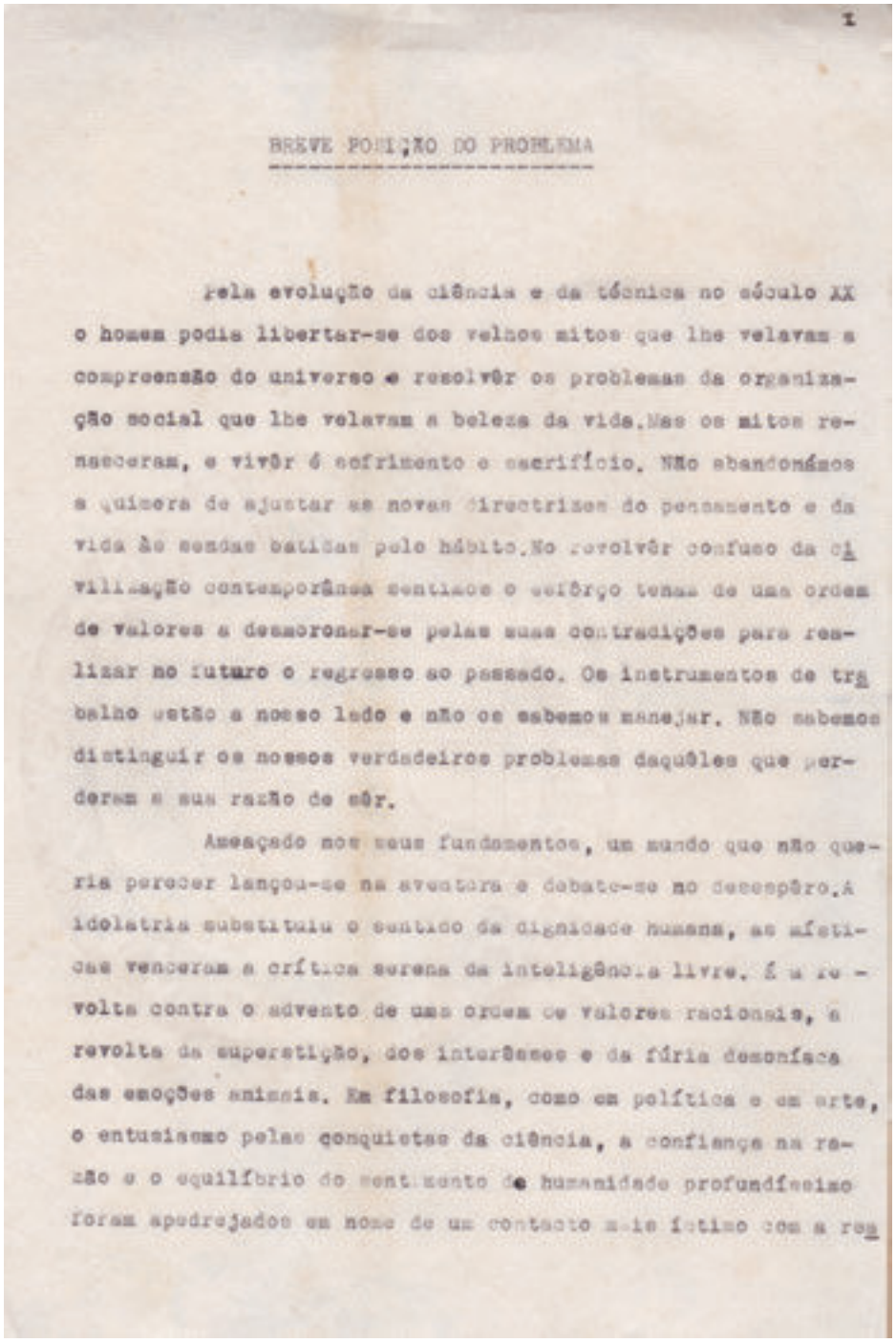
382 SEARA NOVA

PÁGINA DA MOCIDADE

D. DUARTE

O século XV é sem dúvida dos períodos mais interessantes e notáveis da história da humanidade mesma escala ascensional, conduzem o homem ao bem: o primeiro, o temor do inferno e dos verdu-

5. Artigo "D. Duarte", publicado na *Seara Nova,* Nº 817, 10 de Abril de 1935.



I

BREVE POSIÇÃO DO PROBLEMA

Pela evolução da ciência e da técnica no século XX o homem podia libertar-se dos velhos mitos que lhe velavam a compreensão do universo e resolvêr os problemas da organização social que lhe velavam a beleza da vida. Mas os mitos renasceram, e vivêr é sofrimento e sacrifício. Não abandonámos a quimera de ajustar as novas directrizes do pensamento e da vida às sendas batidas pelo hábito. No revolvêr confuso da civilização contemporânea sentimos o esfôrço tenaz de uma ordem de valores a desmoronar-se pelas suas contradições para realizar no futuro o regresso ao passado. Os instrumentos de trabalho estão a nosso lado e não os sabemos manejar. Não sabemos distinguir os nossos verdadeiros problemas daquêles que perderam a sua razão de sêr.

Ameaçado nos seus fundamentos, um mundo que não queria perecer lançou-se na aventura e debate-se no desespêro. A idolatria substituiu o sentido da dignidade humana, as místicas venceram a crítica serena da inteligência livre. É a revolta contra o advento de uma ordem de valores racionais, a revolta da superstição, dos interêsses e da fúria demoníaca das emoções animais. Em filosofia, como em política e em arte, o entusiasmo pelas conquistas da ciência, a confiança na razão e o equilíbrio do sentimento de humanidade profundíssimo foram apedrejados em nome de um contacto mais íntimo com a rea

6. *Razão e História*: primeira página do original dactilografado.
Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1940.

NÚCLEO 2

Docência na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1941-1943).

É então convidado por Manuel Heleno para Professor da Faculdade de Letras, tomando posse como Professor Extraordinário contratado. Mais atraído inicialmente pela Filosofia, este convite e a pressão de Manuel Heleno, orientam-no para a História. "Aceitei o desafio, visto que este desafio se integrava no meu plano de acção cívica na sociedade portuguesa." "Estou certo no entanto que se por um lado nunca abandonei a Filosofia, por outro nunca poderia abandonar a História".

Acabará por leccionar 7 cadeiras, tendo tido como alunos Mário Soares, Rui Grácio, Jorge Borges de Macedo, Joel Serrão, Joaquim Barradas de Carvalho, Julião Soares de Azevedo, Maria de Lurdes Belchior, Artur Nobre de Gusmão, José Gentil da Silva, Pereira da Costa, Margarida Brandão, Bandeira Ferreira, Maria Madalena de Cagigal e Silva, Maria de Lurdes Bártolo...

Entre as disciplinas ministradas, encontra-se Antiguidade Oriental (1941 a 1944), Antiguidade Clássica (1942-43),História Medieval (1941-44), História Moderna e Contemporânea (Curso prático 1941-42; aulas teóricas 1942-44), História da Civilização (1941-42, leituras), Numismática (1941-42), Curso prático de História dos Descobrimentos e colonização, Curso teórico de Evolução da Náutica. As aulas posteriores a Janeiro de 1944, foram dadas sob a forma de Cursos Livres no Ateneu Comercial de Lisboa a pedido dos seus alunos.

Como estava encarregado das aulas práticas de História dos Descobrimentos, e entendia que os estudantes deviam ser levados ao contacto das fontes, surgiu-lhe a ideia de publicar os *Documentos sobre a Expansão Portuguesa*, que considerava essenciais para a compreensão da evolução da cultura portuguesa. Tratava-se de "pôr o leitor perante as fontes e, através das notas e comentários, obrigá-lo a pensar, a reflectir. Era, no fundo, pôr em prática uma nova concepção historiográfica que é, antes do mais, aquela que ficou através da minha [sua] vida, de que devemos levar os outros a reflectir por si próprios e dar-lhes os elementos de prova".

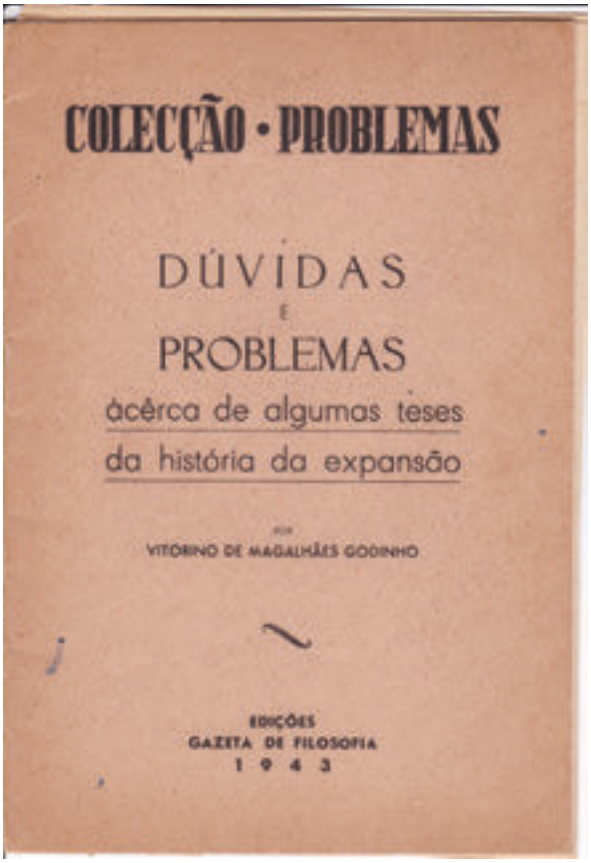
Por outro lado, estes anos permitiram-lhe lançar-se numa História Global e conhecer os *Annales*, as obras de Henri Pirenne, Marc Bloch, Lucien Febvre.

Em Janeiro de 1944, no momento da renovação do contrato (que já fora renovado 2 vezes), é-lhe comunicada pelo Director da Faculdade a decisão do Conselho da Faculdade de fazer fiscalizar as suas aulas por um professor catedrático. Como recusa aceitar esta imposição – a não ser que a medida se aplique a todos os professores extraordinários – é-lhe retirado o contrato. A reacção dos seus alunos não se faz esperar, recebe manifestações solidárias de centenas deles, que invadem as escadas do prédio da Rua Actor Isidoro em que vivia no 3º andar e enviam para a *Seara Nova* os documentos referentes ao caso, acompanhados por uma representação assinada por 178 alunos, de todos os quadrantes políticos, onde manifestam o seu "desacordo

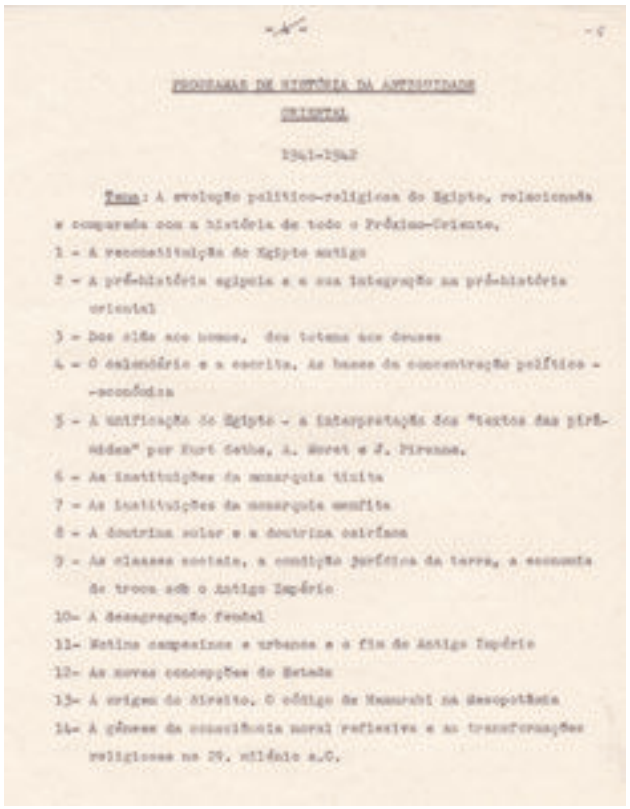
e desgosto"; entre os documentos, a carta enviada ao Conselho Escolar da Faculdade, por Vitorino Magalhães Godinho, e o despacho desse mesmo Conselho em que "resolve retirar o contrato que lhe propôs"(26 de Janeiro). Tratou-se, segundo ele próprio afirmava, do primeiro acto cívico-político de Mário Soares (e da primeira das demissões de Vitorino Magalhães Godinho). Um aspecto curioso: "a notícia da rescisão saíu num jornal católico da manhã antes da realização do Conselho Escolar que determinou essa mesma medida". Escreveu Mário Soares:

> "Un seul professeur avait l'étoffe d'un maître: Vitorino Magalhães Godinho. Personne ne s'y trompait et les étudiants lui vouaient un véritable culte. Il fut le premier à divulguer au Portugal les méthodes historiques de Marc Bloch, Lucien Febvre et Fernand Braudel. Le fascisme ne pouvait s'accomoder d'un tel homme ni cet homme du fascisme. Em 1943 (1944), il fut limogé en pleine année scolaire. Nous réussîmes pourtant à emprunter la salle d'une institution privée et nous l'invitâmes à y poursuive ses cours. Pendant un an nous pûmes ainsi bénéficier de son enseignement".

Sem outros meios de subsistência, inicia um período difícil, tanto mais que está casado desde há ano e meio, já tem uma filha de 9 meses e outra a caminho. A tentativa de exercer o professorado noutros estabelecimentos é-lhe vedada pelo ministério, por exemplo no Instituto Comercial de Lisboa. Faz traduções, dirige colecções como "A Marcha da Humanidade", na editorial Cosmos, e continua as suas investigações. Publica textos fundamentais como o II volume dos *Documentos sobre a Expansão Portuguesa* (1945), *A Expansão Quatrocentista Portuguesa* (1945) e *A Crise da História e suas Novas Directrizes*, em 1946.



7. *Dúvidas e Problemas àcêrca de alggumas teses da história da expansão*.
Gazeta de Filosofia (Colecção Problemas), 1943.



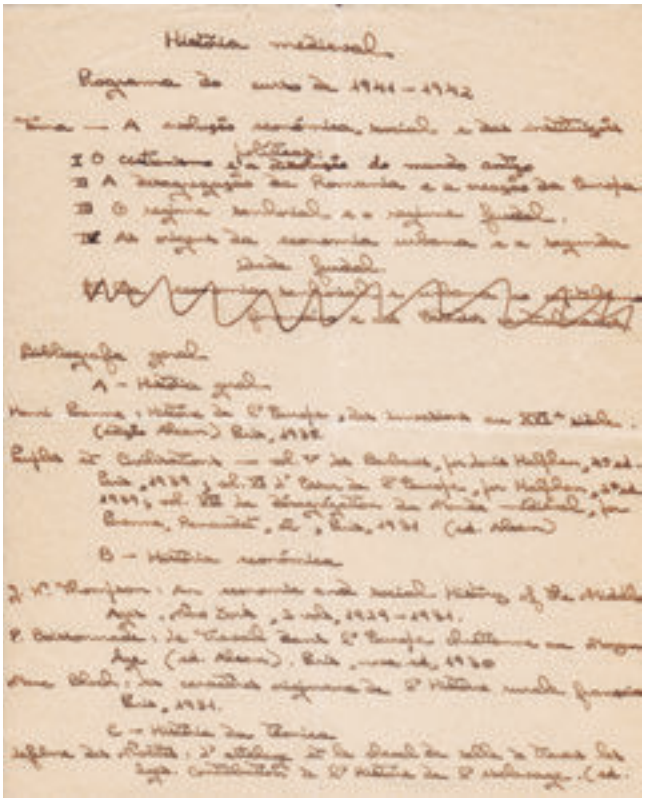
PROGRAMAS DE HISTÓRIA DA ANTIGUIDADE ORIENTAL

1941-1942

Tese: A evolução político-religiosa do Egipto, relacionada e comparada com a história de todo o Próximo-Oriente.

1 - A reconstituição do Egipto antigo
2 - A pré-história egípcia e a sua integração na pré-história oriental
3 - Dos clãs aos nomos, dos totems aos deuses
4 - O calendário e a escrita. As bases da concentração político - -económica
5 - A unificação do Egipto - a interpretação dos "textos das pirâmides" por Kurt Sethe, A. Moret e J. Pirenne.
6 - As instituições da monarquia tinita
7 - As instituições da monarquia menfita
8 - A doutrina solar e a doutrina osiríaca
9 - As classes sociais, a condição jurídica da terra, a economia de troca sob o Antigo Império
10- A desagregação feudal
11- Motins camponeses e urbanos e o fim do Antigo Império
12- As novas concepções do Estado
13- A origem do direito. O código de Hamurabi na descoberta
14- A génese da consciência moral reflexiva e as transformações religiosas no 2º. milénio a.C.

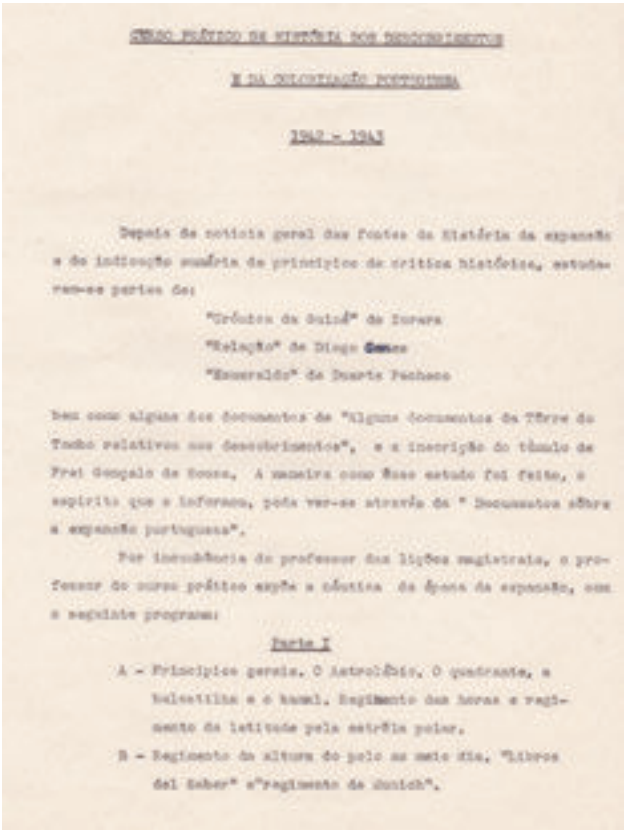
8. Excerto do programa da disciplina de História da Antiguidade Oriental, 1941-1942.



História medieval

Programa do curso de 1941-1942

9. Excerto do programa da disciplina de História Medieval, 1941-1942.



CURSO PRÁTICO DE HISTÓRIA DOS DESCOBRIMENTOS E DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA

1942 - 1943

Depois de notícia geral das fontes da História da expansão e de indicação sumária de princípios de crítica histórica, estudaram-se partes de:

"Crónica da Guiné" de Zurara
"Relação" de Diogo Gomes
"Esmeraldo" de Duarte Pacheco

bem como alguns dos documentos de "Alguns documentos da Torre do Tombo relativos aos descobrimentos", e a inscrição do túmulo de Frei Gonçalo de Sousa. A maneira como esse estudo foi feito, o espírito que o informou, pode ver-se através de " Documentos sôbre a expansão portuguesa".

Por incumbência do professor das lições magistrais, o professor do curso prático expôs a cêntima da época da expansão, com o seguinte programa:

Parte I

A - Princípios gerais. O astrolábio. O quadrante, a balestilha e o kamal. Regimento das horas e regimento da latitude pela estrêla polar.

B - Regimento da altura do pólo ao meio dia. "Libros del Saber" e"regimento de Munich".

10. Excerto do programa do Curso Prático de História dos Descobrimentos e da Colonização Portuguesa, 1942-1943.

10 Minutos com V. Magalhães Godinho

DA personalidade intelectual do jovem professor universitário V. Magalhães Godinho já alguma coisa se disse aos leitores desta página. A entrevista que nos concedeu é uma espiêndida imagem do seu espírito.

— Que trabalhos tem em preparação?

— Preparo actualmente o 2.º volume de «Documentos sôbre a expansão portuguesa». Ao mesmo tempo vou carreando materiais para o estudo do problema da génese e grandes linhas de evolução do expansionismo nos séculos XV e XVI. Mas procuro não descurar certas questões que já aflorei e me parecem dignas de aturado exame: o problema da natureza da explicação histórica, o problema da técnica e da evolução humana.

— Quais lhe parecem ser os deveres actuais do intelectual nas suas relações com o público?

— Não me parece legítimo ou razoável exigir de todos os investigadores êsse contacto com o grande público. Mas se é disparatado querer que cada cientista, cada historiador, cada filósofo, trabalhe pensando nos frutos próximos do seu labor ou na divulgação dos seus estudos, afigura-se-me certo que a cultura não pode no conjunto isolar-se das grandes massas sem que estiole e morra. Por um lado é preciso que o grupo dos investigadores seja seleccionado só pelo mérito e não por circunstâncias extrínsecas. Por outro lado é preciso que a cultura seja a expressão de tôdas as pessoas, que o conjunto dos investigadores não permaneça alheio às grandes inquietações da sua sociedade e ponha ao serviço do bem-estar humano o seu labor. Vou mais longe ainda: parece-me da essência da própria cultura a sua difusão. Com efeito, a razão, base da cultura, é universalidade, comunicação, harmonia dos homens na diversidade para a realização duma tarefa comum, conexa.

— Parece-lhe, porém, que a história pode interessar largos círculos de homens?

— Considero muito natural que a história possa interessar círculos cada vez mais largos de homens — se é verdade que nada interessa tanto ao homem como os seus próprios problemas. A história é antes de mais a recordação da experiência de todos os hómens, e vale desde logo como variação quási ilimitada da experiência individual. Mas a experência, para definir-se e ser utilizada, necessita de elaboração racional; a história combina-se assim com a psicologia e a sociologia, carreia materiais para estas ciências. Por outro lado a história, precisamente porque estuda o passado em si próprio, serve para explicar o presente e o libertar dos prolongamentos mortos do passado. Dos problemas de ontem a história reconduz-nos aos problemas de hoje e de àmanhã. A história chega a colorir tôda a nossa concepção da vida, colocando-nos como élos de uma cadeia que em nós não começa e em nós não pára — a cadeia da evolução dos homens e do universo.

— Interpretação subjectivista da história, ou confiança na sua objectividade?

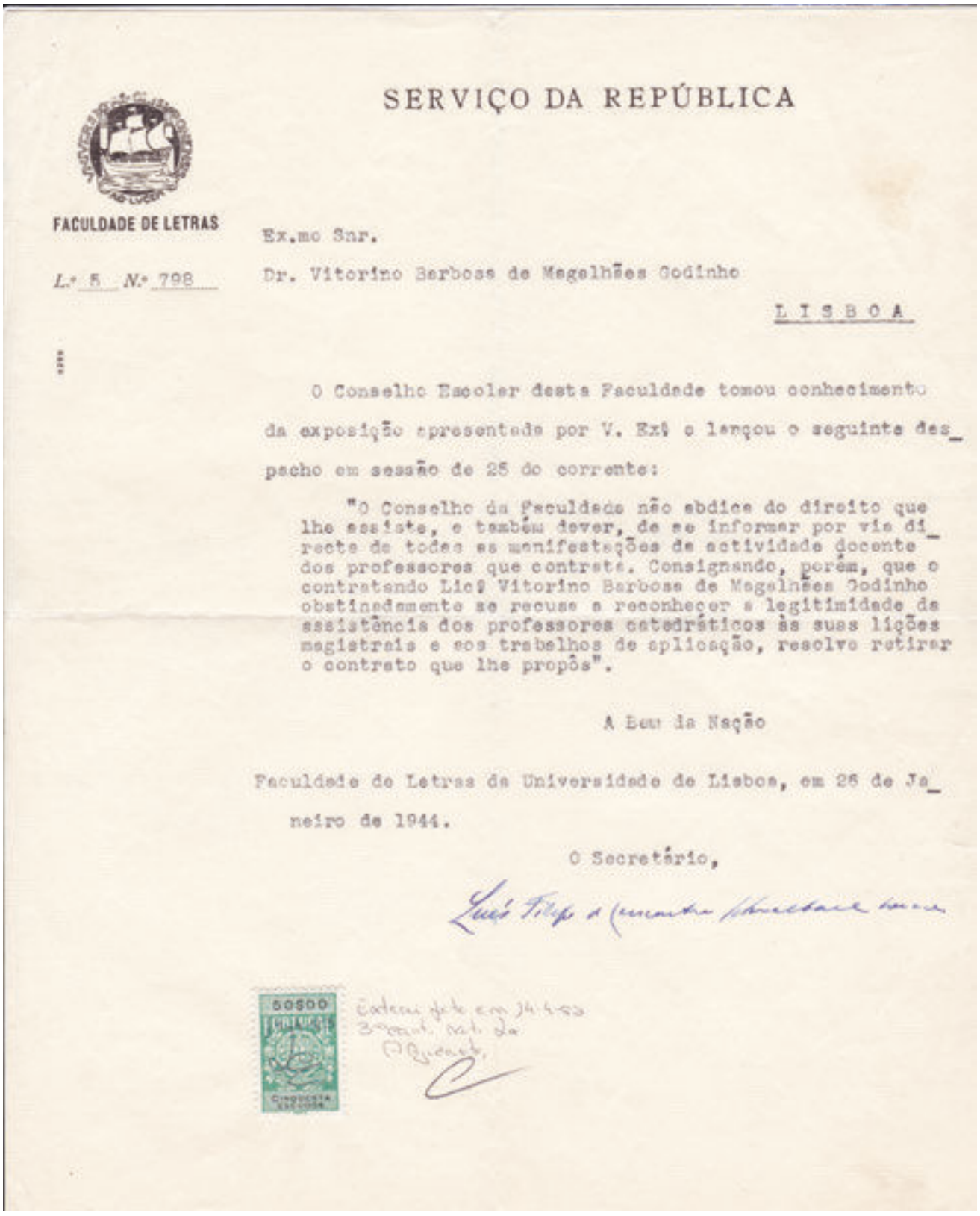
— Não confio ingènuamente na objectividade da história, não aceito a arbitrariedade das interpretações subjectivistas. O historiador, eu sei, é influenciado pelas correntes religiosas, divisão das classes sociais, antagonismos de nações, partidarismos políticos, interêsses seus e do seu círculo, temperamento e educação. Mas confio no esfôrço objectivação, sobretudo à medida que as condições sociais o fôrem estimulando, e só aceito como verdade histórica a afirmação universalmente válida — válida para todos os homens. Só na medida em que se libertar ou superar aquelas influências é que aquêle que trabalha em história será historiador.

— Condena então a construção da história a partir de teorias?

— Entendamo-nos. Tôda a posição de um problema é já uma relação, de certo modo uma hipótese. Tôda a resolução de problema procede por hipóteses. Observe-se, entre parenteses, que o papel da hipótese em ciência não significa que seja lícito discordar das suas conclusões devido a razões não científicas. Portanto a história também necessita absolutamente de hipóteses. Mas é absolutamente necessário que tenhamos espírito crítico ou inadequação. O grande perigo é resolver os problemas com rótulos — sejam êles o espírito de cruzada ou o desenvolvimento das fôrças produtivas. A todos os dogmatismos a ciência tem sempre de contrapôr a livre investigação, a subordinação ao real, a dúvida crítica.

Vida Mundial Ilustrada 27/I/1944

11. Entrevista à *Vida Mundial Ilustrada*, 27 de Janeiro de 1944.



SERVIÇO DA REPÚBLICA

FACULDADE DE LETRAS

L.º 5 N.º 798

Ex.mo Snr.

Dr. Vitorino Barbosa de Magalhães Godinho

L I S B O A

O Conselho Escolar desta Faculdade tomou conhecimento da exposição apresentada por V. Exª e lançou o seguinte despacho em sessão de 25 do corrente:

"O Conselho da Faculdade não abdica do direito que lhe assiste, e também dever, de se informar por via directa de todas as manifestações de actividade docente dos professores que contrata. Consignando, porém, que o contratando Licº Vitorino Barbosa de Magalhães Godinho obstinadamente se recuse a reconhecer a legitimidade da assistência dos professores catedráticos às suas lições magistrais e aos trabalhos de aplicação, resolve retirar o contrato que lhe propôs".

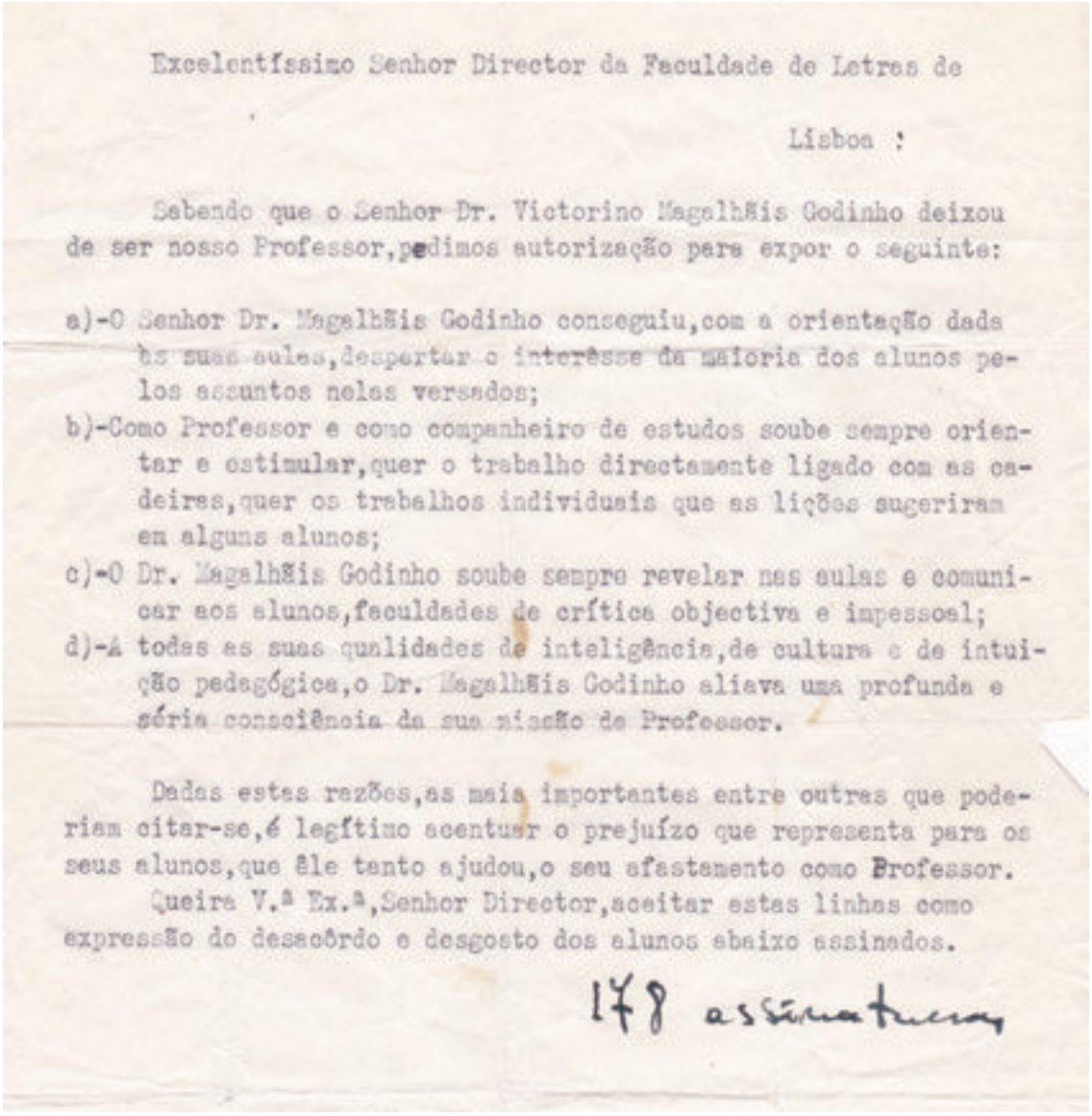
A Bem da Nação

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 26 de Janeiro de 1944.

O Secretário,

SOSDO

12. Despacho de demissão do Conselho Escolar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 26 de Janeiro de 1944.



Excelentíssimo Senhor Director da Faculdade de Letras de

Lisboa :

Sabendo que o Senhor Dr. Victorino Magalhães Godinho deixou de ser nosso Professor, pedimos autorização para expor o seguinte:

a)-O Senhor Dr. Magalhães Godinho conseguiu, com a orientação dada às suas aulas, despertar o interêsse da maioria dos alunos pelos assuntos nelas versados;

b)-Como Professor e como companheiro de estudos soube sempre orientar e estimular, quer o trabalho directamente ligado com as cadeiras, quer os trabalhos individuais que as lições sugeriram em alguns alunos;

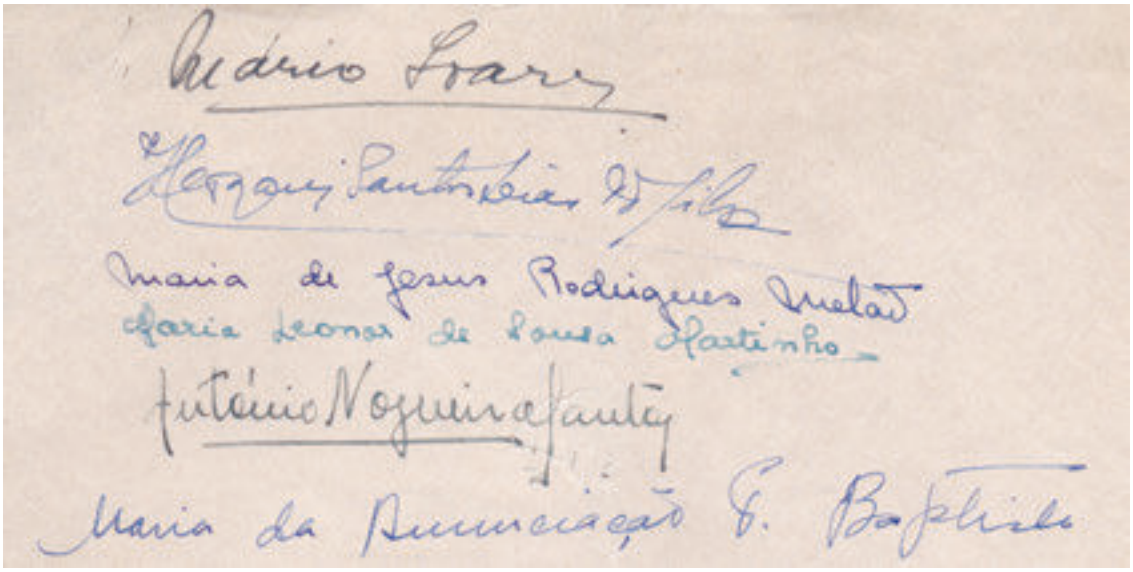
c)-O Dr. Magalhães Godinho soube sempre revelar nas aulas e comunicar aos alunos, faculdades de crítica objectiva e impessoal;

d)-A todas as suas qualidades de inteligência, de cultura e de intuição pedagógica, o Dr. Magalhães Godinho aliava uma profunda e séria consciência da sua missão de Professor.

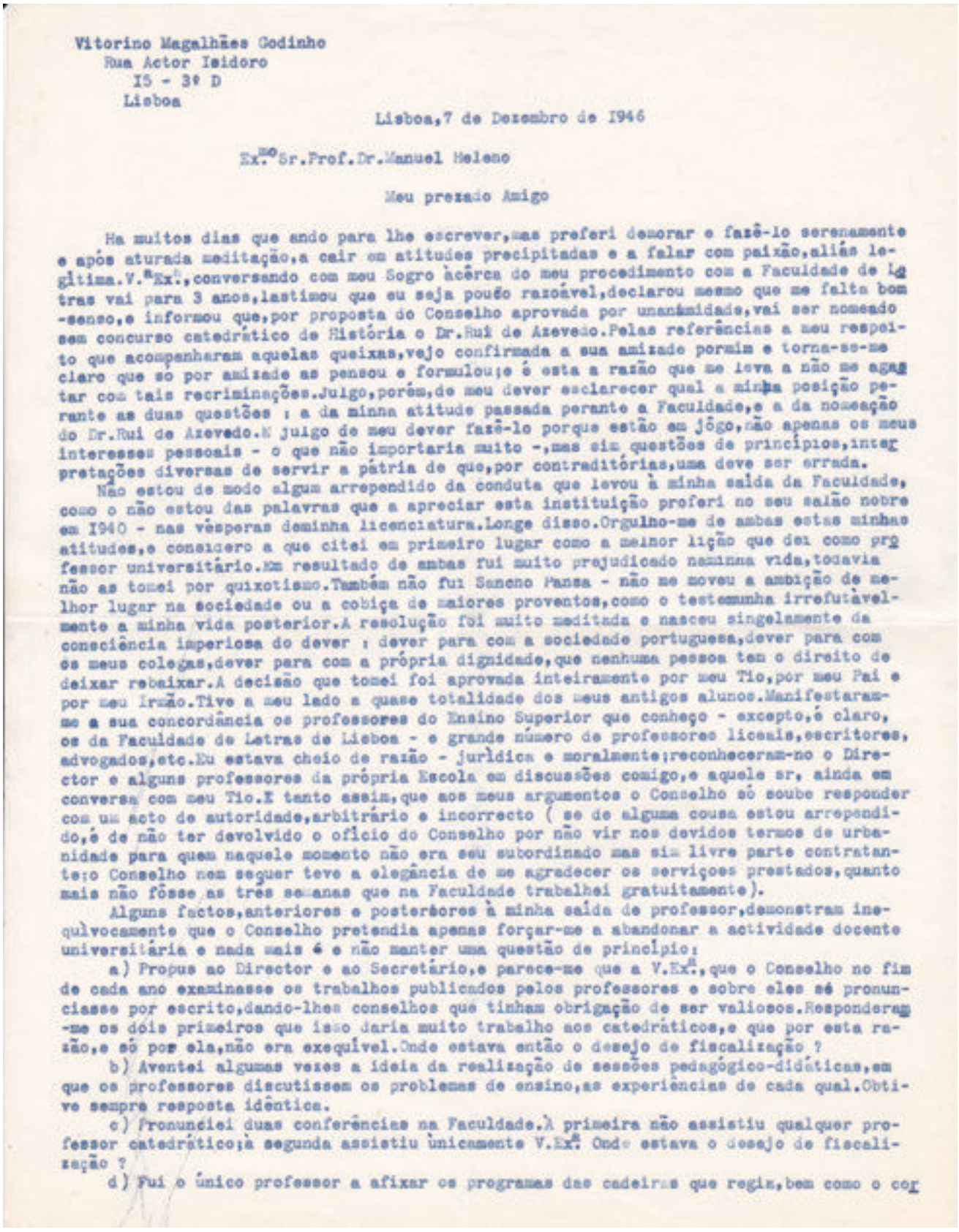
Dadas estas razões, as mais importantes entre outras que poderiam citar-se, é legítimo acentuar o prejuízo que representa para os seus alunos, que êle tanto ajudou, o seu afastamento como Professor.

Queira V.ª Ex.ª, Senhor Director, aceitar estas linhas como expressão do desacôrdo e desgosto dos alunos abaixo assinados.

178 assinaturas



13. Excerto de carta / petição assinada por 178 alunos, protestando contra a demissão de Vitorino Magalhães Godinho da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.



Vitorino Magalhães Godinho
Rua Actor Isidoro
15 - 3º D
Lisboa

Lisboa, 7 de Dezembro de 1946

Ex.mo Sr. Prof. Dr. Manuel Heleno

Meu prezado Amigo

Ha muitos dias que ando para lhe escrever, mas preferi demorar e fazê-lo serenamente e após aturada meditação, a cair em atitudes precipitadas e a falar com paixão, aliás legítima. V.a Ex.a, conversando com meu Sogro acêrca do meu procedimento com a Faculdade de Letras vai para 3 anos, lastimou que eu seja pouco razoável, declarou mesmo que me falta bom-senso, e informou que, por proposta do Conselho aprovada por unanimidade, vai ser nomeado sem concurso catedrático de História o Dr. Rui de Azevedo. Pelas referências a meu respeito que acompanharam aquelas queixas, vejo confirmada a sua amizade por mim e torna-se-me claro que só por amizade as pensou e formulou; e é esta a razão que me leva a não me agastar com tais recriminações. Julgo, porém, de meu dever esclarecer qual a minha posição perante as duas questões : a da minha atitude passada perante a Faculdade, e a da nomeação do Dr. Rui de Azevedo. E julgo de meu dever fazê-lo porque estão em jôgo, não apenas os meus interesses pessoais - o que não importaria muito -, mas sim questões de princípios, interpretações diversas de servir a pátria de que, por contraditórias, uma deve ser errada.

Não estou de modo algum arrependido da conduta que levou à minha saída da Faculdade, como o não estou das palavras que a apreciar esta instituição proferi no seu salão nobre em 1940 - nas vésperas dominha licenciatura. Longe disso. Orgulho-me de ambas estas minhas atitudes, e considero a que citei em primeiro lugar como a maior lição que dei como professor universitário. Em resultado de ambas fui muito prejudicado na minha vida, todavia não as tomei por quixotismo. Também não fui Sancho Pansa - não me moveu a ambição de melhor lugar na sociedade ou a cobiça de maiores proventos, como o testemunha irrefutàvelmente a minha vida posterior. A resolução foi muito meditada e nasceu singelamente da consciência imperiosa do dever : dever para com a sociedade portuguesa, dever para com os meus colegas, dever para com a própria dignidade, que nenhuma pessoa tem o direito de deixar rebaixar. A decisão que tomei foi aprovada inteiramente por meu Tio, por meu Pai e por meu Irmão. Tive a meu lado a quase totalidade dos meus antigos alunos. Manifestaram-me a sua concordância os professores do Ensino Superior que conheço - excepto, é claro, os da Faculdade de Letras de Lisboa - e grande número de professores liceais, escritores, advogados, etc. Eu estava cheio de razão - jurìdica e moralmente; reconheceram-no o Director e alguns professores da própria Escola em discussões comigo, e aquele sr. ainda em conversa com meu Tio. E tanto assim, que aos meus argumentos o Conselho só soube responder com um acto de autoridade, arbitrário e incorrecto (se de alguma cousa estou arrependido, é de não ter devolvido o ofício do Conselho por não vir nos devidos termos de urbanidade para quem naquele momento não era seu subordinado mas sim livre parte contratante; o Conselho nem sequer teve a elegância de me agradecer os serviços prestados, quanto mais não fôsse as três semanas que na Faculdade trabalhei gratuitamente).

Alguns factos, anteriores e posteriores à minha saída de professor, demonstram inequìvocamente que o Conselho pretendia apenas forçar-me a abandonar a actividade docente universitária e nada mais é e não manter uma questão de princípio;

a) Propus ao Director e ao Secretário, e parece-me que a V. Ex.a, que o Conselho no fim de cada ano examinasse os trabalhos publicados pelos professores e sobre eles se pronunciasse por escrito, dando-lhes conselhos que tinham obrigação de ser valiosos. Responderam-me os dois primeiros que isso daria muito trabalho aos catedráticos, e que por esta razão, e só por ela, não era exequível. Onde estava então o desejo de fiscalização ?

b) Aventei algumas vezes a ideia da realização de sessões pedagógico-didáticas, em que os professores discutissem os problemas de ensino, as experiências de cada qual. Obtive sempre resposta idêntica.

c) Pronunciei duas conferências na Faculdade. À primeira não assistiu qualquer professor catedrático; à segunda assistiu ùnicamente V. Ex.a Onde estava o desejo de fiscalização ?

d) Fui o único professor a afixar os programas das cadeiras que regia, bem como o cor

14. Carta de Vitorino Magalhães Godinho dirigida ao Prof. Manuel Heleno, descrevendo todo o processo envolvendo a sua demissão da Faculdade de Letras, 7 de Dezembro de 1946 (pág. 1)

respondente bibliografia.Parece que o facto passou despercebido do Conselho,que assim dispunha a meu respeitode,pelo menos,mais um elemento de informação do que a respeito dos outros professores.Só no ano em que abandonei a actividade docente é que veio ordem do Ministério para todos os professores fazerem o mesmo.

e) Houve quem aconselhasse a estrangeiros a frequência às minhas aulas e me declarasse que não precisava de a elas assistir para saber que estavam verdadeiramente ao nível universitário,pois bem o sabia pela preparação que delas recebiam os alunos e pela opinião corrente.Pois curiosamente o Conselho foi unânime contra mim - com a excepção de V.Exª

f) Propus,para que o Conselho ficasse inteiramente informado àcêrca das minhas qualidades pedagógico-didáticas,que eu fôsse autorizado a fazer um curso livre;a assistência dos catedráticos a tal curso seria muito honrosa para mim.Foi rejeitada a proposta.

g) V.Exª propôs ao Conselho uma fórmula de compromisso,que ele nem sequer perdeu tempo a considerar.

h) Desde que abandonei o lugar de professor,nunca mais se exerceu a tão apregoadamente necessária fiscalização - prova de que só para mim era considerada imprescindível.

i) O Conselho tem reconduzido professores que não publicam quaisquer trabalhos,ou cujos trabalhos não honram um curriculum;considera-se,portanto,informado a seu respeito, mas não se considerva a meu,enquanto eu os publicasse e se me afigure que não me envergonham.

j) O Conselho consente na permanência de professores que desprestigiam a Faculdade pela sua incompetência ou pelo seu desinteresse pelo ensino ou pela sua falta de personalidade - e até parece gostar do seu espírito de subserviência.

Cá fora,em compensação,venho encontrar-me com Jaime Cortesão,Armando Cortesão,Rodrigues Lapa,António Salgado Júnior,Veiga Simões,Óscar Lopes,Agostinho da Silva,António Saraiva,Castelo Branco Chaves,Sá Nogueira,Edmundo Curvelo,Magalhães Vilhena e tantos outros.V.Exª já contou o número de professores que,pelos mais variados motivos,têem,nestes últimos anos,abandonado a Faculdade de Letras ?E já confrontou a qualidade dos que ficam com a dos que saiem ou nunca para lá entraram ? Já reparou o que tem acontecido nas licenciaturas aos melhores alunos de Histórico-Filosóficas,salvo uma ou outra excepção?isto é,por exemplo,a Jorge de Macedo,Bandeira Ferreira,José Serrão,Margarida Brandão,Assis Mafra,Barradas de Carvalho,Rui Grácio ?Não notou ainda que a Faculdade cria nos melhores o desinterêsse,o enfado,afastando-os do estudo em vez de os entusiasmar e auxiliar ?Não acha que tudo isto é de extrema gravidade para a saúde da escola e para o interêsse nacional?

Não vale a pena lavar roupa suja.Que eu poderia recordar o que alguns dos seus colegas me diziam - bem oposto ao que fizeram e por vezes desprimoroso para os colegas(intrigas que enojam).É evidente a má-fé com que para mim procederam o Director e o Conselho.Afigura-se-me por isso que não é pesporrência afirmar que só haverá possibilidade de entendimento entre mim e a Faculdade quando esta der a mão à palmatória,reconhecer que errou e arripiar caminho - que por bem errado caminho tem seguido.

De que me acusam,afinal ? É estranho : acusam-me de lealdade,de desassombro na crítica,de firmeza de atitudes,de coerência entre o procedimento e o pensamento,de rigidez nos princípios morais,de sacrificar o meu bem-estar ao dever.Ninguém me acusou de falta de zêlo profissional,de incompetência pedagógico-didática ou científica,de ausência de amor à investigação ou ao ensino,de não publicar trabalhos,de desinterêsse pela Faculdade.Aconselharam-me a proceder com hipocrisia,a servir-me sem pejo da adulação,a esconder as minhas convicções e opiniões,a sacrificar a minha dignidade à comodidade de uma situação material e social invejável,a não me interessar tanto pelo ensino como algo de vivo - e até a chegar tarde às aulas...Quere dizer :a apologia do "homem de um só parecer",o apreço pelos "supremos valores morais" não deveriam desenterrar-se dos livros de leituras de instrução primária e do liceu;serviriam apenas para justificar a existência de autores e editores dêsses livros,e de professores que os despejem com o cuidado suficiente para que os rapazitos não os tomem muito a peito e não os levem muito a sério.

Não,eu recuso-me terminantemente a aceitar esta lição,que é a que a Faculdade de Letras me quiz dar.Tenho a absoluta certeza de que V.Exª pensa exactamente como eu,e é por isso que tomo a liberdade de desabafar consigo.

Passemos ao segundo ponto.Logo de entrada,cumpre-me fazer uma declaração formal : não conheço pessoalmente o Dr.Rui de Azevedo,que aliás amigos meus me dizem ser muito simpático e correcto;nada tenho contra êle,considero-o erudito probo a quem todos nós

muito devemos pelas suas escrupulosas leituras e publicações de documentos e monografias eruditas.Posto isto com clareza insofismável,confesso-lhe abertamente que não acho bem a resolução do Conselho.Em primeiro lugar,prejudica-se assim,e com gravidade irremediável,quer os actuais professores extraordinários e assistentes,quer os que trabalham cá fóra mas podem legitimamente aspirar ao professorado.Mais ainda : tal nomeação é uma prova patente de desconfiança aos primeiros,é a afirmação de que o Conselho os não considera dignos de ascenderem a catedráticos.Eu,se tivesse permanecido na Faculdade,demitir-me-ia agora perante este acto do Conselho por o considerar lesivo dos meus interesses, condenatório da minha actividade docente e investigadora.Cá de fóra,encaro-o como uma medida eficaz tomada pelo Conselho para me barrar o caminho,para aniquilar meus possíveis projectos.Em segundo lugar,e isto sem qualquer sombra de desprimor para o Dr.Rui de Azevedo,parece-me que,entre os investigadores que trabalham extra-universitàriamente,a Faculdade podia ter escolhido melhor.O Dr.Rui de Azevedo tem um nobilitante curriculum de erudito - paleógrafo e diplomaticista -,mas não de historiador propriamente dito;historiadores,na plena acepção da palavra,são-no um Jaime Cortesão,um Armando Cortesão,um Veiga Simões.Em pesmo plano que o escolhido não estarão,por exemplo,um António Baião ou um Visconde de Lagoa ? O Dr.Rui de Azevedo estava muito bem para catedrático de Paleografia e Diplomática - se houvesse catedrático só desta cadeira;ou de História medieval portuguesa - se esta cadeira existisse;não está bem para catedrático de História,pois lhe falta a preparação de História geral,teoria da História,Filosofia e Sociologia.Poderá acaso reger História moderna,ou História antiga,ou História da Civilização ?

Desculpe-me,mas tenho mesmo de ir mais longe.Considero-me,-acusem-me agora,se quiserem,de incomensurável vaidade - com tanto direito ou mais do que o Dr.Rui de Azevedo a ser nomeado catedrático de História sem concurso.Na verdade :

a)Sou licenciado em Histórico-Filosóficas,e êle é-o em Filologia Germânica,portanto não pertence ao grupo,enquanto eu pertenço.Pontos a meu favor.

b)Nenhum de nós é doutorado - Igualdade de circunstâncias.

c) Prestei serviço como professor extraordinário de História na Faculdade,ao passo que o Dr.Rui de Azevedo foi professor de Inglês e Alemão no Liceu.Pontos a meu favor.

d) O meu curriculum,conquanto de um novo,é o de um investigador de história,enquanto o do Dr.R.de A. é essencialmente de um paleógrafo e diplomaticista;e o meu talvez não lhe seja inferior(sobretudo se os compararmos em função da idade).

Sublinho em especial,e com muita fôrça,a alínea c).É incrível! A Faculdade,para reconduzir um professor extraordinário,acha absolutamente imprescidível a assistência dos catedráticos às aulas daquele,para decidir sobre informações pedagógico-didáticas diretas.Mas o Conselho sente-se no direito de nomear catedrático alguém que nunca prestou serviço na Faculdade,e de quem,portanto,segundo o seu próprio critério,não pode ter quaisquer informações quanto às aptidões pedagógico-didáticas.E não se repara na contradição flagrante? O Conselho não vê que,caindo em tão patente contradição,se desprestigia por completo, traindo má-fé?

Se o Conselho deseja que seja nomeado um catedrático de História sem concurso de provas públicas,pelo curriculum vitae,enveredando assim pelo caminho seguido no estrangeiro - e eu não reprovo a ideia -,deve abrir concurso documental a que possam concorrer todos os historiadores portugueses;escolherá depois fundamentadamente,pelo confronto dos curriculs.

O Conselho não pode alegar contra mim desinteresse da minha parte em regressar à actividade docente.Anseio vivamente por tal,mas só em condições de dignidade para mim e de verdadeiro serviço à cultura nacional e aos alunos,não rastejando ou mendigando.Mas então,por que não me doutorei ainda ?São complexas as razões.Por um lado,V.Ex.ª sabe perfeitamente que desejava não anticipar-me ao Dr.Ferreira de Almeida,que foi meu professor, para que a Faculdade,sempre tão ansiosa de encontrar acusações contra mim,não me acusasse de querer passar à frente dos outros.Por outro lado,as condições materiais não mo têem facilitado,não o digo para me lastimar (a vida cá fóra é dura,e eu vivo do meu trabalho; cá fóra não ha férias durante quase um quarto do ano,e a estada na Faculdade não me serviu para arranjar uma"boa posta" ou publicações bem pagas em qualquer instituição oficial) Devo ainda ser franco,e dizer-lhe que tudo o que diàriamente eu sei da Faculdade me desgosta profundamente e me tira a vontade de me sujeitar ao doutoramento em tal ambiente;V. Ex.ª dificilmente imaginará qual é a profundidade do descrédito a que essa escola supe-

rior caiu cá fóra em meios incontestàvelmente sãos.Além disso,não me interessam títulos, interessa-me trabalhar e ser útil à cultura e aos meus compatriotas;gostaria,por isso,de frequentar os centros estrangeiros de investigação e ensino,ideia que V.Exª calorosamente apoiou em conversa comigo.Aliás,ha professores mais velhos do que eu que ainda não fizeram o doutoramento,e o Dr.Rui de Azevedo também não é doutorado;outros são-no,mas entais casos isso não representa qualquer valor.

Não posso ocultar-lhe a estranheza pelo facto de a nomeação de um catedrático de História ser proposta por um catedrático de Filologia Românica,existindo,como existe,catedrático da secção.

Para terminar este já excessivamente longo arrazoado,declaro-lhe uma vez mais que não sou contrário ao princípio da fiscalização da actividade docente,antes o desejo vivamente. Se ela existisse,talvez não fôssem possíveis factos como os que ocorriam quando fui aluno : exames que começam duas horas depois de marcados,aulas tão curtas que quase terminam antes de começar,faltas sobre faltas dos professores,três exames escritos no mesmo dia, horários que se mudam ao sabor dos caprichos do mestre,professores que,para darem aula, interpõem entre si e os ouvintes uma montanha de pasta e sobretudo para se não verem o livro que no momento estão a traduzir apresentando-o como lição original,professores que passam as aulas a elogiar os seus superiores hierárquicos ou a falar de criadas,mestres que durante anos e anos,quando não mesmo décadas,não publicam quaisquer trabalhos - que sei eu mais ?

Mas se desejo a fiscalização,desejo-a para todos e em nome do bem dos alunos,e não apenas para os inferiores e em satisfação dos interesses dos superiores(é curioso,berram pela fiscalização à actividade dos assistentes e ~~xxxxxxxxxx~~ e extraordinários,os catedráticos que a nenhuma estão sujeitos,e não começam por a pedir para si).A principal fiscalização é a dos próprios alunos,que quase sempre têem justo critério;é preciso dar-lhes a liberdade de criticarem as lições dos mestres e orientações dos cursos - e eu era o único professor que a tal os convidava;é preciso dar-lhes representação nos Conselhos escolares,como é preciso dá-la aos assistentes e professores extraordinários.Também estes devem ter o direito de apresentar observações à actividade docente dos catedráticos - que só terão a lucrar com isso.A prática de,independentemente da categoria,os professores assistirem sempre que possível às aulas uns dos outros e de quinze em quinze dias se reunirem em sessões de discussão pedagógico-didática parece-me sumamente recomendável e eficiente. Talvez também deva existir um corpo de fiscais,como propôs Rodrigues Lapa.É preciso que o corpo docente fiscalizador tenha autoridade moral para exercer a fiscalização,e não seja ele precisamente a sofrer dos piores defeitos a que uma fiscalização deveria pôr côbro.

Pretendo com isto apenas relembrar a V.Exª que,na altura da minha questão com a Faculdade,lhe declarei,bem como ao director,que aceitaria sem quaisquer restrições a fiscalização se ela se estendesse à totalidade do corpo docente.É bom nunca o esquecer.

Perdoe-me ter-lhe ocupado o seu tempo tão precioso e creia na amizade e elevada consideração de

NÚCLEO 3

Obra publicada, outros escritos e conferências (1938-1946).

Após os primeiros escritos em 1934 e 35 na *Seara Nova*, continua a publicar artigos, ensaios e recensões críticas em diversos jornais e revistas: além da *Seara Nova* ("A reorganização dos estudos de Direito", em 1945, teria a segunda parte cortada pela censura), *O Diabo* (a cuja redacção pertenceu em 1939, juntamente com Piteira Santos), *Revista do Porto* (que publicou os seus primeiros escritos sobre os Descobrimentos: "Os Descobrimentos e a evolução da economia mundial", em 1940), *Síntese: Revista mensal de Cultura, Quinzena literária* ("Directrizes da Historiografia contemporânea"), *Horizonte* (Quinzenário da Associação de Estudantes da FLUL, 1942-1943, dirigido por Joel Serrão, com a colaboração de Rui Grácio, Julião Azevedo, Vitorino Magalhães Godinho), *Gazeta de Filosofia* (onde publicou em 1943, "Dúvidas e Problemas acerca de algumas teses da História da Expansão"), *O Acelista* (Órgão do Ateneu Comercial de Lisboa. "A História económica no Ensino e na Cultura"), o *Mundo Literário*, etc.

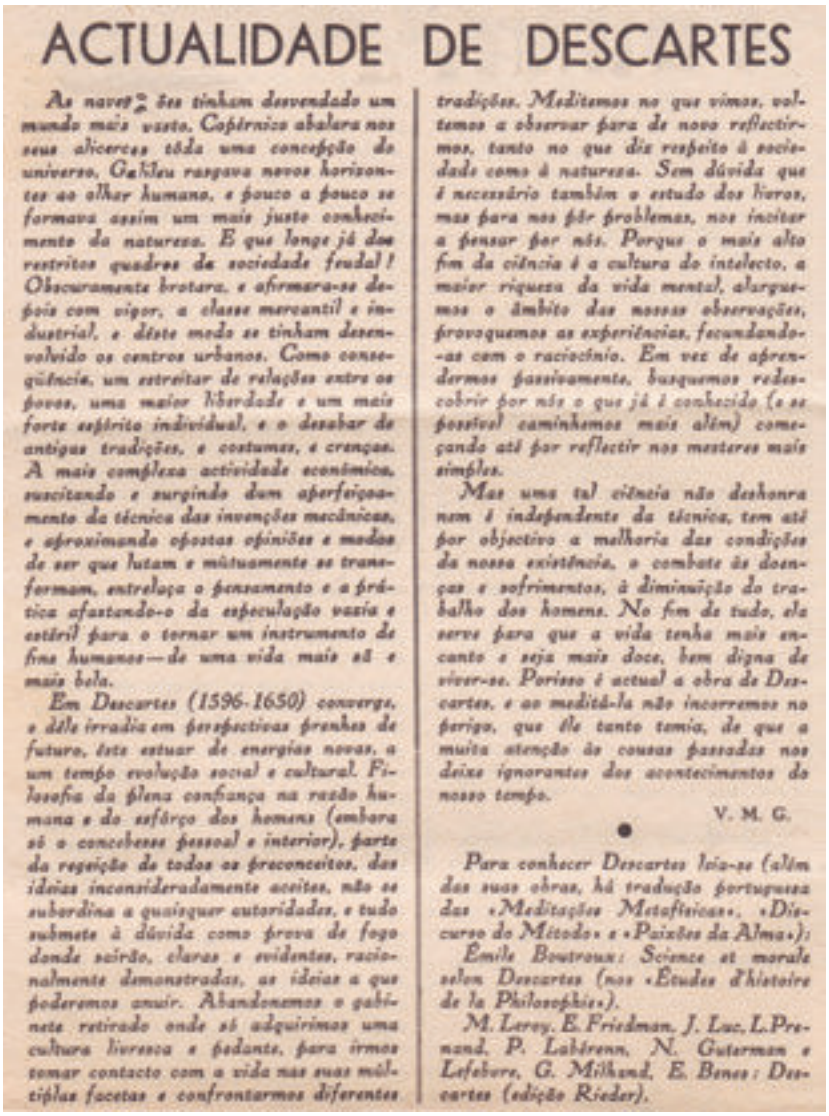
Faz também diversas Conferências: em 1942, na Faculdade de Letras: "A Historiografia Contemporânea" e "O problema das causas dos Descobrimentos", que marcaram rumos futuros e geraram livros. Em 1945, no Ateneu Comercial do Porto ("Oliveira Martins Historiador") e no Clube dos Fenianos Portuenses ("Meditação sobre a História de Portugal"), esta última com sentido político forte, visto que tinha sido programada numa série de conferências organizadas pelo MUD e que foram proibidas.

6 SEARA NOVA

AS CIDADES NA EUROPA MEDIEVAL

Condições gerais da sua evolução

15. "As cidades na Europa medieval: condições gerais da sua evolução", publicado na *Seara Nova*, Nº 565, 11 de Junho de 1938.



ACTUALIDADE DE DESCARTES

As navegações tinham desvendado um mundo mais vasto. Copérnico abalara nos seus alicerces tôda uma concepção do universo, Galileu rasgava novos horizontes ao olhar humano, e pouco a pouco se formava assim um mais justo conhecimento da natureza. E que longe já dos restritos quadros da sociedade feudal! Obscuramente brotara, e afirmara-se depois com vigor, a classe mercantil e industrial, e dêste modo se tinham desenvolvido os centros urbanos. Como consequência, um estreitar de relações entre os povos, uma maior liberdade e um mais forte espírito individual, e o desabar de antigas tradições, e costumes, e crenças. A mais complexa actividade económica, suscitando e surgindo dum aperfeiçoamento da técnica das invenções mecânicas, e aproximando opostas opiniões e modos de ser que lutam e mùtuamente se transformam, entrelaça o pensamento e a prática afastando-o da especulação vazia e estéril para o tornar um instrumento de fins humanos — de uma vida mais sã e mais bela.

Em Descartes (1596-1650) converge, e dêle irradia em perspectivas prenhes de futuro, êste estuar de energias novas, a um tempo evolução social e cultural. Filosofia de plena confiança na razão humana e do esfôrço dos homens (embora só o concebesse pessoal e interior), parte da rejeição de todos os preconceitos, das ideias inconsideradamente aceites, não se subordina a quaisquer autoridades, e tudo submete à dúvida como prova de fogo donde sairão, claras e evidentes, racionalmente demonstradas, as ideias a que poderemos anuir. Abandonemos o gabinete retirado onde só adquirimos uma cultura livresca e pedante, para irmos tomar contacto com a vida nas suas múltiplas facetas e confrontarmos diferentes tradições. Meditemos no que vimos, voltemos a observar para de novo reflectirmos, tanto no que diz respeito à sociedade como à natureza. Sem dúvida que é necessário também o estudo dos livros, mas para nos pôr problemas, nos incitar a pensar por nós. Porque o mais alto fim da ciência é a cultura do intelecto, a maior riqueza da vida mental, alarguemos o âmbito das nossas observações, provoquemos as experiências, fecundando-as com o raciocínio. Em vez de aprendermos passivamente, busquemos redescobrir por nós o que já é conhecido (e se possível caminhemos mais além) começando até por reflectir nos mesteres mais simples.

Mas uma tal ciência não deshonra nem é independente da técnica, tem até por objectivo a melhoria das condições da nossa existência, o combate às doenças e sofrimentos, à diminuição do trabalho dos homens. No fim de tudo, ela serve para que a vida tenha mais encanto e seja mais doce, bem digna de viver-se. Porisso é actual a obra de Descartes, e ao meditá-la não incorremos no perigo, que êle tanto temia, de que a muita atenção às coisas passadas nos deixe ignorantes dos acontecimentos do nosso tempo.

V. M. G.

●

Para conhecer Descartes leia-se (além das suas obras, há tradução portuguesa das «Meditações Metafísicas», «Discurso do Método» e «Paixões da Alma»):

Émile Boutroux: Science et morale selon Descartes (nos «Études d'histoire de la Philosophie»).

M. Leroy, E. Friedman, J. Luc, L. Prenand, P. Lubtrenn, N. Guterman e Lefebvre, G. Milhaud, E. Benes: Descartes (edição Rieder).

16 "Actualidade de Descartes", artigo publicado em *O Diabo*, 1939.

2

REVISTA do PÔRTO

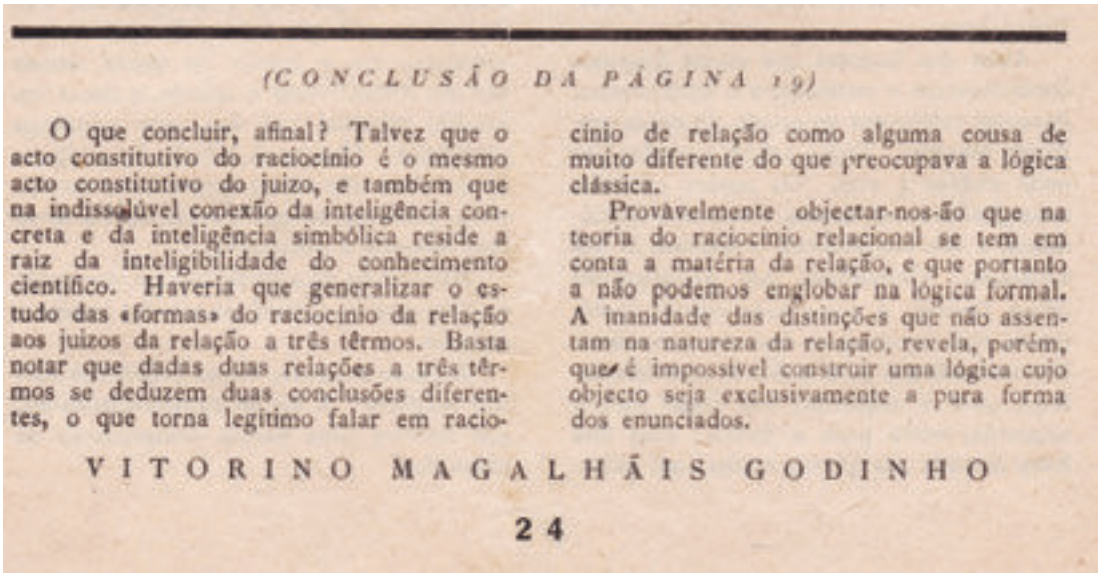
PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE ARTE E CULTURA

SUMÁRIO:

ANTÓNIO SÉRGIO – Dogma da Razão (II).
FRANCISCO ROMERO – Os Problemas da Filosofia da Cultura (II).
CASTELO BRANCO CHAVES – Extremos de um Diário.
CLÁUDIO BARTO – «Trigolenses» (II).
VITORINO MAGALHÃES GODINHO – Os Descobrimentos e a Evolução da Economia Mundial.
JOAQUIM FREITAS GONÇALVES – Instituto ...
SEVERO PORTELA – Crónica de Café.

1850

17. "Os Descobrimentos e a evolução da economia mundial: da continuidade urbana ao Estado mercantilista", publicado na *Revista do Porto*, Ano 1, Nº 2, 1940.



(CONCLUSÃO DA PÁGINA 19)

O que concluir, afinal? Talvez que o acto constitutivo do raciocínio é o mesmo acto constitutivo do juizo, e também que na indissolúvel conexão da inteligência concreta e da inteligência simbólica reside a raiz da inteligibilidade do conhecimento científico. Haveria que generalizar o estudo das «formas» do raciocínio da relação aos juizos da relação a três têrmos. Basta notar que dadas duas relações a três têrmos se deduzem duas conclusões diferentes, o que torna legítimo falar em raciocínio de relação como alguma cousa de muito diferente do que preocupava a lógica clássica.

Provàvelmente objectar-nos-ão que na teoria do raciocínio relacional se tem em conta a matéria da relação, e que portanto a não podemos englobar na lógica formal. A inanidade das distinções que não assentam na natureza da relação, revela, porém, que é impossível construir uma lógica cujo objecto seja exclusivamente a pura forma dos enunciados.

VITORINO MAGALHÃIS GODINHO

24

18.

Sintese: Revista Mensal de Cultura, Ano 1, Nº 1, Dezembro de 1941.

1 ESCUDO

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, RUA DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS, 113

QUINZENA LITER

DOS ESTUDANTES DA FACULDADE DE LETR

JORNAL DE CULTURA

Editor: LUIZ D'AVILLEZ Director: JOEL SERRÃO

Directrizes da historiografia contemporânea

por VITORINO MAGALHÃES GODINHO

19. "Directrizes da Historiografia contemporânea", publicado na *Quinzena Literária*, 16 de Junho de 1941.

A história económica no ensino e na cultura

(Continuado da pág. 7)

20. "A História Económica no Ensino e na Cultura" , publicado em *O Acelista*, Nº 1, Julho de 1945.

Gazeta
de
Filosofia
Sumário
ANO I
N.º 1

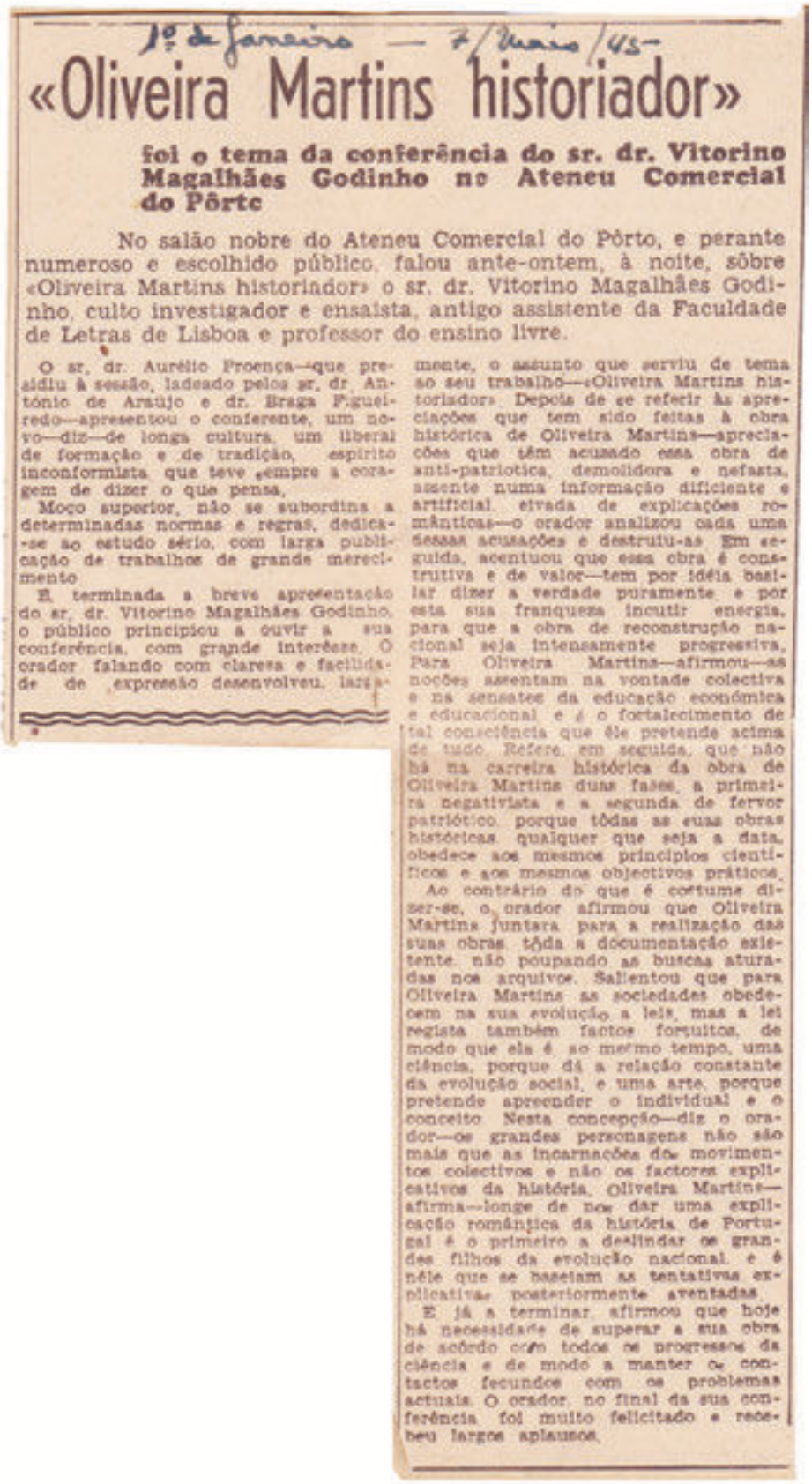
21. "O raciocínio por recorrência e o silogismo", publicado na *Gazeta de Filosofia*, Ano I, Nº 1, 1943.

13
O COMÉRCIO PORTUGUÊS COM A AFRICA OCIDENTAL ATÉ 1520
POR VITORINO MAGALHÃES GODINHO

22. "O comércio português com a África Ocidental até 1520", publicado em *Mundo Literário*, 5 de Outubro de 1946.

horizonte
VALEU A PENA? TUDO VALE A PENA SE A ALMA NÃO É PEQUENA. FERNANDO PESSOA
PONTO DE MIRA
HISTÓRIA ECONÓMICA E HISTÓRIA CULTURAL
por Vitorino Magalhães Godinho
PONTO DE MIRA

23. "História económica e história cultural", publicado em *Horizonte*, Ano I, 7 de Maio de 1942.



1º de Janeiro — 7/Maio/45

«Oliveira Martins historiador»

foi o tema da conferência do sr. dr. Vitorino Magalhães Godinho no Ateneu Comercial do Pôrto

No salão nobre do Ateneu Comercial do Pôrto, e perante numeroso e escolhido público, falou ante-ontem, à noite, sôbre «Oliveira Martins historiador» o sr. dr. Vitorino Magalhães Godinho, culto investigador e ensaista, antigo assistente da Faculdade de Letras de Lisboa e professor do ensino livre.

O sr. dr. Aurélio Proença—que presidiu à sessão, ladeado pelos srs. dr. António de Araújo e dr. Braga Figueiredo—apresentou o conferente, um novo—diz—de longa cultura, um liberal de formação e de tradição, espírito inconformista que teve sempre a coragem de dizer o que pensa.

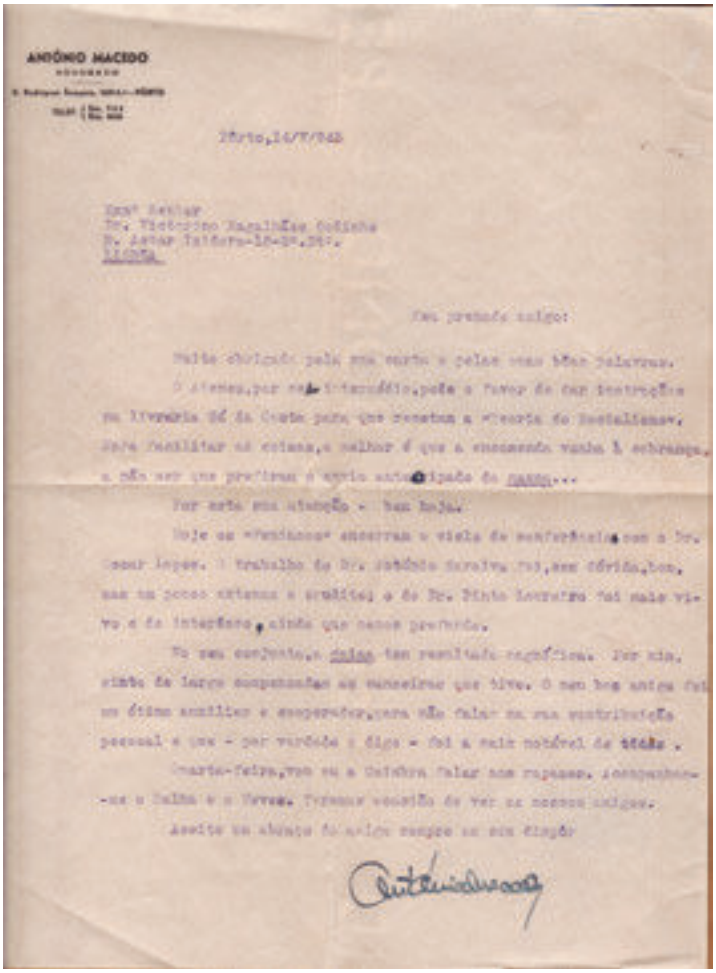
Moço superior, não se subordina a determinadas normas e regras, dedica-se ao estudo sério, com larga publicação de trabalhos de grande merecimento.

E terminada a breve apresentação do sr. dr. Vitorino Magalhães Godinho, o público principiou a ouvir a sua conferência, com grande interêsse. O orador falando com clareza e facilidade de expressão desenvolveu, largamente, o assunto que serviu de tema ao seu trabalho—«Oliveira Martins historiador». Depois de se referir às apreciações que tem sido feitas à obra histórica de Oliveira Martins—apreciações que têm acusado essa obra de anti-patriótica, demolidora e nefasta, assente numa informação deficiente e artificial, eivada de explicações românticas—o orador analizou cada uma dessas acusações e destruiu-as. Em seguida, acentuou que essa obra é construtiva e de valor—tem por idéia basilar dizer a verdade puramente e por esta sua franqueza incutir energia, para que a obra de reconstrução nacional seja intensamente progressiva. Para Oliveira Martins—afirmou—as noções assentam na vontade colectiva e na sensatez da educação económica e educacional e é o fortalecimento de tal consciência que êle pretende acima de tudo. Refere, em seguida, que não há na carreira histórica da obra de Oliveira Martins duas fases, a primeira negativista e a segunda de fervor patriótico, porque tôdas as suas obras históricas, qualquer que seja a data, obedece aos mesmos princípios científicos e aos mesmos objectivos práticos.

Ao contrário do que é costume dizer-se, o orador afirmou que Oliveira Martins juntara para a realização das suas obras tôda a documentação existente, não poupando as buscas aturadas nos arquivos. Salientou que para Oliveira Martins as sociedades obedecem na sua evolução a leis, mas a lei regista também factos fortuitos, de modo que ela é ao mesmo tempo, uma ciência, porque dá a relação constante da evolução social, e uma arte, porque pretende apreender o individual e o conceito. Nesta concepção—diz o orador—os grandes personagens não são mais que as incarnações dos movimentos colectivos e não os factores explicativos da história. Oliveira Martins—afirma—longe de nos dar uma explicação romântica da história de Portugal é o primeiro a desfindar os grandes filhos da evolução nacional, e é nêle que se baseiam as tentativas explicativas posteriormente aventadas.

E já a terminar, afirmou que hoje há necessidade de superar a sua obra de acôrdo com todos os progressos da ciência e de modo a manter os contactos fecundos com os problemas actuais. O orador, no final da sua conferência, foi muito felicitado e recebeu largos aplausos.

24. Notícia sobre a conferência de Vitorino Magalhães Godinho "Oliveira Martins historiador" no Ateneu Comercial do Porto, publicada no *Primeiro de Janeiro*, 7 de Maio de 1945.



ANTÓNIO MACEDO

Porto,14/V/945

Exmº Senhor
Dr. Vitorino Magalhães Godinho
R. Actor Taborda-16-3º.Esq.º
LISBOA

Meu prezado amigo:

Muito obrigado pela sua carta e pelas suas bôas palavras.

O livro,por mim autografado,pede a favor de sua instrução na livraria Sá da Costa para que remetam a «Escrita do Restelense». Para facilitar as coisas,o melhor é que a encomenda venha à cobrança, e não sei que preço terá o envio antecipado do nosso...

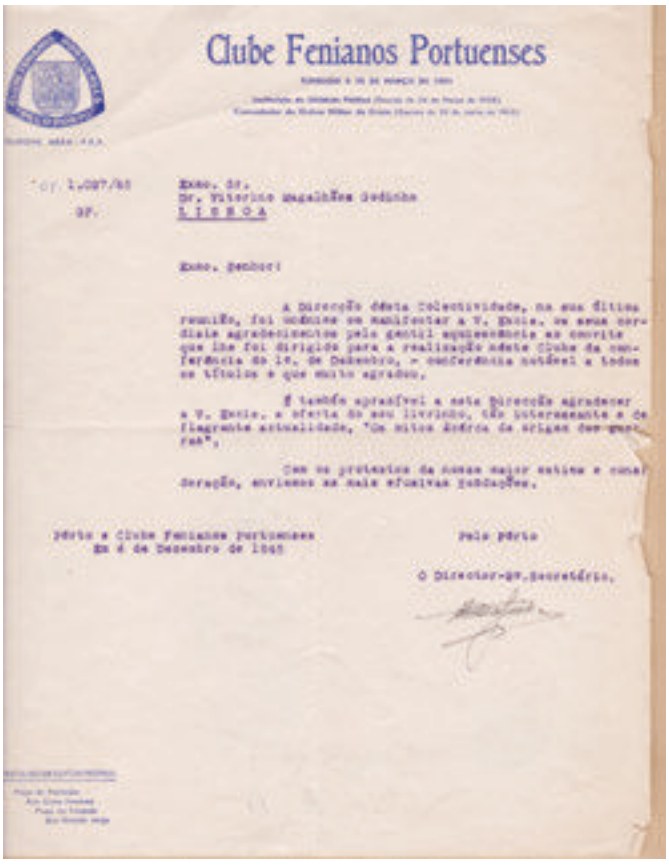
Por esta vez ficamos bem hajas.

Hoje os «Fenianos» encerram a visita de confraternização com o Dr. Cesar Lopes. O trabalho do Dr. António Correia foi,sem dúvida,bom, mas um pouco extenso e erudito; o do Dr. Pinto Loureiro foi mais vivo e de interêsse,ainda que menos proveito.

No seu conjunto,a visita teve resultados excelentes. Por mim, sinto-me largamente compensado do sacrifício que tive. O meu bom amigo foi um dêstes amadores e cooperadores,para não falar na sua contribuição pessoal e que - por verdade lhe digo - foi a mais notável de todas.

Quarta-feira,vou eu a Coimbra falar com rapazes. Acompanhem-me a Malta e o Neves. Teremos ocasião de ver os nossos amigos.

Aceite um abraço do velho sempre ao seu dispôr



Clube Fenianos Portuenses

Ofício nº 1.087/45
SF.

Exmo. Sr.
Dr. Vitorino Magalhães Godinho
LISBOA

Exmo. Senhor:

A Direcção dêste Colectividade, na sua última reunião, foi unânime em manifestar a V. Excia. os seus cordiais agradecimentos pela gentil aquiescência ao convite que lhe foi dirigido para a realização nêste Clube da conferência do 1º. de Dezembro, - conferência notável a todos os títulos e que muito agradou.

É também agradável a esta Direcção agradecer a V. Excia. a oferta do seu livrinho, tão interessante e de flagrante actualidade, "Os mitos sôbre as origens dos povos".

Com os protestos da nossa maior estima e consideração, enviamos as mais efusivas saudações.

Pelo Porto
O Director-Gº.Secretário,

Porto a Clube Fenianos Portuenses
Em 6 de Dezembro de 1945

25. Carta de António Macedo, 14 de Maio de 1945.

26. Carta do Clube Fenianos Portuenses a Vitorino Magalhães Godinho, 6 de Dezembro de 1945.

NÚCLEO 4

Vida e carreira académica em França.

Insatisfeito do ponto de vista profissional e desencantado no plano da acção política, Vitorino Magalhães Godinho pensa prosseguir em França a sua carreira de investigador. Conhecera já, em Lisboa, Marcel Bataillon e entra em contacto epistolar com Lucien Febvre e por intermédio deste com Fernand Braudel. Expõe-lhes os seus projectos (tem já como objectivo o Doutoramento de Estado na Sorbonne). É acolhido por Lucien Febvre "como um discípulo de sempre" e graças à iniciativa de Pierre Hourcade, Director do Instituto Francês em Lisboa e com o patrocínio destes Mestres, obtém uma bolsa do Centre National de la Recherche Cientifique (CNRS). Mas a bolsa chega à justa para o manter a si, tem de deixar em Lisboa mulher e filhas, e instala-se sozinho em Paris, num Hôtel do Quartier Latin, em Janeiro de 1947 e trabalha afincadamente. A mulher visita-o por diversas vezes. Mal obtém um aumento e consegue alugar casa, manda ir a família.

Chargé de Recherches no Centre National de la Recherche Scientifique, em Paris, trabalha sob a direcção de Lucien Febvre e Fernand Braudel. Consegue promoções sucessivas, até ao 4º escalão, com inclusão na lista dos candidatos à *maîtrise de recherches* (1947-1960).

De 1950 a 1954, é Encarregado de Curso na École Pratique des Hautes Études, 6ème Section, onde se ocupa da preparação da após-graduação dos candidatos à Agregação.

Participou activamente no movimento dos Annales desde 1947 e fez parte da équipe que fundou a 6ème Section da Ecole des Hautes Etudes, em Paris, sob a direcção de Lucien Febvre, Fernand Braudel, Georges Gurvitch, G. Friedmann, Maurice Lombard, Jean Fourastié.

Em 1948, é nomeado Membro Fundador da Associação Marc Bloch. Como sócio fundador é incumbido de "tentar criar um núcleo de estudos em Portugal, segundo a perspectiva inovadora dos Annales". Apesar do apoio de Pierre Hourcade no Instituto Francês, não consegue das autoridades autorização para a legalização do núcleo.

Após publicação de 2 "compte-rendus" nos Annales, em 1948, Vitorino Magalhães Godinho publica em 1950 os seus primeiros artigos nessa revista. Trata-se de "Création et dynamisme économique du monde atlantique 1420-1670" e "Le Portugal, les Flottes du Sucre et les Flottes de l'Or ,1670-1770». (Nº 1 Janvier-Mars 1950, pp. 32-36 e Nº 2 Avril-Juin 1950, pp. 184-197). A estes trabalhos seguir-se-ão vários outros, por vezes solicitados pelo próprio Braudel.

Em Julho de 1955, obtém o Diplôme de Sciences Economiques et Sociales da École Pratique des Hautes Études, 6ème section, com "Prix et Monnaies au Portugal", trabalho publicado na Colecção *Monnaies-Prix-Conjonctures,* com Prefácio de Lucien Febvre.

Em Julho de 1959, tem lugar o Doutoramento de Estado na Sorbonne – Doctorat ès Lettres, classificado com "Mention très Honorable". O Júri era constituído por Ernest Labrousse, Fernand Braudel, Roland Mousnier, Michel Mollat e Léon Bourdon. A Tese principal tinha por título: "L'Economie de l'Empire Portugais aux XVème et XVIème siècles". Foi publicada em França em 1969, e em Portugal, uma primeira edição foi publicada pela Arcádia em 1963-1970. A Tese complementar – "Les finances de l'État Portugais des Indes Orientales 1516-1636"– seria publicada em 1982, em Paris. A notícia do Doutoramento foi amplamente divulgada nos Jornais portugueses.

Após uma estadia de cerca de 10 anos em Portugal (1960-1971), Vitorino Magalhães

Godinho recebe um novo convite para leccionar em França, agora na Universidade de Clermont Ferrand. O convite, da iniciativa de Albert Silbert e apoiado por Michel Mollat, feito em Junho de 1970, concretiza-se em Outubro de 1971, quando Vitorino Magalhães Godinho se torna Professor Catedrático Associado da Université de Lettres et Sciences Humaines de Clermont-Ferrand. Aí permanecerá até Julho de 1974, como Professor da Cadeira "Histoire Economique et Sociale Moderne".

A França, ao contrário do seu país de origem, soube sempre fornecer-lhe os meios de trabalho de que necessitava e reconhecer o seu mérito. Em 1970, é-lhe dado o "Grand Prix de l'Académie de Marine de France", pela sua obra "L'Economie de l'Empire Portugais au XV^{ème} et XVIème siècles". Em 1975, é feito Doutor *Honoris Caus*a pela Universidade de Clermont Ferrand (patrono Albert Silbet). Em 1979, recebe a "Ordre National du Mérite, de France (grau de "officier"). E em 1993, é feito "Chevalier de la Légion d'Honneur".

Carta a Lucien Febvre

Lisbonne,20 janvier 1946

Monsieur le Professeur Lucien Febvre

Je vous demande pardon de m'adresser à vous sans accomplir les formalités préalables. Je suis licencié ès Lettres (histoire et philosophie) et j'ai été pendant deux ans chargé de cours à la Faculté des Lettres de Lisbonne.Vers le milieu de la troisième année j'ai dû quitter toutes les fonctions d'enseignement officiel pour des raisons qui n'ont rien à voir ni avec la science ni avec la pédagogie(ni avec la morale,cela va sans dire):vous pouvez soupçonner peut-être les vraies raisons.Je dirige à présent une collection d'histoire universelle,composée en majeure partie de traductions d'ouvrages français,anglais, etc.

Je tiens à vous exprimer d'abord ma gratitude pour tout ce que je dois à vos travaux d'histoire.Je suis d'accord avec vos idées principales.Je me rappelle d'avoir été ébloui par la vigueur critique de " La Terre et l'Evolution humaine",j'étais à peine entré à l'Université.Tout récemment ,"Le Problème de l'Incroyance au XVIe siècle" m'a frappé de façon durable par ces mêmes qualités qui sont les vôtres et qui vous assurent une place de choix dans la science historique de notre siècle. C'est à l'école des "Annales d'Histoire Economique et Sociale" que s'est formé mon esprit de débutant d'historien.C'est avec une émotion profonde que j'ai appris la mort de Marc Bloch,dont j'attendais avec la plus vive impatience les deux tomes dans la collection "L'Evolution de l'Humanité" sur l'économie du Moyen Âge;"La Société Féodale","Les Caractères Originaux de l'Histoire rurale française",combien de fois j'ai dû m'en servir pour toujours en profiter.Je tiens à souligner ma dette envers les "Annales".

C'est parce que je vous tiens pour un de mes maîtres que j'ose m'adresser à vous afin de demander votre avis. Je prépare une thèse de doctorat à soutenir devant la Faculté des Lettres de Lisbonne.Mon point de départ a été le problème des causes des grandes découvertes et des conquêtes outre-mer du XVe et XVIe siècles.Il me semble maintenant que pour résoudre ce problème(c'est-à-dire,pour pouvoir esquisser une hypothèse d'ensemble nécessairement provisoire mais utile pour de nouvelles recherches)il faut connaître d'un côté l'économie,la vie sociale et les courants idéologiques de la Péninsule,et d'autre part ces mêmes conditions en Afrique et en Asie.J'ai dû choisir dans cet amas de questions un problèmebien déterminé.En quelques mots,ce problème se définit:la détermination de l'état économique du Maroc et du Sahara au XVe siècle et au début du XVIe;autant que possible dans la mesure où il est indépendant de l'influence chrétienne.C'est-à-dire qu'il s'agit surtout de la géo-

27. Carta de Vitorino Magalhães Godinho para Lucien Febvre, 20 de Janeiro de 1946 (pág. 1).

graphie économique de ces régions.Le plan renferme les chapitres suivants: Le Maroc méditerranéen; Le Maroc atlantique; Les Canaries; Le Sahara et les caravanes.Chacun des deux premiers chapitres sera divisé sous-divisé selon les régions qu'il est possible de distinguer au Maroc au XVe siècle;l'étude des Canaries sera sous-divisée en deux paragraphes: le premier sur les îles le plus anciennement conquises et peuplées par les chrétiens,le second sur les autres.Dans le dernier chapitre j'étudierai en premier lieu la côte sahariennne,en deuxième lieu les oasis de dattiers,et en dernier lieu les nomades et les relais du trafic trans-saharien.C'est surtout sur les sources portugaises que j'ai dû et que je dois encore bâtir;mais j'ai aussi profité des géographes musulmans depuis le XIIe siècle,notamment Edrisi et Léon l'Africain.

Certes,les sources sont surtout des récits de voyageurs,des chroniques des découvertes et conquêtes ,dûes à la plume de chrétiens; mais les sources musulmanes me semblent tout à fait insuffisantes pour établir qu'elle était la situation économique et sociale du Maroc et du Sahara antérieurement à la grande expansion européenne.J'ai été obligé, partant,de choisir dans ces sources chrétiennes tout ce qui peut dépeindre un état de choses encore sans rapport avec la conquête portugaise et le commerce portugais,dont les effets doivent être étudiés plus tard et ne pourront être mesurés qu'après cette tâche préliminaire accomplie. Je crois pouvoir y arriver grâce à la comparaison avec les géographes musulmans.Je n'oublie pas non plus de puiser dans les géographies modernes,parmi lesquelles "le Maroc" de M.Célérier,"L'Homme et le Sahara" de M.Eydoux,"Le Sahara" de Gautier,la "Géographie Universelle de La Blache et Gallois.

L'enquête portera principalement sur la distribution des matières premières et de la production agricole,minière et industrielle;sur les routes du trafic et les objets d'échange;sur l'alimentation,le vêtement et l'habitation;sur la composition professionnelle et sociale des villes, bourgades et tribus;je rapporterai les références qu'on peut glaner sur les techniques;les renseignements sur la démographie - malheureusement si insuffisants et si peu sûrs - ne seront pas oubliés;autant que possible,chaque groupe humain sera replacé dans le cadre du paysage décrit par les contemporains(mais dont la description sera comparée aux descriptions modernes).

Je crois qu'il n'y a aucun travail d'ensemble sur ce sujet.M.Robert Ricard a à peine effleuré la question(son domaine,c'est l'histoire politique,militaire et topographique;d'ailleurs j'ai beaucoup appris dans ses articles);et de même M.Ch.André Julien.Bovill ne nous renseigne pas suffisamment sur l'aspect économique et social;M.de La Roncière écrit surtout en géographe.Par conséquent,quoique les ouvrages soient en nombre très réduit,il me semble qu'il vaut la peine de poser le problème et de chercher à amasser ce qu'il y a de plus important pour le résoudre.

Est-ce que je peux compter sur votre obligeance pour obtenir une réponse notamment aux questions suivantes:

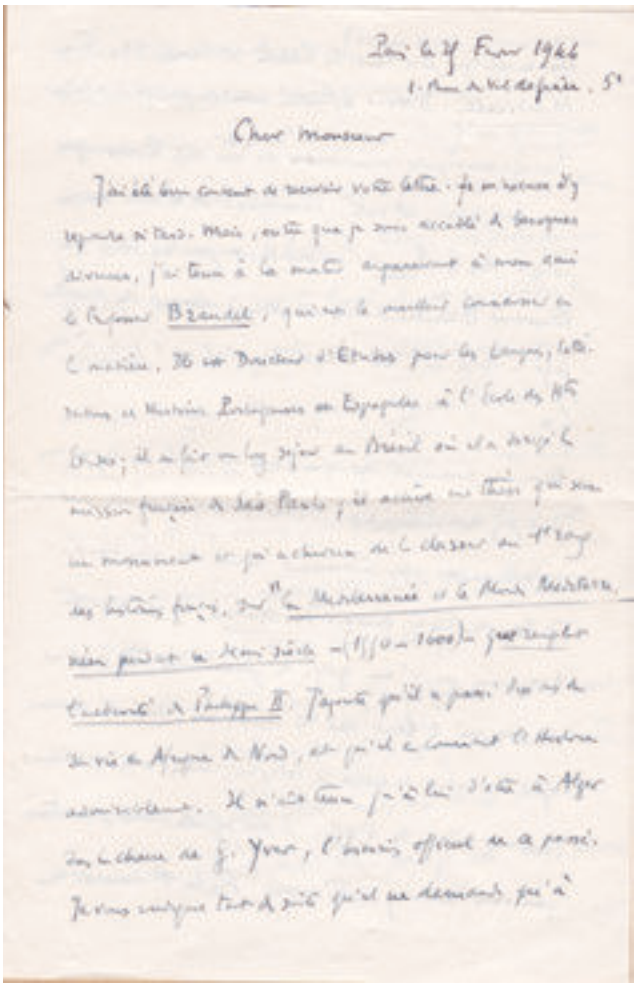
1º Le sujet vous semble-t-il bien choisi et d'un intérêt réel pour une histoire vraiment humaine ?

2º Les principes généraux de l'enquête vous semblent-ils sûrs et féconds ?

Je dois ajouter que ce serait pour moi une joie incomparable et une aide précieuse d'avoir à ma disposition votre critique toujours si avisée et de pouvoir puiser abondamment dans vos conseils que d'autres ne peuvent remplacer.Je vous fournirai tous les renseignements complémentaires dont vous aurez besoin afin de m'aider.

Monsieur le Professeur,veuillez bien excuser mon impertinence et accepter l'expression de ma plus profonde admiration,et croyez-moi toujours à votre disposition.

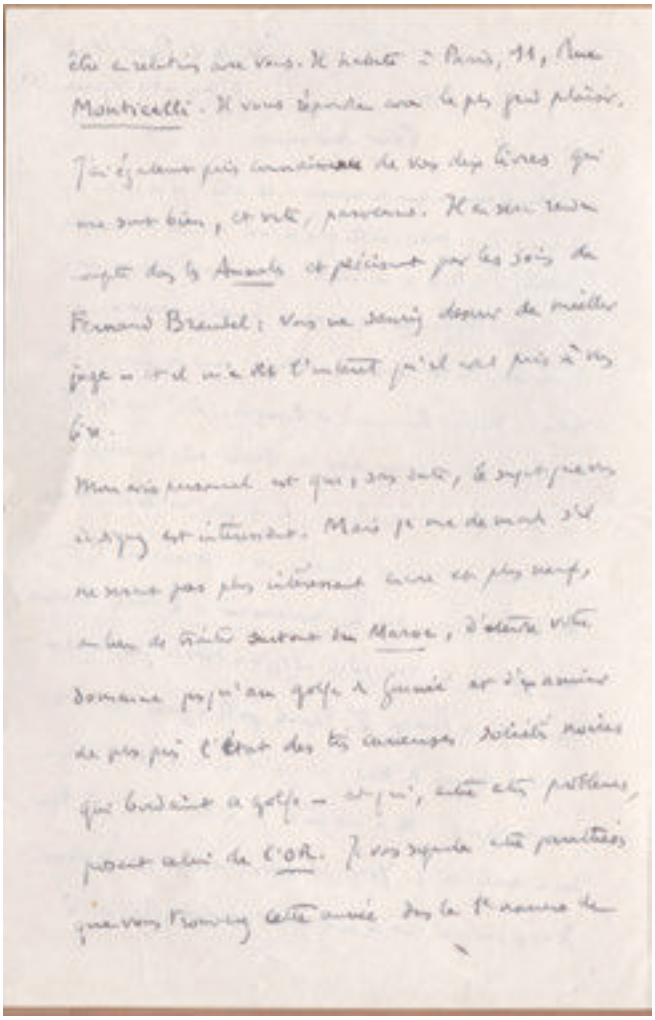
Vitorino Magalhães Godinho



Paris le 14 Fev 1946
1, Rue Victor Cousin, 5e

Cher Monsieur

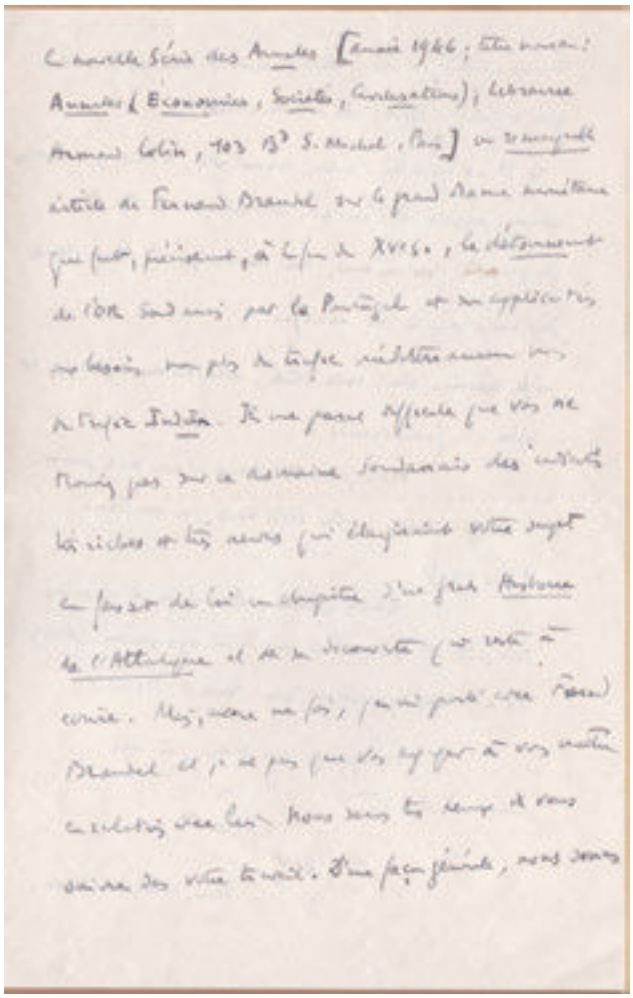
J'ai été bien content de recevoir votre lettre. Je me hâte d'y répondre à mon tour. Mais, entre que je suis accablé de besognes diverses, j'ai tenu à la mettre auparavant à mon ami le Professeur Braudel, qui est le meilleur connaisseur en la matière. Il est Directeur d'Etudes pour les Langues, Littératures et Histoire Portugaises de l'Ecole des Hautes Etudes; il a fait un long séjour au Brésil où il a donné la mission française à São Paulo; il a écrit sur Lisbonne un remarquable ouvrage et j'ai chargé de la chaire au Collège de France. Sur "La Méditerranée et le Monde Méditerranéen pendant la seconde moitié du XVIe siècle" il prépare en ce moment une thèse magistrale. Il a été l'auditeur de Pierre Boissonnade. Il a publié un article sur la vie à Afrique du Nord, et il a connaissance de plusieurs documents. Il n'a été que peu de temps à Alger où il a été l'auditeur fervent de J. Yver, l'éminent officier que vous savez. Je vous indique tout de suite qu'il me demande que à



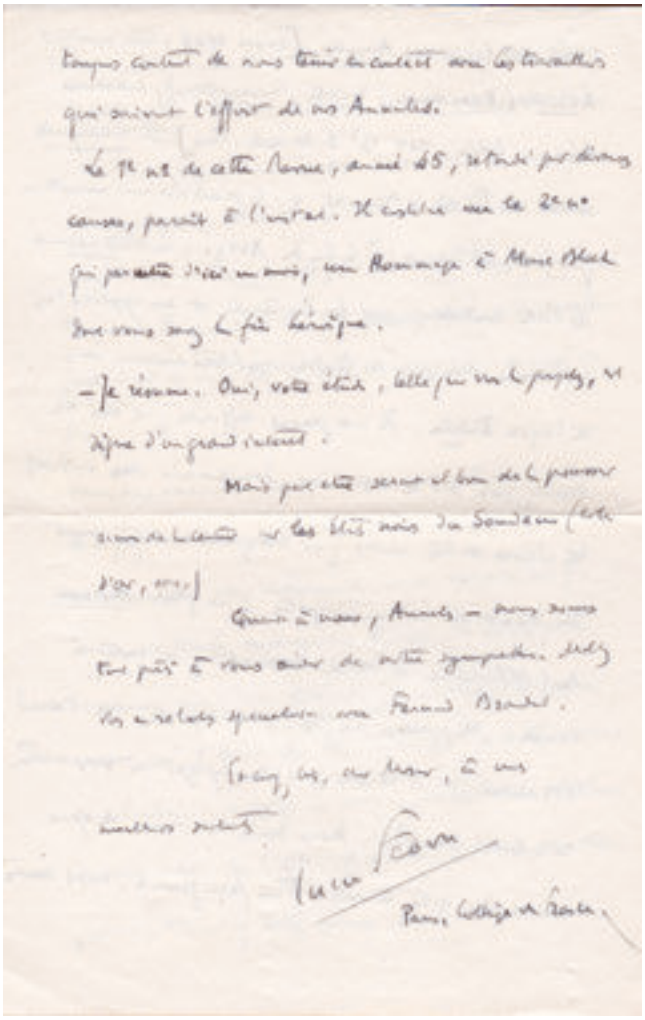
être relativement vous. Il habite à Paris, 11, Rue Montricalli. Il vous répondra avec le plus grand plaisir. J'ai également pris connaissance de vos deux lettres qui me sont bien, et vite, parvenues. Je serai ravi de suivre dans les Annales et précédé par les soins de Fernand Braudel: vous me saurez gré de mettre juge — et il n'a été l'auditeur fervent qu'il est pris à vos 6 v.

Mon avis personnel est que, sous toute, le sujet pour Alger est intéressant. Mais je me demande s'il ne serait pas plus intéressant encore et plus neuf, au lieu de traiter encore du Maroc, d'étudier votre domaine propre au golfe à Gennaï et d'examiner de près l'état des très curieuses sociétés noires que bordent le golfe — et qui, entre elles, posent celui de l'O.R. Je vous signale cette possibilité que vous pourriez cette année dans la 1re année de

28. Resposta de Lucien Febvre, 20 de Fevereiro de 1946.



Nouvelle Série des Annales [année 1946 ; titre exact : Annales (Économies, Sociétés, Civilisations) ; Librairie Armand Colin, 103 Bd S. Michel, Paris] va inaugurer sous la direction de Fernand Braudel sur le grand thème unificateur que fut, pendant, dès l'époque de XVIe s., le développement de l'OR sont mis par le Portugal et les applications aux besoins, non plus de l'espace méditerranéen mais de l'espace Indien. Il me paraît difficile que vous ne tiendrez pas sur ce domaine fondamental des échanges les riches et très neufs qui éclairaient votre sujet en faveur de soi un chapitre d'une grande Histoire de l'Atlantique et de sa découverte (je vous le souhaite). Mais, encore une fois, j'ai pu parler avec Fernand Braudel et je ne puis que vous inviter à vous mettre en relation avec lui. Nous avons le temps et nous devons des vues très nettes. D'une façon générale, nous devons



toujours soucieux de nous tenir en contact avec les travailleurs qui suivent l'effort de nos Annales.

Le 1er n° de cette Revue, annoncé 65, retardé par diverses causes, paraît à l'instant. Il contient un de 2e n° qui paraîtra d'ici un mois, un Hommage à Marc Bloch dont vous avez la plus haute idée.

— Je réponds. Oui, votre étude, telle que vous la proposez, m'apparaît d'un grand intérêt.

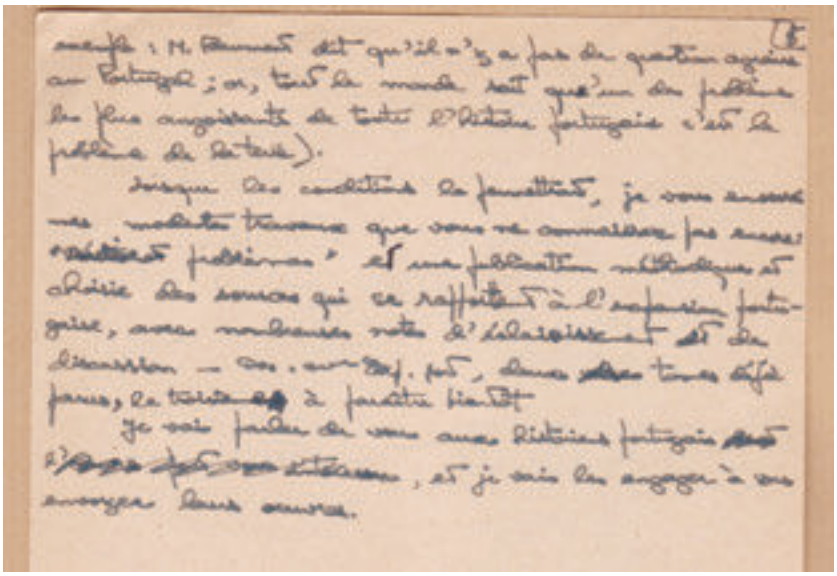
Mais par cette raison et bien de la première urgence de la contribuer aux [illegible] sur les [illegible] du Soudan (l'or d'or, mines)

Quant à nous, Annales — nous serons très [illegible] et vous aider de notre sympathie. Mais vos relations spéciales avec Fernand Braudel.

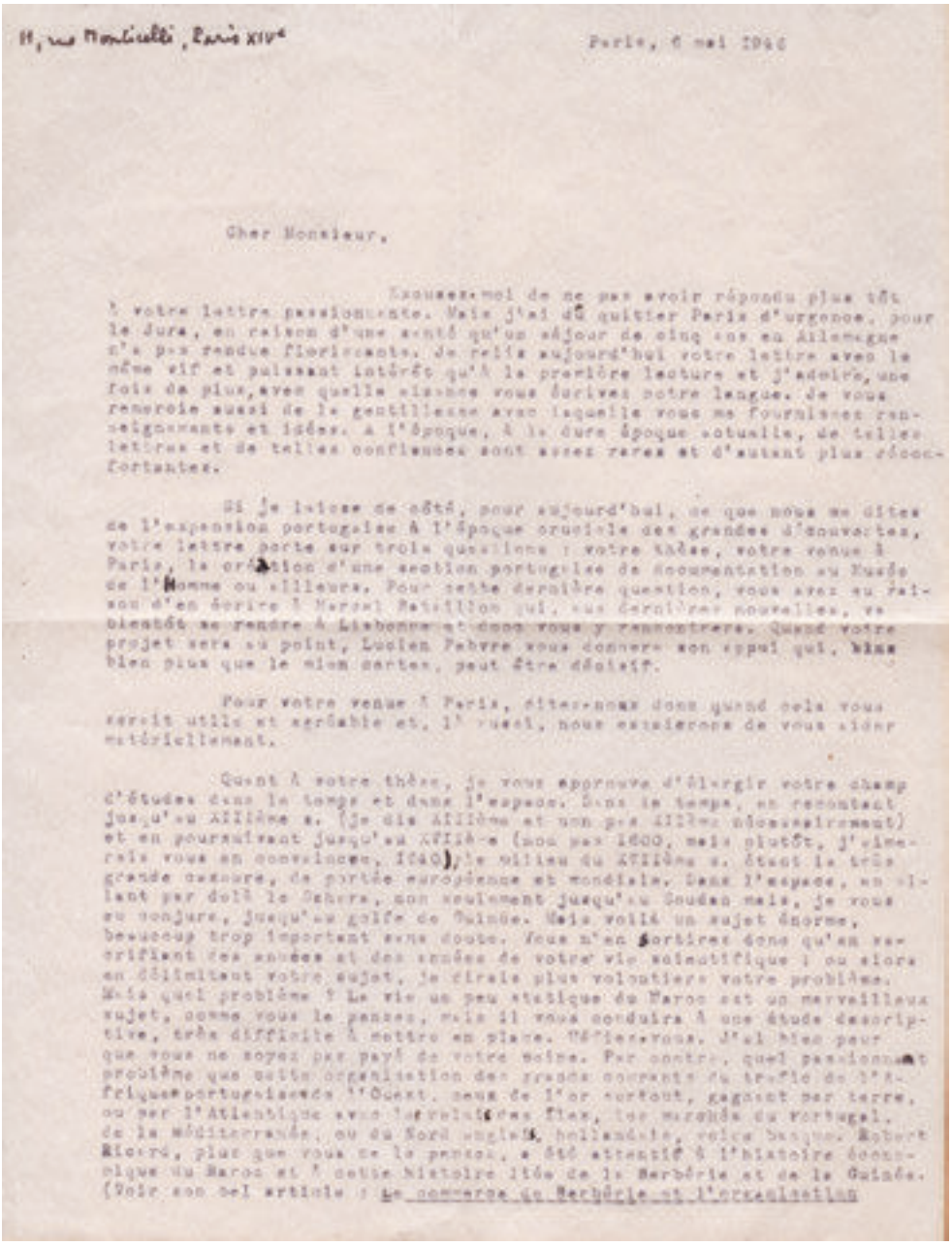
Croyez-le, cher Maître, à nos meilleurs sentiments

Lucien Febvre

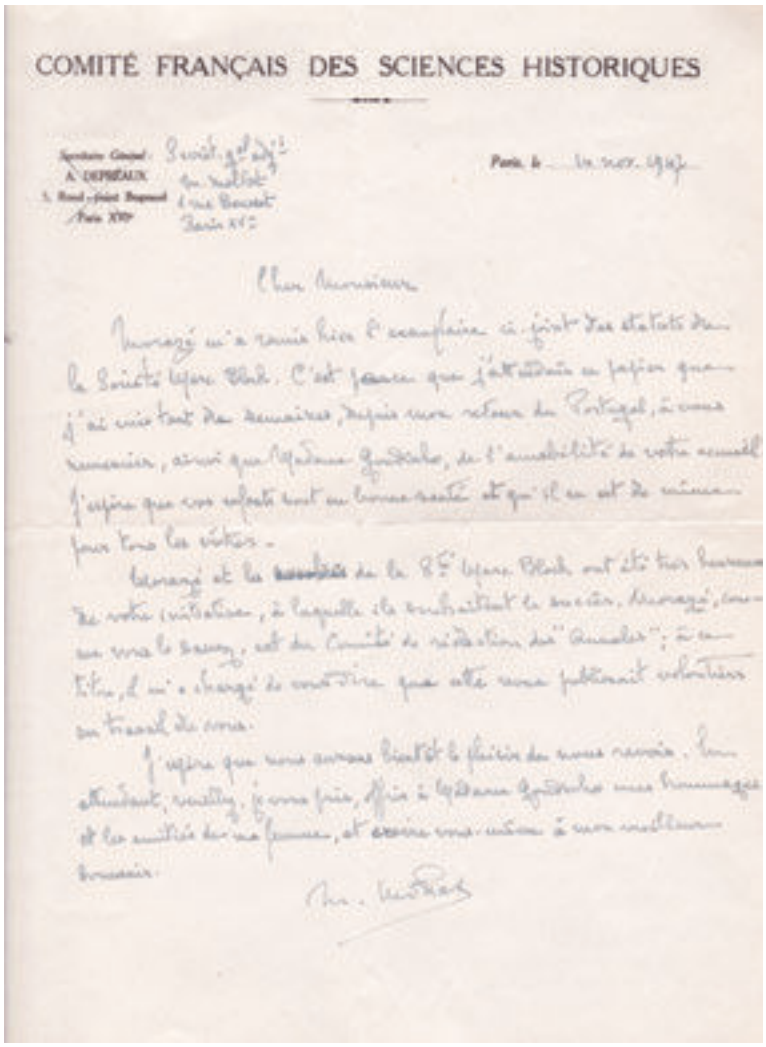
Paris, Collège de France.



29. Excerto de rascunho de carta de Vitorino Magalhães Godinho a Fernand Braudel, sem data.

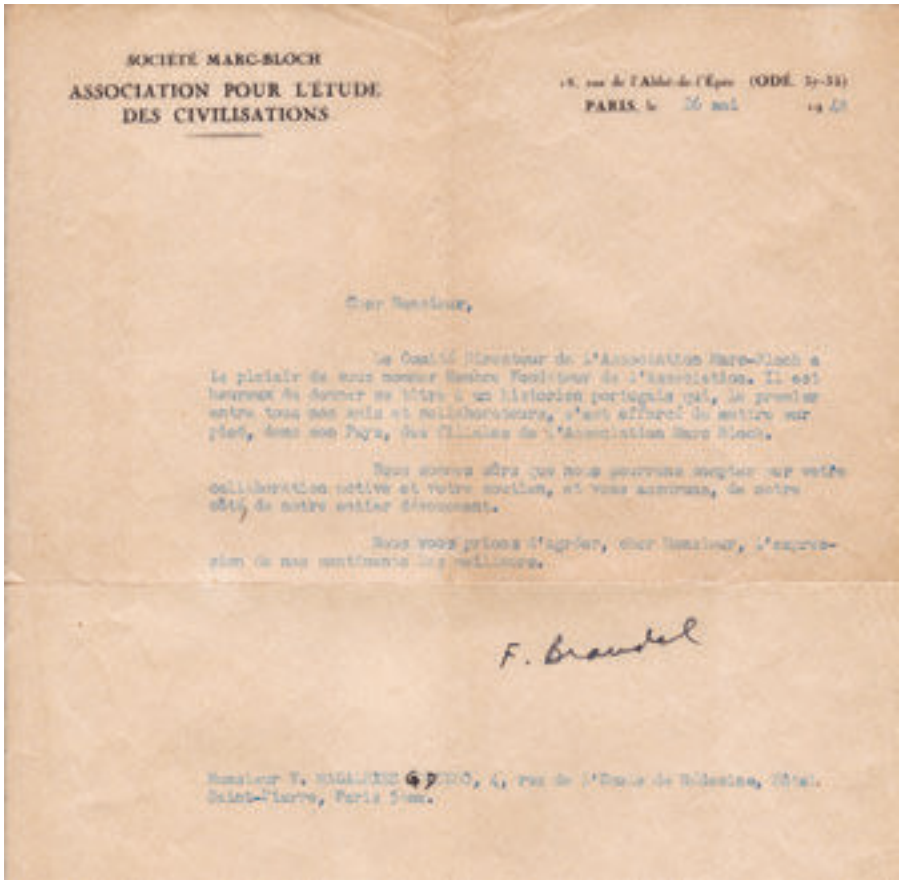


30. Excerto de resposta de Fernand Braudel à carta de Vitorino Magalhães Godinho, 6 de Maio de 1946.



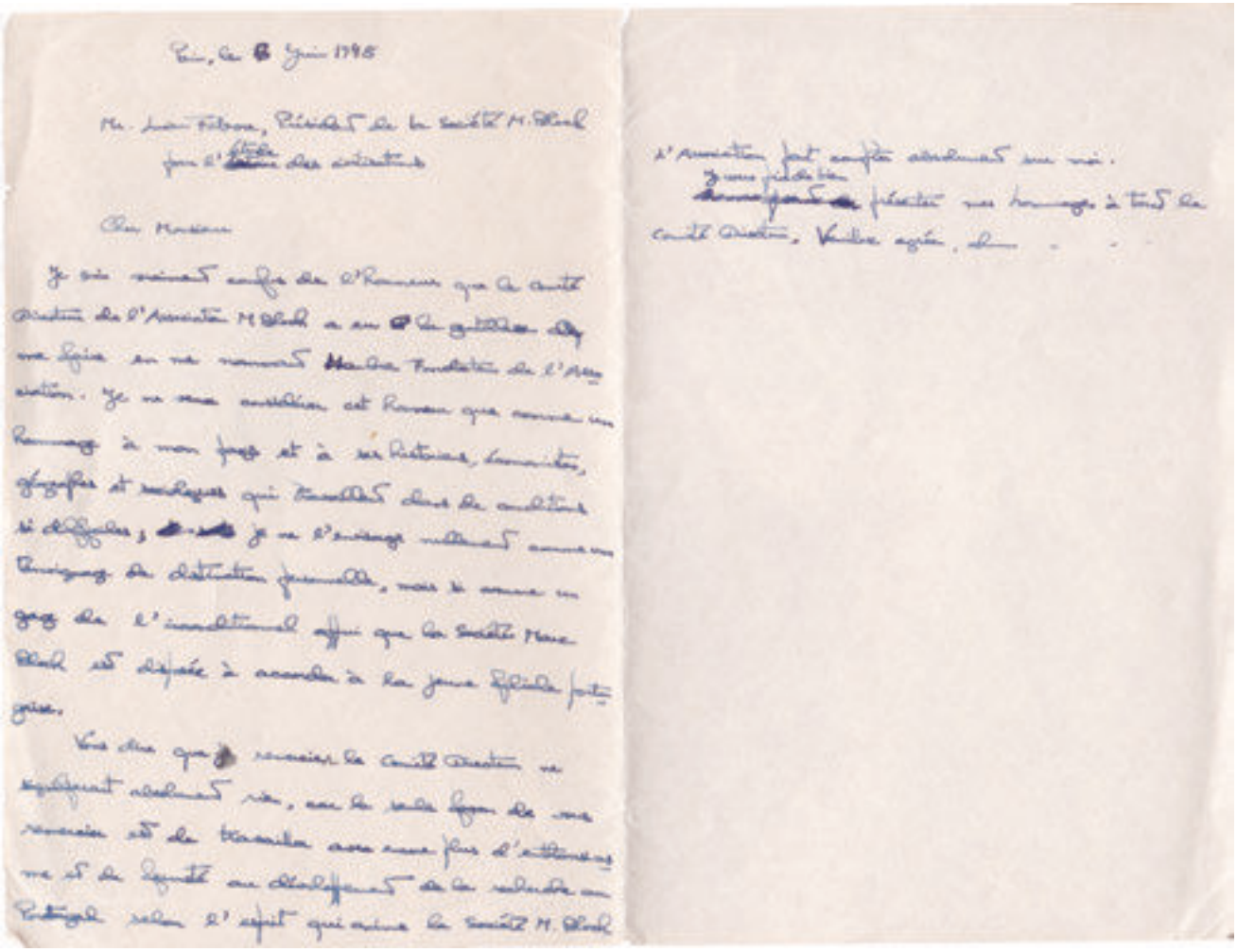
COMITÉ FRANÇAIS DES SCIENCES HISTORIQUES

31. Adesão e carta de envio dos estatutos da Associação Marc Bloch a Vitorino Magalhães Godinho, por Michel Mollat, 14 de Novembro de 1947.



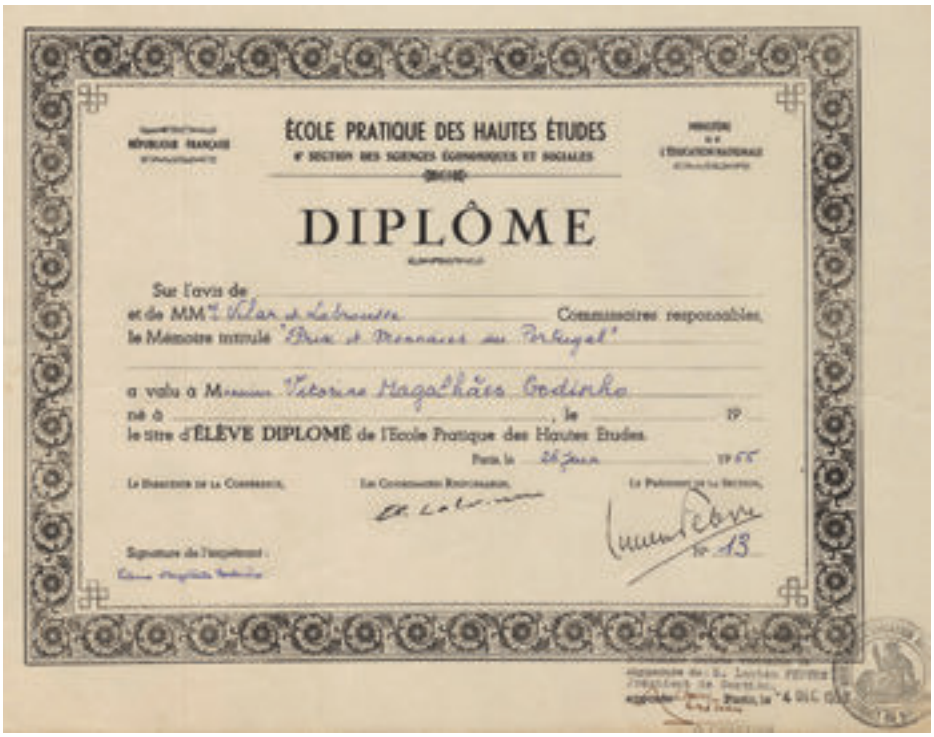
SOCIÉTÉ MARC-BLOCH
ASSOCIATION POUR L'ÉTUDE DES CIVILISATIONS

32. Carta de Fernand Braudel a Vitorino Magalhães Godinho, comunicando a sua nomeação como membro fundador da Associação Marc Bloch, 26 de Maio de 1948.



33. Rascunho da resposta de Vitorino Magalhães Godinho a Lucien Febvre, Junho de 1948.

34. Cartão de acesso École Pratique des Hautes Études, 1947-1948.

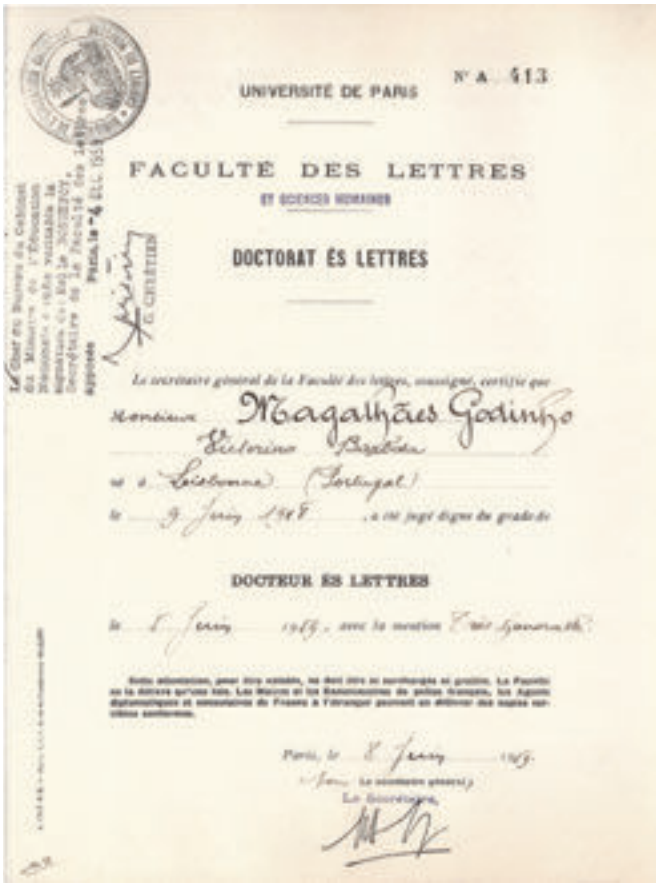


ÉCOLE PRATIQUE DES HAUTES ÉTUDES

DIPLÔME

Sur l'avis de
et de MM. Blanchard-Lahousse, Commissaires responsables,
le Mémoire intitulé "Prix et Monnaies au Portugal"
a valu à Monsieur Victorino Magalhães Godinho
né à , le 19
le titre d'ÉLÈVE DIPLOMÉ de l'École Pratique des Hautes Études.
Paris, le 26 Juin 1955

35. Diploma da École Pratique des Hautes Études, 26 de Junho de 1955.



UNIVERSITÉ DE PARIS

N° A 413

FACULTÉ DES LETTRES
ET SCIENCES HUMAINES

DOCTORAT ÈS LETTRES

Le secrétaire général de la Faculté des Lettres, soussigné, certifie que
Monsieur Magalhães Godinho
Victorino Barbosa
né à Lisbonne (Portugal)
le 9 Juin 1918 a été jugé digne du grade de

DOCTEUR ÈS LETTRES

le 5 Juin 1959, avec la mention Très honorable

Paris, le 5 Juin 1959.

36. Diploma de Doutoramento (Doctorat ès Lettres), Université de Paris, Faculté de Lettres et Sciences Humaines, 5 Junho de 1959.

República

Director: CARVALHÃO DUARTE — Director-Adjunto: ALFREDO GUISADO

O diário da tarde de maior circulação em todo o País

QUARTA-FEIRA, 8 DE JULHO DE 1959

UM MESTRE PORTUGUÊS NO ESTRANGEIRO

Pelo dr. JAIME CORTESÃO

Frol Kozlov

tem confiança num acordo sobre as experiências nucleares

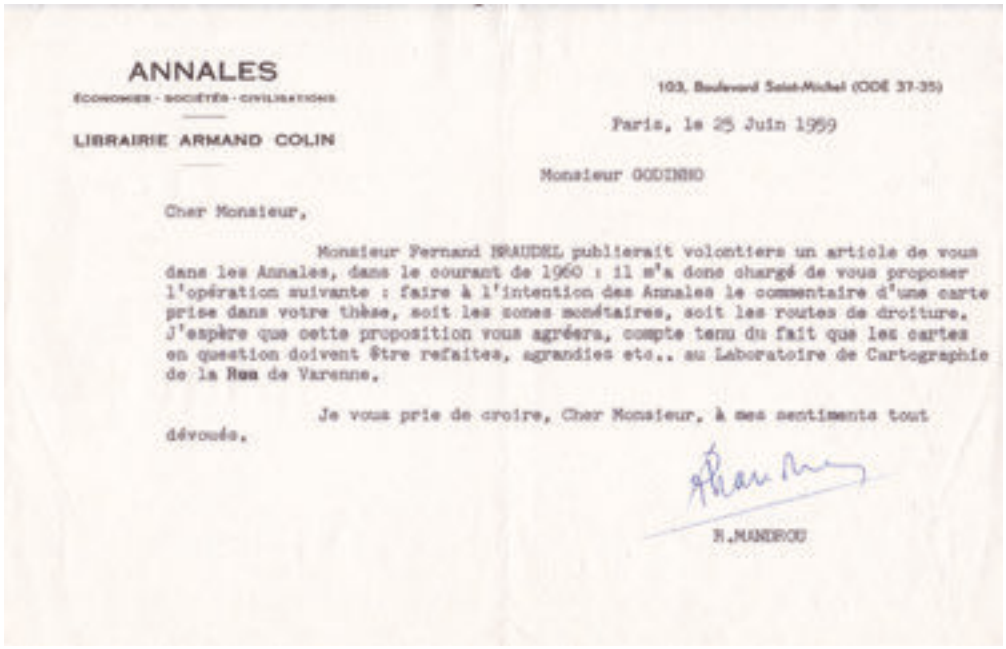
Concorda com a Semana Inglesa entre nós?

Os industriais, comerciantes e trabalhadores pronunciam-se nas páginas de «República»

Não podiam escolher melhor ocasião...

Foram mortos

37. "Um Mestre Português no Estrangeiro": notícia no jornal *República,* de 8 de Julho de 1959, por Jaime Cortesão, sobre o Doutoramento de Vitorino Magalhães Godinho.



ANNALES

ÉCONOMIES - SOCIÉTÉS - CIVILISATIONS

LIBRAIRIE ARMAND COLIN

103, Boulevard Saint-Michel (ODÉ 37-35)

Paris, le 25 Juin 1959

Monsieur GODINHO

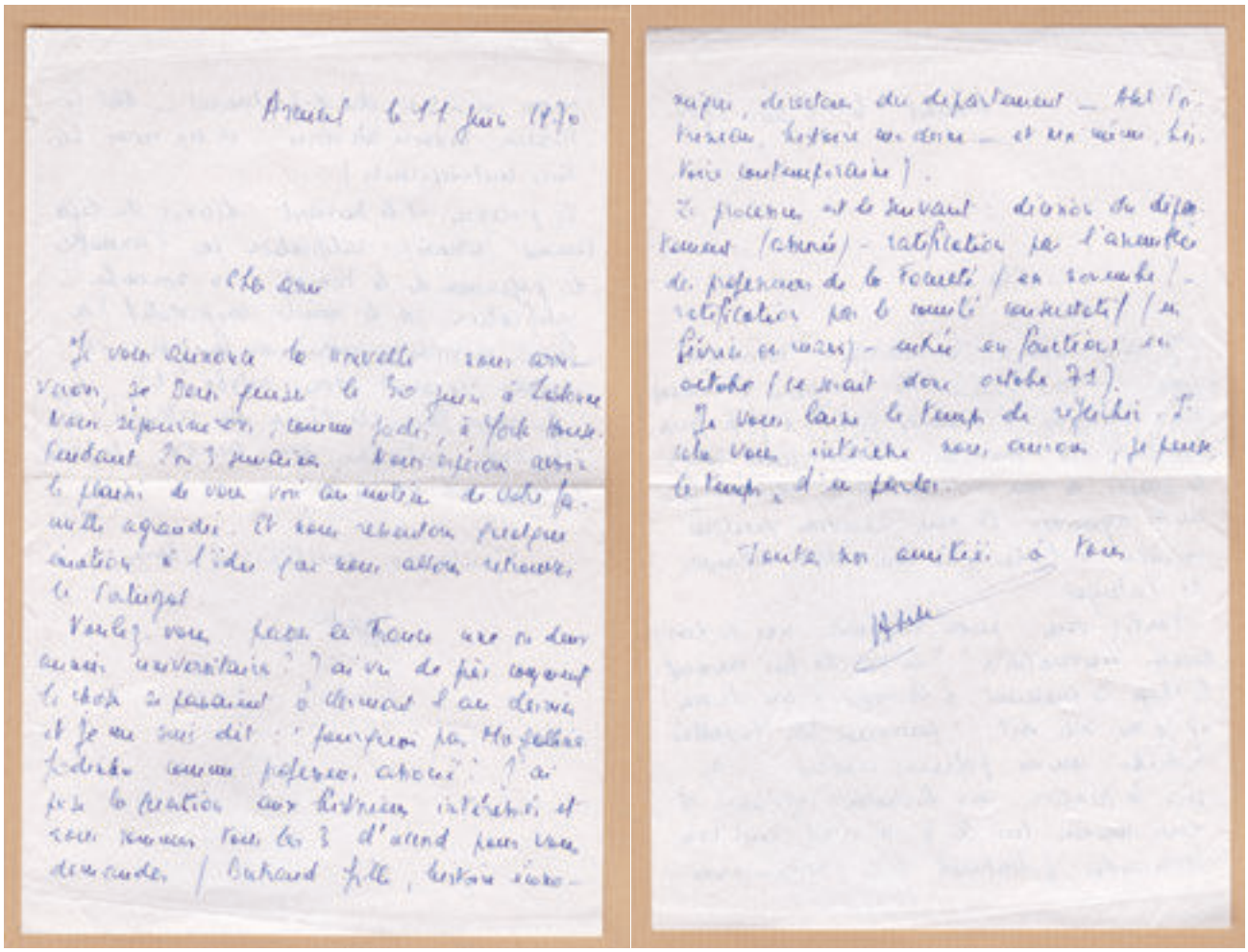
Cher Monsieur,

Monsieur Fernand BRAUDEL publierait volontiers un article de vous dans les Annales, dans le courant de 1960 : il m'a donc chargé de vous proposer l'opération suivante : faire à l'intention des Annales le commentaire d'une carte prise dans votre thèse, soit les zones monétaires, soit les routes de droiture. J'espère que cette proposition vous agréera, compte tenu du fait que les cartes en question doivent être refaites, agrandies etc.. au Laboratoire de Cartographie de la Rue de Varenne.

Je vous prie de croire, Cher Monsieur, à mes sentiments tout dévoués.

R.MANDROU

38. Carta de Robert Mandrou a Vitorino Magalhães Godinho sobre a publicação de um artigo nos *Annales : E.S.C.* em resultado de um convite de Fernand Braudel, 25 de Junho de 1959.



Arcueil 6 11 juin 1970

Cher ami

Je vous renvoie la nouvelle sous enveloppe. Je serai présent le 30 juin à Lisbonne pour représenter, comme jadis, à York House pendant les 3 journées. Nous aurons alors le plaisir de vous voir au milieu de cette foule agissante. Et nous rebattrons peut-être ensemble à l'idée que nous allons retrouver le Portugal.

Voulez-vous faire en France une ou deux causeries universitaires ? J'ai vu de près cependant le chah se passionner à Clermont à ce sujet et je me suis dit : pourquoi pas Magellan ? Dites-moi votre préférence, choisie ? J'ai fait la relation aux Lettres intégrales et nous nous verrons vers le 3 d'abord pour vous demander / Bertrand fils, bien sûr -

reçu, directeur du département — Abel Salazar historien des sciences — et un certain Lopes (contemporain).

Je proteste et le suivant divorce du défunt (obtenu) - ratification par l'assemblée de préférence de la Faculté / en somme / - ratification par le conseil constitutif / en février ou mars) - enfin en fonction en octobre / ce mois donc octobre 71).

Je vous laisse le temps de réfléchir. Si cela vous intéresse nous causerons, je pense le temps d'en parler.

Toute mon amitié à vous

39. Carta de Albert Silbert a Vitorino Magalhães Godinho, 11 de Junho de 1970.

40. *Carte de séjour* de Vitorino Magalhães Godinho em França, emitida em Outubro de 1973, com validade até Setembro de 1974.

BIBLIOTHÈQUE UNIVERSITAIRE
DE
CLERMONT-FERRAND

Année 1973 - 1974

N° : 616

Nom : MAGALHAES-GODINHO

Prénom : Vitorino

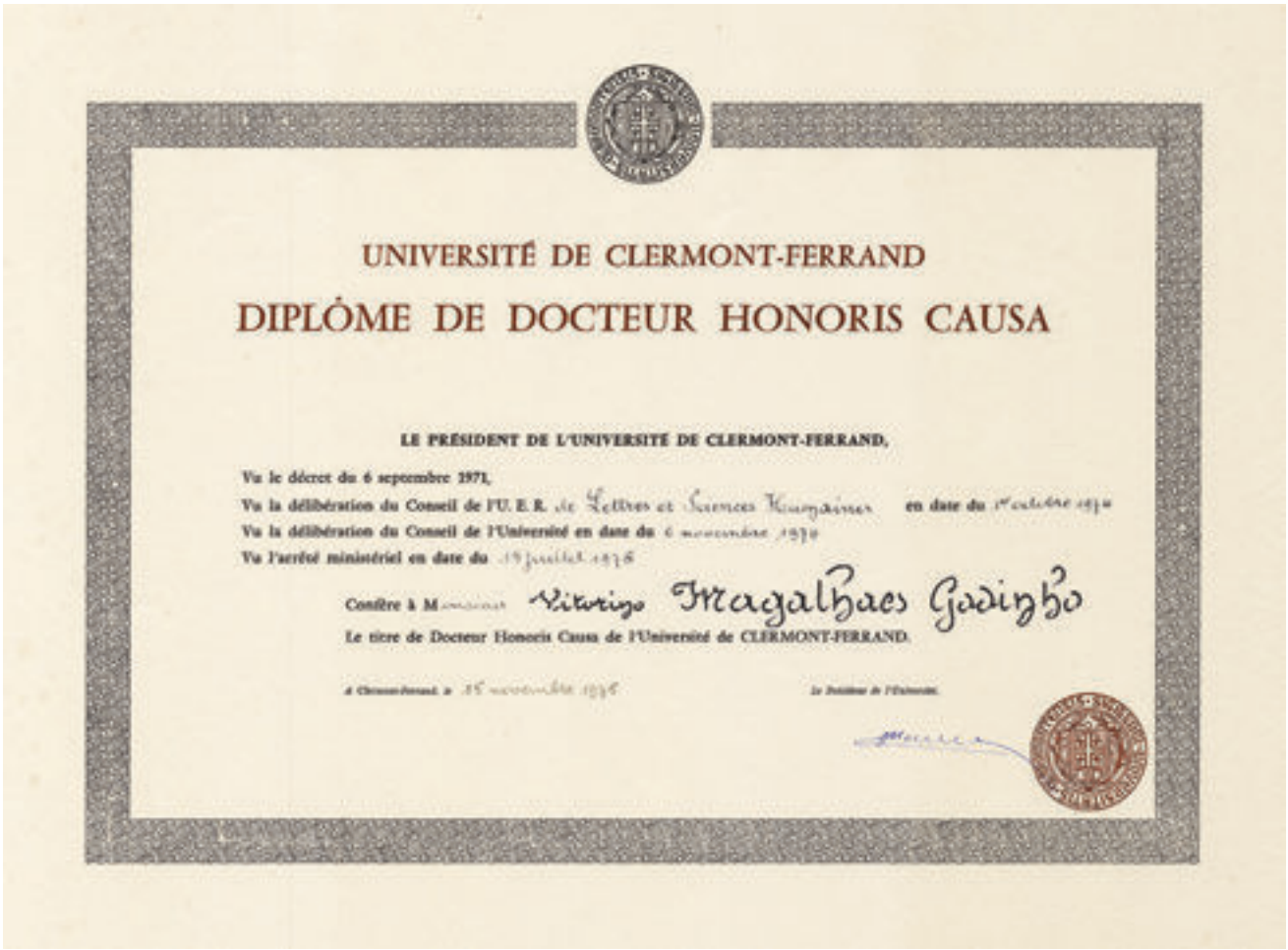
Qualité : Professeur associé

Adresse : 25, avenue Anatole France
63 Royat

Le Titulaire,

Le Conservateur.

41. Cartão de acesso à Biblioteca da Universidade de Clermont-Ferrand (1973-1974).


UNIVERSITÉ DE CLERMONT-FERRAND

DIPLÔME DE DOCTEUR HONORIS CAUSA

LE PRÉSIDENT DE L'UNIVERSITÉ DE CLERMONT-FERRAND,

Vu le décret du 6 septembre 1971,

Vu la délibération du Conseil de l'U. E. R. de Lettres et Sciences Humaines en date du 1er octobre 1975

Vu la délibération du Conseil de l'Université en date du 6 novembre 1975

Vu l'arrêté ministériel en date du 19 juillet 1976

Confère à M. Vitorino Magalhaes Godinho

Le titre de Docteur Honoris Causa de l'Université de CLERMONT-FERRAND.

A Clermont-Ferrand, le 15 novembre 1976

Le Président de l'Université

42. Diploma de Doutoramento *Honoris Causa*, Université de Clermont-Ferrand, 15 de Novembro de 1975.

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

ORDRE NATIONAL DU MÉRITE

LE PRÉSIDENT DE LA RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

GRAND MAÎTRE DE L'ORDRE NATIONAL DU MÉRITE

nomme, par décret de ce jour, Monsieur BARBOSA de MAGALHAES GODINHO Vitorino

Professeur d'Université

OFFICIER DE L'ORDRE NATIONAL DU MÉRITE

Fait à Paris, le 29 Novembre 1977

Par le Président de la République :
Le Chancelier de l'Ordre National du Mérite,

Inscrit au registre sous le N° 200 R 77
Le Secrétaire Général

43. Diploma da *Ordre National du Mérite,* atribuída pelo Governo Francês a Vitorino Magalhães Godinho, 29 de Novembro de 1977.

44. Condecoração da *Ordre National du Mérite.*

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

ORDRE NATIONAL DE LA LÉGION D'HONNEUR

HONNEUR PATRIE

LE PRÉSIDENT DE LA RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

GRAND MAÎTRE DE L'ORDRE NATIONAL DE LA LÉGION D'HONNEUR

CHEVALIER DE LA LÉGION D'HONNEUR

45. Diploma de atribuição da *Légion D'Honneur*, 24 de Fevereiro de 1993.

46. Vitorino Magalhães Godinho discursa na cerimónia de entrega da *Légion d'Honneur*, 1993.

NÚCLEO 5

Professor no ISCSPU.

Treze anos depois de ter ido para Paris, Vitorino Magalhães Godinho regressou a Portugal, na sequência de um convite que lhe foi feito para professor Catedrático do ISEU/ISCSPU. Por um lado, encontrava-se numa charneira da vida: com o Doctorat d'État iria subir na hierarquia do CNRS, podia ser convidado para Professor de qualquer Universidade francesa e isso equivalia a decidir ficar definitivamente em França. Por outro lado, factores famíliares impeliam-no a regressar à Pátria e decidiu aceitar o convite mas sem grandes ilusões.

Apesar das promessas de que não seria incomodado pelas suas opiniões políticas sobejamente conhecidas, o início da guerra colonial e depois a crise estudantil motivaram da sua parte tomadas de posição que lhe valeram processos disciplinares e a demissão. O processo arrastou-se até 1963, com aspectos caricatos de re-integração e re-demissão anunciadas no mesmo Diário do Governo. A demissão motivou grande reacção por parte de professores e intelectuais anti-regime.

Data também dessa fase a recusa da sua "Economia dos Descobrimentos Henriquinos", que fora encomendada para o V centenário da morte do Infante D. Henrique, e viria a ser publicada na Sá da Costa.

47. Vitorino Magalhães Godinho na tomada de posse como Professor Catedrático no ISEU/ISCSPU, 1960.

Paris, I4 de Abril de 1955

Meu prezado Amigo

Espero que tenha recebido o "Catalogue des manuscrits portugais de la B.N.de Paris" que me pedira para a Filmoteca.

Em resposta à sua carta,quero ,antes de mais,felicitá-lo pela creação do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos,que certamente se deve sobretudo à sua iniciativa e acção.Bem necessária era essa creação,para promover e desenvolver um ramo de pesquisas onde têm brilhado franco-atiradores mas que carecia de um "ataque" sistemático e de meios consistentes de investigação segundo as modernas diretrizes.O texto legal parece-me redigido de molde a permitir uma actividade profícua.Tudo dependerá,evidentemente,de acçãodos homens encarregados de pôr em marcha o Centro.Mas sem dúvida podemos confiar no dinamismo do seu promotor e provável presidente.

Afigura-se-me que,dentro do espirito e da letra da"carta de fundação", cabe ao Centro começar por procurar crear as condições materiais e culturais indispensáveis à autêntica investigação em moldes rigorosos.Condições materiais :penso desde logo na Filmoteca,e em quanto importa concentrar nela a reprodução microfilmada dos arquivos ultramarinos(sem esquecer os insulares e brasileiros) e dos elementos que nos arquivos estrangeiros interessam à história ultramarina portuguesa.Só tal concentração permitirá o estudo metódico e integral de séries documentais homogéneas e continuas, esgotandoos dados relativos a cada problema,forma da pesquiza histórica no nosso tempo.Condições materiais : e penso também em que é imprecindivel formar - na Escola ou no Arquivo,mas talvez de preferência(por mais acess'ivel)na primeira,uma biblioteca de história ultramarina onde se encontrem os instrumentos de trabalho,as grandes coleções de fontes estrangeiras,as monografias nacionais e estrangeiras.Exemplifiquemos : a coleção da Hakluyt Society,a "Collection des voyages" dirigida por Scheffer,as inúmeras traduções francesas e inglesas de textos árabes e orientais,a "Encyclopédie de l'Islam",repositório inexgotável de informações,os preciosos catálogos numismáticos como os do British Museum,as obras metrológicas de Decourdemanche,Codrington e outros,os estudos de Gabriel Ferrand,as monografias do Harvard-Yenching Institute,os trabalhos hindus e ingleses sobre a economia da antiga India,os estudos de história negra de Delafosse,Labouret e outros, etc,etc.Quando constatamos a pobreza actual das nossas bibliotecas,não podemos deixar de convir que este equipamento bibliográfico constitui uma das tarefas mais urgentes.O Centro poderia também lançar-se o mais cedo possivel à elaboração de um fichmiro completo e com anotações criticas sempre que possivel,de bibliografia e de fontes de história ultramarina.

Ha também as condições culturais.Não menos relevantes.Acima de tudo, ter artifices habilitados a trabalhar com a "ferramenta".De maneira geral, constata-se na historiografia portuguesa evidente falta de preparação - preparação técnica e preparação teórica :desconhecimento dos problemas e desconhecimento dos métodos precisos de análise e síntese.Suponho que seria muito proveitoso promover estágios de pessoas de mérito em centros estrangeiros de ensino e pesquisa,como,por exemplo,a Ecole des Hautes Etudes ou a Ecole des Chartes de Paris.Basta folhear trabalhos portugueses que se apresentam como de "história económica",mesmo recentes,para verificar que melhor os diriamos feitos ha meio século -quer na sua problemttica quer na sua metodologia ! É evidente,todavia,que o estágio no estrangeiro não resolve tudo -não dispensa,antes implica sólidas bases adquiridas nos próprios cursos portugueses.E aqui é todo o papel da Escola Superior Ultramarina,e especialmente da sua secção de História que se põe,pois a ela cabe naturalmente,lógivamente tal tarefa.

Pensando-se em reorganizar a Escola,seria da máxima conveniência(julgo ser essa também a sua ideia) alargar a secção de História, em ,digamos, secção de História e Sociologia.A manter-se,como suponho se manterá, a distinção entre Curso geral e Curso de altos estudos(ou especialização e cul

48. Carta dirigida a Silva Rego, sobre o Centro de Estudos Históricos Ultramarinos e a reorganização da Escola (Secção de História e Sociologia), 14 Abril de 1955.

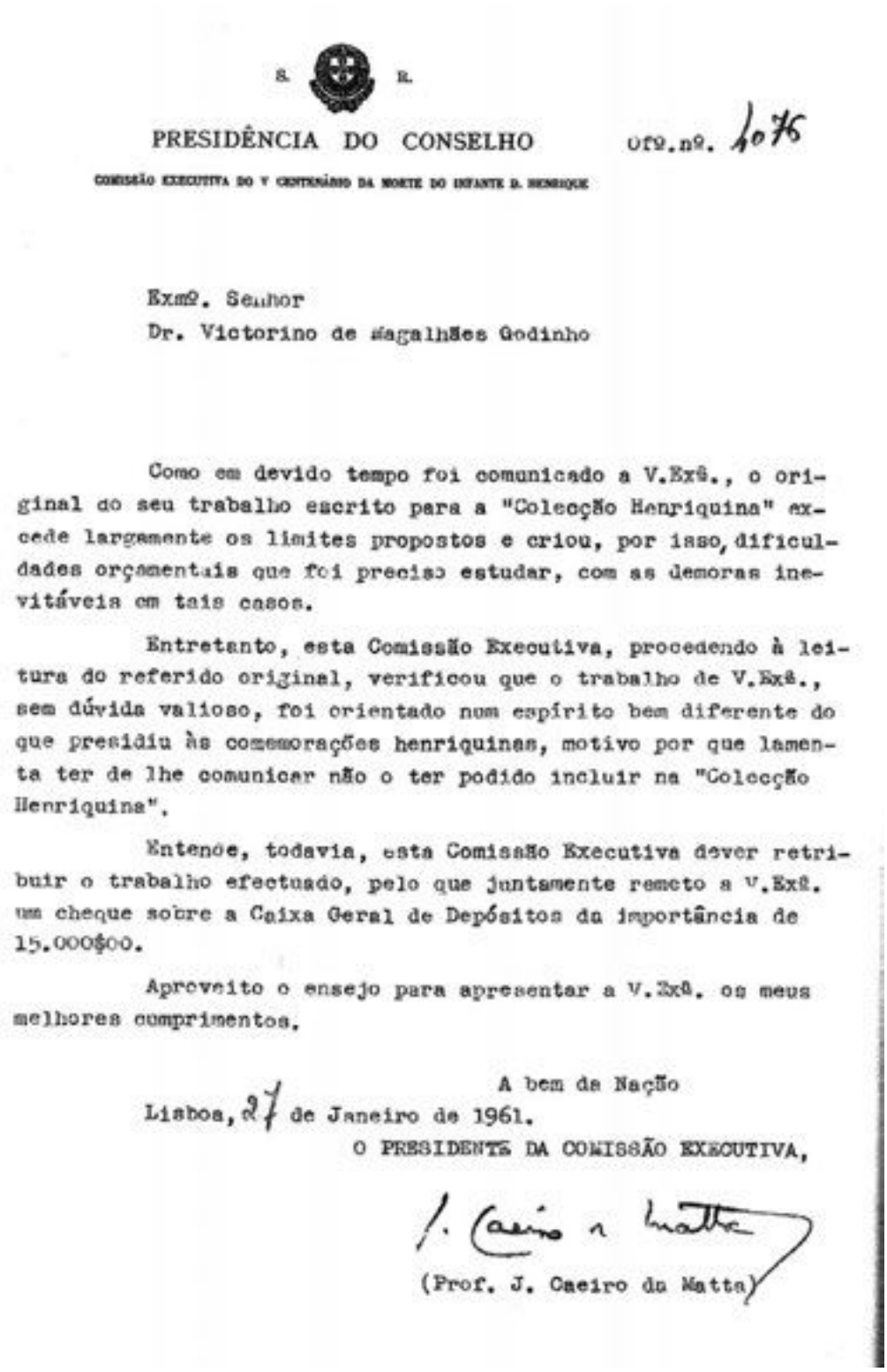
tura superior),distinção que me parece fecunda e necessária,no primeiro deveriam existir as cadeiras de História dos descobrimentos e da expansão ultramarina,Sociologia geral e,talvez,Sociologia especial.No segundo, deixando embora certa latitude para cursos variáveis,afigura-se-me que poderiam contar-se como cadeiras fixas talvez as três seguintes : História dos descobrimentos,História cultural ultramarina(religião,arte,literatura, maneiras de sentir e de pensar,...), Economia e sociologia históricas.Este quadro permanente completar-se-ia com cursos variáveis ora de Cartografia,ora de Civilizações asiáticas ou africanas ou americanas,ora de Estudos brasileiros(o Brasil deve ,aliás,estar constantemente integrado nas preocupações da secção);estes cursos variáveis seriam dados ou pelos professores titulares da secção,se competentes em tais matérias,ou por investigadoresde fôra quando necessário (por exemplo,quando houvesse curso ou série de conferências sobre Cartografia chamar-se-ia o Teixeira da Mota ou o Armando Cortesão,para as Civilizações asiáticas poderia ir umas vezes um francês,outras um inglês).Aquelas três cadeiras fixas(ou até quatro,se desdobrássemos a última em duas:Economia histórica e Sociologia histórica)abrangem os principais aspectos das actividades ultramarinas nacionais e estrangeiras(o método comparativo parece-me impôr-se),desde as materiais às espirituais,em toda a sua riqueza de aspectos.

Economia e sociologia históricas(juntas ou separadas,mas a união parece preferível : não julgue tratar-se de argumento pro domo.Trata-se,embora ideia completamente nova,do que é exigência fundamental do nosso tempo;poderíamos designar mais simplesmente :História económica e social ? Sem ser incorrecto,seria menos expressivo,indicaria um conteúdo menos rico;na verdade,por aquela designação nova pretendo indicar o estudo não apenas descritivo e cronológico(conquanto também descritivo e cronológico)das economias e sociedades que se sucederam através do tempo até os nossos dias (inclusivè),mas ainda analítico-sintético,interpretativo,como em economia política dessas economias passadas,como sociologia dessas sociedades passadas;mais :sugiro que a história é o verdadeiro método,a verdadeira base da economia e da sociologia,e isto sem menospresar o papel da observação actual,pois só aquela e não esta nos pode dar o edifício na sua arquitetura. Como estou a escrever currente calamo - ou antes,currente machina... - só agora reparo que não incluí a quarta cadeira - História política,diplomática e administrativa da expansão e colonização !Mas a omissão está reparada.

Entendida como eu a entendo,não conviria incluir já uma Economia e sociologia históricas(aplicadas evidentemente à História da expansão e colonização),em forma,é claro,mais elementar e sistemática, no próprio curso geral ? Para evitar o excesso de cadeiras por ano ou a excessiva duração do curso,talvez fôsse possível destrinçar cadeiras obrigatórias e facultativas ou permitir opções.Um ano de preparatórios daria as bases gerais de cultura e técnica :Geografia física e humana(contràriamente ao actual Estatuto não a concebo só como descritiva e informativa,mas antes base da economia ,das técnicas e com um espírito explicativo muito importante); Economia geral;Sociologia geral;Psicologia geral e colectiva; rincípios gerais de Direito;Estatística (separada da economia,pois é método universal).O primeiro ano (2º)iniciaria directamente na realidade ultramarina: Geografiaregional ultramarina; Economia ultramarina;Etnografia ultramarina;História dos descobrimentos e da expansão ultramarina.O segundo e terceiro(ou 3º e 4º)forneceriam o necessário enciclopedismo técnico(chamemos-lhe assim) : do Direito a Agricultura e problemas de industrialização das regiões tropicais e equatoriais(hoje muito importante),Finanças, Contabilidade etc;culminando na Política indígena,Educação de indígenas, Colonização...

Não veja nesta caótica exposição de pontos de vista o desejo de meter fouce em seara alheia,mas apenas a expressão de interesse por estes problemas,interesse que sei ser-nos comum,e a expressão do meu amor pelas cousas da nossa terra que sempre tenho procurado bem servir.

Creia-me sempre ao seu dispor ,com elevada consideração e estima



S. R.

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO Ofº.nº. 1076

COMISSÃO EXECUTIVA DO V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE

Exmº. Senhor
Dr. Victorino de Magalhães Godinho

Como em devido tempo foi comunicado a V.Exª., o original do seu trabalho escrito para a "Colecção Henriquina" excede largamente os limites propostos e criou, por isso, dificuldades orçamentais que foi preciso estudar, com as demoras inevitáveis em tais casos.

Entretanto, esta Comissão Executiva, procedendo à leitura do referido original, verificou que o trabalho de V.Exª., sem dúvida valioso, foi orientado num espírito bem diferente do que presidiu às comemorações henriquinas, motivo por que lamenta ter de lhe comunicar não o ter podido incluir na "Colecção Henriquina".

Entende, todavia, esta Comissão Executiva dever retribuir o trabalho efectuado, pelo que juntamente remeto a V.Exª. um cheque sobre a Caixa Geral de Depósitos da importância de 15.000$00.

Aproveito o ensejo para apresentar a V.Exª. os meus melhores cumprimentos.

A bem da Nação

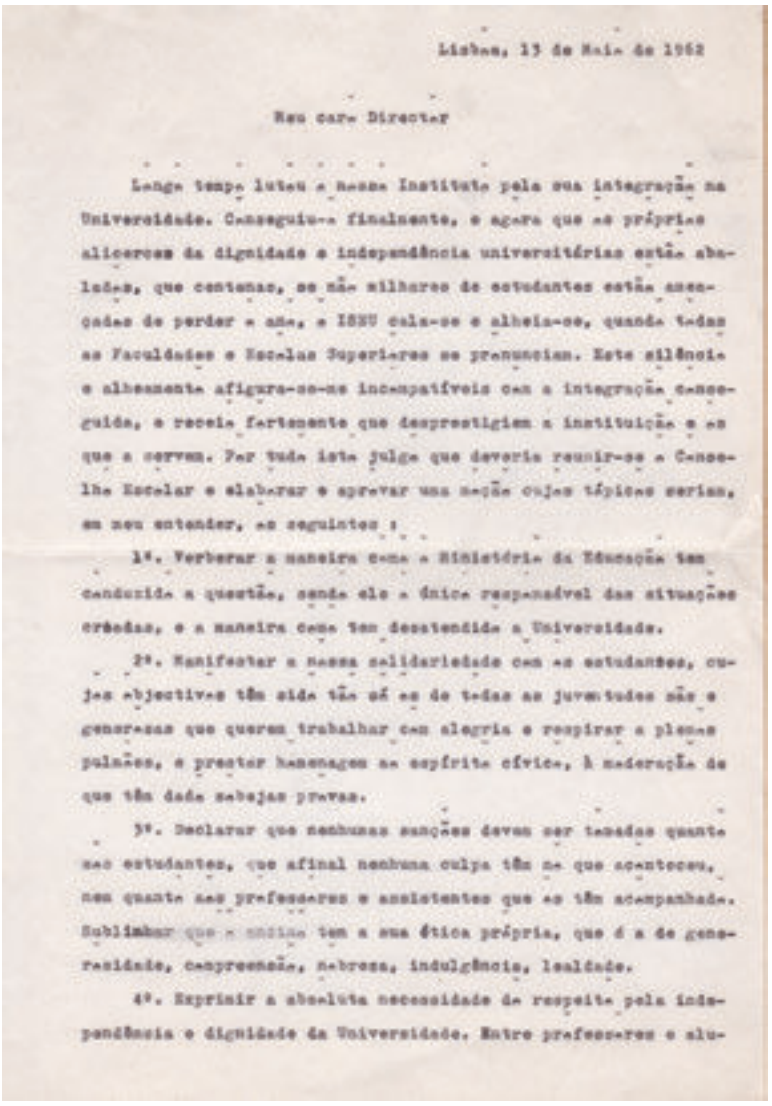
Lisboa, 27 de Janeiro de 1961.

O PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA,

J. Caeiro da Matta

(Prof. J. Caeiro da Matta)

49. Carta de J. Caeiro da Matta, Presidente da Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, recusando a *Economia dos Descobrimentos Henriquinos* de Vitorino Magalhães Godinho, 27 de Janeiro de 1961.



Lisboa, 13 de Maio de 1962

Meu caro Director

Longo tempo lutou a nossa Instituto pela sua integração na Universidade. Conseguiu-a finalmente, e agora que as próprias alicerces da dignidade e independência universitárias estão abaladas, que centenas, se não milhares de estudantes estão ameaçados de perder o ano, o ISSU cala-se e alheia-se, quando todas as Faculdades e Escolas Superiores se pronunciam. Este silêncio e alheamento afigura-se-me incompatíveis com a integração conseguida, e receio fortemente que desprestigiem a instituição e os que a servem. Por tudo isto julgo que deveria reunir-se o Conselho Escolar e elaborar e aprovar uma moção cujas típicas seriam, em meu entender, as seguintes :

1ª. Verberar a maneira como o Ministério da Educação tem conduzido a questão, sendo ele o único responsável das situações criadas, e a maneira como tem desatendido a Universidade.

2ª. Manifestar a nossa solidariedade com os estudantes, cujos objectivos têm sido têm só os de todas as juventudes são e generosas que querem trabalhar com alegria e respirar a plenos pulmões, e prestar homenagem ao espírito cívico, à moderação de que têm dado sobejas provas.

3ª. Declarar que nenhumas sanções devem ser tomadas quanto aos estudantes, que afinal nenhuma culpa têm no que aconteceu, nem quanto aos professores e assistentes que os têm acompanhado. Sublinhar que a ordem tem a sua ética própria, que é a de generosidade, compreensão, nobreza, indulgência, lealdade.

4ª. Exprimir a absoluta necessidade de respeito pela independência e dignidade da Universidade. Entre professores e alu-

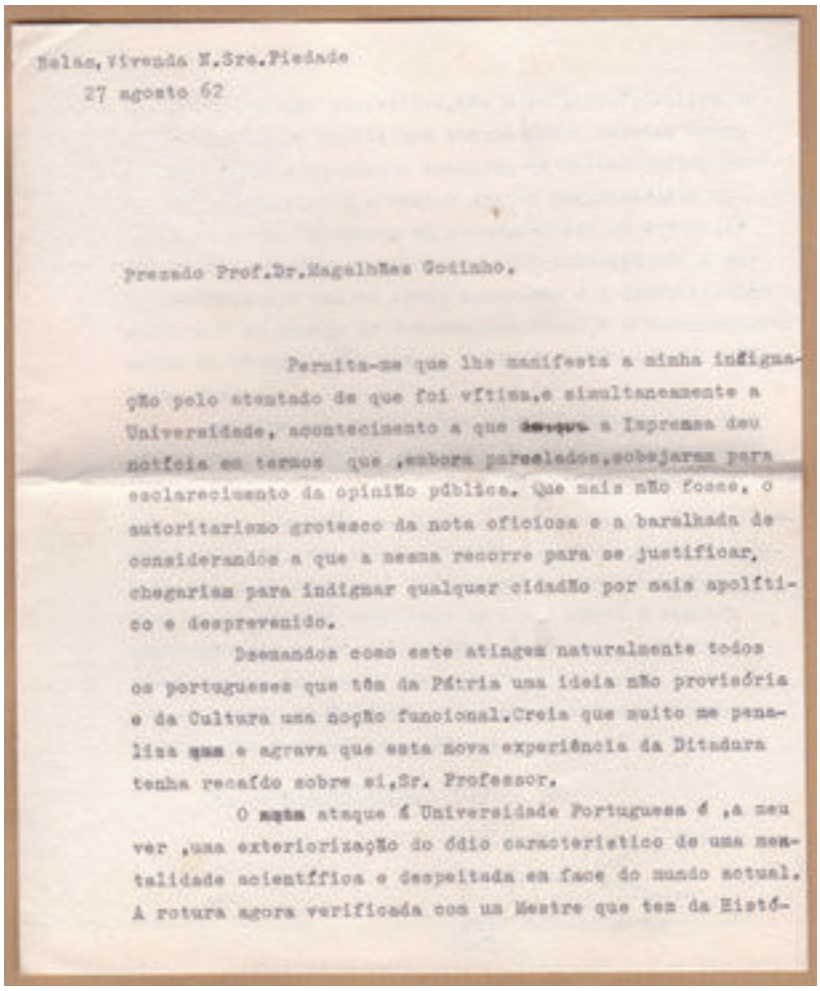
nos nenhumas outras autoridades se devem interpôr.

5ª. Aconselhar a imediata libertação dos estudantes ainda detidos, se os houver, e a reintegração das Direcções das Associações Escolares e das Pró-Associações; e soluções que permitam aos estudantes não perder o ano escolar.

Todo isto me parece sumamente razoável. Para que nenhuma outra interpretação seja dada à minha diligência, dispensar-me-ei de assistir ao Conselho, onde lhe peço para ler esta minha carta, da qual aliás desejo que em qualquer caso seja facultada leitura aos colegas catedráticos. Mais peço para me mostrarem seguidamente a moção elaborada, para que possa ter o meu acôrdo. Lembro, com efeito, que nunca o meu nome pode ser associado seja ao que fôr sem que previamente eu me pronuncie de maneira formal.

Agradecendo-lhe desde já, cumprimenta-o o seu amigo dedicado

50. Carta de Vitorino Magalhães Godinho dirigida ao Diretor do ISCSPU, 13 de Maio de 1962.



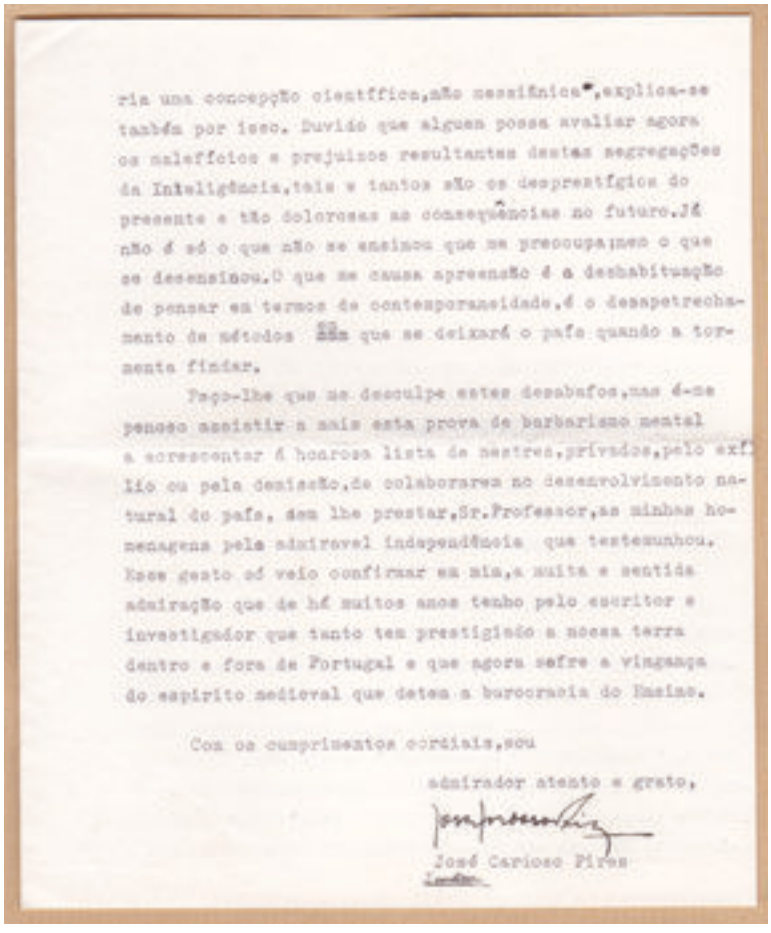
Belas, Vivenda N.Sra.Piedade
27 agosto 62

Prezado Prof.Dr.Magalhães Godinho,

Permita-me que lhe manifeste a minha indignação pelo atentado de que foi vítima,e simultaneamente a Universidade, acontecimento a que ~~aliás~~ a Imprensa deu notícia em termos que ,embora parcelados,acabaram para esclarecimento da opinião pública. Que mais não fosse, o autoritarismo grotesco da nota oficiosa e a barafunda de considerandos a que a mesma recorre para se justificar, chegariam para indignar qualquer cidadão por mais apolítico e desprevenido.

Desmandos como este atingem naturalmente todos os portugueses que têm da Pátria uma ideia não provisória e da Cultura uma noção funcional.Creia que muito me penaliza e agrava que esta nova experiência da Ditadura tenha recaído sobre si,Sr. Professor.

O ~~este~~ ataque à Universidade Portuguesa é ,a meu ver ,uma exteriorização do ódio característico de uma mentalidade acientífica e despeitada em face do mundo actual. A rotura agora verificada com um Mestre que tem da Histó-



ria uma concepção científica,não messiânica,explica-se também por isso. Duvido que alguem possa avaliar agora os malefícios e prejuízos resultantes destas segregações da Inteligência,tais e tantos são os desprestígios do presente e tão dolorosas as consequências no futuro.Já não é só o que não se ensinou que me preocupa;mas o que se desensinou.O que me causa apreensão é a deshabituação de pensar em termos de contemporaneidade,é o desapetrechamento de métodos ~~sem~~ que se deixará o país quando a tormenta findar.

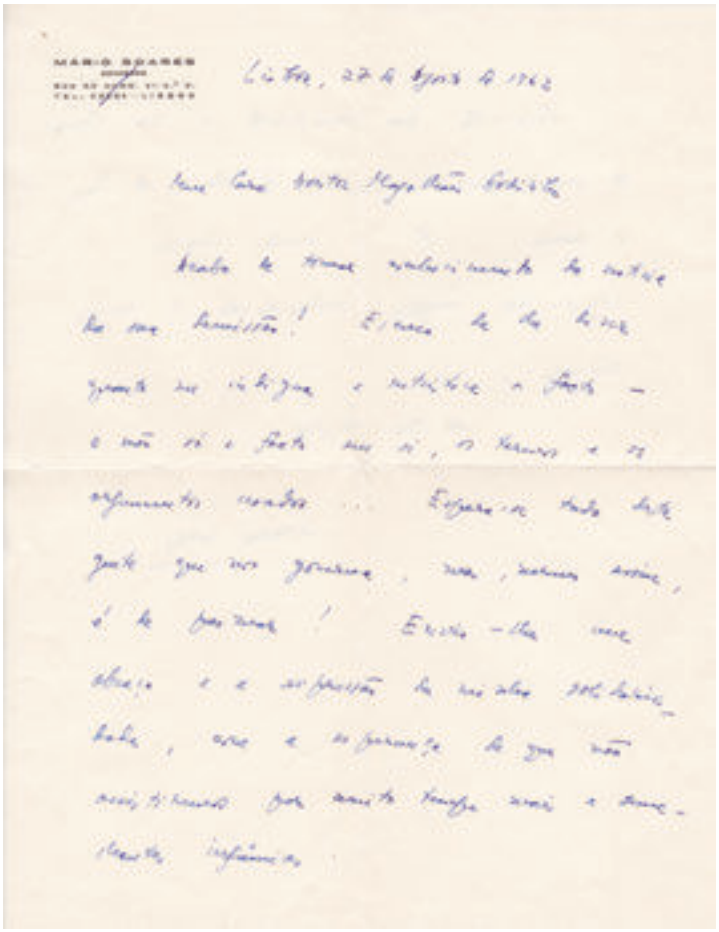
Peço-lhe que me desculpe estes desabafos,mas é-me penoso assistir a mais esta prova de barbarismo mental a acrescentar à honrosa lista de mestres,privados,pelo exílio ou pela demissão,de colaborarem no desenvolvimento natural do país, sem lhe prestar,Sr.Professor,as minhas homenagens pela admirável independência que testemunhou. Esse gesto só veio confirmar em mim,a muita e sentida admiração que de há muitos anos tenho pelo escritor e investigador que tanto tem prestigiado a nossa terra dentro e fora de Portugal e que agora sofre a vingança do espírito medieval que detem a burocracia do Ensino.

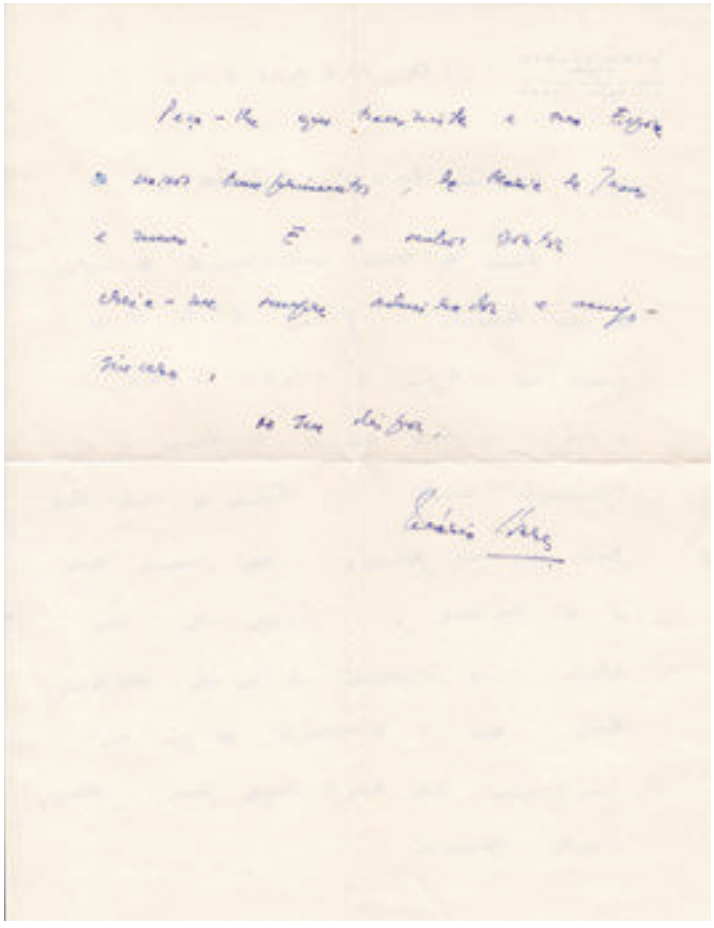
Com os cumprimentos cordiais,sou

admirador atento e grato,

José Carlos Pires

51. Carta de solidariedade de José Cardoso Pires a Vitorino Magalhães Godinho, na sequência da sua demissão, 27 de Agosto de 1962.





52. Carta de Mário Soares a Vitorino Magalhães Godinho, 27 de Agosto de 1962.

NÚCLEO 6

Ministro da Educação.

Vitorino Magalhães Godinho estava a viver em França quando se deu o 25 de Abril. Apesar de fortemente pressionado para regressar a Portugal, acabou o ano lectivo em Clermont-Ferrand e veio de férias em Julho como habitualmente. No Natal, tinha deixado para publicação "um livrito com um plano de conjunto de reforma da educação" e antes de Junho, enviara uns artigos para o Jornal República. Por problemas editoriais, o livro – "Um rumo para a Educação"- sai logo após o 25 de Abril. A chegada de Vitorino Magalhães Godinho a Lisboa, coincide com a demissão do primeiro governo provisório. Daí o convite para Ministro da Educação e Cultura, cargo que ocupará de Julho a 29 de Novembro de 1974. Demitiu-se porque o Governo não tinha autoridade para levar a cabo a política que se impunha seguir. VMG definiu do seguinte modo a sua actuação durante esses meses (Currículo Abreviado que forneceu para a página do MEC):

«A brusca descompressão na sociedade portuguesa com o 25 de Abril, a falta de formação política da maioria, o legado da mentalidade totalitária, a actuação de núcleos extremistas lançaram o caos total no sistema educacional e cultural. O Ministério, invadido e ocupado por turbamulta a impedir o seu funcionamento – e chegou-se a sequestrar o ministro Eduardo Correia; nas escolas alunos ou estudantes, e até uns tantos professores, todo o tempo em assembleias e reuniões a multiplicar tropelias, e minorias a manipularem a massa dos amorfos, atemorizando-os, os exames "abolidos", os docentes sem ousarem enfrentar esses grupos que se consideravam o poder; confrontos constantes; cada escola ou instituto a proclamar-se autónomo, rejeitanto tudo quanto emanasse do Ministério (a não ser o dinheiro); todos a bramarem que queriam tudo, já! Ordenámos a evacuação de todos os elementos estranhos, para poder tomar conta do Ministério – e nunca mais houve intrusões.

Pela televisão comuniquei ao País o que iria ser a minha acção governativa, e apresentei em Conselho o programa de governação (era o primeiro ministro a fazê-lo) – foi aprovado por unanimidade. Tratava-se de impor a legalidade democrática a todo o sistema. Para isso, comecei por substituir os quadros superiores, por deixarem de merecer a confiança política dada a mudança de regime (fim do Estado ditatorial). Por outro lado, o Ministério não mais aceitou os "saneamentos selvagens", e foi creada uma Comissão de professores considerados isentos, com apoio jurídico, a fim de apreciar certos procedimentos considerados coniventes com a anterior política repressiva e atentatória dos direitos fundamentais (o que serviu de modelo para outros ministérios). O Ministério deixou de reconhecer as "deliberações" das assembleias convocadas e funcionando ilegal e atrabiliàriamente. Foi elaborado e aprovado um decreto que estabelecia a forma de gestão dos estabelecimentos de ensino superior, de molde a estabelecer a autoridade do professorado, mas com participação estudantil e do pessoal administrativo. Recebera o Ministério com um déficite de centenas de milhares de contos; conseguiu-se reduzir para metade, e depois para um quarto.

O secretário de Estado do Governo precedente, Prof. Orlando de Carvalho, instituira uma Comissão, presidida por Mário Dionísio, com a finalidade de expurgar os programas de conteúdos ideológicos fascizantes e de aberrantes infiltrações anti-científicas, e além disso de os modernizar, por inaceitàvelmente obsoletos. Demos todo o apoio a essa Comissão, que

graças ao trabalho colectivo e ao seu presidente levou a cabo tal missão e depois elaborou e fez distribuir os textos de apoio.

A fúria de creação de universidades na era marcelista não deixara mais do que umas quantas Comissões instaladoras, nem sempre bem escolhidas, e sem linhas de rumo, sem objectivos bem definidos de acôrdo com as exigências nacionais. Reunimos com essas Comissões, estudou-se cuidadosamente o que era possível e desejável construir. E traçaram-se essas linhas de rumo que faltavam, tendo em conta outras prioridades que não tinham sido encaradas. Assim, creou-se a Escola Superior de Estomatologia (Lisboa), o Instituto Politécnico da Covilhã (ligado ao têxtil); deu-se luz verde para avançar em Aveiro com as telecomunicações e electrónica, depois a química e cerâmica; legalizou-se a existência da Faculdade de Ciências Médicas (Lisboa), atribuiram-se-lhe verbas, a Comissão instaladora elaborou os planos de estudos, que foram aprovados. Corino de Andrade e o Prof. Nuno Grande propuseram a creação de um Instituto Abel Salazar de Ciências Biomédicas, no Porto, o que foi aceite, fixado um prazo para apresentação dos planos, e por fim aprovado. Considerou-se que era de avançar com a Universidade Nova de Lisboa, e preparou-se a abertura de alguns cursos já no ano lectivo próximo; mas faltava todo o planeamento de conjunto e escolha de pessoal docente, em particular na área das Ciências Humanas e Sociais (o que só pôde fazer-se quando, deixado o Ministério, entrámos para professor da UNL).

Era imperativo recuperar para Portugal os que, exilados ou emigrados, lá fora tinham adquirido qualificações, sobretudo em domínios em que nada havia entre nós. Mas não estavam estabelecidas as regras de equivalência de diplomas (salvo para Oxford); entendíamos, aliás, que tratando-se em muitos casos de áreas novas, o que tinha de conceder-se não era a equivalência (a quê?), mas sim o valor no âmbito nacional dos diplomas estrangeiros, devidamente joeirados. Assim se fez.

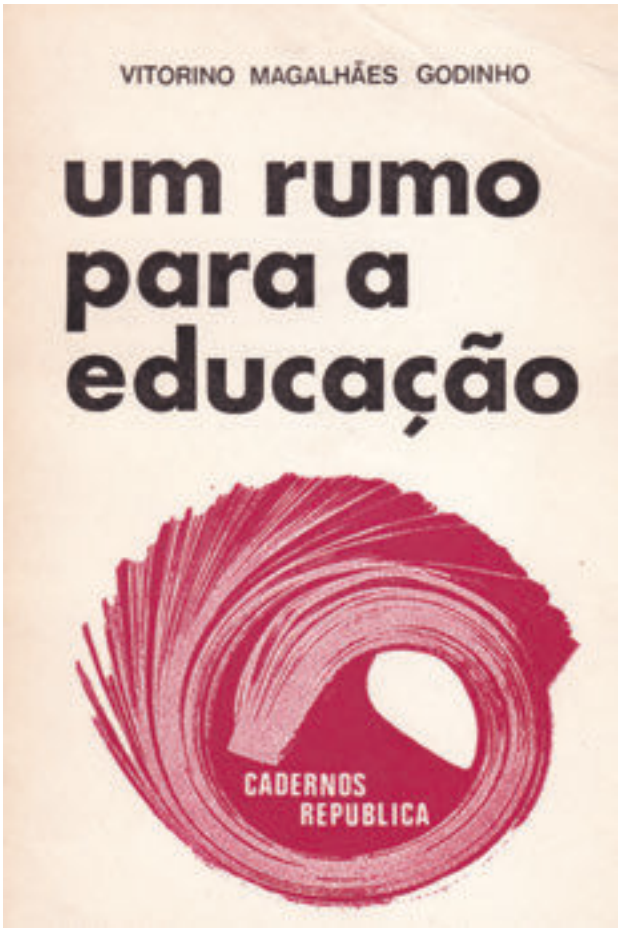
O Instituto para a Alta Cultura juxtapunha duas funções diferentes: a de Instituto de Investigação Científica e a de órgão do ensino de Português no estrangeiro. Preparou-se a necessária separação. Um organismo monstruoso, de múltiplas e heterogéneas funções, ocupava como polvo o Ministério – a Junta Nacional de Educação, para mais prateleira de antigos quadros superiores. Tratou-se de a extinguir, instituindo-se para cada função um instituto próprio, ou distribuindo funções por outros institutos já existentes. Assim se tratou da creação de um Instituto do Património, e a parte de investigação passou para o INIC e a JNICT; estudou-se a possível fusão, pelo menos parcial, destes dois, encarando-se a passagem do segundo a organismo de cúpula a coordenar toda a investigação científica dos vários ministérios e instituições. A Junta do Ultramar deveria, em nosso entender, integrar-se neste todo; mas interesses instalados malograram este projecto.

Portugal fôra excluido da UNESCO. Era de suma importância que participasse nos grandes organismos internacionais. Constituimos uma Comissão de professores e investigadores de diferentes áreas (Ciências exactas, Ciências Sociais, Património, Educação, etc.) que foi tomar parte na 18ª Sessão Geral (Outubro-Novembro), e nós próprio fomos à Assembleia Geral e estabelecemos relações amistosas com o antigo e o actual Director geral e restantes directores. O nosso discurso nessa sessão, em francês, foi unânimemente aplaudido; o Grupo europeu dos Nove apresentou uma moção de calorosas felicitações pelo reingresso de Portugal (lida pelo delegado da França): foi aprovada só com um voto contra e uma abstenção.

Recebemos os delegados do Banco Mundial e do FMI que fizeram uma ronda pelos Ministérios para avaliar a situação financeira e as políticas propostas; expusemos-lhes o nosso programa e o que estávamos a realizar, bem como as nossas necessidades e deficiências, o que por esses delegados foi aprovado com louvor.

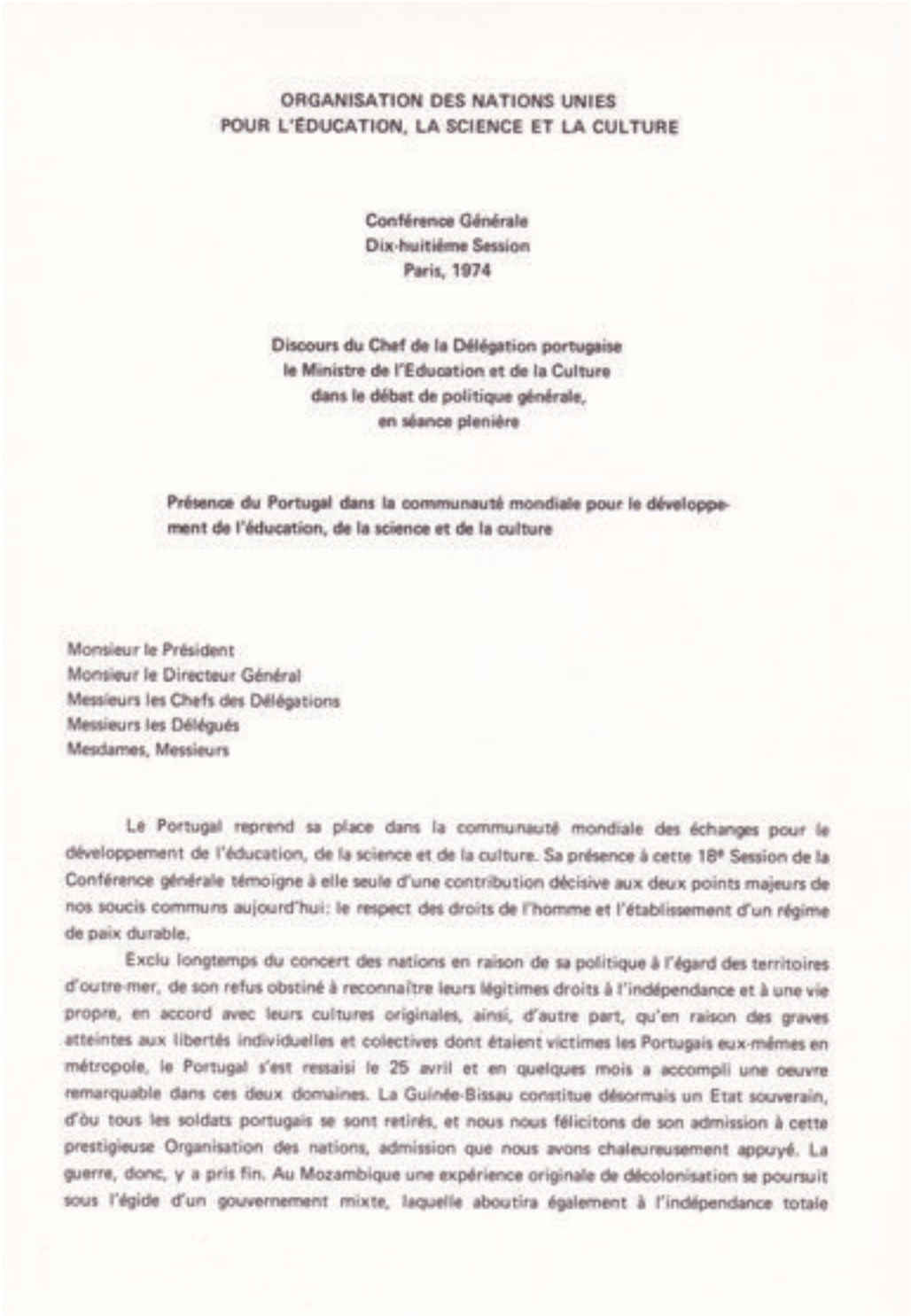
Entendemos dever demitir-nos em 29 Novembro 1974, porque o Governo não tinha autoridade para levar a cabo a política que se impunha seguir. Depois, como é sabido, retrocedeu-se, e voltaram meses caóticos.»

Vitorino Magalhães Godinho,
Curriculum vitae (abreviado) Acção ministerial (MEC).



53. *Um Rumo para a Educação*, 1974.

54. *A Educação num Portugal em mudança,* 1975.



ORGANISATION DES NATIONS UNIES
POUR L'ÉDUCATION, LA SCIENCE ET LA CULTURE

Conférence Générale
Dix-huitième Session
Paris, 1974

Discours du Chef de la Délégation portugaise
le Ministre de l'Education et de la Culture
dans le débat de politique générale,
en séance plenière

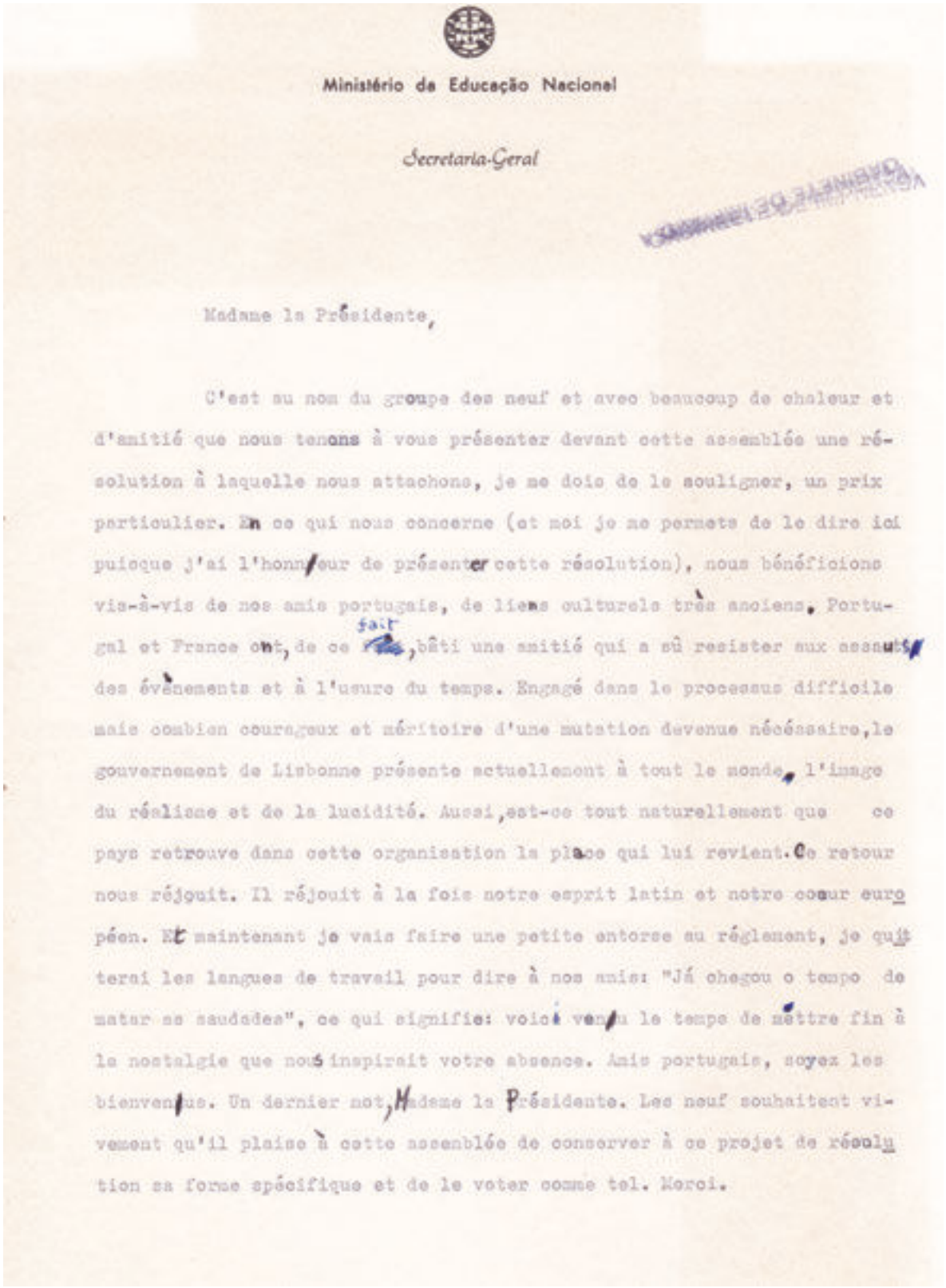
Présence du Portugal dans la communauté mondiale pour le développement de l'éducation, de la science et de la culture

Monsieur le Président
Monsieur le Directeur Général
Messieurs les Chefs des Délégations
Messieurs les Délégués
Mesdames, Messieurs

Le Portugal reprend sa place dans la communauté mondiale des échanges pour le développement de l'éducation, de la science et de la culture. Sa présence à cette 18ª Session de la Conférence générale témoigne à elle seule d'une contribution décisive aux deux points majeurs de nos soucis communs aujourd'hui: le respect des droits de l'homme et l'établissement d'un régime de paix durable.

Exclu longtemps du concert des nations en raison de sa politique à l'égard des territoires d'outre-mer, de son refus obstiné à reconnaître leurs légitimes droits à l'indépendance et à une vie propre, en accord avec leurs cultures originales, ainsi, d'autre part, qu'en raison des graves atteintes aux libertés individuelles et colectives dont étaient victimes les Portugais eux-mêmes en métropole, le Portugal s'est ressaisi le 25 avril et en quelques mois a accompli une oeuvre remarquable dans ces deux domaines. La Guinée-Bissau constitue désormais un Etat souverain, d'où tous les soldats portugais se sont retirés, et nous nous félicitons de son admission à cette prestigieuse Organisation des nations, admission que nous avons chaleureusement appuyé. La guerre, donc, y a pris fin. Au Mozambique une expérience originale de décolonisation se poursuit sous l'égide d'un gouvernement mixte, laquelle aboutira également à l'indépendance totale

55. Primeira página do discurso em sessão plenária na reintegração de Portugal na UNESCO, 1974.



Ministério da Educação Nacional

Secretaria-Geral

Madame la Présidente,

C'est au nom du groupe des neuf et avec beaucoup de chaleur et d'amitié que nous tenons à vous présenter devant cette assemblée une résolution à laquelle nous attachons, je me dois de le souligner, un prix particulier. En ce qui nous concerne (et moi je me permets de le dire ici puisque j'ai l'honneur de présenter cette résolution), nous bénéficions vis-à-vis de nos amis portugais, de liens culturels très anciens. Portugal et France ont, de ce fait, bâti une amitié qui a pû resister aux assauts des événements et à l'usure du temps. Engagé dans le processus difficile mais combien courageux et méritoire d'une mutation devenue nécéssaire, le gouvernement de Lisbonne présente actuellement à tout le monde, l'image du réalisme et de la lucidité. Aussi, est-ce tout naturellement que ce pays retrouve dans cette organisation la place qui lui revient. Ce retour nous réjouit. Il réjouit à la fois notre esprit latin et notre coeur européen. Et maintenant je vais faire une petite entorse au réglement, je quitterai les langues de travail pour dire à nos amis: "Já chegou o tempo de matar as saudades", ce qui signifie: voici venu le temps de mettre fin à la nostalgie que nous inspirait votre absence. Amis portugais, soyez les bienvenus. Un dernier mot, Madame la Présidente. Les neuf souhaitent vivement qu'il plaise à cette assemblée de conserver à ce projet de résolution sa forme spécifique et de le voter comme tel. Merci.

56. Moção proposta pelo Grupo dos Nove Países da Comunidade Europeia, 1974.

PORTUGAL INTEGRA-SE NA CULTURA EUROPEIA

AO embarcar para Paris, como chefe da delegação portuguesa à conferência da U. N. E. S. C. O., o prof. Vitorino Magalhães Godinho afirmou aos jornalistas que «Portugal não deve limitar-se a beneficiar de intercâmbio cultural, científico e educacional, mas competir-lhe também contribuir para ele».

O ministro da Educação e Cultura exaltou também o significado da presença portuguesa naquela organização, sobretudo no que ela significa de rompimento do isolamento internacional a que estávamos votados antes do 25 de Abril. Tal situação, alimentada tantas vezes por «slogans» com que nos apresentávamos como «os únicos portadores da civilização no mundo ocidental», tomou caminho diferente, apontado pelo prof. Magalhães Godinho que, no momento da partida, falou da «contribuição da nossa cultura à cultura universal», limitada pelo «respeito da originalidade de cada povo».

A 18.ª Conferência da U. N. E. S. C. O. abordará os temas: «O respeito pelos direitos do Homem e o estabelecimento de um regime de paz»; «O progresso do conhecimento, o intercâmbio de informação e a comunicação entre as pessoas e entre os povos»; «O desenvolvimento do Homem e da sociedade»; e «O equilíbrio e a harmonia do Homem e da Natureza».

Entretanto, a fim de manter a ligação com a delegação portuguesa e prestar-lhe o apoio necessário, foi criado um secretariado que funcionará em estreita ligação com os Ministérios dos Negócios Estrangeiros, da Comunicação Social e da Educação e Cultura.

Vitorino Magalhães Godinho: «Não colher apenas frutos, mas igualmente dar»

57. "Portugal integra-se na cultura europeia": declarações de Vitorino Magalhães Godinho ao jornal *A Capital*, 21 de Outubro de 1974.

GOZAMOS DE UM CAPITAL DE SIMPATIA QUE NÃO DEVEMOS DELAPIDAR

MAGALHÃES GODINHO

—GOZAMOS neste momento de um capital de simpatia que não devemos delapidar. Além disso, estamos numa posição moral de independência em relação a muitos dos conflitos que atormentam o Mundo e essa posição moral de independência permite-nos efectivamente exercer uma influência considerável e fazer com que as nossas palavras sejam escutadas na assembleia geral da UNESCO — disse o ministro da Educação e Cultura, prof. Vitorino Magalhães Godinho no seu regresso de Paris, onde participou na sessão de encerramento daquela reunião internacional.

Referindo-se à moção do Grupo dos Nove, apresentada e votada a favor de Portugal de forma quase unânime, o prof. Magalhães Godinho acentuou ainda:

—Face à actuação da nossa delegação que tem estado em Paris, pode dizer-se que os resultados são extremamente favoráveis e que Portugal poderá, já para o ano, participar em pleno em todos os programas desta organização internacional para o desenvolvimento da educação, da cultura e da ciência.

E acrescentou:

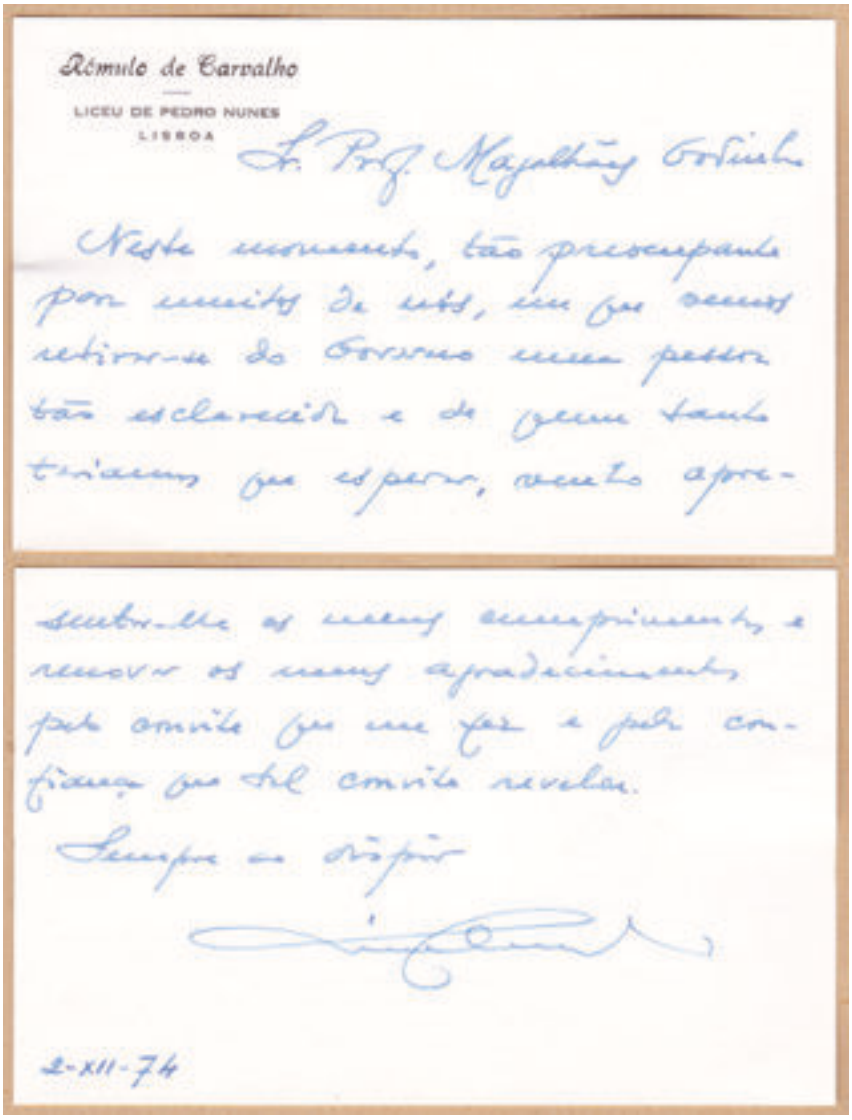
—Isso, julgo, é um resultado extremamente importante.

Portugal incluído no Grupo Regional Europeu

Antes da votação da moção, felicitando o regresso de Portugal à U. N. E. S. C. O., o seu esforço de democratização, a política de descolonização que está a realizar e as perspectivas fruíveis de colaboração que doravante se abrem ao nosso País, no âmbito das actividades da organização, o ministro Magalhães Godinho, usando da palavra, focou a tarefa e a obra da U.N.E.S.C.O. em favor de uma melhor compreensão humana baseada na difusão do conhecimento e da cultura e à qual o Portugal de hoje entende associar-se o mais estreitamente possível.

Entretanto, a nossa País foi admitido no Grupo Regional Europeu, um dos motores grupos de trabalho da U. N. E. S. C. O.

58. "Gozamos de um capital de simpatia que não devemos delapidar": declarações de Vitorino Magalhães Godinho ao jornal *A Capital*, de 18 de Novembro de 1974.



Rómulo de Carvalho

LICEU DE PEDRO NUNES
LISBOA

Ex.mo Prof. Magalhães Godinho

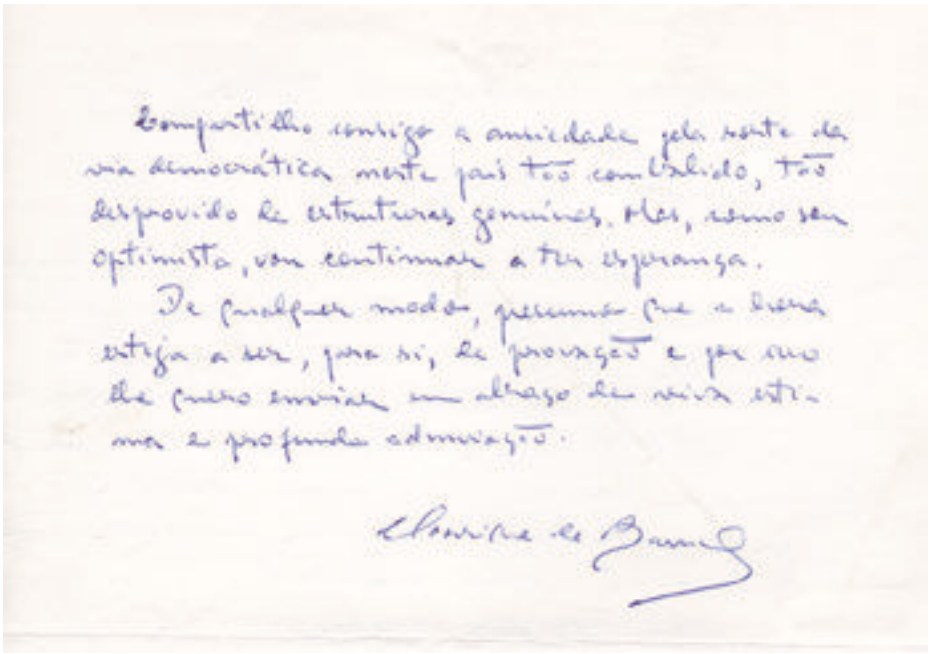
Neste momento, tão preocupante por muitos de nós, em que ouvimos retirar-se do Governo uma pessoa tão esclarecida e de quem tanto tínhamos que esperar, queria apre-

sentar-lhe os meus cumprimentos e renovar os meus agradecimentos pela amizade que me fez e pela confiança que lhe comigo revelou.

Sempre ao dispor

2-XII-74

59. Mensagem de de Rómulo de Carvalho dirigida a Vitorino Magalhães Godinho, 2 de Dezembro de 1974.



Compartilho contigo a amizade pela sorte de uma democrática mente país tão conturbado, tão desprovido de estruturas genuínas. Mas, sempre optimista, vou continuar a ter esperança.

De qualquer modo, presumo que a Liberdade exija a ser, para si, de provação e por isso lhe quero enviar um abraço de muita estima e profunda admiração.

Henrique de Barros

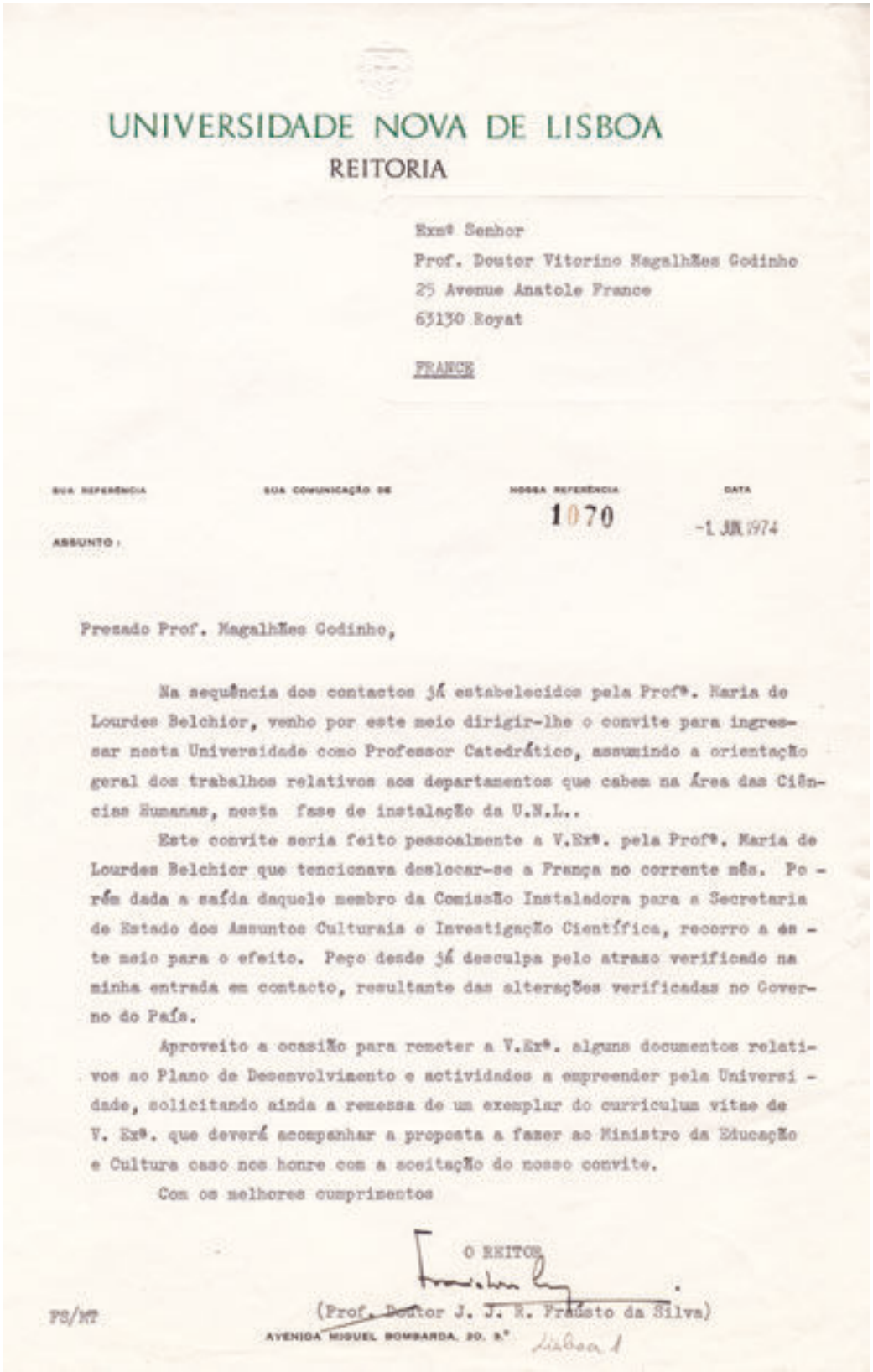
60. Mensagem de Henrique de Barros dirigida a Vitorino Magalhães Godinho, sem data.

NÚCLEO 7

Universidade Nova de Lisboa e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Em 1974, ainda antes de regressar a Portugal, Vitorino Magalhães Godinho já tinha sido contactado para integrar o projecto da Universidade Nova (por Maria de Lurdes Belchior e pelo Reitor Fraústo da Silva). Em 1975, entrou para a Universidade Nova na esperança de construir "algo de diferente: uma grande área de Ciências Humanas e Sociais, com a Geografia Humana, designadamente o nível do estudo do espaço, a Demografia, a Economia, a Sociologia, a Antropologia Social e Cultural, a Linguística, a História, a Filosofia, a Psicologia, mas numa via interdisciplinar". O seu sonho era criar uma Escola parecida com a Ecole Pratique des Hautes Etudes de Paris. Mas não conseguiu levar o seu projecto avante e o que se criou foi uma nova Faculdade idêntica às existentes.

Conseguiu apesar de tudo que o seu Departamento de Sociologia fosse pluridisciplinar. Tinha nessa altura a Sociologia, a Antropologia Social e Cultural, a Comunicação e uma parte da História. "Depois cada qual quis ter o seu próprio departamento." O Departamento de Sociologia manteve-se à parte, conservando sociólogos, antropólogos, geógrafos, economistas, historiadores, demógrafos. Entusiasmado pelo projecto que sempre idealizara, afirmaria mais tarde que "É ali que se faz a melhor História em Portugal"(1988). "Consegui reunir um grupo excepcional de jovens que naturalmente marcaram a cultura portuguesa e a nossa historiografia. Estou falando, entre outros, de Joaquim Romero Magalhães, David Justino e Francisco Bethencourt. Foi uma experiência extremamente gratificante pelo que se conseguiu fazer, mas decepcionante pela incompreensão por parte do meio académico." A estes discípulos juntaram-se Margarida Marques, Rui Santos, Pedro Tavares de Almeida, Jorge Pedreira, Diogo Ramada Curto, Maria Eugénia Mata, Nuno Valério, Jorge Crespo, Aurélio de Oliveira, João Marinho dos Santos, entre muitos outros.



UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

REITORIA

Exmº Senhor
Prof. Doutor Vitorino Magalhães Godinho
25 Avenue Anatole France
63130 Royat

FRANCE

SUA REFERÊNCIA | SUA COMUNICAÇÃO DE | NOSSA REFERÊNCIA | DATA
1070 | -1 JUN 1974

ASSUNTO:

Prezado Prof. Magalhães Godinho,

Na sequência dos contactos já estabelecidos pela Profª. Maria de Lourdes Belchior, venho por este meio dirigir-lhe o convite para ingressar nesta Universidade como Professor Catedrático, assumindo a orientação geral dos trabalhos relativos aos departamentos que cabem na Área das Ciências Humanas, nesta fase de instalação da U.N.L..

Este convite seria feito pessoalmente a V.Exª. pela Profª. Maria de Lourdes Belchior que tencionava deslocar-se a França no corrente mês. Porém dada a saída daquele membro da Comissão Instaladora para a Secretaria de Estado dos Assuntos Culturais e Investigação Científica, recorro a este meio para o efeito. Peço desde já desculpa pelo atraso verificado na minha entrada em contacto, resultante das alterações verificadas no Governo do País.

Aproveito a ocasião para remeter a V.Exª. alguns documentos relativos ao Plano de Desenvolvimento e actividades a empreender pela Universidade, solicitando ainda a remessa de um exemplar do curriculum vitae de V. Exª. que deverá acompanhar a proposta a fazer ao Ministro da Educação e Cultura caso nos honre com a aceitação do nosso convite.

Com os melhores cumprimentos

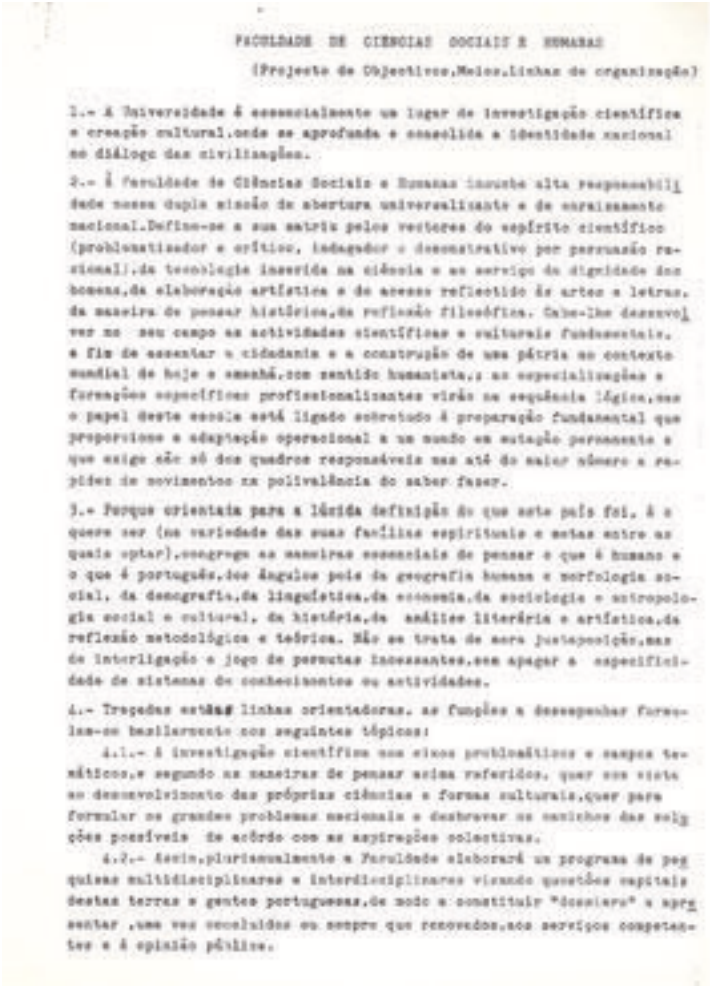
O REITOR

(Prof. Doutor J. J. R. Fraústo da Silva)

PS/MT

AVENIDA MIGUEL BOMBARDA, 20, 5.º Lisboa 1

61. Convite formal do Reitor Fraústo da Silva para Vitorino Magalhães Godinho integrar a Universidade Nova de Lisboa, 1 de Junho de 1974.



FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

(Projecto de Objectivos, Meios, Linhas de organização)

1.- A Universidade é essencialmente um lugar de investigação científica e criação cultural, onde se aprofunda e consolida a identidade nacional no diálogo das civilizações.

2.- A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas incumbe alta responsabilidade nesse duplo sinal de abertura universalizante e de enraizamento nacional. Define-se a sua matriz pelos vectores do espírito científico (problematizador e crítico, indagador e demonstrativo por persuasão racional), da tecnologia inserida na ciência e ao serviço da dignidade dos homens, da elaboração artística e do acesso reflectido às artes e letras, da maneira de pensar histórico, da reflexão filosófica. Cabe-lhe desenvolver no seu campo as actividades científicas e culturais fundamentais, a fim de assentar a cidadania e a construção de uma pátria no contexto mundial de hoje e amanhã, com sentido humanista.; as especializações e formações específicas profissionalizantes virão na sequência lógica, mas o papel desta escola está ligado sobretudo à preparação fundamental que proporcione a adaptação operacional a um mundo em mutação permanente e que exige não só dos quadros responsáveis mas até do maior número a rapidez de movimentos na polivalência do saber fazer.

3.- Porque orientada para a lúcida definição do que este país foi, é e quere ser (na variedade das suas facilias espirituais e metas entre as quais optar), congrega as maneiras essenciais de pensar o que é humano e o que é português, dos ângulos pois da geografia humana e morfologia social, da demografia, da linguística, da economia, da sociologia e antropologia social e cultural, da história, da análise literária e artística, da reflexão metodológica e teórica. Não se trata de mera justaposição, mas de interligação e jogo de permutas interessantes, sem apagar a especificidade de sistemas de conhecimentos ou actividades.

4.- Traçadas estas linhas orientadoras, as funções a desempenhar formulam-se basilarmente nos seguintes tópicos:

4.1.- A investigação científica com eixos problemáticos e campos temáticos, e segundo as maneiras de pensar acima referidos, quer com vista ao desenvolvimento das próprias ciências e formas culturais, quer para formular os grandes problemas nacionais e desbravar os caminhos das soluções possíveis de acôrdo com as aspirações colectivas.

4.2.- Assim, pluridisciplinarmente a Faculdade elaborará um programa de pesquisas multidisciplinares e interdisciplinares visando questões capitais destas terras e gentes portuguesas, de modo a constituir "dossiers" a apresentar, uma vez concluídos ou sempre que renovados, aos serviços competentes e à opinião pública.

62. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, projecto de objectivos, meios e linhas de organização.

4.3.- A criação cultural nas suas várias modalidades, na medida em que se integram na matriz definida em 2., e de maneira a abranger os vários níveis, desde o local e o regional ao nacional e ao universal.

4.4.- A preparação de formas e quadros de intervenção nos vários escalões, no respeito da pluralidade, com isenção política mas em obediência às grandes finalidades culturais, isto é, do desenvolvimento da pessoa humana e das colectividades.

5.- Em relação aos tópicos apontados, convém proclamar e desenvolver:

5.1.- Detectar as opções essenciais do nosso tempo e tentar definir as finalidades supremas nacionais e mundiais, preparando ou colaborando na preparação de projectos globais que harmonizem a fidelidade ao legado recebido, ao que tem de vivi e vivificador, com o imperativo de transformação no rumo da civilização da dignidade.

5.2.- Planeamento global, caminhando no sentido do planeamento integrado, desde logo no próprio campo estrito da ecologia (que não pode esquecer como exigências as relações sociais, a mentalidade, etc).

5.3.- Planeamento e organização regional.

5.4.- Organização e programação das actividades locais.

5.5.- Planeamento e organização dos macro-sectores de actividades públicas e privadas (sistema de saúde, sistema educacional, património nacional, turismo, emprego e desemprego, etc).

5.6.- Políticas e formas de intervenção quanto ao legado cultural quer no âmbito nacional, quer no internacional, ou nos níveis regional e local, com inserção no movimento universalizante das civilizações.

5.7.- Ensinamento, colaboração com agrónomos, economistas e geógrafos na preservação da paisagem rural, quanto a valores fundamentais; orientar a indispensável modernização técnica e de produtividade, mudança de culturas ou sua inserção sem colidir com os traços ambientais de conjunto.

5.8.- Do mesmo modo, colaborar com urbanistas e arquitectos no arranjo das paisagens urbanas de modo a defender as obras ou complexos culturais significativos e a preservar os valores salais que vale a pena manter. 5.9.- Apoio às comunidades da emigração portuguesa, contribuição para assegurar a presença portuguesa noutros países; inter-acção, de modo a receber os contributos de outras civilizações e culturas.

5.10.- Preparação dos quadros de intervenção e acção cultural, económica, social e outras, necessárias à transformação presente da sociedade portuguesa e seu regular funcionamento como sociedade moderna. Incluímos aqui a formação de quadros destinados às empresas e às instituições e organismos cívicos.

6.- A Faculdade não deve ter como missão única, nem sequer principal, a formação de docentes, a base da função docente é a sólida formação científica, igual ou equivalente à das outras profissões e carreiras. Tendo-

da a licenciatura,o leque das opções profissionais deve manter-se inteiramente aberto.O professorado não pode estar ,por uma formação em vasefechado,cortado das restantes actividades sociais,públicas e privadas. É de incentivar a circulação de docentes entre os diferentes graus de ensino,e também entre o ensino e demais sectores da vida nacional,numa colaboração constante.

6.1.- Deve a Faculdade contribuir para repensar permanentemente os diferentes graus e modalidades de ensino,e o sistema educacional na sua globalidade;cabe-lhe em especial marcar o novo lugar que nele deve ocupar as ciências sociais e humanas,a criação literária e artística,a cultura humanística(cuidada pela atitude científica).

6.2.- Para a formação profissional de professores(pós-licenciatura) a Faculdade proporcionará ensinos de Sociologia da Educação,História das idéias Pedagógicas e instituições educacionais.Organização do sistema educacional,etc.

7.- Na formação de quadros prevista em 5.10. incluem-se os que se destinam a cursos,bibliotecas,arquivos,filmotecas e organismos ligados ao legado cultural. Deve articular-se uma colaboração permanente com o Museu Nacional de Arte,o Arquivo Nacional,a Biblioteca Nacional ,o Instituto do Património (sítios,complexos e coisas culturais) - - vértices desse Fundo que as gerações nos legaram para viver o presente e edificar o futuro,nichos privilegiados da memória da nação.

8.- Para pós-licenciatura,devem prever-se e organizar-se especializações em áreas vocacionais(como Instituições culturais; Sistemas organizacionais; Gestão de empresas;Gestão de recursos,etc).2.- Mestrados de preparação voltada essencialmente para a investigação. 3.- Doutoramentos (de preferência livres)para desenvolvimentos de maneiras de pensar o de temas com larga projecção nos meios universitários e do público em geral.

9.- A Faculdade organiza as suas actividades constatando-se em torno de um certo número de pólos,cada um dos quais centra uma área. A área é pois uma unidade organizacional de investigação científica,criação cultural e acção docente e formativa,centrada em feixe problemático e um campo temático(de problemas,temas , maneiras de pensar e operatórias interconexos),grupos a uma abordagem sistemática ou pluri-angular.

10.- Como Áreas de organização propõem-se as seguintes(mais a título exemplificativo do que como elenco imperativo):

A.- Sociologia e Antropologia Social e Cultural
- a.- Sociologia
- b.- Sociedades e culturas da Península Ibérica
- c.- Antropologia social e cultural

B.- Economias,Sociedades,Civilizações (História)

C.- Linguística e Comunicação Social
- a.- Linguística
- b.- Comunicação Social

D.- Geografia e Ocupação do Território

E.- Culturas e Línguas Modernas

F.- Artes
- a.- História das Artes Visuais
- b.- Musicologia

G.- Pensamento Filosófico

H.- Interculturalidade(Civilizações da América Latina,Africanas,da India,China,Japão,Islamismo).

11.- Cada Área dispõe do pessoal docente que assegure os ensinos de que se incumbe e de núcleos de investigadores que,além de apoiarem os diferentes ensinos,estão ligados à função científica e de criação cultural da Faculdade e ao serviço à comunidade.

11.1.- Junto de uma Área pode funcionar um ou mais Centros de Investigação.Esses Centros podem estar também ligados a outras Áreas ou mesmo Faculdades ou Institutos de Universidade.A Área pode ainda entrar na composição e actividades de Centros de Investigação nacionais ou Institutos com as mesmas características.

12.- A área pode dividir-se em Departamentos ou constituir-se por reunião de Departamentos,com grau de autonomia variável.

13.- A Área ou Departamento pode constituir com outra ou outras Áreas e/ou Departamentos formas de colaboração diversificadas,quer quanto a projectos de investigação,quer quanto a cursos de licenciatura,especializações,mestrados,seminários.Eventualmente,tal colaboração poderá institucionalizar-se sob a forma de grupos núcleo.

13.1.- A título exemplificativo,seriam de admitir:

História das Idéias: e maneiras de pensar(Idéias políticas,sociais,religiosas,económicas,estéticas,morais,jurídicas,filosóficas,etc).

Problemas do mundo de hoje

Problemas de Portugal (análise histórico-estrutural)

Teoria e métodos das Ciências Humanas.

14.- Os cursos de licenciatura são,uns, da atribuição e responsabilidade de Área ou Departamento cujo feixe problemático e campo temático melhor cubra o respectivo currículo e finalidades; outros, resultam da colaboração e responsabilidade comum entre Áreas e/ou Departamentos.Cada Área ou Departamento não se define pelo curso ou cursos que ministre, nem esgota as suas actividades em ministrar cursos.

15.- Embora cabendo às Áreas ou Departamentos a iniciativa de lançamento de cursos e a sua realização de acôrdo com outras Áreas e Departamentos,dentro de fins consensuais,impõe-se que o conjunto dos cursos ministrados na Faculdade seja harmoniosamente planeado,de modo a corresponder à missão e metas fundamentais da instituição.

16.- São de considerar dois tipos de cursos: a) curriculares (por exemplo, História,Geografia,Cultura e Línguas Mod.,etc), b) pluricurri-

culares,compostos por um tronco comum seguido de ramificações(por exemplo: Ciências Sociais,ramificando-se em Sociologia,Antropologia Cultural e Social,História,etc; ou História,com ramos de História da Arte, Economia e Sociologia Históricas,Psicologia Social retrospectiva e sociologia das mentalidades,etc).

17.- Recomenda-se a adopção de cursos do tipo tronco comum - ramificações,não só pelo melhor aproveitamento de recursos escassos(docentes, particularmente,mas também bibliotecas,meios audio-visuais), mas também em razão da interdisciplinaridade ou pluridisciplinaridade ela própria, porquanto assegura uma formação de maior plasticidade e é mais consentânea com os problemas que o mundo de hoje,e em particular o nosso país enfrenta.Além disso,o tronco comum à partida permite aos estudantes escolherem mais conscientemente o curso para que estão vocacionados,e aos docentes aconselharem-lhes as vias mais adequadas às características pessoais.Por isso convém que as Áreas e Departamentos estudem as possibilidades de tais cursos e se lancem na sua instituição.

18.- O tronco comum pode manter-se de princípio ao termo dos cursos,mas alargando nos dois últimos anos o leque das opções.

19.- Recomenda-se vivamente,quanto ao último ano de cada curso,seja ele qual fôr,a obrigatoriedade de elaboração e discussão de um trabalho de pesquisa,ligado a uma das disciplinas ministradas aí,se fôra delas,sempre que possível apoiado num seminário.Tal trabalho pode também relacionar-se com o estágio numa empresa ou instituição,sobretudo nas especializações; mas que todavia se reduza a mero relatório de estágio,tem de revestir-se de carácter científico.

20.- Os mestrados devem ser aliviados (excessiva carga de cursos tipo licenciatura);ha que transformá-los em seminários de formação de investigadores,formação apoiada em sólida base metodológica e de técnicas de pesquisa,bem como de amplo desenvolvimento teórico . Entende-se preferível que partam de um bloco de alicerces comuns,desdobrando-se seguidamente em variantes,mas não muito numerosas ,de modo a que se dê o encontro e o diálogo constante de formações diversificadas.Impõe-se a realização de acordos gregos aos quais tais séries de sessões de trabalho beneficiem durante todo o ano sucessivamente da presença de professores e investigadores de outras escolas e centros e estrangeiros.

21.- Cada Área ou Departamento deve ter em funcionamento seminários de formação dos próprios quadros e de preparação dos cursos; abertos a elementos de outras Áreas,Departamentos e até escolas ou centros.Além de reuniões quinzenais,pelo menos mensais,de carácter científico-pedagógico dos encarregados dos cursos ou dos docentes de cada ano do tronco comum.

22. Uma das maiores dificuldades dos cursos universitários reside no nível e natureza da preparação com que entram os aprovados no 12º ano. O ensino superior só poderá situar-se verdadeiramente ao nível superior se o 12º ano fôr reformulado, quer incluindo disciplinas de formação de base indispensáveis, quer fornecendo aos futuros universitários o manejo da ferramenta mental com que terão de lidar, e ainda oferecendo-lhes um leque de disciplinas e actividades que lhes dêem ensejo a escolher com um mínimo de consciência e eficácia. Para tal impõe-se que os docentes universitários colaborem no planeamento, programação e até funcionamento do 12º ano, e tenham de facto uma palavra a dizer quanto aos seus futuros estudantes.

23. A construção da Faculdade que pretendemos e o país tem o direito de exigir e a realização das missões que lhe incumbem impõem primariamente a formação do seu próprio pessoal docente e investigador. Não podemos continuar a abrir a contratação no início do próprio ano escolar, e a confiar o ensino a quem não dispõe sequer de alguns meses para o preparar. Em princípio, os recém-licenciados devem assistir às sessões de trabalho (teóricas, práticas ou teórico-práticas), seguir seminários, poder estudar, frequentar bibliotecas e arquivos, participar em pesquisa no terreno, auxiliar os docentes, mas não serem confiada a docência, a esta durante um ano; a sua participação na docência deve ser limitada e fortemente assistida. É preferível a Faculdade todavia recrutar jovens licenciados a formá-los como investigadores e docentes do que andar a roubar elementos de outras escolas (por transferências, destacamentos, etc.); mas em caso de recorrer a essa forma de recrutamento deve poder fazê-lo com a antecedência indispensável à sólida preparação dos cursos.

24. O recrutado não pode considerar que, por esse facto, adquiriu direitos imprescritíveis a um lugar na escola; a escola tem de poder seleccionar o seu corpo docente. Havendo naturalmente um despêrdício na escolha. Mas quer para poder escolher fundamentadamente quer para dispôr de corpo docente satisfazendo aos requisitos de qualidade e eficiência,há que estabelecer imediatamente um quadro de pessoal que atenda a uns quantos requisitos: a) os lugares por categoria devem ser atribuídos globalmente à Área, ou departamento ou secção, independentemente da regência da cadeira determinada; b) os quadros não devem tapar os acessos à promoção dos que começaram a carreira ou ainda estiveram em etapas intermédias; c) o número de lugares por categoria deve ser tal que assegure que os que começam ou os que estão em situações intermédias fiquem devidamente enquadrados, beneficiando de orientação e ar-

para científico-pedagógico; d) o número de lugares de assistentes não deve ser inferior a cinco por departamento ou secção; e) o preenchimento dos lugares, qualquer que seja a categoria, só deve efectuar-se quando houver concorrentes com a necessária competência e satisfazendo os requisitos da missão científico-pedagógica que lhe caberá desempenhar.

17. Os doutoramentos, como provas que são de capacidade de investigação científica e criação cultural, constam essencialmente na apresentação e discussão de um trabalho de certo fôlego e de outro, suplementar ou complementar, sendo de preferir as provas complementares dizer sobre cadeiras afins. Em qualquer dos casos, ne

Nenhuma lista deve limitar previamente as possibilidades de combinação de áreas problemáticas, campos temáticos, perspectivas metodológicas. Por isso, para os doutoramentos devem apenas definir-se grandes círculos científicos e culturais, quer dentro de cada área ou departamento, quer inter-áreas ou departamentos. Do mesmo modo, os concursos para docências têm de admitir-se que, em campos diferentes se incluam disciplinas ou círculos temáticos repetidos; o concurso nunca deverá dirigir-se a um grupo demarcado de uma vez para sempre (de disciplinas), sublinhe-se ainda aqui o interesse da interdisciplinaridade e de manter a abertura à renovação incessante da criação científica.

18. Cada área ou departamento deve ter um orgão nêcleo de administração própria e dispôr de uma biblioteca especializada.

19. A Faculdade, [redacted] pelas suas áreas e departamentos, deve ser chamada a colaborar na atribuição de bolsas e nos planos de investigação de centros, institutos e outros organismos dependentes do INIC, Secretaria de Estado da Cultura, etc., e deve ser ouvida quanto às acções a realizar nos quadros dos convénios culturais.

20. Devem ser postas à disposição da Faculdade, pelos serviços oficiais competentes, bolsas de estudo para serem atribuídas através do Conselho Científico e segundo o plano científico da Faculdade a docentes, doutorandos e outros que preparem trabalhos de investigação (por exemplo teses de licenciaturas e mestrados).

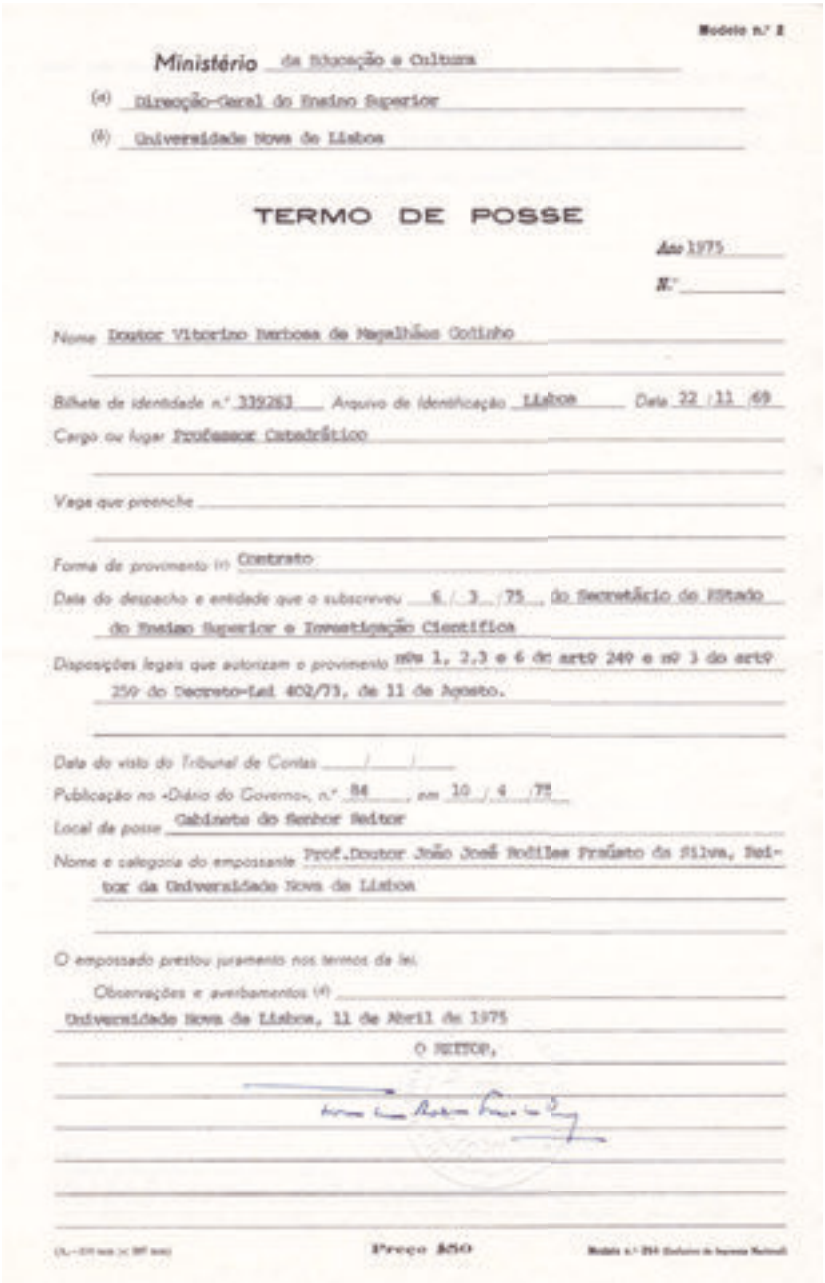
21. Com as outras escolas superiores deve a Faculdade preparar a concertação e se possível planeamento de actividades à escala nacional, evitando duplicações, garantindo o emprego melhor dos meios humanos e materiais, de modo a que fique assegurado o tratamento

dos problemas prioritários dos pontos de vista científico e nacional.

22. A Faculdade deve cotejar a sua experiência com a de instituições estrangeiras e manter com elas um diálogo colaborante, intensificando as permutas de toda a ordem (incluindo o intercâmbio de professores), de modo a enriquecermo-nos com a contribuição alheia e a situarmo-nos no plano universal.

23. Dada a vocação e a missão assim orientadas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, entende-se que deve ser revogada a legislação que a identifica às Faculdades de Letras, a ser definida a sua especificidade.

24. Repensando-se e organizando-se enquanto instituição colectivamente considerada, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, por aqueles que a compõem, visa a estreitar os seus laços de modo a afirmar-se plenamente como comunidade científica, contribuindo assim a formação da comunidade científica nacional, dentro do espírito universalista que, respeitando a identidade portuguesa, é dela uma constante e a insere numa civilização da dignidade do homem e dos homens.



Modelo n.º 2

Ministério da Educação e Cultura

(a) Direcção-Geral do Ensino Superior

(b) Universidade Nova de Lisboa

TERMO DE POSSE

Ano 1975

N.º

Nome Doutor Vitorino Barbosa de Magalhães Gotinho

Bilhete de identidade n.º 339263 Arquivo de identificação Lisboa Data 22 / 11 / 69

Cargo ou lugar Professor Catedrático

Vaga que preenche

Forma de provimento (c) Contrato

Data do despacho e entidade que o subscreveu 6 / 3 / 75, do Secretário de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica

Disposições legais que autorizam o provimento nºs 1, 2,3 e 6 do artº 249 e nº 3 do artº 259 do Decreto-Lei 402/73, de 11 de Agosto.

Data do visto do Tribunal de Contas / /

Publicação no «Diário do Governo», n.º 84, em 10 / 4 / 75

Local de posse Gabinete do Senhor Reitor

Nome e categoria do empossante Prof.Doutor João José Rodilas Fraústo da Silva, Reitor da Universidade Nova de Lisboa

O empossado prestou juramento nos termos da lei.

Observações e averbamentos (d)

Universidade Nova de Lisboa, 11 de Abril de 1975

O REITOR,

Preço $50

Eu, abaixo assinado, afirmo solenemente pela minha honra que cumprirei com lealdade as funções que me são confiadas.

Universidade Nova de Lisboa, 11 de Abril de 1975

63. Termo de Posse como Professor Catedrático da Universidade Nova de Lisboa, 11 de Abril de 1975.

NÚCLEO 8

A Revista de História Económica e Social e a Associação Portuguesa de Histórica Económica e Social.

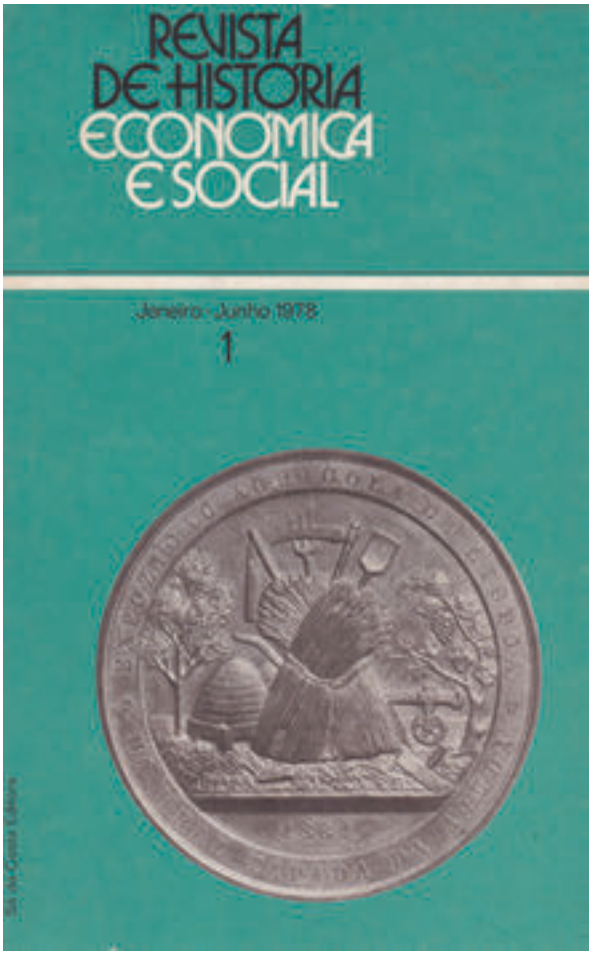
Em 1978, com um grupo de colaboradores, Vitorino Magalhães Godinho cria a *Revista de História Económica e Social*, que será publicada pela Sá da Costa, juntamente com uma colecção de cadernos. Será o primeiro Director da Revista, de 1978 a 1989 (1ª série).

A Associação Portuguesa de História Económica e Social (APHES) foi fundada em 29 de Abril de 1980 (escritura e publicação no Diário da República em 1 de Julho), por iniciativa de Vitorino Magalhães Godinho e de um grupo de discípulos e colaboradores.

Em 4 de Junho de 1980, teve lugar, em Coimbra, o primeiro Encontro da Associação. Precedido por reuniões informais durante 2 anos em Coimbra, Porto e Lisboa. Estatutos publicados na Revista de HES nº 5 (Janeiro-Junho de 1980).

Em 1986, a APHES tornou-se Membro da Associação Internacional de História Económica.

A Associação realizou a primeira sessão de homenagem em 1988, dedicada a Vitorino Magalhães Godinho.



64. Número 1 da *Revista de História Económica e Social*, Janeiro a Junho de 1978.

Revista de História Económica e Social

Revista semestral dirigida por Vitorino Magalhães Godinho

Corpo redactorial: António Pedro Lopes Vieira, Carlos Bastien Raposo, David Justino, José Guilherme Alves, Maria Eugénia Mata, Nuno Valério

Propriedade da Editora Sá da Costa (Augusto Sá da Costa, Lda.)

Número 1 Janeiro-Junho de 1978

Sumário:

1 Editorial
NA MUDANÇA, A HISTÓRIA — UMA HISTÓRIA SEMPRE NOVA

5 L'ÉMIGRATION PORTUGAISE (XV^e^-XX^e^ SIÈCLES)
UNE CONSTANTE STRUCTURALE ET LES RÉPONSES
AUX CHANGEMENTS DU MONDE
Vitorino Magalhães Godinho

33 PONTA DELGADA — NASCIMENTO
E PRIMEIRA INFÂNCIA DE UMA CIDADE
J. Marinho dos Santos

55 UMA LONGA GUERRA SOCIAL: OS RITMOS
DA REPRESSÃO INQUISITORIAL EM PORTUGAL
José Veiga Torres

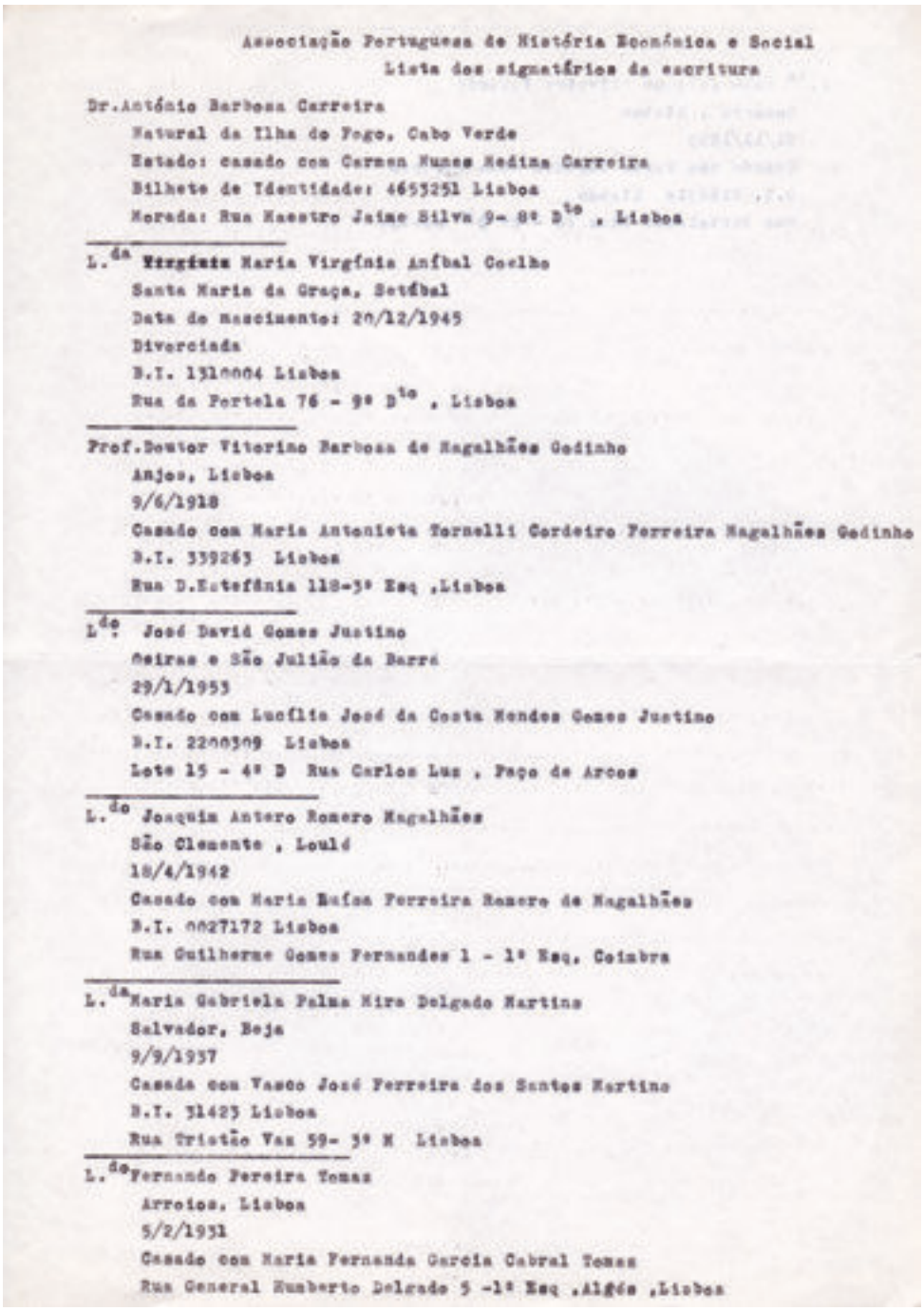
69 SUBSÍDIO PARA UM ESTUDO DA MENTALIDADE PORTUGUESA
EM 1870: MODELOS, VALORES E SENTIMENTOS
NA CONDUTA DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX
Virgínia Coelho

87 THE PORTUGUESE 1920s: A GENERAL SURVEY
António H. de Oliveira Marques

105 NOÇÕES OPERATÓRIAS SOBRE CIDADE, POPULAÇÃO URBANA
E POPULAÇÃO RURAL
António Pedro Lopes Vieira

129 RECENSÕES CRÍTICAS

65. Índice do Nº 1 da *Revista de História Económica e Social*.



Associação Portuguesa de História Económica e Social
Lista dos signatários da escritura

Dr.António Barbosa Carreira
Natural da Ilha do Fogo, Cabo Verde
Estado: casado com Carmen Nunes Medina Carreira
Bilhete de Identidade: 4653251 Lisboa
Morada: Rua Maestro Jaime Silva 9- 8º D^to , Lisboa

L.^da Virgínia Maria Virgínia Anfbal Coelho
Santa Maria da Graça, Setúbal
Data de nascimento: 20/12/1945
Divorciada
B.I. 1310004 Lisboa
Rua da Portela 76 - 9º D^to , Lisboa

Prof.Doutor Vitorino Barbosa de Magalhães Godinho
Anjos, Lisboa
9/6/1918
Casado com Maria Antonieta Tornelli Cordeiro Ferreira Magalhães Godinho
B.I. 339263 Lisboa
Rua D.Estefânia 118-3º Esq ,Lisboa

L.^do José David Gomes Justino
Oeiras e São Julião da Barra
29/1/1953
Casado com Lucília José da Costa Mendes Gomes Justino
B.I. 2200309 Lisboa
Lote 15 - 4º D Rua Carlos Luz , Paço de Arcos

L.^do Joaquim Antero Romero Magalhães
São Clemente , Loulé
18/4/1942
Casado com Maria Rufina Ferreira Romero de Magalhães
B.I. 0027172 Lisboa
Rua Guilherme Gomes Fernandes 1 - 1º Esq. Coimbra

L.^da Maria Gabriela Palma Mira Delgado Martins
Salvador, Beja
9/9/1937
Casada com Vasco José Ferreira dos Santos Martins
B.I. 31423 Lisboa
Rua Tristão Vaz 59- 3º M Lisboa

L.^do Fernando Pereira Tomaz
Arroios, Lisboa
5/2/1951
Casado com Maria Fernanda Garcia Cabral Tomaz
Rua General Humberto Delgado 5 -1º Esq ,Algés ,Lisboa

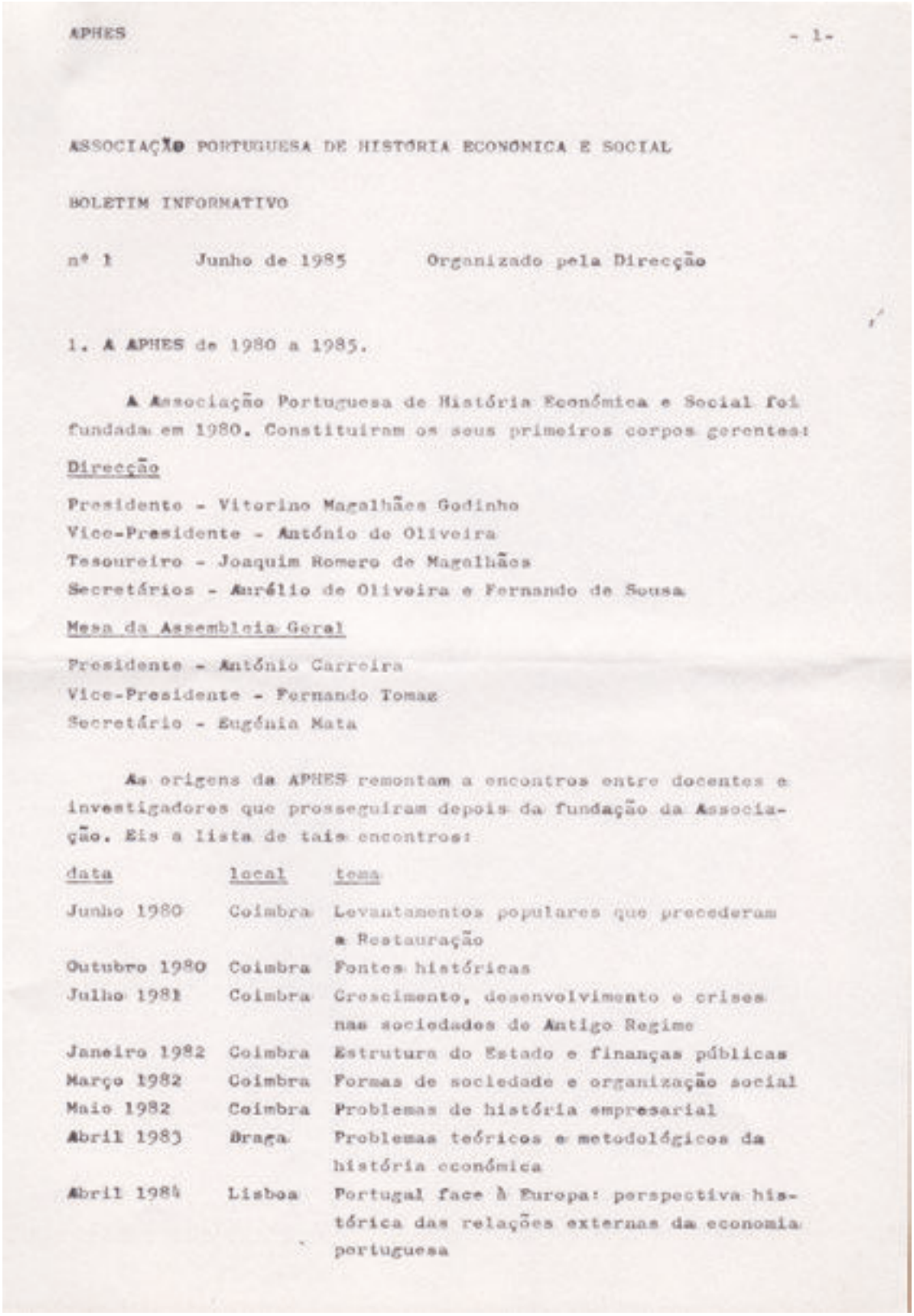
L.^do Nuno João de Oliveira Valério
Socorro , Lisboa
21/11/1953
Casado com Maria Eugénia Mata Valério
B.I. 2162514 Lisboa
Rua Bartolomeu Dias 74 - 2º D^to Lisboa

66. Lista dos signatários da escritura de constituição da Associação Portuguesa de História Económica e Social, sem data.

Estatutos da Associação Portuguesa de História Económica e Social

1. Constitui-se nesta data, com sede na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, a Associação Portuguesa de História Económica e Social, que tem como objectivo contribuir para o progresso dos estudos de história económica e social, promovendo a investigação, divulgando resultados e inovando a metodologia.
2. A Associação é constituída por sócios convidados, sócios de pleno direito e sócios
2.1. São sócios convidados os historiadores de renome que como tal sejam admitidos nos termos dos presentes Estatutos.
2.2. São sócios de pleno direito os historiadores que se tenham dedicado a matérias do âmbito científico da Associação, como tal considerados pela Direcção.
2.3. São sócios os estudantes ou estudiosos que ainda não tenham publicado trabalhos que a Direcção considere necessários para aceder a sócios de pleno direito.
3. São órgãos da Associação a Assembleia Geral e a Direcção.
3.1. Compete à Assembleia Geral, composta por todos os sócios:
3.1.1. Eleger bienalmente a Direcção, de entre os sócios de pleno direito.
3.1.2. Reunir, sempre que o Presidente o entenda, a fim de tomar as medidas consideradas necessárias para atingir os objectivos da Associação.
3.1.3. Admitir os sócios convidados, mediante proposta da Direcção.
3.2. Compete à Direcção:
3.2.1. Decidir dos meios necessários à prossecução dos objectivos da Associação e fixar as suas realizações.
3.2.2. Propôr à Assembleia Geral a admissão de sócios convidados.
3.2.3. Decidir sobre a admissão de novos sócios de pleno direito e de novos sócios.
3.2.4. Fixar a quotização dos sócios de pleno direito e dos sócios.
3.2.5. A Direcção compõe-se de cinco membros:Presidente, Vice-Presidente, Tesoureiro e dois Secretários.
3.2.6. O Presidente da Direcção será o Presidente da Associação.
4.1. A Associação poderá colaborar com instituições e organismos oficiais ou privados para a realização dos seus programas.
4.2. A Associação poderá inscrever-se em organismos internacionais que prossigam objectivos científicos idênticos.
4.3. A Associação terá um órgão de expressão pública e contribuirá , sob todas as formas, para a publicação de estudos no seu campo temático.
5. A Associação Portuguesa de História Económica e Social, situando-se embora na confluência de todas as correntes e universais de pensamento, deseja todavia acentuar que representa o legado português e por isso coloca-se sob a égide de Jaime Cortesão.

67. *Draft* da primeira versão dos Estatutos da Associação Portuguesa de História Económica s Social.



APHES - 1-

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL

BOLETIM INFORMATIVO

nº 1 Junho de 1985 Organizado pela Direcção

1. A APHES de 1980 a 1985.

A Associação Portuguesa de História Económica e Social foi fundada em 1980. Constituiram os seus primeiros corpos gerentes:

Direcção

Presidente - Vitorino Magalhães Godinho
Vice-Presidente - António de Oliveira
Tesoureiro - Joaquim Romero de Magalhães
Secretários - Aurélio de Oliveira e Fernando de Sousa

Mesa da Assembleia Geral

Presidente - António Carreira
Vice-Presidente - Fernando Tomaz
Secretário - Eugénia Mata

As origens da APHES remontam a encontros entre docentes e investigadores que prosseguiram depois da fundação da Associação. Eis a lista de tais encontros:

data	local	tema
Junho 1980	Coimbra	Levantamentos populares que precederam a Restauração
Outubro 1980	Coimbra	Fontes históricas
Julho 1981	Coimbra	Crescimento, desenvolvimento e crises nas sociedades do Antigo Regime
Janeiro 1982	Coimbra	Estrutura do Estado e finanças públicas
Março 1982	Coimbra	Formas de sociedade e organização social
Maio 1982	Coimbra	Problemas de história empresarial
Abril 1983	Braga	Problemas teóricos e metodológicos da história económica
Abril 1984	Lisboa	Portugal face à Europa: perspectiva histórica das relações externas da economia portuguesa

68. Primeiro boletim informativo da Associação Portuguesa de História Económica e Social, Junho de 1985.

NÚCLEO 9

Intervenção cívica.

Tendo vivido desde sempre num meio de republicanos e democratas, que desempenharam cargos de vulto nos governos da Primeira República, foi ainda enquanto aluno do Liceu e coincidindo com a sua ligação ao grupo da *Seara Nova* que Vitorino Magalhães Godinho começou a participar em actividades cívicas e políticas.

Durante o Curso na Faculdade de Letras, passou a sentir "quer as influências do próprio meio académico, em termos escolares, quer as advenientes das actividades que exerci, em organizações académicas clandestinas, desde o meu primeiro ano." Dos "bancos" da Faculdade, data a amizade com Piteira Santos (com quem esteve "ligado em tentativas para organizar a oposição e lutar pela democracia"), Mário Dionísio e Óscar Lopes.

No último período da docência da Faculdade de Letras, é um dos fundadores do Núcleo de Doutrinação e Acção Socialista (1942), que agrupa além dele, José Magalhães Godinho, Moura Dinis, Afonso Costa Filho, Gustavo Soromenho, António Macedo e Mário Cal Brandão. Em 1945, o Núcleo juntar-se-à à União Democrática Socialista para formar a União Socialista. Colabora depois no programa apresentado pelo MUNAF e participa na edição do jornal que então se fez (Democracia). Participa seguidamente, embora mais distanciado, no MUD.

O desencanto com a acção política em Portugal, que achava ineficaz, e a ida para França afastaram-no da oposição organizada. Pouco depois de voltar para Portugal, viu-se envolvido pelos acontecimentos que se desenvolveram no início dos anos 60, a oposição à guerra colonial e as greves de estudantes (o que lhe custou o lugar no ISCSPU). Quando se organizaram eleições em 1969, foi um dos apoiantes da CEUD. Em Maio de 69 participa no Congresso Republicano de Aveiro e profere no encerramento da sessão da tarde o discurso "O Socialismo e o Futuro da Península" (depois publicado pelos Livros Horizonte), que foi considerado por muitos como "uma autêntico programa futuro para a oposição democrática em Portugal" (Jornal O Século 17-05-69).

Por altura do 25 de Abril, publica diversos artigos nos jornais sobre a situação política e os problemas da educação, como já foi dito. Após a saída do Ministério, publica na Vida Mundial, "Agitação estudantil: expressão da crise geral" e "O nó da questão: Construiremos ou não a Democracia em Portugal".Em Abril de 1975, participa no Colóquio Internacional para a Construção do Socialismo, falando na Sessão Inaugural: "A Democracia Socialista, um mundo novo e um novo Portugal" cujo texto será publicado em opúsculo e em "Pensar a Democracia em Portugal. Incomodamente" (1977).

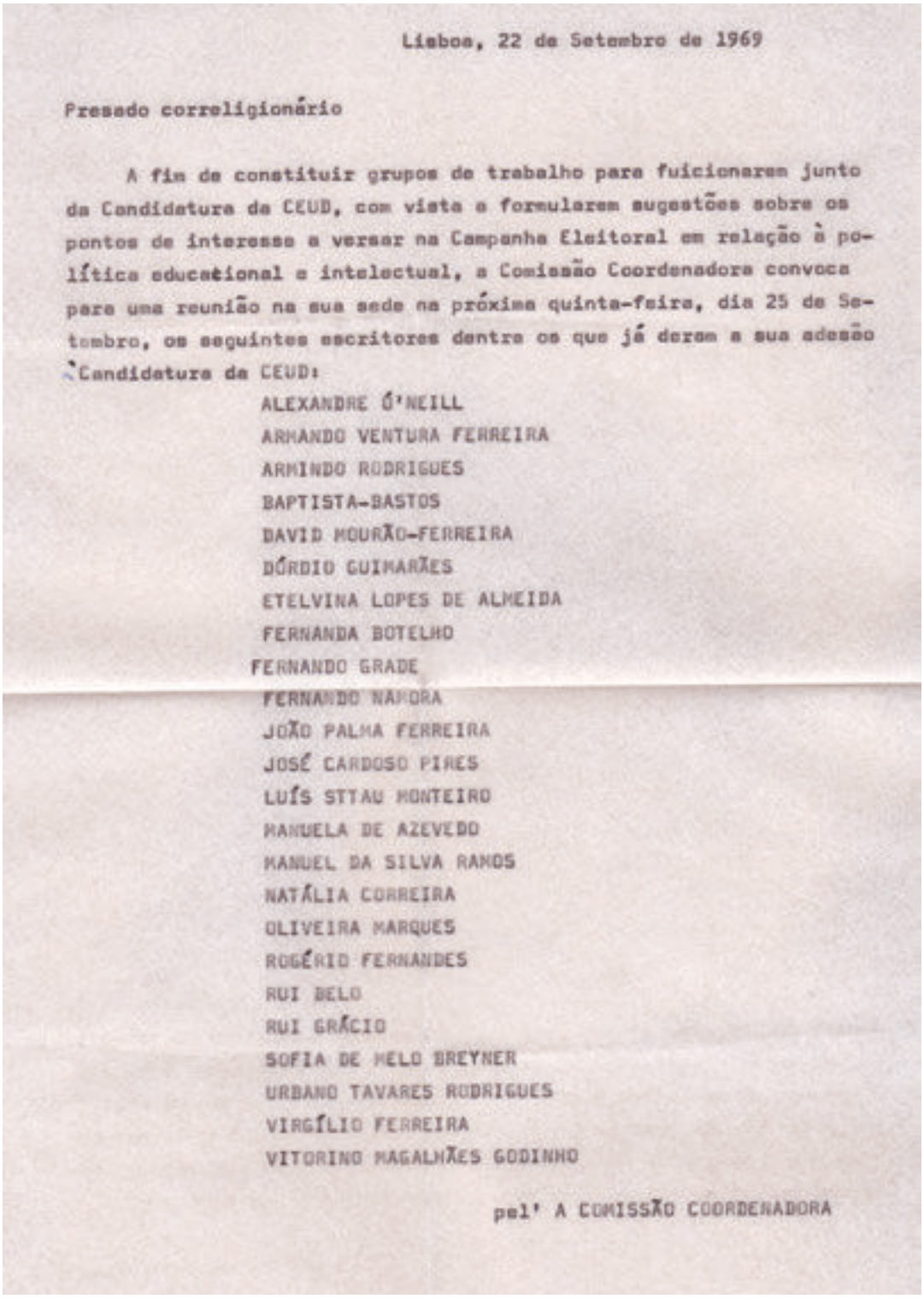
Em 1976, será o mandatário nacional da candidatura de Ramalho Eanes à Presidência da República.

Em 1979, constitui com um grupo de democratas a Comissão Cívica Independente, com sede no Porto, onde funciona. Integravam a Comissão: Alfredo Ribeiro dos Santos, António Corte Real, António Manuel Baptista, Armando Rocha Trindade, Augusto Soares da Silva, Avelino Braga, Jacinto de Magalhães, Jorge Crespo, José Augusto Seabra, Manuel Coelho dos Santos, Vitorino Magalhães Godinho. Com a Comissão estão "apenas os cidadãos que se identificam com os [seus] princípios e que se constituíram em grupos de apoio à CCI, por esta reconhecidos". O ideário da CCI "poderia resumir-se à luta pela identidade do homem político com o homem moral". A Comissão publicou diversos opúsculos: *Perguntas aos partidos*, *A*

reorganização do campo político e as opções dos Portugueses, *O voto e as eleições*, e *Manifesto*.

Após a experiência do Ministério da Educação, Vitorino Magalhães Godinho não ocupará mais cargos políticos. Continuará contudo até o fim o combate cívico, em diversas frentes mas sempre com a mesma energia e a mesma acutilância.

As duas últimas lutas serão a favor de Timor e contra o Acordo ortográfico.



Lisboa, 22 de Setembro de 1969

Prezado correligionário

A fim de constituir grupos de trabalho para funcionarem junto da Candidatura da CEUD, com vista a formularem sugestões sobre os pontos de interesse a versar na Campanha Eleitoral em relação à política educacional e intelectual, a Comissão Coordenadora convoca para uma reunião na sua sede na próxima quinta-feira, dia 25 de Setembro, os seguintes escritores dentre os que já deram a sua adesão à Candidatura da CEUD:

ALEXANDRE Ó'NEILL
ARMANDO VENTURA FERREIRA
ARMINDO RODRIGUES
BAPTISTA-BASTOS
DAVID MOURÃO-FERREIRA
DÓRDIO GUIMARÃES
ETELVINA LOPES DE ALMEIDA
FERNANDA BOTELHO
FERNANDO GRADE
FERNANDO NAMORA
JOÃO PALMA FERREIRA
JOSÉ CARDOSO PIRES
LUÍS STTAU MONTEIRO
MANUELA DE AZEVEDO
MANUEL DA SILVA RAMOS
NATÁLIA CORREIRA
OLIVEIRA MARQUES
ROGÉRIO FERNANDES
RUI BELO
RUI GRÁCIO
SOFIA DE MELO BREYNER
URBANO TAVARES RODRIGUES
VIRGÍLIO FERREIRA
VITORINO MAGALHÃES GODINHO

pel' A COMISSÃO COORDENADORA

69. Convocatória da Comissão Coordenadora da CEUD para integrar grupo de trabalho preparatório da campanha eleitoral, 22 de Setembro de 1969.

CAMINHOS E DIFICULDADES DA DEMOCRATIZAÇÃO — 2

DEMOCRACIA E ORGANIZAÇÃO

por VITORINO MAGALHÃES GODINHO

O Estado e a sociedade fascista de que o 25 de Abril tornou possível libertar a nossa pátria estavam organizados segundo rígida hierarquia autoritária: uma minoria, aliás medíocre e de mentalidade meramente lucrativista, mandava, a massa da população obedecia; aquela mandava em proveito próprio, dispondo de todos os direitos, a segunda suava na obediência para atafulhar a oligarquia e só tinha deveres a cumprir, não se lhe reconhecendo a possibilidade de reclamar justiça nem de ser ouvida nas apenas a de mendigar esmolas e de se deixar «proteger» pelo bando dominante. Como, a partir daí, edificar um Estado e uma sociedade de democracia?

Havia, antes de mais, que estrangalhar certos órgãos, certos instrumentos institucionalizados de poder que representavam a essência mesma do fascismo. Assim, a PIDE-DGS, a Legião, a Censura, a chamada irrisoriamente Assembleia Nacional (com a Câmara Corporativa que no fundo pouco lhe ligava à tradição mussolinesca), o Partido Único, etc. O que se fez e sobre que não há que voltar — há tão-só que nos assegurarmos por uma vigilância boa de atalaia que a rede não mantém clandestinamente uns tantos dos seus fios.

Outras instituições e órgãos diversos não exigiam desmantelamento imediato, podem até servir pelo menos transitoriamente, mudando-lhes umas tantas características ou substituindo aquelas que ocupavam os postos-chave. Claro que devemos precaver-nos contra a simples mudança de nomes (tão querida do caetanismo para disfarçar que que se tratava unicamente de um salazarismo póstumo) — os Grémios que passam a Associações, por exemplo. Nuns tantos casos é preferível suprimir pura e simplesmente, desde que tal supressão não acarrete prejuízos para a marcha quotidiana das actividades em causa; e reorganizá-las de espaço, sem precipitações, ponderando bem a melhor maneira de o fazer.

Nas instituições que se mantiverem provisória ou definitivamente, efectuados os retoques indispensáveis com urgência, sem prejuízo de ulteriores remodelações mais profundas, a condição primeira para poderem servir a democracia é a depuração dos elementos de chefia comprometidos na política fascista. Não se esqueça de resto que, vivendo num Estado totalitário, a chefia em quase todos os níveis revestia sentido político, não havia nos postos cimeiros «técnicos» estritos, e mesmo em postos médios as responsabilidades não podem esquivar-se. Assim, um embaixador que no país estrangeiro onde estava acreditado vinha desmentir acusações de tortura praticada pela Polícia Política, vinha proclamar o carácter democrático do Estado salazarista e o rigor das eleições é altamente, plenamente responsável; assim o médico que trabalhava na Polícia e negava as sevícias exercidas sobre os presos, ajudava a mantê-los de forma a aguentarem os interrogatórios, não pode pretender quaisquer atenuantes. Mas a depuração não pode ser vingança — pessoal ou de grupo — nem perseguição aos que pensam diferentemente. Há que apurar serenamente o papel desempenhado por cada qual, há que não cometer em delações (não nos libertámos do regabofe da denúncia irresponsável para o reintroduzirmos por outra porta), as acusações têm de ser fundamentadas e o acusador tem de saber que responderá em justiça se se lançou na calúnia, se se fez eco apenas do «diz-se» acintoso. Estabelecida a regra, aplique-se inexoravelmente, limpem-se sem contemporizações todas as instituições, órgãos vários, associações dos elementos culpados e cuja presença pode sa-

(Continua na 18.ª pág.)

70. "Democracia e organização", publicado na *República* de 16 de Junho de 1974.

VITORINO MAGALHÃES GODINHO

O nō da questão:

CONSTRUIREMOS OU NÃO A DEMOCRACIA EM PORTUGAL?

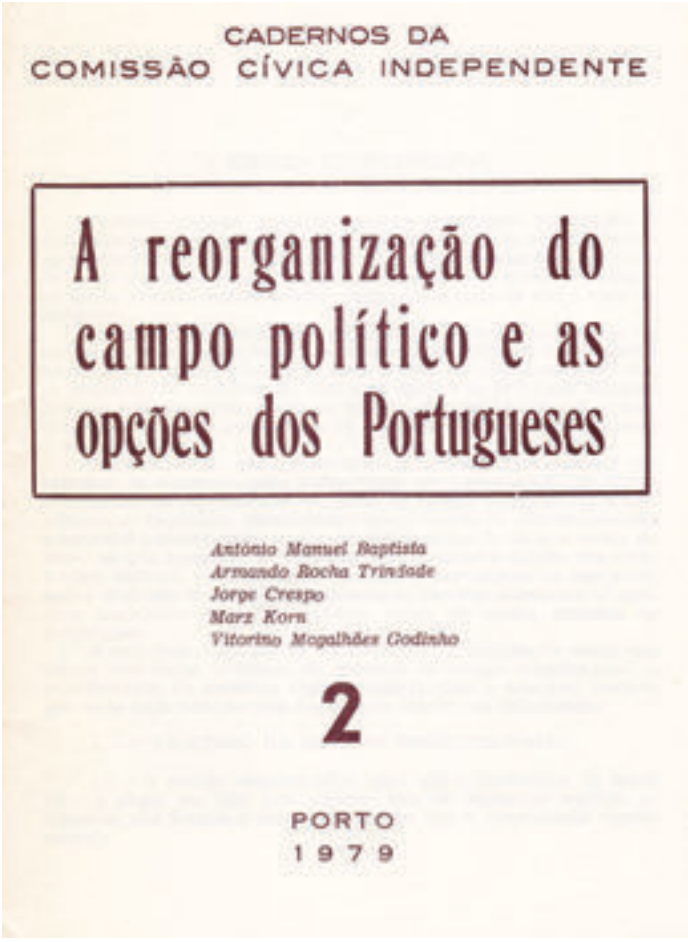
Portugal atravessa um momento excepcionalmente grave. Não se franza o sobrolho, fingidamente surpreendido ou pudicamente indignado. Num clima de mesquinhez tinta de ódios, de vinganças miudinhas, mas na incapacidade de desenraizar as ameaças da reacção; de mandracice ferozmente reivindicativa de benefícios incompatíveis; cada vez mais cresce o receio, se não o medo — medo até da agressão, ante ameaças que se acumulam, medo de falar francamente e com independência, porque se tende a só falar segundo esta ou aquela linha, gregariamente protegido pelo partido ou pelo movimento; incerteza crescente quanto ao futuro, desencanto inibidor da acção, perguntar-se se valeu a pena, não saber por quem optar, um insidioso murchar da esperança...

Uma situação escolar caótica (não nos eximimos à nossa quota de responsabilidade), avolumando-se a dúvida se haverá um ano lectivo 74-75, salvo no primário. Uma situação económica em que as sombras enegrecem, com falências e despedimentos, desnorteamento por não se seguirem regras definidas de jogo, amedrontados uns com a colectivização, quesilentos outros com a persistência da empresa capitalista. Uma situação política dilacerada por desavenças e descompassada pelas incertezas do caminho, com um Estado a que falta autoridade mas sobre que paira o espectro da sedução peruana, não correspondendo os partidos aos anseios da população.

Os conjuntos de acontecimentos sucedem-se, de natureza a atear inquietações e perplexidades. O Movimento da Esquerda Socialista perdeu uma fracção genuína, aproximando-se paradoxalmente (como conciliar a autogestão e a centralização?) do P. C. Do Partido Socialista saiu o grupo Manuel Serra, indo formar outro partido. Os laços entre M. D. P/C. D. E. e P. C. tornaram-se cada vez mais evidentes; ora à origem desse enlace o P. S. afastara-se e partira em guerra contra aquele movimento; agora, é a questão da unicidade ou pluralidade sindical que leva a um confronto crucial entre o Partido Socialista e o conjunto P. C./M. D. P. Por outro lado, desde Outubro que as Forças Armadas se lançaram nas chamadas campanhas de dinamização cultural. Iniciativa que era uma surpresa: pois os Ministérios da Educação e dos Assuntos Sociais não tinham preparado a animação sociocultural e não estavam muito melhor apetrechados para a educação permanente? E esta não tem de ser cuidadosamente programada e levada a efeito por pessoal bem treinado? Compreendia-se que as Forças Armadas planeassem e executassem, em cooperação com os movimentos políticos, amplíssima campanha de esclarecimento cívico e de doutrinação dentro dos princípios que enformaram o 25 de Abril; embora não devam em tal missão sobrepor-se aos partidos e a outras associações políticas. Dado o equívoco de origem na finalidade, não admira que tais sessões, meritórias pela intenção, não atinjam o nível cultural (mesmo atendendo à fraquíssima preparação das nossas gentes) nem a qualidade pedagógica-didáctica que deveriam atingir e que, apoiadas no Ministério da Educação e Cultura, com a direcção de Justina Sepúlveda e de homens da craveira de um Piteira Santos, por exemplo, atingiriam sem dúvida. Depois, como em economia a intervenção do Estado e a legislação eram arrastadas pelo evoluir das coisas, em vez de o orientar, prevendo e anticipando-se, surgiu a premente necessidade de elaborar um programa de acção económica, quer a curto quer a médio prazo. Formou-se uma comissão, que trabalhou aturadamente, mas à porta fechada; as discussões transitaram para as Forças Armadas (temos a impressão de que os partidos não estavam habilitados a debatê-lo em perfeito conhecimento de causa); estas reuniram-se numerosas vezes em todos os níveis, por armas, em plenários e comissões, tendo um papel decisivo em todo o processo; entretanto, a opinião pública só era informada de que os debates se realizavam, mas ignorando as propostas e contrapropostas, os argumentos pró e contra esta ou aquela solução (desconhecida, aliás), quem ou que correntes advogavam tal ou tal caminho (e quais caminhos?). Ora, não só está em jogo todo o futuro do País, estreitamente dependente do processo económico, e portanto todos os cidadãos tinham o pleno direito de estar informados completíssimamente, como entre eles muitos seriam capazes de entrar na discussão, com proveito para todos; e não é pelas correntes no seio das Forças Armadas que se devem decidir os destinos da Nação: é na própria Nação e no órgão que a deve representar e gerir, o Governo Provisório. Mais recentemente, a questão da unicidade ou pluralidade sindical, estipulada a primeira ou autorizada a segunda por lei, dividiu violentamente os partidos; pois as Forças Armadas entenderam dever, e poder vir a público pronunciar-se apoiando uma das correntes, e membros seus não hesitaram atacar os defensores da pluralidade, considerando "plebiscitada" a unicidade por uma manifestação na praça pública — como se os plebiscitos não fossem a arma dos regimes totalitários ou fascizantes, e como se as manifestações de rua pudessem sequer confundir-se, apesar disso, com plebiscitos feitos por votação secreta e depois de campanha igual, únicos com o mínimo de garantias de democraticidade. A Televisão chegou a cortar declarações do ministro Salgado Zenha. Ora não competia às Forças Armadas virem

71. "Construiremos ou não a Democracia em Portugal?", publicado em *Vida Mundial*, 30 de Janeiro de 1975 (pág. 1).

72. *Manifesto da Comissão Cívica Independente,* Porto, 1979.



73. *A reorganização do campo político e as opções dos Portugueses* (Cadernos da Comissão Cívica Independente, 2), Porto, 1979.

NÚCLEO 10

A Biblioteca Nacional.

Em Janeiro de 1984, Vitorino Magalhães Godinho é convidado para Director da Biblioteca Nacional de Portugal, cargo que muitos consideravam talhado para ele. No discurso de posse, deixou clara qual era a sua visão da missão que lhe tinha sido confiada. Enquadrava-se na linhagem de Raul Proença, Jaime Cortesão e António Sérgio e queria fazer da Biblioteca um centro de cultura e investigação com estatuto autónomo. Projectos demasiadamente ambiciosos, que não foram compreendidos e motivaram a sua demissão em Novembro. Foi com verdadeiro desgosto que Vitorino Magalhães Godinho se sentiu obrigado a abandonar um projecto que tanto acarinhara e que se sentia com capacidade de realizar.

Vitorino Magalhães Godinho

BIBLIOTECA NACIONAL:
NOVOS CAMINHOS NUM MUNDO TÃO MUDADO

Separata da Revista de História Económica e Social
1984

74. Discurso de tomada de posse de Vitorino Magalhães Godinho como Director da Biblioteca Nacional. Separata da *Revista de História Económica e Social*, Nº 13, 1984.

6 QUINTA-FEIRA, 19 DE JANEIRO DE 1984 A CAPITAL

MAGALHÃES GODINHO NO ACTO DE POSSE

"PROPOMOS PLANO NACIONAL DE PUBLICAÇÕES DE FONTES"

O novo director da Biblioteca Nacional, Vitorino Magalhães Godinho, propôs ontem, ao discursar na cerimónia de sua posse, o estudo de «um plano nacional de publicações de fontes para o conhecimento de Portugal na sua história». A proposta foi feita ao Arquivo Nacional, Museu de Arte Antiga, Fundação Gulbenkian e às outras instituições e organismos ligados à cultura e viue a divulgação de obras únicas ou em mau estado.

Entretanto, o Primeiro-Ministro, Mário Soares, que presidiu à cerimónia de posse, subiinhou, ao usar da palavra, que a crise social e cultural é mais grave do que a crise económica, pelo que «a reforma de mentalidades continua a ser uma das grandes preocupações do nosso tempo».

Mário Soares, referindo-se a Vitorino Magalhães Godinho, considerou-o «um homem de cultura» e «não somente um grande historiador mas também um ensaista na esteira de António Sérgio, que foi seu mestre, e na esteira dos homens da 'Seara Nova'».

«Tive a honra de ter sido aluno de Vitorino Magalhães Godinho», afirmou o Primeiro-Ministro.

Soares salientou que Vitorino Magalhães Godinho, «perseguido durante a ditadura, não foi aproveitado da melhor maneira pelo regime democrático saído do 25 de Abril».

Mário Soares disse que Vitorino Magalhães Godinho «não é um homem fácil, é um homem exigente de princípios e de convicções profundas e além do seu valor intelectual e cultural tem uma outra grande qualidade, a sua sinceridade».

«Vitorino Magalhães Godinho é, com favor, uma figura que cimbora com personalidades importantes da nossa vida cultural e universitual, como Lúcio de Azevedo, Duarte Leite e Jaime Cortesão», precisou.

Na sua alocução, o Primeiro-Ministro disse que Vitorino Magalhães Godinho presida aos destinos que estão ao se comprometem, de Jaime Cortesão e Raul Proença.

Por seu turno, o ministro da Cultura, Coimbra Martins, que juntamente com o titular da pasta da Educação, José Augusto Seabra, estave presente no acto de posse, disse «não competir ao aluno apresentar o mestre» (o empossado foi seu professor) e subinhou que a escolha do novo director da Biblioteca Nacional foi «justa e aquela que se impunha».

Política que se impunha

Ministro Magalhães Godinho, ao usar da palavra, foi «o traçado de algumas directrizes de política a seguir».

Disse ser necessário rever o diploma que regulamenta a actividade da instituição e admitir novas pessoas. Igualmente defende ser urgentes que sejam devolvidos à Biblioteca Nacional instalações que outras instituições aí ocupam.

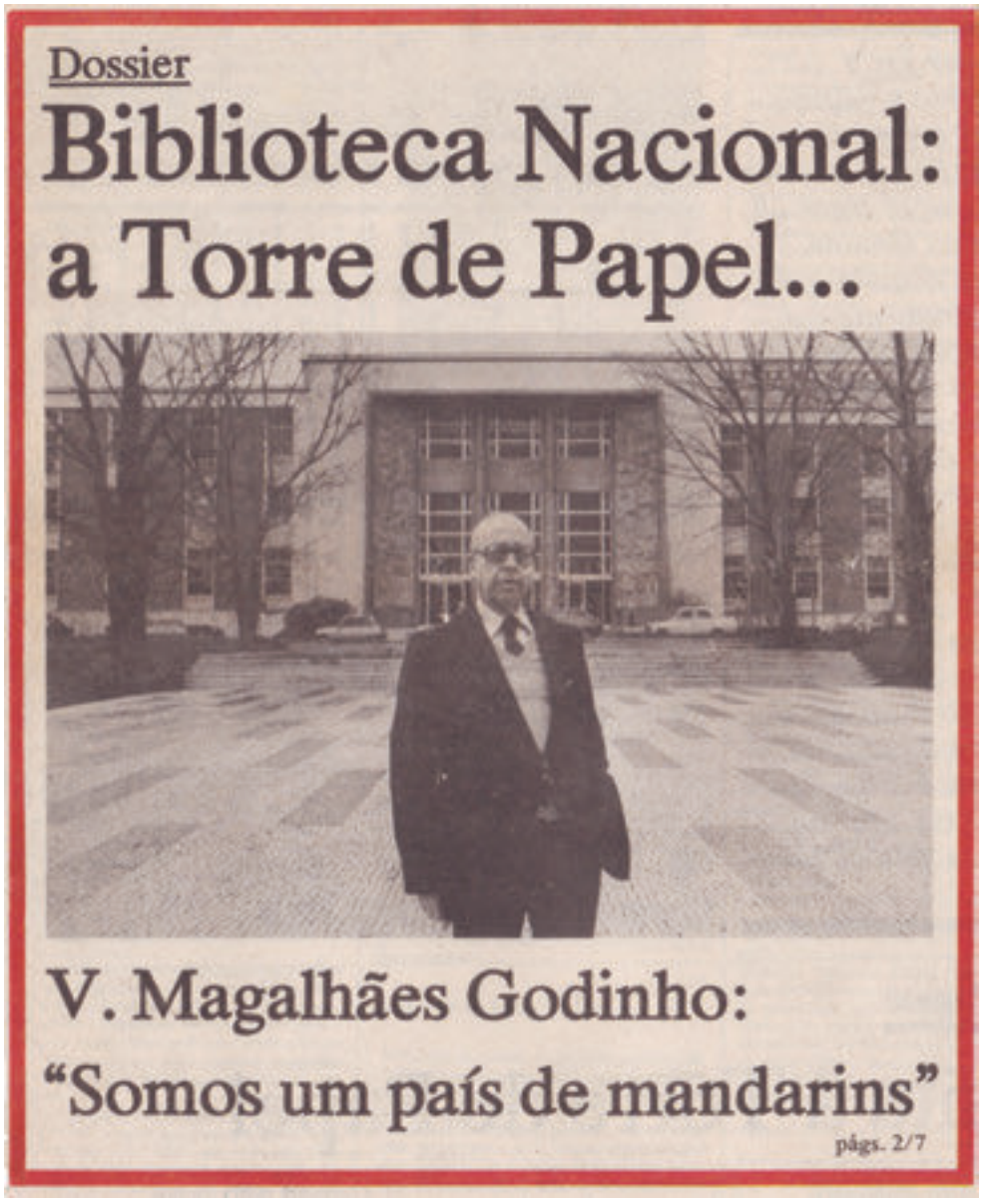
Vitorino Magalhães Godinho subinhou que a Biblioteca Nacional deve «desempenhar um papel cívico e garantir a democratização da cultura na cumidade».

«Deve também contribuir para uma civilização da dignidade, em que a riqueza da nossa herança multicencular fundamente a nossa tomada de consciência e a acção interventora reflexiva e crítica», subinhou.

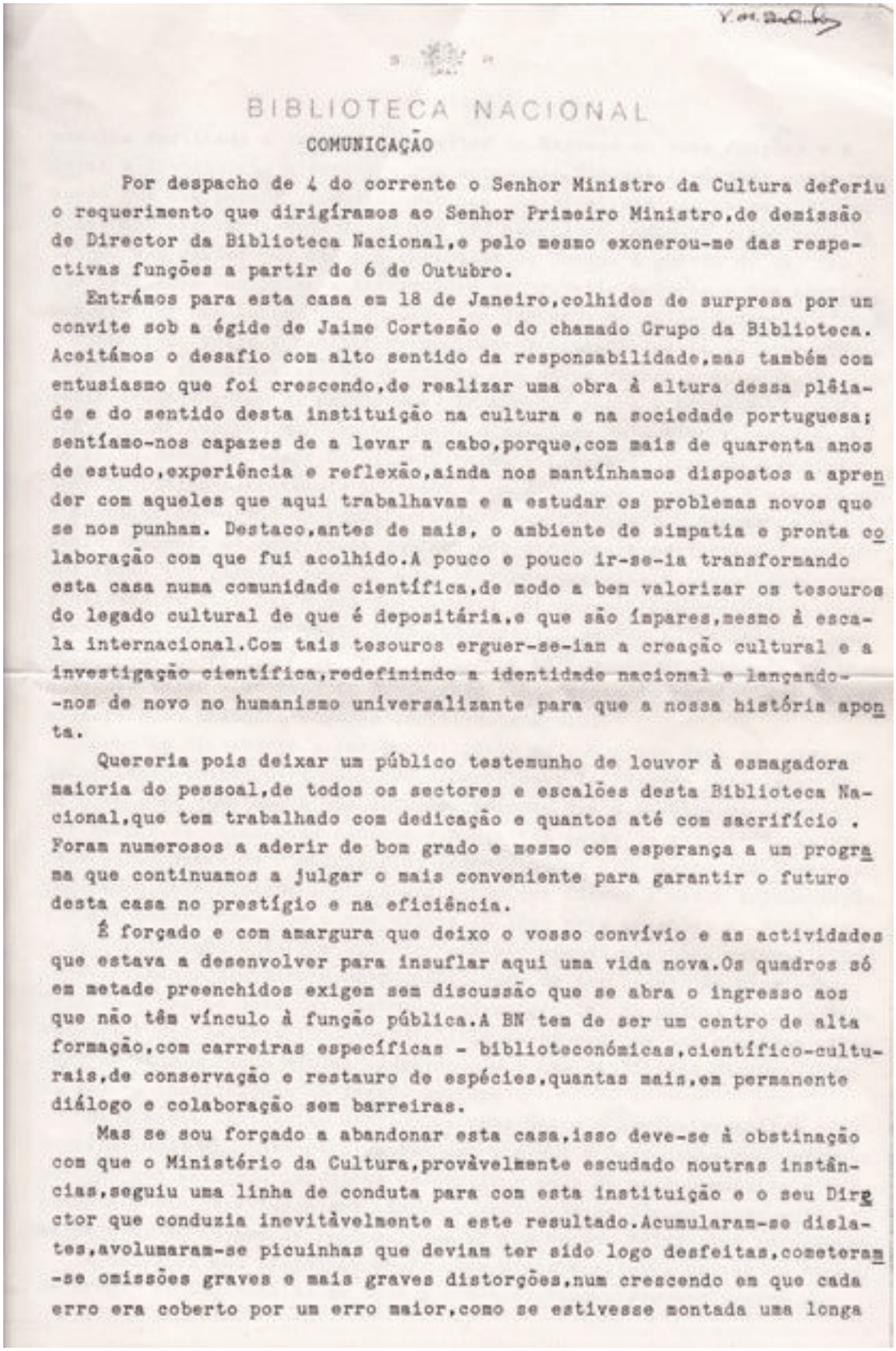
Disse que «os fundos existentes têm de ser conservados e mantidos em estado de utilização» e acrescentou não conceber uma Biblioteca Nacional «sem oficinas próprias de conservação e restauro dos espécimes».

«A descapitalização cultural significa o suicídio da identidade nacional», salientou.

75. Notícia da tomada de pose de Vitorino Magalhães Godinho como Director da Biblioteca Nacional, no jornal *A Capital,* de 19 de Janeiro de 1984.



76. Primeira entrevista como Director da Biblioteca Nacional, ao *JL: Jornal de Letras, Artes e Ideias,* Ano III, Nº 82 Fevereiro de 1984.



BIBLIOTECA NACIONAL

COMUNICAÇÃO

Por despacho de 4 do corrente o Senhor Ministro da Cultura deferiu o requerimento que dirigíramos ao Senhor Primeiro Ministro,de demissão de Director da Biblioteca Nacional,e pelo mesmo exonerou-me das respectivas funções a partir de 6 de Outubro.

Entrámos para esta casa em 18 de Janeiro,colhidos de surpresa por um convite sob a égide de Jaime Cortesão e do chamado Grupo da Biblioteca. Aceitámos o desafio com alto sentido da responsabilidade,mas também com entusiasmo que foi crescendo,de realizar uma obra à altura dessa plêiade e do sentido desta instituição na cultura e na sociedade portuguesa; sentíamo-nos capazes de a levar a cabo,porque,com mais de quarenta anos de estudo,experiência e reflexão,ainda nos mantínhamos dispostos a aprender com aqueles que aqui trabalhavam e a estudar os problemas novos que se nos punham. Destaco,antes de mais, o ambiente de simpatia e pronta colaboração com que fui acolhido.A pouco e pouco ir-se-ia transformando esta casa numa comunidade científica,de modo a bem valorizar os tesouros do legado cultural de que é depositária,e que são ímpares,mesmo à escala internacional.Com tais tesouros erguer-se-iam a creação cultural e a investigação científica,redefinindo a identidade nacional e lançando-nos de novo no humanismo universalizante para que a nossa história aponta.

Quereria pois deixar um público testemunho de louvor à esmagadora maioria do pessoal,de todos os sectores e escalões desta Biblioteca Nacional,que tem trabalhado com dedicação e quantos até com sacrifício . Foram numerosos a aderir de bom grado e mesmo com esperança a um programa que continuamos a julgar o mais conveniente para garantir o futuro desta casa no prestígio e na eficiência.

É forçado e com amargura que deixo o vosso convívio e as actividades que estava a desenvolver para insuflar aqui uma vida nova.Os quadros só em metade preenchidos exigem sem discussão que se abra o ingresso aos que não têm vínculo à função pública.A BN tem de ser um centro de alta formação,com carreiras específicas - biblioteconómicas,científico-culturais,de conservação e restauro de espécies,quantas mais,em permanente diálogo e colaboração sem barreiras.

Mas se sou forçado a abandonar esta casa,isso deve-se à obstinação com que o Ministério da Cultura,provàvelmente escudado noutras instâncias,seguiu uma linha de conduta para com esta instituição e o seu Director que conduzia inevitàvelmente a este resultado.Acumularam-se dislates,avolumaram-se picuinhas que deviam ter sido logo desfeitas,cometeram-se omissões graves e mais graves distorções,num crescendo em que cada erro era coberto por um erro maior,como se estivesse montada uma longa

77. Comunicação de pedido de demissão como Director da Biblioteca Nacional, 8 de Outubro de 1984.

BIBLIOTECA NACIONAL

manobra destinada a impedir o Director de exercer as suas funções e a levar a instituição a perder a sua autonomia.Não nos iludamos: neste processo que até parece conduzido por mão invisível,conjugaram-se ambições - dos que aspiram a este lugar mas não conseguem impor-se senão pela intriga, das seitas que visam a controlar os fundos à guarda da BN, dos que pretendem manipular a instituição em proveito próprio e dos apaniguados,dos que não querem que o autêntico espírito de Jaime Cortesão e seus companheiros volte a habitar estes lugares(satisfá-los-ia um conjunto de cerimónias rituais,visto terem horror das novas visões e da pesquisa cientificamente guiada). Amontoam-se as ameaças sobre a BN,no sentido de lhe retirar funções que são as suas: o catálogo colectivo,a catalogação na fonte,novos sistemas de classificação e indexação ligados à futura informatização devidamente planeada e na linguagem adequada,a elaboração e emanação de normas de reprodução de obras culturais,o traçar de um plano nacional de edições,as publicações eruditas,a preservação dos fundos feita por pessoal próprio e em oficinas próprias,a investigação dos problemas de Portugal e dos Portugueses ,em perspectiva histórico-estrutural e integrados no vasto mundo,em especial na Península Ibérica.Como muitos não querem a obediência à ética na utilização dos fundos,entendem a documentação como arma de propaganda e não ponto de partida - e de chegada,para um trabalho rigoroso,crítico,imparcial.

Cabe ao Ministério a responsabilidade de nunca ter dado um passo,um único sequer,tanto para resolver os problemas da BN,como para levar este novelo de questões a uma solução conforme com a justiça,os imperativos morais,os interesses nacionais.Nunca foi capaz de reconhecer um erro,e muito menos de o corrigir.No entanto,nunca o Ministro foi capaz de contrapor um argumento - um só argumento que fôsse- à nossa argumentação, e nunca compreendeu que o que estava em jôgo eram questões de dignidade - da instituição e do seu Director - e não apenas questões materiais.Cabe ao Primeiro Ministro a responsabilidade de ter lavado as mãos como Pilatos - não se deve ter lembrado das exigências da pátria na esfera da cultura e dos valores fundamentais.Afigura-se-nos que nas chamadas altas esferas se não faz a mínima idéia do que é uma Biblioteca Nacional,nem as outras instituições do legado cultural.

Se a essas instâncias decisórias cabe única e exclusivamente a responsabilidade da nossa partida,tal não diminui o desencanto que sentimos por,uma vez mais,nos impedirem de servir o país da melhor maneira e segundo a nossa capacidade;nem atenua a gravidade de pôr em causa este malbaratar do futuro de Portugal,que só com homens "difíceis" se salvará.

A todos os que trabalham nesta casa e não aceitaram servir de "peões de brega" de ingerências de toda a ordem,exprimo o reconhecimento por

se terem integrado na sua família e comigo colaborado árduamente e com lealdade.Concito-os a cerrarem fileiras a fim de defender uma instituição cimeira assediada pelas alforrecas.E faço votos para que possam prosseguir uma missão que tracei e me impus,e cujo sentido está singelamente em traduzir o nosso amor por Portugal e o imperativo da verticalidade,da honradez ,da competência,sem as quais continuaremos atolados no fundo do pântano.

A longo prazo verticalidade,honradez,competência valem a pena. É indispensável que Portugal valha a pena.

Vitorino Magalhães Godinho

Director cessante da Biblioteca Nacional

Lisboa,8 Outubro 1984

NÚCLEO 11

Reconhecimento internacional.

UNESCO*:*

Após a sua estreia na Assembleia Geral da UNESCO em 1974, na reintegração de Portugal, Vitorino Magalhães Godinho voltaria em 1978, como representante de Portugal, mandatado pelo Presidente Ramalho Eanes, para o Congresso sobre Investigação e Ensino dos Direitos do Homem, onde apresentou uma Comunicação sobre o tema.

Em 1982, é convidado pelo Ministro da Cultura Lucas Pires a acompanhá-lo às reuniões da UNESCO, em Veneza e no México. Responde expondo as razões que motivam a sua recusa.

Em 1983, é-lhe pedido um artigo que é publicado no *Courrier* da UNESCO.

Em 1992, participa no Colóquio "1492: Le choc de deux mondes" organizado pela UNESCO.

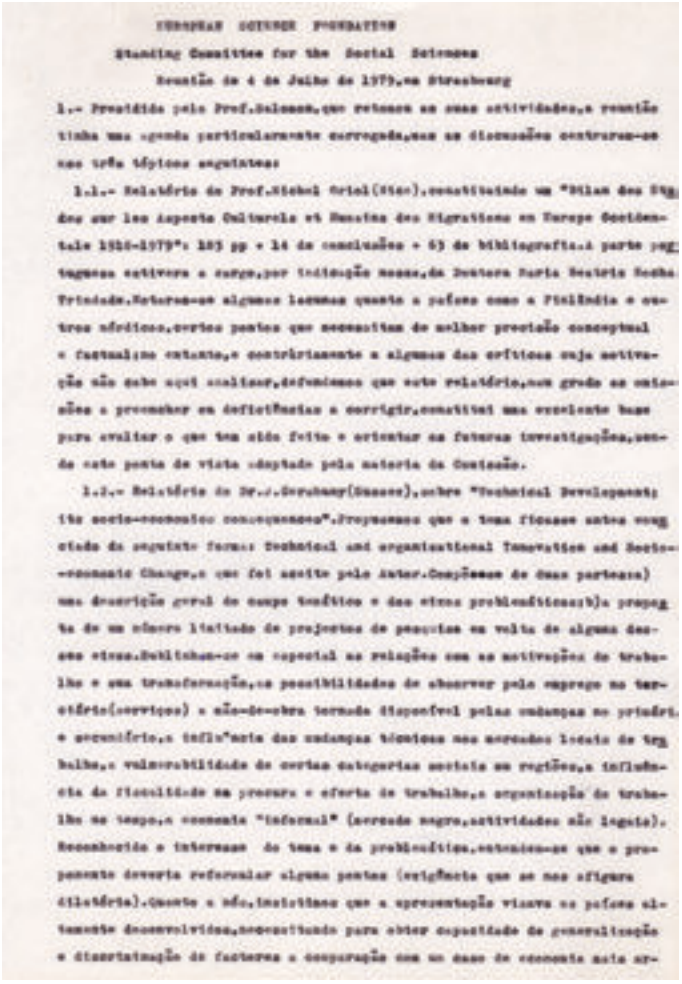
European Science Foundation:

Delegado português à Comissão de Ciências Sociais e Humanidades da ESF, desde Comissão Preparatória à Comissão Permanente – 5 Anos. Proposto para chefiar o estudo sobre migrações na Europa. Afasta-se em Agosto 1980 por falta de apoio governamental.

Conselho da Europa:

Em 1981, faz parte da delegação portuguesa chefiada por Braz Teixeira à *3ème Conférence des Ministres Européens responsables des Affaires Culturelles* que se reúne no Luxemburgo.

De 1981 a 1984, participa nas reuniões da Comissão encarregada da redacção da carta europeia de objectivos culturais e apresenta uma proposta de texto. O seu contributo é reconhecido pelo Director da Comissão de Ensino, Cultura e Desporto, apesar de o texto final não ser o seu.



EUROPEAN SCIENCE FOUNDATION

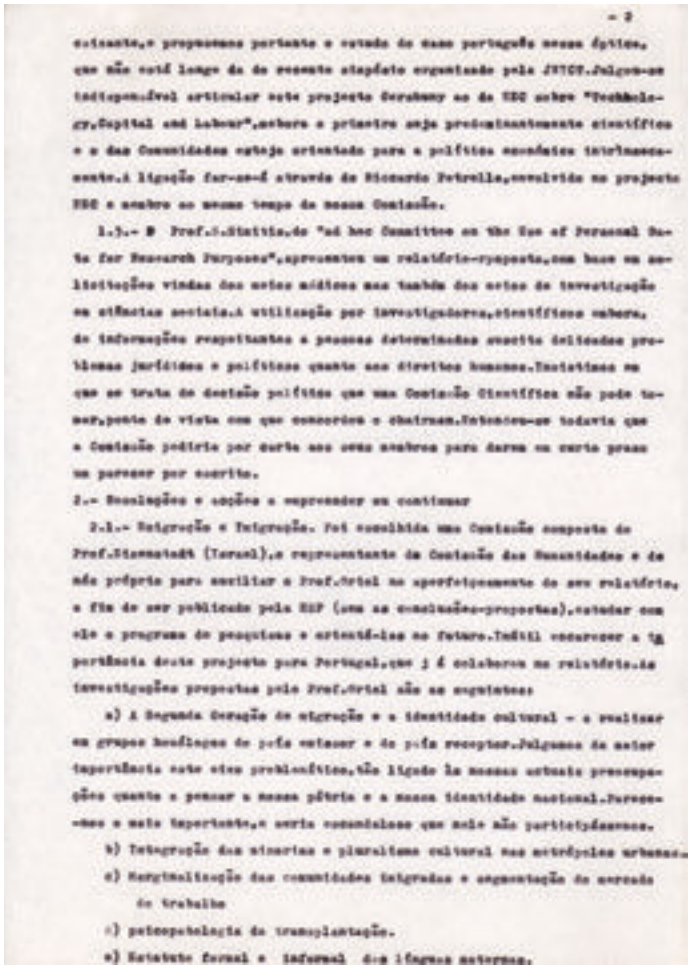
Standing Committee for the Social Sciences

Reunião de 4 de Julho de 1979, em Strasbourg

1.- Presidida pelo Prof. Salomon, que retomou as suas actividades, a reunião tinha uma agenda particularmente carregada, mas as discussões centraram-se nos três tópicos seguintes:

1.1.- Relatório do Prof. Michel Oriol (Nice), constituindo um "Bilan des Etudes sur les Aspects Culturels et Sociaux des Migrations en Europe Occidentale 1950-1979": 183 pp. + 14 de conclusões + 6) de bibliografia. A parte portuguesa esteve a cargo, por indicação nossa, da Doutora Maria Beatriz Rocha Trindade. Notaram-se algumas lacunas quanto a países como a Filândia e outros africanos, certos pontos que necessitam de melhor precisão conceptual e factual; no entanto, e contrariamente a algumas das críticas cuja motivação não cabe aqui analisar, defendemos que este relatório, num grau ou noutro, contém o pressuposto essencial a corrigir, constitui uma excelente base para evitar o que tem sido feito e orientar as futuras investigações, sendo este ponto de vista adoptado pela maioria da Comissão.

1.2.- Relatório do Dr. J. Gershuny (Sussex), sobre "Technical Development: its socio-economic consequences". Propusemos que o tema fosse antes enquadrado da seguinte forma: Technical and organizational Innovation and Socio-economic Change, o que foi aceite pelo Autor. Compõe-se de duas partes: a) uma descrição geral do campo temático e dos vários problemáticas; b) a proposta de um número limitado de projectos de pesquisa em volta de alguns destes temas. Debruçam-se em especial as relações com as motivações do trabalho e uma transformação, as possibilidades de observar pelo emprego no terciário (serviços) e não-de-obra tornada disponível pelas mudanças no primário e secundário, a influência das mudanças técnicas nos mercados locais de trabalho, a vulnerabilidade de certas categorias sociais em regiões, a influência da flexibilidade na procura e oferta de trabalho, a organização do trabalho no tempo, o conceito "informal" (mercado negro, actividades não legais). Reconhecido o interesse do tema e da problemática, entendeu-se que o proponente deveria reformular alguns pontos (exigência que se nos afigura dilatória). Quanto a nós, insistimos que a apresentação visava os países altamente desenvolvidos, necessitando para obter capacidade de generalização e diferenciação de factores a comparação com um caso de economia mais or-



- 2 -

-ciante, e propusemos portanto o estudo de caso português nesse âmbito, que não está longe de ser concreto atendendo organizado pela JNICT. Julgou-se indispensável articular este projecto Gershuny ao do ESC sobre "Technology, Capital and Labour", sendo o primeiro cuja predominantemente científica e das Comunidades esteja orientado para a política económica internacionalmente. A ligação far-se-á através do Ricardo Petrella, envolvido no projecto ESC e membro ao mesmo tempo da nossa Comissão.

1.3.- O Prof. Statitis, do "ad hoc Committee on the Use of Personal Data for Research Purposes", apresentou um relatório-proposta, com base em solicitações vindas dos meios médicos mas também dos meios de investigação em ciências sociais. A utilização por investigadores, científicos sobre, de informações respeitantes a pessoas determinadas suscita delicados problemas jurídicos e políticos quanto aos direitos humanos. Insistimos em que se trata de decisão política que uma Comissão Científica não pode tomar, ponto de vista com que concordou e chairman. Entendeu-se todavia que a Comissão poderia por certo aos seus membros para darem em certa prazo um parecer por escrito.

2.- Resoluções e opções a empreender ou continuar

2.1.- Integração e Integração. Foi convidada uma Comissão composta do Prof. Diamantopoulos (Teruel), o representante da Comissão das Comunidades e de não próprio para assistir o Prof. Oriol no aperfeiçoamento do seu relatório, a fim de ser publicado pela ESF (com as conclusões-propostas), estudar com ele o programa de pesquisas e orientá-las no futuro. Indicou recorrer a Portugal deste projecto para Portugal, que já é colaborou no relatório. As investigações propostas pelo Prof. Oriol são as seguintes:

a) A Segunda Geração de migração e a identidade cultural - a realizar em grupos homólogos de país emissor e do país receptor. Pelgrano de maior importância este vasto problemático, tão ligado às nossas culturas preocupações quanto a pensar a nossa pátria e a nossa identidade nacional. Parece-nos o mais importante, e ouvia recomendamos que mais não participássemos.

b) Integração dos minorias e pluralismo cultural nas metrópoles urbanas.

c) Marginalização das comunidades integradas e segmentação do mercado de trabalho

d) Psicopatologia da transplantação.

e) Estatuto formal e informal dos líderes naturais.

78. Relatório de Vitorino Magalhães Godinho como Delegado à Comissão de Ciências Sociais da European Science Foundation, 7 de Julho de 1979.

o projecto e) relaciona-se com os estudos de bilinguismo em curso."

2.1.2.- Entendemos de toda a conveniência participar nestes projectos, sobretudo os a) e os e), mas para isso é indispensável que surja finalmente o Grupo de Trabalho ou Comissão de Investigações sobre Emigração e de Formação de Agentes educacionais e sociais, em que se tem trabalhado desde Dezembro de 1978 e que vergonhosamente, passados seis meses, ainda não existe. Dum tal organismo, onde convirjam departamentos diversos da administração pública mas que vise a ciência e só subsidiariamente a política, será possível levar a cabo os programas a que vamos a aderir ou a que já aderimos (com resultados!), a coordenação de esforços e projectos de modo a gastar o menos possível, e formar com toda a responsabilidade de estar em contacto com os emigrantes já cá ou ao início da emigração, crianças, jovens e adultos. Graves responsabilidades cabem aos que, sob variadas pretextos, têm entravado a instituição deste organismo, aumentando o nosso atraso, que acabará por ser irrecuperável. Propomos que a Doutora Maria Beatriz Rocha Trindade continue encarregada de todos estes contactos e iniciativas, e sobretudo que se ande para a frente com a formalização da Comissão.

2.2.- "Inovação técnica e organizacional e mudança sócio-económica". Entendemos que é de dar todo o apoio a este projecto, com a condição de um dos casos a estudar ser o de Portugal (estrutura arcaizante frente a um surto de alargamento industrializado); trocávamos antes de mais pedir relatórios sobre o assunto aos seus especialistados. Mas seguidamente deveríd propor investigadores e uma linha de investigação em relação com este projecto, que é vital para a escolha do modelo de desenvolvimento que devemos fazer e para a definição da estratégia de ataque a alguns dos problemas mais graves com que nos debatemos.

2.3.- Quanto à questão jurídico-ética do acesso dos investigadores (científicos) aos dados pessoais, tencionamos pedir o parecer a a) ao Dr. Almeida Ribeiro, delegado português à Comissão dos Direitos do Homem da ONU; b) à Comissão dos Direitos do Homem da Assembleia da República. Com base nessas respostas e na nossa própria reflexão daremos então o nosso parecer à Comissão de Ciências Sociais da ESF.

2.4.- Comunicámos o relatório linguístico ao Departamento de Linguística da U.T.L. (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas), que de tais relações se tem encarregado e está ligado ao Prof. Lenelt (Hamburgo).

2.5.- Sócio-economia da Saúde. Sublinhamos uma vez mais o extraordinário alcance que teria para Portugal colaborar nestas investigações em que estão empenhados todos os países da Europa Ocidental. Como as instâncias oficiais não têm dado andamento às nossas propostas e informações, propomos constituir um pequeno grupo de especialistas, de títulos incontestados, que se conge do assunto, e o levaria ao próximo Governo, se assim se entender que vale a pena.

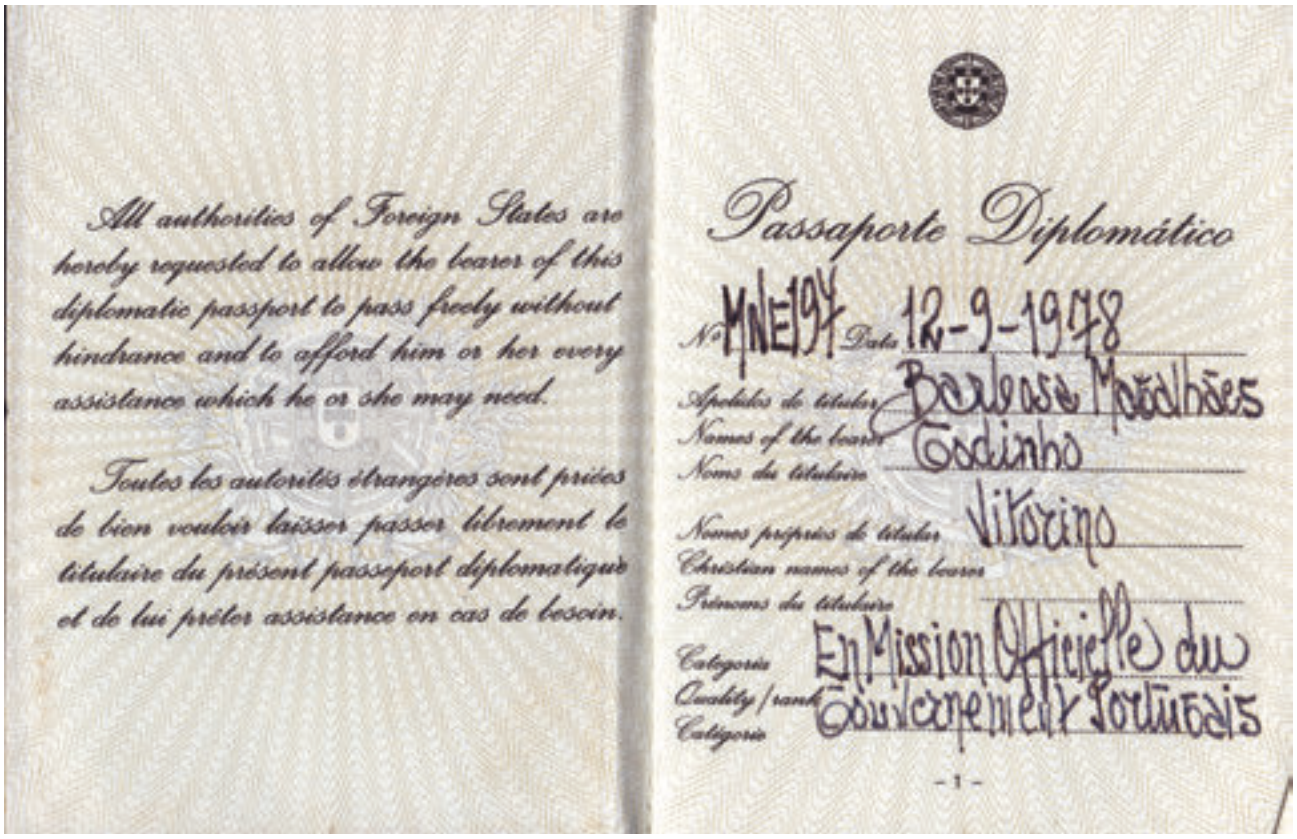
2.6.- Noções de centro-periferia (e semi-periferia) e organizações oficiais -oficiosas e especiais, bem como políticas, com base nestas distinções. O Prof. Rizzenatdi ficou de preparar um relatório, em relação com as contratas pequenas estados- grandes potências, Norte-Sul, etc. Penso que deveríamos participar também nestas preocupações, mesmo na sua fase preliminar, porquanto se trata de noções operatórias fundamentais para compreender a nossa própria expansão colonial e os processos de evolução do nosso país, bem como do resto da Península Ibérica. Proponho que, contigo, se constitua um pequeno grupo de trabalho para tal efeito, tanto mais que nas minhas investigações e de disciplinas nova nos temos frequentemente movido neste campo teórico. Um especial importante para compreender por que alguns países se bloquearam na passagem da comercialização à industrialização, mantiveram estruturas arcaizantes (v.g. na agricultura e campos).

2.7.- Chamar a atenção para o Centro de Estudos de Direito Comparado da Coimbra (Prof. Ferrer Correia) para o prosseguimento de certos grupos de trabalho de colaboração europeia, e averiguar se o Centro tem colaborado, como por mim lhe foi proposto (e a documentação enviada, em devido tempo).

3.- A actuação do delegado português na Comissão Permanente das Ciências Sociais da ESF continua a ser extremamente difícil, dada a inexistência de estruturas de apoio. Insistimos na absoluta necessidade de institucionalizar a Comissão de Ciências Sociais e Humanas na JNICT, segundo propostas nossas já antigas, sendo óptimo para Portugal poder aproveitar como vale a pena as possibilidades de colaboração internacional, e de o delegado português poder promover-se com conhecimento de causa e decidir colaborações para não só realmente frutíferas. Convinha que o delegado português à Comissão de Humanidades entrasse em contacto connosco, para uma acção concertada.

Lisboa, 7 de Julho de 1979

O delegado português à Comissão de Ciências Sociais da ESF
Vitorino Magalhães Godinho


All authorities of Foreign States are hereby requested to allow the bearer of this diplomatic passport to pass freely without hindrance and to afford him or her every assistance which he or she may need.

Toutes les autorités étrangères sont priées de bien vouloir laisser passer librement le titulaire du présent passeport diplomatique et de lui prêter assistance en cas de besoin.

Passaporte Diplomático

Nº MNE194 Data 12-9-1978

Apelidos do titular / Names of the bearer / Noms du titulaire: Barbosa Magalhães Godinho

Nomes próprios do titular / Christian names of the bearer / Prénoms du titulaire: Vitorino

Categoria / Quality / rank / Catégorie: En Mission Officielle du Gouvernement Portugais

- 1 -

Identificação
Description
Signalement

Lugar de nascimento / Place of birth / Lieu de naissance: Lisboa

Data de nascimento / Date of birth / Date de naissance: 9/5/1918

Residência / Residence / Domicile: Lisboa

- 2 -

Fotografia do titular

Assinatura do titular / Signature of bearer / Signature du titulaire

Vitorino Barbosa de Magalhães Godinho

- 3 -

79. Passaporte Diplomático, 1978.

CONSEIL DE L'EUROPE

SECRÉTARIAT GÉNÉRAL

Direction de l'Enseignement,
de la Culture et du Sport
Référence à rappeler :

Strasbourg, le 14 octobre 1981.

CK/DM/cs

Cher Monsieur,

J'ai l'honneur de vous inviter à participer à la deuxième partie de la réunion du Groupe de Rédaction d'un avant-projet de Déclaration Européenne sur les Objectifs culturels.

Cette rencontre se tiendra au Siège du Conseil de l'Europe à Strasbourg (Salle 2027 au deuxième étage du Palais de l'Europe, à côté de la Salle de Commission N° 1) du jeudi 26 novembre 1981 à 9 h.30 au vendredi 27 novembre vers 18 heures.

L'objet de la réunion sera d'examiner et d'adopter le rapport du Groupe de Rédaction au CDCC. Ce rapport comprendra l'hypothèse d'une Déclaration établie à partir des travaux de la réunion de Delphes. Un projet préparé par le Secrétariat vous sera adressé avant la fin du mois d'octobre 1981.

Vos frais de voyage et de séjour à cette occasion seront pris en charge par le Conseil de l'Europe selon les modalités précisées dans le règlement ci-joint.

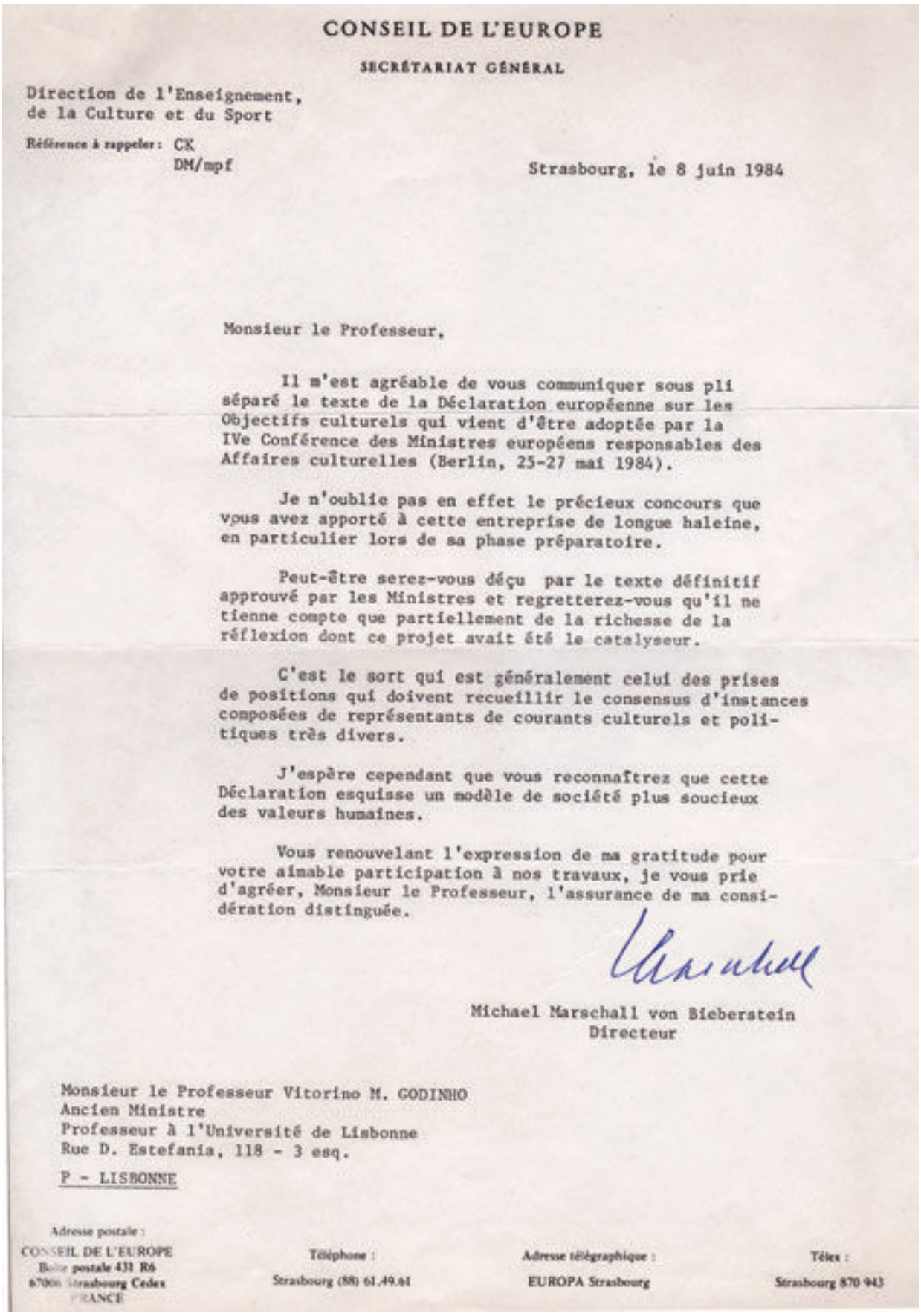
Veuillez agréer, Cher Monsieur,
l'expression de ma considération distinguée.

Nicolaus Sombart

Monsieur Vitorino Magalhaes GODINHO
Professeur à l'Université de Lisbonne
Rue D. Estefania N° 118, 3° Esq°
1100-LISBOA

Adresse postale : BP 431 R6-67006 Strasbourg Cedex — Téléphone : Strasbourg (88) 61.49.61
Adresse télégraphique : EUROPA Strasbourg — Télex : Strasbourg 870943

80. Carta a comunicar a integração de Vitorino Magalhães Godinho no Grupo de Redacção da Declaração Europeia sobre os Objectivos Culturais, 14 de Outubro de 1981.



CONSEIL DE L'EUROPE

SECRÉTARIAT GÉNÉRAL

Direction de l'Enseignement,
de la Culture et du Sport

Référence à rappeler : CK
DM/mpf

Strasbourg, le 8 juin 1984

Monsieur le Professeur,

Il m'est agréable de vous communiquer sous pli séparé le texte de la Déclaration européenne sur les Objectifs culturels qui vient d'être adoptée par la IVe Conférence des Ministres européens responsables des Affaires culturelles (Berlin, 25-27 mai 1984).

Je n'oublie pas en effet le précieux concours que vous avez apporté à cette entreprise de longue haleine, en particulier lors de sa phase préparatoire.

Peut-être serez-vous déçu par le texte définitif approuvé par les Ministres et regretterez-vous qu'il ne tienne compte que partiellement de la richesse de la réflexion dont ce projet avait été le catalyseur.

C'est le sort qui est généralement celui des prises de positions qui doivent recueillir le consensus d'instances composées de représentants de courants culturels et politiques très divers.

J'espère cependant que vous reconnaîtrez que cette Déclaration esquisse un modèle de société plus soucieux des valeurs humaines.

Vous renouvelant l'expression de ma gratitude pour votre aimable participation à nos travaux, je vous prie d'agréer, Monsieur le Professeur, l'assurance de ma considération distinguée.

Michael Marschall von Bieberstein
Directeur

Monsieur le Professeur Vitorino M. GODINHO
Ancien Ministre
Professeur à l'Université de Lisbonne
Rue D. Estefania, 118 - 3 esq.
P - LISBONNE

Adresse postale : CONSEIL DE L'EUROPE Boîte postale 431 R6 67006 Strasbourg Cedex FRANCE
Téléphone : Strasbourg (88) 61.49.61
Adresse télégraphique : EUROPA Strasbourg
Télex : Strasbourg 870 943

81. Carta a agradecer o contributo de Vitorino Magalhães Godinho para a Declaração Europeia sobre os Objectivos Culturais, acompanhada da versão final. 8 de Junho de 1984.

NÚCLEO 12

O último combate : a oposição ao Acordo Ortográfico.

Vitorino Magalhães Godinho foi um dos subscritores da Petição e Manifesto que em 2008 reuniu um vasto grupo de cidadãos na contestação ao Acordo Ortográfico (assinado em 1990). Este movimento cívico que envolveu a maioria dos mais destacados intelectuais portugueses representou um dos marcos mais relevantes no desenvolvimento de uma consciência cívica em torno da língua e do legado cultural português.

Vitorino Magalhães Godinho participou no lançamento do movimento e, não obstante os graves problemas de saúde que o debilitavam, nunca deixou de intervir através de artigos e declarações na imprensa que em muito ajudaram a construir e desenvolver essa consciência cívica.

Letras

Acordo Ortográfico

Prosseguimos o debate suscitado pelo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Com as nossas colunas abertas à publicação de textos — por mais polémicos — sobre tão controverso assunto (e provenientes não só do nosso País mas também do Brasil e dos países africanos de expressão portuguesa), inserimos nesta edição o depoimento do professor catedrático Vitorino Magalhães Godinho, um dos mais prestigiosos historiadores portugueses, antigo ministro da Educação e ex-director da Biblioteca Nacional. Não nos tendo sido possível até à data publicar o texto integral do Acordo, contamos fazê-lo em próxima edição.

A língua portuguesa para a sucata

– ou o triunfo do 'marketing' e dos interesses multinacionais

Vitorino Magalhães Godinho

A obsessiva contra a língua portuguesa e, através dela, contra a cultura nacional, substituindo-a por um afro-brasileiro que não é sequer a expressão da civilização do Brasil nem da dos estados do nosso antigo Ultramar, tem de considerar-se como um dos vectores da desagregação das realidades portuguesas multi-seculares.

Entregamos a pesca aos Espanhóis, os estados de expressão que vai deixar de ser portuguesa são penetrados pelos interesses económicos brasileiros, que por outro lado querem utilizar Portugal como testa de ponte para a penetração na CEE, a nossa economia, quer globalmente, quer nas regiões e empresas, como até nas instituições (universidades, por exemplo) ou associações depende das tomadas dos diferentes capitais estrangeiros ou «comunitários», oito cidades da região Centro recebem auxílio norte-americano. Não só durante oito anos nada se preparou para a entrada (inevitável e desejável, mas não estas condições) na CEE, como agora, ao vermos desmantelar-se tudo o que é nosso, estendemos despudoradamente a mão para implorar tudo e mais alguns cobres, aguardamos todos os auxílios de fora, multiplicamos as greves desconchavadas para demolir o que resta. Uma ilusão insofrida de dar razão a Herculano, quando chamava aos Portugueses «povo de madraços e mendigos».

Tanto se fala de participação, mas onde está a intervenção de todos os portugueses num processo que corrija os rumos do futuro de todos? Está-se a escamotear o esclarecimento da opinião pública, e a diligenciar impedir que ela se manifeste e revolte, e os estudiosos do legado cultural e social ponderem e apreciem com conhecimento de causa. Mas a língua não é vexame para chatinar no templo da Pátria, e é imperativo que todos se unam na defesa lúcida de uma das razões mais profundas do nosso ser colectivo.

1. A língua é criação cultural e das transformações da rede social desde as funduras dos séculos, obra de gerações e gerações numa combinação em incessante devir dos «bens de arrenga» e dos «bens de ganhadia». Não é portanto propriedade dos que num dado momento vivem, coexistem, os quais não gozam de qualquer direito de «usar e abusar»: respondem perante os que já desapareceram mas lha legaram, e perante os que virarem e deles exigirão receber o legado com continuidade da sua existência (não equivale a congelado ou mumificado, inalterável-mente). É obra da sociedade global e das suas subdivisões, dos grupos e das pessoas, ora paciente ora de roldão, umas vezes amorosamente afeiçoada, outras desastrada e até culposa, estruturada-se por sedimentações, infiltrações, resistências e inovações as mais diversas, que formam a sua riqueza e, pelas maneiras de sentir e de pensar, permanências e mudanças de mentalidade, teia de condutas e relações sociais, vai atravessando os tempos num constante diálogo entre gerações, e também permitindo avançar para novas construções sociais e culturais.

2. Realidade colectiva e de forte espessura temporal, estruturante de redes sociais e formas de mentalidade, como de instituições políticas (e por tudo isto estruturada e desestruturável), a língua é um dos alicerces das nacionalidades e das nações, a que pré-existe mas de que depois beneficia (nem sempre) da formação do poder político. Decerto nações há compostas de duas ou mais totalidades linguísticas — a França com o flamengo, o alsaciano, o bretão, o basco, a língua d'oc, o franco-provençal; a Suíça com o alemão, o francês, o italiano, o romanche.

Mas sobreponha-se ou não à variedade uma língua comum, que o Estado adopta, a verdade é que o mosaico linguístico acaba por formar um todo e as suas peças entram na composição da nação globalmente considerada. Não confundir com nacionalidades perfeitamente distintas que um imperialismo manteve subjugadas por séculos, é o caso da Espanha, em que Castela dominou Aragão e Catalunha, Navarra e Vascongadas, Valência e a própria Galiza (da nossa galaico-portuguesa). Nos casos de dominação política é que o Estado dominante quere impor uma só língua oficial (como tenta ver quis impor uma religião oficial, a do príncipe): fonte de conflitos insanáveis, porque só raramente se apagam as resurgências. Uma das conquistas da nossa época é o reconhecimento dos direitos das línguas minoritárias, e o movimento de regionalização (dentro de cada nação e entre nações) alteou tais valores, sem dever atentar contra a unidade nacional e a necessidade de comunicação o mais ampla possível.

3. A soberania estria-se nas realidades nacionais, nas profundezas colectivas de modos de ser e de viver; é a língua um dos seus esteios, por conseguinte, não é a língua que depende da soberania. Torna-se extremamente claro que, sendo um dos fundamentos da soberania, a língua não pode ser manipulada, refundida, alterada por qualquer órgão de soberania, nem por todos em conjunto. A Constituição supõe uma língua, está escrita numa língua, que reconhece como modo de expressão de um povo; mas por isso mesmo não pode estatuir sobre a língua, nem permitir que os órgãos de soberania sobre ela estatuam: o que não seria anticonstitucional nem constitucional, seria írrito e nulo por essência, e nem sequer é aos tribunais que pode caber julgá-lo, é à consciência nacional com toda a densidade dos séculos passados e vindouros. Órgãos de soberania que estatuíssem sobre a essência da língua atentariam contra a nação e teriam de responder perante essa consciência nacional.

4. Diz-se-á que em Portugal se sucederam reformas ortográficas por decisão governamental, aprovadas por portarias; haveria pois ortografia «oficial», e estatuída por instrumento menor, nem sequer por lei. Até 1911 considerou-se ortografia oficial a do «Diário do Governo»: como notou Cândido de Figueiredo, ninguém, nem mesmo os ministros, seguiam fora daquele órgão. Em 15 de Fevereiro de 1911, movido pela generosa aspiração de eliminar o analfabetismo (70 % de maiores de 7 anos), o Governo nomeou por portaria uma Comissão incumbida de estudar e propor a reforma da ortografia; o relatório foi entregue em 23 de Agosto, e uma Portaria de 11 de Setembro mandou-a pôr em execução nas escolas e documentos oficiais. Mas sucedeu-lhe um longo período de transição, logo com a 2.ª Portaria (n.º 2553) em 29 de Novembro de 1920, a alterar algumas disposições, e isto até o Acôrdo Luso-brasileiro de 1931, entre Academias, a favor da unificação; oficializado por Portaria n.º 7117, de 27 de Maio.

Em 1940 é o **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**, da Academia das Ciências de Lisboa, devido sobretudo a Rebelo Gonçalves. E em 1945 novo Acôrdo Luso-brasileiro, que o Brasil continua a não ratificar. Pode pois dizer-se que o Brasil não tem ortografia oficial, e que em Portugal também não vigorou, porque a ratificação brasileira era indispensável para a sua entrada em vigor. O Brasil dos Acordos era aliás o da ditadura de Getúlio Vargas. E as Portarias portuguesas, salvo as duas primeiras, exprimiam a ditadura salazarista — dono do país, por que não da língua, o financeiro coimbrão?

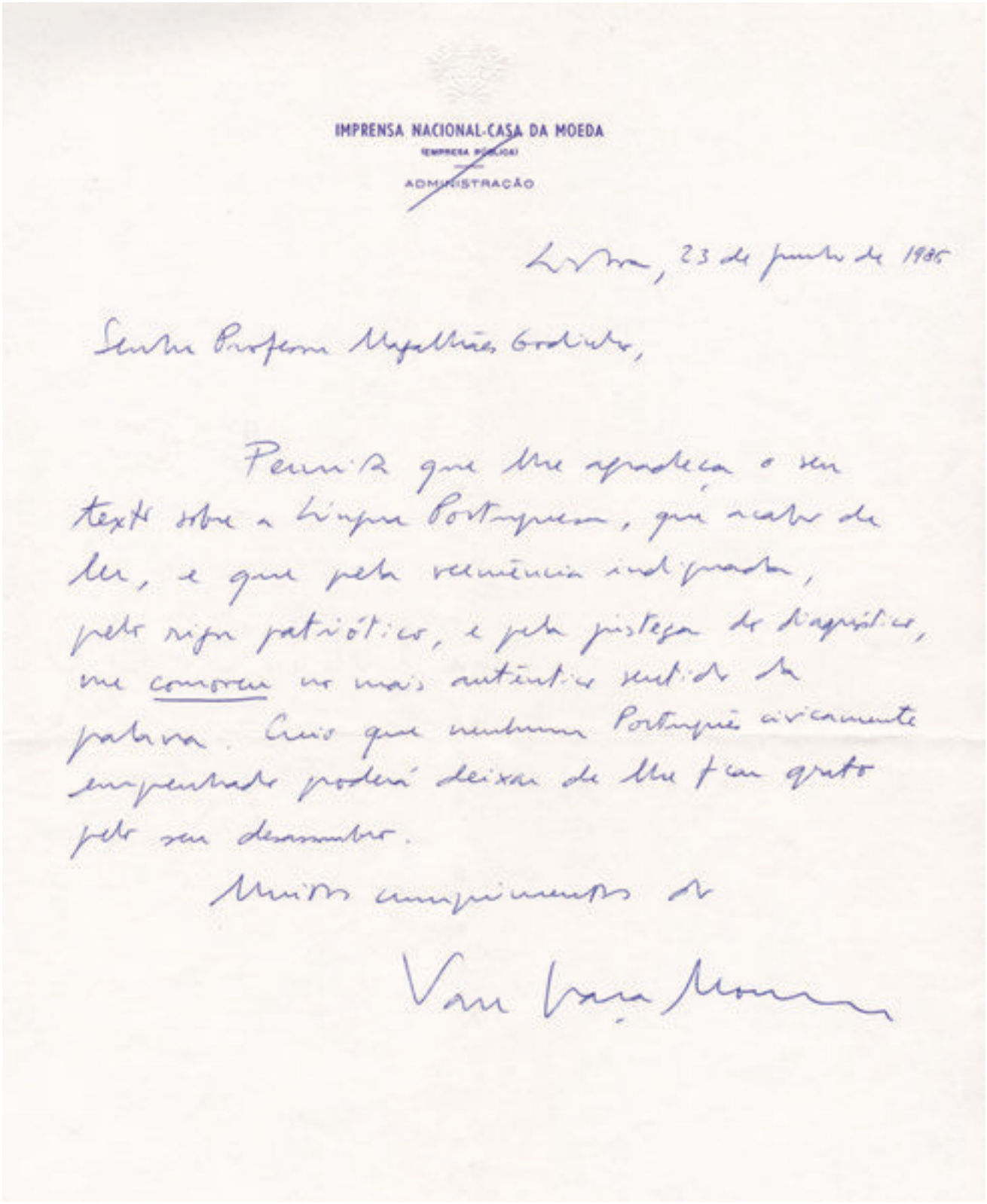
A propriedade da língua e a faculdade de a modificar

5. Tais procedentes não justificam, pelas razões já expostas, a idéia de que a língua pode ser determinada na sua essência por qualquer órgão de soberania ou pelo seu conjunto. Às reformas só podem intervir graças a um consenso devidamente fundamentado, e que tem como propostas de paradigmas a seguir não imposição legal de regras. E assim foram entendidas na República.

6. Menos pode um grupo, e tanto pior quanto mais restrito, arrogar-se a propriedade da língua, e a faculdade de a modificar a seu belo talante. Por mais competentes que sejam os seis membros, e não é o caso. Nem alegemos nomes cuja carreira científica, pedagógica e cívica nos merece todo o respeito: mas agora seria desrespeitoso querer trazer à liça. Nenhum historiador participou nos trabalhos (tão velozes!) da tal Comissão; e nenhum sulfer do que os autênticos historiadores (não os que têm o monopólio da TV e de publicações de vasto mercado) conhece as realidades nacionais, tem intimidade com os arquivos de documentos que não apenas as obras literárias e afins, mede a responsabilidade de critérios de reprodução das obras culturais. Também nenhum etnólogo, nenhum sociólogo da cultura.

Em 1911 a Comissão, impulsionada por Gonçalves Viana, compunha-se de Carolina Michaëlis, Cândido de Figueiredo, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, a que se agregaram Ribeiro de Vasconcelos, Gonçalves Guimarães, Epifânio Dias, José Joaquim Nunes, Borges Carneiro, Júlio Moreira. Que diferença, santos manes da língua pátria! Há um mínimo de bom-senso e consentimento, o sentido das responsabilidades, — e de crime na escolha. Em Portugal, porque não lhe a

82. "A língua portuguesa para a sucata". Excerto de um texto de Vitorino Magalhães Godinho, publicado no *JL: Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano VI, Nº 207, Junho de 1986.



IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA
(EMPRESA PÚBLICA)
ADMINISTRAÇÃO

Lisboa, 23 de junho de 1986

Senhor Professor Magalhães Godinho,

Permita que lhe agradeça o seu texto sobre a Língua Portuguesa, que acabo de ler, e que pela veemência indignada, pelo rigor patriótico, e pela justeza do diagnóstico, me comoveu no mais autêntico sentido da palavra. Creio que nenhum Português civicamente empenhado poderá deixar de lhe ficar grato pelo seu desassombro.

Muitos cumprimentos de

Vasco Graça Moura

83. Carta de Vasco Graça Moura a Vitorino Magalhães Godinho, 23 de Junho de 1986.

CULTURA

Quatrocentas personalidades divulgaram ontem, em Lisboa, manifesto de resistência

Ironia contra Acordo Ortográfico

Vitorino Magalhães Godinho: "O Acordo está fora do âmbito dos órgãos de soberania"

José Eduardo Agualusa

Ontem, nas retretas instalações do Grémio Literário, em Lisboa, o Movimento contra o Acordo Ortográfico lançou o seu manifesto de resistência, um documento assinado por quase 400 personalidades. Cavaco Silva e Santana Lopes foram os principais visados pela indignação e ironia dos porta-vozes da iniciativa.

Foi num clima de alguma indignação, mas sobretudo muito bom humor, que o Movimento contra o Acordo Ortográfico apresentou ontem, em conferência de imprensa, uma "Carta Aberta aos Portugueses", subscrita por cerca de 400 nomes das mais variadas áreas do saber e da cultura portuguesa.

O primeiro-ministro Cavaco Silva e o secretário de Estado da Cultura, Santana Lopes, seriam repetida e duramente criticados por aquilo que os promotores do anti-Acordo consideram ser "a apropriação pela classe política de uma matéria que lhes não pertence".

O historiador Vitorino Magalhães Godinho, autor do texto da carta aberta, foi particularmente sarcástico: "Não se pode pedir à Assembleia da República que decida se na eucaristia o corpo de Cristo está presente fisicamente ou apenas simbolicamente". Pouco antes, fizera questão de explicar que o manifesto agora divulgado "se dirige à única entidade com voto na matéria: a opinião pública, o povo português e a comunidade científica e cultural".

Ironizando longamente com a ignorância da classe política portuguesa, Magalhães Godinho diria ainda: "Em vez de adesão a um partido temos adesência, das negociações resultam consensos quando deveríamos falar de acordos (...). Os nossos estadistas atuvelam-se em emparcelamentos de terras, estando na realidade a realizar emparcelamentos, mas seria demais pedir-lhes que tivessem lido Oliveira Martins...".

"Ulisses" na origem do Acordo?

O presidente do Grémio Literário, Salles Lane, abriu o encontro lembrando que o Movimento contra o Acordo Ortográfico se começou a organizar em 1986, na sequência da apresentação do primeiro projecto, "muito mais completo e ambicioso do que este". Segundo Salles Lane, a iniciativa do acordo partiu do professor brasileiro António Houaiss, que se teria sentido defraudado com o facto de em Portugal a sua tradução do, "Ulisses", de James Joyce, ter sido preterida a favor da portuguesa, da autoria de João Palma-Ferreira.

Para Maria Prieto, presidente do Movimento contra o Acordo Ortográfico, só interesses económicos e um forte conjunto de razões políticas explicam a assinatura do Acordo, que considerou inútil e prejudicial: "Inútil porque, ao consagrar a dupla grafia, não realiza a unificação pretendida, antes a complica". Maria Prieto refutou ainda os argumentos segundo os quais o Acordo se justifica enquanto estratégia de afirmação internacional da língua portuguesa; em sua opinião, esta questão não se coloca no caso dos organismos europeus, uma vez que aí só está em causa uma única norma; por outro lado, nos organismos internacionais a situação não irá na prática sofrer alteração já que o Acordo admite grafias duplas e torna facultativas certas grafias.

Acerca dos prejuízos resultantes da aplicação do Acordo debruçou-se com especial pormenor Francisco Espadinha, presidente da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros; Espadinha levantou a possibilidade de o Acordo Ortográfico vir a desactualizar muitas espécies bibliográficas. O Acordo levará ainda, na opinião deste editor, "à inutilização e consequente destruição de um património constituído por largas centenas de milhar de películas — os fotolitos — em que estão gravadas as composições de muitas obras, destinadas a reimpressões".

África fora do debate

Em declarações ao PÚBLICO, um elemento do Movimento contra o Acordo Ortográfico que, por razões de ordem profissional, pediu para não ser identificado, levantou algumas objecções de natureza jurídica à aplicação do Acordo Ortográfico nos países africanos de língua oficial portuguesa:

"No 'Diário da Assembleia da República' de 23 de Janeiro, 2ª Série-C, nº 13, onde vem publicado o texto do projectado acordo, um dos pressupostos é que terá havido um amplo debate nos países africanos de língua portuguesa. Porém, elementos do Governo angolano com quem eu contactei, nem sequer sabiam do Acordo! Portanto, eu não acredito que nesses países tenha havido um tal debate. Por outro lado, no número 3º deste artigo refere-se que o Acordo entrará em vigor depois de depositados, até 1994, os instrumentos de ratificação em todos esses países. Ora, alguns deles estão a sofrer modificações na sua estrutura política, tendentes à criação de um ambiente democrático, sendo possível que em breve os governados comecem a contestar algumas das decisões que lhes foram impostas pelos antigos governantes".

Ainda a respeito dos países africanos, até agora quase ignorados no decurso de toda esta polémica, Vitorino Magalhães Godinho disse não estarem tais países em condições de se pronunciarem, devido ao difícil processo de transição que atravessam: "Nem sequer é possível saber o lugar que a língua portuguesa ocupará nesses países após a democratização".

Interrogado a respeito da anunciada visita de Cavaco Silva ao Brasil para, em conjunto com o Presidente Collor de Mello, ratificar o Acordo, o deputado independente José Magalhães manifestou a sua estranheza: "Não se percebe o que isso significa porque o Acordo já foi assinado pelos representantes dos governos a 16 de Dezembro".

O historiador Vitorino Magalhães Godinho declarou-se, por seu lado, indiferente "com aquilo que o senhor Cavaco Silva vai fazer ao Brasil, acolitado pelo senhor Lopes", pois, segundo ele, "esta matéria está fora do âmbito dos órgãos de soberania". Por idêntica razão, Magalhães Godinho considera que nem sequer é possível aplicar-se o conceito de desobediência civil àqueles que se recusem a seguir as normas estabelecidas pelo Acordo, uma vez que, "não tendo ninguém competência para legislar sobre tal matéria, não existe quadro legal, e não pode portanto haver desobediência à lei".

Cerca de 400 personalidades, entre as quais Sophia de Mello Breyner, António Lobo Antunes, Marcelo Rebelo de Sousa, Nelson de Matos, Fátima Maldonado, Miguel Esteves Cardoso e Augusto Mesquitela Lima, assinam o documento entretanto divulgado pelo Movimento contra o Acordo Ortográfico. Dirigentes do movimento mencionam encontrar-se com contestatários ao acordo nos restantes países de língua portuguesa, admitindo-se que uma delegação possa visitar em breve o Brasil, Cabo Verde e São Tomé. Entretanto, a Assembleia da República tem agendado para 8 de Maio um debate sobre os termos do Acordo; e uma petição contra o Acordo, assinada, segundo o MCAO, por mais de nove mil pessoas aguarda agendamento. ■

84. "Ironia contra o Acordo Ortográfico". Notícia sobre manifesto de "quatrocentas personalidades", publicada no *Público*, 12 de Abril de 1991.

NÚCLEO 13

Mostra bibliográfica.

História dos Descobrimentos e da Expansão Ultramarina

Dúvidas e problemas àcêrca de algumas teses de historia da expansão, Gazeta de Filosofia, 1943 (Coleção Problemas). **Cota**: BM 3045

Documentos sobre a expansão portuguesa, prefácio e notas de Vitorino Magalhães Godinho, Lisboa, Editorial Gleba, imp. 1945-1956, 3 vol. (Estudos Portugueses). **Cota**: BSC 2804

A expansão quatrocentista portuguesa: problemas das origens e da linha de evolução, 1.ª ed., Lisboa, Emprêsa Contemporânea de Edições, 1944. **Cota**: BMG 220

Les grandes découvertes, Coimbra, Coimbra Editora, 1953.
Cota: BM 5052

"Le repli Vénitien et Égyptien et la route du Cap : 1496-1533" in *Éventail de l'histoire vivante : offert par l'amitié d'historiens, linguistes, géografes, économistes, sociologues, ethnologues : hommage a Lucien Febvre*, Paris, Armand Colin, 1953, vol.2, pp. 283-300.
Cota: BMG 235

O Mediterrâneo saariano e as caravanas do ouro: geografia económica e social do Sáara Ocidental e Central do XI ao XVI século, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1956. (Revista de história).
Cota: BM 6030

"Le tournant mondial de 1517-1524 et l'empire portugais" in *Studia : revista semestra*l, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos., N.º 1 (Jan. 1958), pp. 184-199. **Cota**: HST PP 7

"Os Descobrimentos: inovação e mudança nos séculos XV e XVI" in *Revista de História Económica e Social,* Lisboa, Sá da Costa, N.º 2 (1978), pp. 1-28. **Cota**: CS PP 3

Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar: séculos XIII-XVIII, Lisboa, Difel, D.L. 1990. ISBN 972-29-0043-9. **Cota**: BRF 365

Les Découvertes: XVe-XVIe : une révolution des mentalités, Paris, Autrement, 1990 (Mémoires).
ISBN 2-86260-313-9. **Cota**: BMG 202

"Entender la praxis de los negocios : esboço de modelo para a economia dos séculos XV e XVI" in *História das Ilhas Atlânticas*, Funchal, 1997, vol.1. **Cota**: BMG 245

Os descobrimentos e a economia mundial, 1.ª ed., Lisboa, Arcádia, 1963-1965, 2 vol. **Cota**: RES 911

Le devisement du monde: de la pluralité des espaces à l'espace global de l'humanité: XVème-XVIème siècles, 1.ª ed., [Lisboa], Instituto Camões (Cadernos Camões).
Cota: BMG 373

"The Portuguese Empire : 1565-1665" in *The Journal of European Economic History*, Vol. 30, N.º 1 (Primavera 2001) pp. 49-104. **Cota**: BMG 266

"Portugal and the making of the Atlantic World. Sugar fleets and gold fleets, the seventeenth to the eighteenth centuries" in *Review : Fernand Braudel Center*, Vol.XXVIII, N.º 4 (2005) pp. 313-337. **Cota**: GS 623

Documentos sobre a expansão quatrocentista portuguesa, 2.ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011, 2 Vol. (Biblioteca de autores portugueses) ISBN 978-972-27-1929-2; ISBN 978-972-27-1930-8. **Cota**: BMG 259

Portugal e os Portugueses – aproximações histórico-estruturais

"D. Duarte" in *Seara Nova : revista quinzenal de doutrina e crítica*, [Lisboa], Seara Nova, A. XIV, N.º 432 (28 de março de 1935) pp. 382. **Cota**: GS PP 41 e disponível online em http://www.slhi.pt/noticias/seara-nova-online

Prix et monnaies au Portugal: 1750-1850, prefácio de Lucien Febvre, Paris, Librairie Armand Colin, 1955. **Cota**: BSC 2566

"Portugal and Her Empire" in *The New Cambridge Modern History*, vol.V The ascendancy of France (1648-1688), ed. F.L. Carsten, Cambridge, Cambridge University Press, 1961, pp. 384-397. ISBN 0-521-04544-4. **Cota**: BMG 1817

"Finanças públicas e estrutura do Estado" in *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, Lisboa, Iniciativas Editoriais, imp. 1971, Vol. 2, pp. 244-264. **Cota**: BM 5134

Ensaios I, Sobre História de Portugal, 1.ª ed. Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1968. **Cota**: HST 14

A estrutura da antiga sociedade portuguesa, Lisboa, Arcádia, imp. 1971 (Biblioteca Arcádia de bolso. Secção 3, História e Geografia). **Cota**: BSC 27029

"O naufrágio da memória nacional e a Nação no horizonte do marketing" in *A memória da nação: Colóquio do Gabinete de Estudos de Simbologia realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, 7-9 de Outubro de 1987*; organização Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto, 1.ª ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1991, pp. 15-30. ISBN 972-562-293-6; ISBN 972-562-293-6; ISBN 972-562-293-6. **Cota**: BLB 657

Ensaios e estudos: uma maneira de pensar, 2.ª ed., Lisboa, Sá da Costa, 2009, 2 Vol. (Ensaios : Nova universidade). ISBN 978-972-562-374-9; ISBN 978-972-562-394-7. **Cota**s: BMG 383

Teoria e metodologia das Ciências Humanas

"A historiografia contemporânea. Orientações e problemas" in *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, Universidade de Lisboa, Tm. VIII, 2.ª Série, N.º 1-2 (1942), pp. 71-116. **Cota**: BM PP 20

A crise da história e as suas novas directrizes, Lisboa, Emprensa Contemporânea de Edições, [1946]. **Cota**: BM 376

Introdução às ciências sociais, Lisboa, Associação Académica do ISCEF, [1964] (Estudo e Documentos). **Cota**: BMG 224

"Sobre a pesquisa interdisciplinar em ciências humanas" in *Revista de Economia*, Vol. XVI, Fasc. III e IV (1964). **Cota**: BMG 3135

Ensaios III, Sobre a teoria da história e historiografia, 1.ª ed. Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1971. **Cota**: HST 14

"António Sérgio: Presença no passado, presença no futuro" in *Seara Nova : revista quinzenal de doutrina e crítica*, [Lisboa], Seara Nova, N.º 1507 (maio de 1971), pp. 36-38. **Cota**: GS PP 41 e disponível online
em http://www.slhi.pt/noticias/seara-nova-online

Reflexão epistemológica

Ensaios IV, Humanismo científico e reflexão filosófica, 1.ª ed. Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1971. **Cota**: HST 14

Les sciences humaines et la mutation du monde : réflexions inactuelles, Lisboa, Colibri, 1998 (Ensaio; 3). ISBN 972-772-059-5. **Cota**: BSC 27017

O ofício da cidadania – Estudos e intervenções políticas e culturais

Um rumo para a educação, Lisboa : Editorial República, imp. 1971 (Cadernos República ; 6). **Cota**: BMG 211

A educação num Portugal em mudança, Lisboa, 1974. **Cota**: BMG 197

Pensar a democracia para Portugal: incomodamente, Lisboa, Gráfica Portuguesa, 1976. [Declarações prestadas na Conferência de Imprensa em 23/07/74, pelo Ministro da Educação e Cultura Professor Doutor Vitorino Magalhães Godinho] **Cota**: BSC 27079

Um projecto para Portugal, Mem-Martins, Europa-América, [D.L. 1979] (Estudos e documentos, 153).
Cota: BSC 22495

Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas: discursos oficiais comemorativos do dia 10 de Junho: *Vila Real, 1979*, Lisboa, Ministério da Comunicação Social, Direcção-Geral da Divulgação, imp. 1979. [Discursos proferido pelo Presidente da República, General Ramalho Eanes e pelo Professor Doutor Vitorino Magalhães Godinho] **Cota**: BMG 216

"Biblioteca Nacional: novos caminhos num mundo tão mudado" in *Revista de História Económica e Soci*al, Lisboa, Sá da Costa, N.º 14 (1984) pp. 103-116. [Programa apresentado na tomada de posse como Diretor da Biblioteca Nacional em janeiro de 1984] **Cota**: BSC PP 16

Os problemas de Portugal : mudar de rumo, Lisboa, Colibri, 2009. ISBN 978-972-772-951-7. **Cota**: BMG 369

Sobre os grandes problemas do mundo actual

Identité culturelle et humanisme universalisant, Lisboa, Instituto Português de Ensino à Distância, 1982. **Cota**: BSC 17948

A Europa como projecto, Lisboa, Colibri, 2007.
ISBN 978-972-772-746-9. **Cota**: E 1469

Os problemas de Portugal : os problemas da Europa, 2.ª ed., Lisboa, Colibri, 2010. ISBN 978-972-772-996-8. **Cota**: BMG 377

Funções na direção de revistas científicas

Revista de história económica e social, Lisboa, Sá da Costa, N.º 1 (Jan./Jun. 1978). **Cota**: CS PP 3

Colaboração em obras coletivas

"Portugal and Her Empire, 1680-1720" in *The New Cambridge Modern History, vol. VI The rise of Great Britain and Russia 1688-1715/25*, ed. J. S. Bromley, Cambridge, Cambridge University Press, 1970, pp. 509-539. ISBN 0-521-07524-6. **Cot**a: BMG 1817

Conjoncture économique: structures sociales. Hommage à Ernest Labrousse, Paris, Mouton, 1974. ISBN 2-7193-0411-5. **Cota**: GS 1905

Cronologia

9 Junho 1918 – Nasce em Lisboa, Vitorino Barbosa de Magalhães Godinho, filho de Vitorino Henriques Godinho e de Maria José Vilhena Barbosa de Magalhães Godinho.

1919–1922 – Vive em Paris com a família, durante estadia do Pai como adido militar português.

1929–1936 – Frequenta o ensino liceal, no Liceu Gil Vicente (até ao 5º ano), onde é aluno de Câmara Reys e de Newton de Macedo, e no Liceu Pedro Nunes (2 últimos anos).
Data do 4º ano do Liceu a sua ligação ao grupo da *Seara Nov*a e da mesma época o início da sua participação em actividades cívicas e políticas.

1936–1940 – Frequenta a Faculdade de Letras de Lisboa, secção de Ciências Históricas e Filosóficas. Licencia-se com Dissertação *Razão e História – Introdução a um Problem*a.

1942 – Casamento com Maria Antonieta Tornelli Cordeiro Ferreira.

1943 e 1944 – Nascimentos das 2 filhas, Maria Teresa e Maria Isabel.

1942–1944 – Professor Extraordinário contratado da Faculdade de Letras de Lisboa, Secção de História. Demitido em Janeiro de 44 por razões políticas.

1943–1946 – Publica *Documentos sobre a Expansão Portugues*a (Vol. I e II) (1943 e 1945), *Dúvidas e Problemas acerca de algumas teses da História da Expansão* (1943), *A Expansão Quatrocentista portuguesa* (1945), *A Teoria da História e as suas novas Directrizes* (1946).

1944–1946 – Cursos Livres no Ateneu Comercial de Lisboa, a pedido dos seus antigos alunos.

1947 – Ida para Paris, contratado como investigador do CNRS, graças a iniciativa de Pierre Hourcade e o patrocínio de Marcel Bataillon, Lucien Febvre e Fernand Braudel.

1948 – Membro fundador da Association Marc Bloch.
Em Março, saída do 1º número da *Revista de Econom*ia (1948-1964), na qual teve uma participação activa.

1954 – Ida ao Brasil como Professor visitante na Universidade de São Paulo, integrado na Missão Universitária Francesa, com Pierre Mombeig e Maurice Lombard.

1955 – Diplôme de Sciences Économiques et Sociales na École Pratique des Hautes Études, com «Prix et Monnaies au Portuga».

1959 – Doctorat ès Lettres na Sorbonne com mais alta classificação «Mention Très Honorable». Júri : Ernest Labrousse, Fernand Braudel, Roland Mousnier, Michel Mollat, Léon Bourdon. Tese Principal : «L'Economie de l'Empire Portugais aux XVème et XVIéme siècles». Tese Complementar : «Les finances de l'Etat Portugais des Indes Orientales 1516-1636».

1960 – Regresso a Portugal. Professor Catedrático no ICSPU/ISEU. Demissão na sequência de crise académica (1962).

1962 – Publicação de "A Economia dos Descobrimentos Henriquinos Portugueses", encomendada e depois rejeitada pela Comissão das Comemorações Henriquinas.

1969 – Congresso Republicano de Aveiro. Discurso na sessão de encerramento: "O Socialismo e o Futuro da Península"

1970 – Grand Prix de l'Académie de Marine.

Outubro de 1971 a Julho de 1974 – Professor Catedrático Associado da Universidade de Lettres et Sciences Humaines de Clermont Ferrand.
Publica "A estrutura da antiga sociedade portuguesa".

Julho de 1974 – Regressa a Portugal. Publica "Um Rumo para a Educação"

19 Julho 1974 – 30 Novembro 1974 – Ministro da Educação e Cultura de Portugal.

Outubro – Novembro 74– Protagoniza re-ingresso de Portugal na UNESCO. Discurso na Sessão Plenária de Abertura e nova intervenção na sessão de encerramento.

1975–1988 – Professor Catedrático da UNL – Área de Ciências Socias e Humanas/FCSH.
Membro do Conselho científico do IPED, organismo que preparou a Universidade Abeta (ensino a distância).

1975 – Doutoramento *Honoris Causa* pela Universidade de Clermont Ferrand (Patrono Albert Silbert).

Julho 1975 - No *Colóquio Internacional para a Construção do Socialismo*, discurso na sessão inaugural: "A Democracia Socialista, um mundo novo e um novo Portugal".

1976–1980 – Delegado Português à Comissão de Ciências Sociais e Humanidades da European Science Foundation.

1977 – Officier de l'Ordre National du Mérite de France.

1978 – Fundador e primeiro Director da *Revista de História Económica e Social*.

Setembro 1978 – Representante de Portugal à Assembleia Geral da UNESCO/Congresso

sobre Investigação e Ensino dos Direitos do Homem, Viena de Austria (em representação do Presidente Ramalho Eanes).

1979 - Publicação de "Um projecto para Portugal".

10 de Junho de 1979 – Orador no Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, Vila Real. "Portugal – Bilhete de Identidade".

1980 – Fundação da Associação Portuguesa de História Económica Social (29 Abril).
Membro do Conselho Científico do IPED, organismo que preparou a Universidade Aberta.
Criador e Director do Centro de Estudos De História e Cultura Poruguesa 1980-88).

Maio – Conselho da Europa. 3ème Conférence des Ministres Européens responsables des Affaires Culturelles". Pertence à delegação portuguesa chefiada por Braz Teixeira.

Julho–Agosto - Missão às Universidades Chinesas de Pequim, Shangai e Cantão (Julho-Agosto), a convite da República Popular da China e com apoio da Secretaria de Estado da Cultura.

1981 – Participação na Conferência Internacional sobre "Identité Culturelle", no Institut du Tiers Monde, Paris.

1981–1984 – Participação nas reuniões do Grupo de Redacção do ante-projecto da Declaração Europeia sobre Objectivos Culturais (Conselho da Europa).

1984 – Director da Biblioteca Nacional (Janeiro a Novembro).

1985 – Outubro, em Chateauvallon, França, na Homenagem a Braudel, conferência: "La Méditerranée dans l'horizon des Européens de l'Atlantique".

1988 – Na altura da sua Jubilação, homenageado com Colóquio realizado no Museu de Etnologia, em Lisboa.

1990 – Medalha de Honra (Ouro) da Universidade de São Paulo.
Publicação de "Mito e mercadoria. Utopia e prática de navegar".

1991 – Prémio Balzan de História.

1992 – Colloque International: « 1492 - Le choc de deux mondes », Genève (UNESCO).

1993 – Chevalier de la Légion d'Honneur.

2002 – 12 de Agosto – Morte da Mulher.

2003 Dezembro – Homenagem em Paris (Gulbenkian e Sorbonne) com Colóquio "Le Portugal et le Monde. Lectures de l'Oeuvre de Vitorino Magalhães Godinho.

2005 – Publicação de “Vitorino Henriques Godinho. Pátria e República”.

2007, 2009 e 2010 – Publicação de “A Europa como projecto”, “Os problemas de Portugal”, “Os problemas de Portugal. Os problemas da Europa”.

2009 e 2010 – Publicação de “Ensaios e Estudos”. Vol. I “Uma maneira de pensar” e Vol. II ”Compreender o Mundo de hoje”.

2010 Novembro – Co-organização e Prefácio de “Herculano – o Cidadão e o Historiador” (antologia).

2008 e 2011 – Novas edições de “A Expansão Quatrocentista portuguesa” e “Documentos sobre a Expansão Quatrocentista Portuguesa”, 2 volumes.

26 de Abril de 2011 – Faleceu no Hospital de Pulido Valente, Lisboa.

Curriculum Vitae

Vitorino Magalhães Godinho
(1918-2011)

Curriculum Vitae:
Vitorino Magalhães Godinho (1918-2011)

Maria Teresa Magalhães Godinho

Com base no *Currículo* publicado em Review (Fernand Braudel Center), vol. XXVIII, nº4, 2005, pp. 365-403. Completado e actualizado.

Nasceu em Lisboa, em 09/06/1918. Filho de Maria José Vilhena Barbosa de Magalhães Godinho e Vitorino Henriques Godinho. Nacionalidade: portuguesa. Casou em 30/07/1942 com Maria Antonieta Tornelli Cordeiro Ferreira (17/05/1919 – 12/08/2002). O casal teve duas filhas - Maria Teresa e Maria Isabel.

Faleceu em Lisboa, em 26 de Abril de 2011.

Formação e vectores do percurso.

«Na sua formação exerceram influência, entre os Portugueses, António Sérgio, Duarte Leite, Jaime Cortesão, Newton de Macedo e a obra de Veiga Simões. Mas o passo decisivo foi dado com o conhecimento do movimento dos *Annales* e das obras de Henri Pirenne e Marc Bloch, depois com o convívio com Lucien Febvre, Fernand Braudel, Marcel Bataillon, Georges Gurvitch, Pierre Vilar, Jean Meuvret. Interessou-se pela Lógica moderna (em especial a lógica relacional) e pela Teoria do Conhecimento, onde se aproxima de Jean Piaget e Gaston Bachelard, caldeando contribuições de Pierre Janet, Léon Brunschvicg, Ed.Goblot, Federigo Enriques. Acha fundamental a inspiração no pensamento de Marx, mas sempre afastou o *marxismo*, como aliás todos os *sistemas*. Saliente-se a importância de Schumpeter na história económica.

No seu itinerário destacam-se três vectores: a acção educativa e de formação de investigadores (dirigiu, em França e Portugal, numerosas teses e memórias de doutoramento e mestrado); a investigação científica e a creação cultural; a reflexão sobre as grandes questões da humanidade e de Portugal. Em associação com a constante intervenção cívica (que lhe valeu quatro demissões em Portugal, a última das quais depois do 25 de Abril).
Introduziu em Portugal, nos anos 40, as novas orientações dos *Annales* em História e demais Ciências Humanas e Sociais. Participou activamente nesse movimento dos *Annales* desde 1947, e fez parte da equipe que fundou a 6ª Secção da École des Hautes Études (Paris), sob a direcção de Lucien Febvre, Fernand Braudel, Georges Gurvitch, G.Friedmann, Maurice Lombard.

No horizonte, o alargamento da maneira de pensar histórico-estrutural a toda a problemática humana; através da historicização de todas as ciências do homem e dos homens, que por ricochete remodelam do âmago a construção histórica; assim nos aproximaremos de uma visão globalizante da humanidade, marcada pelas teias da espessura dos tempos e da heterogeneidade dos espaços: visão complexa, que, recusando os reducionismos simplistas bem como as integrações forçadas; se constrói pela interligação de estruturas, processos, factos singulares (acontecimentos e factos correntes), e, por outro lado, a acção das personagens e movimentos colectivos.»

1. Títulos e graus académicos.

1.1 – Licenciatura em História e Filosofia (com dissertação: *Razão e História - Introdução a um*

problema), Faculdade de Letras de Lisboa, 1940.

1.2 – Diploma de Ciências Pedagógicas, Faculdade de Letras de Lisboa, 1941.

1.3 – Diploma de Ciências Económicas e Sociais, École Pratique des Hautes Études, 6ème Section. Paris, Junho 1955 (*Prix et Monnaies au Portugal, 1750-1850).*

1.4 – *Docteur ès-Lettres* (Doutoramento de Estado), Sorbonne, Junho de 1959. Com a mais alta menção «très honorable»). Júri: C. E. Labrousse, Fernand Braudel, Roland Mousnier, Michel Mollat, Léon Bourdon. Tese principal: «L'économie de l'empire portugais aux XVème-XVIème siècles : l'or et le poivre. Route de Guinée et route du Cap». Tese complementar : «Les finances de l'État Portugais des Indes Orientales, 1517-1635».

2. Funções de ensino e investigação.

2.1 – Professor extraordinário contratado da Faculdade de Letras de Lisboa, Secção de História, 1942-1944. Demitido por razões políticas.

2.2 – *Chargé de Recherches* no Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, sob a direcção de Lucien Febvre e Fernand Braudel. Promoções sucessivas, até ao 4º escalão, com inclusão na lista dos candidatos à *maîtrise de recherches*, 1947 - 1960.

2.3 – Encarregado de curso na École Pratique des Hautes Études, 6ème Section. Preparação após-graduação dos candidatos à agregação.1950-1954.

2.4 – Professor visitante na Universidade de São Paulo, integrado na Missão Universitária Francesa (com Maurice Lombard e Pierre Monbeig). Julho-Novembro 1954.

2.5 – Professor catedrático no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina (Cursos: Metodologia das Ciências Sociais; Economia e Sociologia Históricas). Lisboa. 1960-1963. Demitido por razões políticas. Reintegrado por Despacho de 11/01/75, por anulação de demissão.

2.6 – Professor catedrático (associado) da UER Lettres et Sciences Humaines de Clermont-Ferrand, 1971-1974 (Cadeira de "Histoire économique et sociale moderne"; Curso de preparação dos candidatos à agregação e ao CAPES).

2.7 – Professor catedrático da Universidade Nova de Lisboa, Área/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Março 1975-Outubro de 1988.

2.8 – Membro do Conselho Científico do IPED, organismo que preparou a Universidade Aberta (ensino a distância). Criador e Director do Centro de Estudos de História e Cultura Portuguesa, 1980-1988.

2.9 – Professor-orientador científico do Gabinete de História Económica e Social do Instituto Superior de Economia (Lisboa), 1976-1978.

2.10 – Presidente das Comissões Científicas Inter-universitárias de História e Ciências Sociais, 1977.

3. Outras funções ligadas à cultura e investigação científica.

3.1 – Delegado à Comissão *ad hoc* de Ciências Sociais, e depois à Comissão Permanente, da European Science Foundation, 1976-1980 (com S. N. Eisenstadt, Ralf Dahrendorf, Walter Ruegg, François Furet, R. Petrella, etc).

3.2 – Representante de Portugal ao Congresso da UNESCO sobre Investigação e Ensino dos Direitos do Homem, Viena, Setembro de 1978.

3.3 – Presidente do XXV Congresso Internacional de Sociologia, organizado pelo Institut International de Sociologie, Lisboa, Abril de 1980.

3.4 – Missão do Ministério da Cultura às Universidades e Academias de Pequim, Shangai e Cantão para estabelecer relações com as instituições similares portuguesas. Julho-Agosto de 1980.

3.5 – Delegação Portuguesa à 3ª Conferência dos Ministros da Cultura - Conselho da Europa,

Luxembourg, Maio de 1981. Proposta de lançamento da Carta Cultural da Europa, e depois membro da Comissão encarregada da sua elaboração (mas não responsável pela sua forma final).

3.6 – Participação na Conférence Internationale sur l'Identité Culturelle, Paris, Fevereiro de1981.

4. Funções de Direcção-Geral.

Director da Biblioteca Nacional (Lisboa), Janeiro-Novembro 1984.

5. Funções políticas.

Ministro da Educação e Cultura de Portugal, 19 de Julho-30 de Novembro 1974. Realizou o reingresso de Portugal na UNESCO. Com a Comissão Mário Dionísio, levou-se a cabo a refundição dos programas do Ciclo Básico e em parte do Secundário. Creou-se o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, o Instituto Politécnico da Covilhã, a Faculdade de Estomatologia de Lisboa; legalizou-se e deu-se a primeira organização à Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa.

6. Distinções recebidas.

6.1 – Grand Prix de l'Académie de Marine de France, 1970. Pela obra *L'Économie de l'empire portugais: XVème-XVIème siècles*.

6.2 – *Docteur honoris causa* pela Universidade de Clermont-Ferrand, Novembro de 1975. Patrono: Prof. Albert Silbert.

6.3 – Officier de l'Ordre National du Mérite de France, 1977.

6.4 – Kommander af Dannebrog Ordenen (Grande Oficial da Ordem Real da Dinamarca), 1984.

6.5 – Commendatore nell' Ordine Al Merito della Repubblica Italiana, 1987.

6.6 – Medalha de Honra da Universidade de São Paulo, 1990.

6.7 – Prix International Balzan - Histoire, 1991.

6.8 – Chevalier de la Légion d'Honneur, França, 1993.

6.9 – Certificado de Honra atribuído pela Comissão Científica da Reunião de Geógrafos a V.M.G., distinguindo-o como Convidado de Honra. Mirandela, 21 de Maio de 2009.

7. Sociedades científicas a que pertenceu.

7.1 – Sócio fundador da Association Marc Bloch pour l'Étude des Civilisations, Paris. A "Association" dissolveu-se no fim dos anos 1970.

7.2 – Corresponding Fellow of the British Academy, 1974.

7.3 – Sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, Janeiro de 1976.

7.4 – Académico correspondente da Real Academia de la Historia, Madrid, 1979.

7.5 – Sócio fundador e primeiro Presidente da Associação Portuguesa de História Económica e Social, Abril de 1980.

7.6 – Sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1985.

7.7 – Sócio da Academia Europaea, 1994.

8. Bibliografia

8.1 História dos Descobrimentos e da Expansão Ultramarina.

— "Os Descobrimentos e a evolução da economia mundial". *Revista do Porto*, nos 2, 3 e 4, Nov e

Dez 1940.

— *Dúvidas e problemas acerca de algumas teses de história da Expansão.* Lisboa, 32 pp., 1943. Depois incluído em *Ensaios sobre História de Portugal*, 2ªed., 1978.

— *Documentos sobre a Expansão Portuguesa* (até 1460). Lisboa, 3 vols, 1943, 1945, 1956.

— "Notas de História da Expansão", *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, tomo IX, nº 1-2, pp. 263-9, Lisboa, 1943. Republicado em *Ensaios II*.

— *A Expansão Quatrocentista Portuguesa: problemas das origens e da linha de evolução*. Lisboa, 143 pp., Fevereiro 1945 (Refundido e ampliado em *A Economia dos Descobrimentos Henriquinos*, 1962).

— "O Comércio Português com a África ocidental até 1520". *Mundo Literário* nº 21-24,1946. Retomado em *A Economia dos Descobrimentos Henriquinos.*

— *Comemorações e História: A Descoberta da Guiné*. Lisboa, 1947, 61 pp.

— *História Económica e Social da Expansão Portuguesa: I Marrocos.* Lisboa, 1947, 145 pp, 11 mapas.

— *As Sociedades e Economias do Noroeste Africano: séculos XII-XVI (Marrocos, Canárias, Sáara e caravanas do ouro).* Lisboa e São Paulo, 2 vols. e 1 caderno, 1947 e 1956.

— "Para o inventário do pensamento económico português: a *Alegación en favor de la Compania de la India Oriental* de Duarte Gomes Solis". *Revista de Economia*, vol. III, fasc. 3, Set. 1950, pp 168-169.

— "Création et dynamisme économique du monde atlantique 1420-1670" e

— "Le Portugal, les Flottes du Sucre et les Flottes de l'Or (1670-1770)". *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations,* 1950, nº 1(Janvier-Mars), pp. 32-36, e nº2 (Avril-Juin), pp. 184-197. Em português (os dois artigos reunidos num só) na *Vértice*, Abril-Junho de 1951; na *Revista de História*, São Paulo, nº 15, 1953; em *Estudos Económicos*, nº 13, 1983; em *Ensaios sobre História de Portugal*, 2ª ed., 1978; e em *Mito e Mercadoria, Utopia e Arte de Navegar,* 1990.

— *Les Grandes Découvertes. Résumé du cours fait à l'École Pratique des Hautes Études, 1950-1951*. No *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, nova série, t. XIII, pp. 3-54 e separata, Coimbra, 1952.

— «Fontes Quatrocentistas para a Geografia e Economia do Sáara e Guiné». *Revista de História*, nº13, pp 47-65 e separata, São Paulo, 1953.

— "Le repli vénitien et égyptien et la Route du Cap 1496-1533". Em *Éventail de l'Histoire vivante: Hommage à Lucien Febvre*. Paris, 1954, t. II, pp. 283-300. Retomado em *L'économie de l'empire portugais*.

— "O Mediterrâneo saariano e as Caravanas do Ouro". Colecção da *Revista de História de São Paulo*, 1956, 171 pp.

— "Les fluctuations économiques au XVIème siècle: problèmes de diagnostic et d'interprétation". *Revista de Economia*, Lisboa, vol IX., fasc. 3, 1956, pp. 109-116. E separata. Republicado em *Ensaios II*.

— "Le tournant mondial de 1517-1524 et l'Empire portugais". *Studia*, Lisboa nº1, 1958, pp. 184-199. Republicado em *Ensaios II.*

— "Les incidences de la course et de la concurrence sur l'économie maritime portugaise au XVI^{e} siècle". *Revista de Economia*, Lisboa, vol XIII, fasc. 4 pp. 143-155, 1960.

— "Ásia – Sociedades e civilizações: perspectiva do caravaneiro e perspectiva do navegador" in *Dicionário de História de Portugal*, t. I, 1961. Reproduzido em *Ensaios I – Sobre História Universal*, 1968, pp. 75-105.

— *A Economia dos Descobrimentos Henriquinos*. Lisboa, 1962, 247 pp. , 5 mapas.

— «Les Finances publiques et la structure de l'Etat Portugais au XV^{ème} Siècle.» *Revista de Economia*, Lisboa, vol XIV, fasc.2, pp 105-115, 1962.

— "O milho maiz: origem e difusão". *Revista de Economia*. Lisboa, 1963, pp 33-38.

— "Tracks across the Sea". *Times Literary Supplement*, 8-09-1966, pp.821-822.

— *Ensaios I – sobre História Universal*. Lisboa, 289 pp., 1968.

— *L'Économie de l'Empire Portugais aux XVème et XVIème siècles.* Paris, 1969 (Tese de Doutoramento na Sorbonne, entregue em 1958). 857 pp (com mapas). Grand Prix de l'Académie de Marine de France.

— *Os Descobrimentos e a Economia Mundial.* Lisboa, 2 vols, 1963-1970. Muito desenvolvido e actualizado em relação ao texto francês. 547+610 pp. (mapas e ilustração).

— "Les guerres du blé au Maroc: mainmise portugaise et ascension chérifienne". *Anuario de Historia económica y social*, Ano I, Nº 1, Madrid, 1968, pp. 227-259.

— "Venise : les dimensions d'une présence face à un monde tellement changé : XV^{ème}-XVI^{ème} siècles". Veneza, 1973. Nas *Atti* do Colóquio Internacional sobre a História da Civilização Veneziana, Firenze, 1977.

— *Les Finances de l'État portugais des Indes Orientales, 1516-1636*. Paris, 1982. (Tese complementar do Doctorat d'État, entregue na Sorbonne em 1958). 480 pp.

— *Os Descobrimentos e a Economia Mundial.* Nova edição corrigida e ampliada (em relação ao texto de 1963-1970). Lisboa, 4 vols, 290+228+292+358 pp., mapas, ilustrações. 1982-1983.

— "Os Descobrimentos: inovação e mudança nos séculos XV e XVI". *Revista de História Económica e Social* nº2, 1978, pp 1-28.

— «Innovation et changement aux XV^{e} et XVI^{e} siècles». Em *L'Humanisme portugais et l'Europe*, Actas do XXI^{e} Colloque International d'Études Humanistes, Tours 3-13/7/1978, Paris, Fondation Gulbenkian, 1984, pp. 347-375 e separata.

— «La Méditerranée dans l'horizon des européens de l'Atlantique». *Revista de História Económica e Social*, nº17, 1986, pp. 21-54 e separata.

— "Redescobrir os Descobrimentos e a Expansão Ultramarina". Introdução a Alfredo Pinheiro Marques, *Guia de História dos Descobrimentos e Expansão portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1987, pp. 7-16.

— "As Ilhas Atlânticas: da geografia mítica à construção das Economias oceânicas". *Actas do Colóquio Internacional de História da Madeira* (Funchal, Julho-Agosto 1986) e separata. Funchal, 1987, 24 pp.

— "Portugal e os Descobrimentos". *Revista de História Económica e Social*, nº 22, Maio de 1988.

— *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de navegar: séculos XIII-XVIII*. Lisboa, 1990. 629 pp., mapas e ilustrações.

— *Les Découvertes, XV^{eme}-XVI^{eme} siècles: une révolution des mentalités*. Paris, 88 pp., 1990.

— "L'Essor de l'Europe aux XV^{ème} et XVI^{ème} siècles: les Grandes Découvertes et la formation d'une civilisation plurale". Em *Cadmos,* Genève, 1992. Retomado em *Le devisement du monde.*

— *Qu'est-ce que découvrir veut dire? Les nouveaux mondes et un monde nouveau*. Em *1492. Le choc de deux mondes*. Genève, 1993. Nova edição, com tradução portuguesa, Lisboa, 1994. Reproduzido em *Le devisement du monde.*

— "La Expansión Portuguesa y los Descubrimientos". No *Catálogo do Pavilhão Temático Siglo XV* da Exposição Universal de Sevilha, 1992.

— "The Portuguese and the Carreira da Índia, 1497-1810". Em *Ships, Sailors and Spices 16th,17th and 18th Centuries*. Amsterdam, 1993, pp. 1-47 (Colóquio Leiden 1987).

— "«Entender la praxis de los negocios»: esboço de modelo para a economia dos séculos XV e XVI". Em: *História das Ilhas Atlânticas*. Funchal, 1997, vol. I (Atas do Colóquio Internacional de História - Canárias, Madeira, Açores, em Tenerife, Outubro 1995). Há difusão em CD ROM.

— "Que significa descobrir?" Em: *A Descoberta do Homem e do Mundo*. São Paulo, pp. 55-82, 1998.

— *Le devisement du monde: de la pluralité des espaces à l'espace global de l'humanité: XV*ème*-XVI*ème *siècles*. Lisboa, Instituto Camões, 190 pp., 2000.

— "The Portuguese Empire 1565-1665", em *The Journal of European Economic History*. Roma, vol. 30, nº 1, Primavera 2001, pp. 49-104.

— "Portugal and the Making of the Atlantic World: Sugar Fleets and Gold Fleets, the Seventeenth to the Eighteenth Centuries". Em *Review-Fernand Braudel Center*, Binghamton University, vol. XXVIII, nº 4, 2005, pp. 313-337 (tradução por Dale Tomich do artigo publicado em *Annales: E., S., C.,* 1950).

— *A Expansão Quatrocentista Portuguesa*. Lisboa, D. Quixote, 400 pp., mapas, 2008.

— *Documentos sobre a Expansão Quatrocentista Portuguesa,* I e II. Edição correcta e aumentada, Lisboa, INCM, Março 2011.

8.2 Portugal e os Portugueses: aproximações histórico-estruturais.

— "D.Duarte". *Seara Nova*, 28 Março 1935.

— "Acerca de alguns passos do *Esmeraldo*». *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, tomo VIII, nº1-2, Lisboa, 1942. Republicado em *Ensaios II*.

— *Prix et monnaies au Portugal, 1750-1850*. Com prefácio de Lucien Febvre. Paris, 1955.

— "Os Painéis de Nuno Gonçalves: caminhos de pesquiza e hipóteses de trabalho". *Revista de História*, vol. 37, pp. 149-154, São Paulo, 1959. Reproduzido em *Ensaios II*: *Sobre História de Portugal*, Lisboa 1968; 2ª ed. 1978, pp75-86.

— "Le problème du pain dans l'économie portugaise XV^{e}-XVI^{e} siécles. Blé d'Europe et blé des îles". *Revista de Economia*, Lisboa 1959, pp. 87-113, e separata. Retomado em *Os Descobrimentos e a Economia Mundial* II.

— "Portugal and her Empire 1648-1720". Na *The New Cambridge Modern History*, vols. V e VI, Cambridge, 1961 e 1970.

— "Finanças públicas e estrutura do Estado". No *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão, vol. II, 1965, pp. 244-264; reproduzido em *Ensaios sobre História de Portugal*, 1968 (2ª ed. 1978, pp. 29-74).

— *Ensaios II*: *Sobre História de Portugal.* Lisboa, 1968. 2ª edição correcta e ampliada, 448 pp., 1978.

— *A Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa.* Lisboa, 1971 (2ª edição, 1975, nova edição ampliada, 320 pp., 1977; 4ª ed., Lisboa, 1980).

— "L'émigration portugaise XV^{ème}-XX^{ème} siècles: une constante structurale et les réponses au changement du monde". *Revista de História Económica e Social,* nº 1, 1978. Também: "Portuguese Emigration from the XVth to the XXth century: Constants and changes", em *European Expansion and Migration*, direcção P.C.Emmer e M. Morner, New York-Oxford, 1992.

— "Reflexão sobre Portugal e os Portugueses na sua História". *Revista de História Económica e Social,* nº 10, 1982. E em *Reflexões sobre História e Cultura Portuguesa*, Lisboa, IPED, 1985.

— "Portugal: A Identidade nacional na sua História" . Em *As Mulheres, a Identidade Cultural e a Defesa Nacional*. Lisboa, pp. 63-75, 1989.

— "O naufrágio da memória nacional e a Nação no horizonte do *marketing*". Em *A Memória da Nação*, Lisboa, pp. 15-30, 1991 (Colóquio 1987).

— "A 1ª Grande Guerra e a República Portuguesa". Na revista *História*, Lisboa, 2000, nº 28, pp-10-21.

— *Portugal: A Emergência de uma Nação (das raizes a 1480).* Lisboa, Colibri; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, XVI+124 pp., Fevereiro 2004.

— *Vitorino Henriques Godinho. Pátria e República* (Colecção parlamentar). Lisboa, Abril de 2005.

— *Ensaios e Estudos: Uma maneira de pensar.* Lisboa, Sá da Costa ed., vol I e II, Janeiro de 2009 e Janeiro de 2010.

— "Herculano, o Cidadão e o Historiador no mundo do progresso". Introdução à Antologia *Herculano. O Cidadão e o Historiador*. Lisboa, INCM, Nov. 2010, pp. 7-96.

— "A primeira Grande Guerra e a República Portuguesa" e "Cronobiografia do Coronel Maia Magalhães". Introdução a Coronel Manuel Maia Magalhães, *Correspondência da Grande Guerra,* INCM, Nov. 2010.

8.3 Teoria e metodologia das Ciências humanas.

— "Directrizes da Historiografia Contemporânea". *Quinzena Literária (Jornal dos Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa)*, Junho de 1941.

— "História Económica e História Cultural". *Horizonte* (Jornal da Associação Académica da Faculdade de Letras de Lisboa), Maio de 1942.

— "A Historiografia contemporânea. Orientações e problemas". *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, tomo VIII, 2ª série, nº 1-2, pp. 71-116 e separata, Lisboa, 1942.

— "A România e a Crise do século III". *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, tomo IX, 2ª série, nº 1-2, pp 39-58 e separata, Lisboa, 1943.

— *O Antigo Império Egípcio 3197-2423 a.C.*, Lisboa, 1944, 266 pp.

— "A História Económica no Ensino e na Cultura". *O Acelista*, Jornal do Ateneu Comercial de Lisboa, Julho 1945.

— "A reorganização dos Estudos de Direito", *Seara Nova*, nº 944, 15 Set. de 1945 (cortado pela Censura).

— *A Crise da História e as suas Novas Directrizes*. Lisboa, 184 pp.,1947.

— "Le Portugal devant l'Histoire – tour d'horizon bibliographique". *Annales – Economies, Sociétés, Civilisations*. Paris, 1948, nº 3, pp. 347-352.

— "Histoire économique et économie politique". *Revista de Economia*, Lisboa, vol. IV, fasc. 3, 1951, pp. 121-128. Republicado em *Ensaios* III.

— "A Historiografia portuguesa: Orientações, Problemas, Perspectivas". *Revista de História*, São Paulo, nº 21-22, 1955. Reproduzido em *Ensaios sobre Teoria da história e Historiografia*, Lisboa, 1971, pp. 227-247.

— "A História e as Ciências Sociais". *Rivages*, órgão do Lycée Français Charles Lepierre, Lisboa, Outubro de 1956.

— "Duarte Leite e a evolução dos estudos de História dos Descobrimentos". Apêndice à *História dos Descobrimentos*, colectânea de obres e trabalhos de Duarte Leite organizada por VMG, vol. II, pp. 345-359, Lisboa, 1962.

— *Introdução à Sociologia*. Conferências no ISCSPU, 1963.

— *Introdução às Ciências Sociais.* Associação Académica do ISCEF, Lisboa, 285 pp., 1964.

— "Sobre a pesquisa interdisciplinar em Ciências Humanas". *Revista de Economia*, vol. XVI, fasc.III e IV, 1964 (relatório pedido por Fundação Gulbenkian).

— "Presença de Jaime Cortesão na Historiografia Portuguesa". Prefácio às obras completas (I-*Os factores democráticos na formação de Portugal,* 1964). Reproduzido em *Ensaios sobre Teoria da História e Historiografia*, 1971, pp. 325-341.

— *Introdução à História Económica*. Lisboa, 189 pp., gráficos, 1970.

— "Teoria da História e Historiografia" *(Ensaios III)*. Lisboa, 1971.

— "Humanismo Científico e Reflexão filosófica*" (Ensaios IV)*, Lisboa, 1971.

— "Posição de Condorcet na evolução do pensamento moderno". Introdução à tradução portuguesa

do *Quadro dos Progressos do Espírito Humano* (por Maria Antonieta Magalhães Godinho), Lisboa, 1946. Reproduzido em *Ensaios sobre Teoria da História e Historiografia*, 1971, pp. 209-225.

— "Sérgio: Presença no passado, presença no futuro". *Seara Nova*, nº 1507, Maio de 1971.

— "Noções operatórias na abordagem global das sociedades". Em *In Memoriam Jorge Dias* vol. I, pp. 159-174, Lisboa, 1974. Separata Ministério da Educação e Investigação Científica, 1976.

— "Alexandre Herculano, Historiador". Em *Alexandre Herculano: Ciclo de Conferências comemorativas do 1º centenário da sua morte*, Biblioteca Pública Municipal do Porto, pp. 69-83, Porto, 1979 (Conferência no Porto, Outubro de 1977).

— *A Reprodução das Obras Culturais: Funções, Tipologia, Critérios*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1984. E na *Revista de História Económica e Social*, nº 14, pp. 103-116, 1984.

— "A construção de modelos para as Economias pré-estatísticas". Lisboa, na *Revista de História Económica e Social,* nº 16, pp. 3-14, 1985.

— "Albert Silbert: os novos caminhos para conhecer Portugal ". Na revista *História*, Lisboa, nº 29, pp. 28-37, 1997.

— "A Madeira e o Atlântico: A. Silbert e as novas perspectivas". Introdução a A. Silbert, *Uma encruzilhada do Atlântico: Madeira (1640-1820),* Funchal, 1997, pp. 7-18.

— *Les Sciences Humaines et la Mutation du Monde*. Lisboa, 68 pp., 1998.

— "Porquê a História económica e social?". Na *Revista de História Económica e Social*, 2ª Série, nº 3, Lisboa, 2002.

— *Problematizar a Sociedade.* Lisboa, Quetzal, 2011.

8.4 Reflexão epistemológica.

— *Razão e História: Introdução a um problema*. Lisboa, 166 p., 1940. Reeditado em *Ensaios III*, 1971.

— *Esboços sobre alguns problemas da Lógica*. Coimbra, 134 pp., 1943.

— "O Raciocínio por recorrência e o silogismo". *Gazeta de Filosofia,* ano I, nº1, 1943.

— "Humanismo científico e Reflexão filosófica" *(Ensaios III)*. Lisboa, 270 pp.1971.

— "Penser la science historiquement". Em *Arquivos do Centro Cultural Gulbenkian*, Paris, 1995 e em *Les Sciences humaines et la mutation du monde*.

8.5 O Ofício da Cidadania - Estudos e intervenções políticas e culturais.

— "Os Mitos àcerca da Origem das Guerras". *Seara Nova*, Lisboa, 1945 e separata 58 pp., 1945.

— *O Socialismo e o Futuro da Península.* Lisboa, Julho,1969. 2ª edição Setembro 1969, 3ª edição ampliada e actualizada, Lisboa, 173 pp., 1970.

— *Um Rumo para a Educação*. Lisboa, 131 pp., 1974. Reúne artigos de 1968-1970.

— "Présence du Portugal dans la Communauté mondiale pour le développement de l'éducation, de la science et de la culture". Ministério da Educação e Cultura, 1974, 10 pp.

— *A Democracia socialista, um Mundo novo e um novo Portugal*, Revista Critério nº1, Novembro 1975 e em opúsculo, Lisboa, 68 pp., 1975.

— *A Educação num Portugal em Mudança* (contém a experiência no Ministério da Educação e Cultura, Julho-Novembro 1974). Lisboa, 237 pp., 1975.

— "A Academia Militar no contexto da sociedade portuguesa actual, frente à missão nacional e à função social das Forças Armadas". Em *Nação e Defesa*, Lisboa, Estado maior do Exército, ano I, nº2, 1976. Republicado em Pensar a Democracia para Portugal.

— *Pensar a Democracia para Portugal. Incòmodamente*. Lisboa, 383 pp., 1977.

— "António Sérgio: o Portugal que somos e o Portugal que queremos ser". *Tempo livre,* Lisboa, ed. FAOJ, ano I, nº3,1977, pp 33-36.

— *Para a Renovação da Política nacional*. Lisboa, 156 pp., 1978.

— *Um Projecto para Portugal*. Lisboa, 1979.

— *Portugal – Bilhete de Identidade.* Discurso na Comemoração do 10 de Junho 1979. Publicado em Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, ed. Ministério da Comunicação Social, 1979, pp 23-36.

— *As Ciências Humanas: Ensino Superior e Investigação científica*. Sociedade Portuguesa de Ciências Humanas, Lisboa, 97 pp. 1981.

— "A Educação, a transformação de Portugal e a mudança de Civilização". Prefácio a António Sérgio, *Educação Cívica* (1915). Lisboa, Ministério da Educação, 1984, pp1-18.

— "Biblioteca Nacional: novos caminhos num mundo tão mudado". Programa apresentado no Acto de posse de Director, Janeiro 1984. Publicado em *Revista de História Económica e Social* nº14, pp 103-116, Lisboa, 1984. Separata.

— *A Pátria bloqueada e as Responsabilidades da Cidadania.* Lisboa, ed. Presença, 301 pp.,1985.

— "Acção Educacional e Prática Cultural". *Sinal – Audio, Video, Scripto*, Revista do IPED, Lisboa nº1, 1985, pp7-15.

— "Problemas da institucionalização e do desenvolvimento das Ciências sociais e humanas em Portugal". Na *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 3,* Lisboa 1989 (Entrevista conduzida por Margarida Marques e Jorge Pedreira).

— *Do Ofício e da Cidadania: Combates por uma Civilização da Dignidade.* Lisboa, 296 pp., 1990.

— *Os problemas de Portugal. Mudar de Rumo.* Lisboa, Colibri, Dezembro de 2009.

8.6 Sobre os grandes problemas do mundo actual.

— *Identité culturelle et Humanisme universalisant*. IPED, Lisboa, 113 pp., 1982 (contém o projecto de Carta Cultural da Europa).

— "La diversité des héritages et la construction d'une totalité européenne". Em *Estudos de Economia,* Revista do Instituto Superior de Economia, Lisboa, 1995.

— *Les Sciences Humaines et la Mutation du Monde - Réflexions inactuelles.* Lisboa, 68 pp.,1998.

— "Ciências Sociais, cidadania e historiografia". Na revista *História*, Janeiro-Fevereiro 1999.

— "Da Dificuldade de Pensar o nosso Tempo", na *Revista de História Económica e Social*, 2ª Série, Nº 1,1º semestre 2001 (pp.9-51).

— *A Europa como Projecto.* Lisboa, Colibri, 71 pp, 2007.

— *Os problemas de Portugal, os problemas da Europa.* Lisboa, Colibri, Abril de 2010.

8.7 Funções na direcção de revistas científicas.

Revista de História Económica e Social. Livraria Sá da Costa ed. Fundador e Director 1978-1988. Nova série, 2000-2002.

Colecção de Cadernos.

Estudos sobre a Emigração Portuguesa. Organização M. Beatriz Rocha Trindade, 1981 (1 e 2).

Duas Descrições do Algarve do Século XVI. Apresentação, leitura e notas de M. Viegas Guerreiro e Joaquim Romero Magalhães, 1983 (3).

A Demografia Portuguesa em Finais do Antigo Regime, J. Manuel Nazareth e Fernando de Sousa, Coruche, 1983 (4).

A Moeda em Portugal 1913-1947, Nuno Valério, 1984 (5).

Cidadania e História. Em homenagem a Jaime Cortesão, 1985 (6 e 7).

Câmbios e Política Cambial na Economia Portuguesa, 1891-1931, Maria Eugénia Mata, 1987 (8).

A Guarda Medieval, 1200-120?, Rita Costa Gomes, 1987 (9).

Do Editorial Board de *The Journal of European Economic History,* Roma. 1988-1997.

8.8 Direcção de colecções e obras colectivas.

1. – *A Marcha da Humanidade.* Colecção de História integrada nas Ciências humanas. Lisboa, Edições Cosmos, a partir de Fevereiro 1945, 14 vols.

Panorama da Geografia. Co-direcção com A. Fernandes Martins. Lisboa, Edições Cosmos, 3 vols, 1953 - 1957.

2. – *Rumos do Mundo*. Edição portuguesa, com acrescentos e correcções, da colecção *Destins du Monde* fundada por Lucien Febvre e dirigida por Fernand Braudel. 12 vols, publicados, Lisboa, Edições Cosmos, 1963 - 1985.

3. – *Os nossos problemas: Para a história de Portugal e Brasil*. Lisboa, 3 vols. publicados, 1969-1970.

4. – *Temas Portugueses*. Lisboa, Editorial Arcádia, 5 vols. publicados, 1971-1979.

5. – *FOCUS: Enciclopédia Internacional*. Edição portuguesa inteiramente refundida. Co-direcção com Eng. Manuel Rocha e Prof.Celso Cunha, e colaboração extensa nas secções de Ciências Humanas. Lisboa, 4 vols, ed. Sá da Costa, 1964-1970.

6. – *Coordenadas: Colecção de Ciências Humanas*. Lisboa, ed. Cosmos, 1973-1991, 9 vols.

7. – *Temas Portugueses.* Lisboa, Editorial Arcádia, 5 vols. publicados, 1971-1979.

8. – *Temas de Cultura Portuguesa.* Lisboa, Centro de Estudos de História e Cultura Portuguesa, IPED, 1983-1989, 11 vols.

9. – *Portugal e o Mundo Português.* Lisboa, Edições Cosmos, 1991 - 1994, 6 vols.

8.9 Colaboração em obras colectivas.

– Colaboração na edição portuguesa do *Dicionário de Economia,* dirigido por Jean Romeuf, vol I, Lisboa, 1967.

– *The New Cambridge Modern History*, vols V («Portugal and her Empire, 1640-1688»), 1961 e VI («Portugal and her Empire, 1680-1720»), 1970.

– *Dicionário de História de Portugal* dirigido por Joel Serrão. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 4 vols, 1961-1971.

– *FOCUS: Enciclopédia Internacional*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 4 vols., 1964-1970. Co-direcção com o engenheiro Manuel Rocha e o Prof. Celso Cunha. Refundição completa da enciclopédia originariamente sueca.

– *Panorama da Geografia.* Em colaboração com Fernandes Martins. Lisboa, Edições Cosmos, 3 vols., 1953-1954-1955. Obras de De Martonne, Lucien Febvre, Pierre George, J. J. Juglas, Henri Hauser.

Colaboração em obras colectivas de homenagem.

– *Éventail de l'Histoire vivante. Hommage à Lucien Febvre*. Paris, t. II, 1954. Com "Le repli vénitien et égyptien et la route du Cap 1496-1533".

– *Studi in Onore di Armando Sapori*. Milano, 1958. Com "Crises et changements géographiques et structuraux au XVIe siècle". Instituto Editoriale Cisalpino e Revista de Economia XI, fasc 1 (e separata).

– "Les présides portugais au Maroc et la factorerie d'Andalousie". Em *Homenaje a Jaime Vicens Vives*.

Barcelona, vol.II, pp 183-198, 1967.

– "L'Émigration portugaise du XVe siècle à nos jours". Em *Conjoncture économique, structures sociales. Mélanges en honneur de C.E.Labrousse.* Paris, 1974.

– *Cidadania e História. Em homenagem a Jaime Cortesão,* Cadernos de História Económica e Social, 1985.

8.10 Organização de Obras.

1. – Duarte Leite, *História dos Descobrimentos - Colectânea de Esparsos,* Lisboa, Edições Cosmos, 2 vols., 1959-1962. Organização, apresentação, notas e estudo final (217 pp.), organização da Bibliografia.

2. – Jaime Cortesão, *Os Descobrimentos Portugueses.* Lisboa, Arcádia, vol. II, 1962 (com a colaboração de Joel Serrão).

3. – Jaime Cortesão, *Obras Completas.* Lisboa, Portugália Editora, a partir de 1964. Plano inicial (primeiros 12 vols.) e apresentação geral no 1° vol. *Os Factores Democráticos na Formação de Portugal.*

4. – António Sérgio, *Obras Completas.* Lisboa, «Colecção Clássicos Sá da Costa», 13 vols. publicados. Comissão composta por Castelo Branco Chaves, V. M. G., Rui Grácio e Joel Serrão. 1971-1978.

5. – Alexandre Herculano. *Herculano. O cidadão e o historiador.* Antologia. Organização de Vitorino Magalhães Godinho e Eurico Gomes Dias. Lisboa, INCM, Novembro 2010.

6. – Coronel Manuel Maia Magalhães. *Correspondência da Grande Guerra.* Lisboa, INCM, Novembro 2010.

8.11 Recensões críticas.

— Joaquim Leitão, *Uma Mulher Ciumenta.* Em *Seara Nova,* 10 de Maio de 1934.

— Afonso Arinos de MeIo Franco, *Síntese da História Económica do Brasil.* No semanário O *Diabo,* 11 de Fevereiro de 1939.

— Macedo Mendes, *História Universal,* vol. 1. No semanário O *Diabo,* 1 de Julho de 1939.

— Lefebvre des Noëttes, *L'Attelage et le cheval de selle à travers les âges.* Em *Guia de Leitores,* fasc. 1, Lisboa, 1941 (reproduzido em *Ensaios* I).

— *Acerca da Crónica dos Feitos de Guiné,* por Duarte Leite. Na *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa,* tomo VIII, 2ª série, nºs 1-2.

— «Le Portugal devant l'Histoire - tour d'horizon bibliographique». Em *Annales - Économies, Sociétés, Civilisations,* 3.° ano, Julho-Setembro de 1948, nº 3, pp. 347-352. (reproduzido em *Ensaios* III).

— Le travail forcé dans le Mexique colonial (O *Trabalho de Indígenas nas Lavouras de Nova Espanha,* por Astrogildo de Melo, São Paulo, 1946). Le problème des Découvertes (O *Comércio Europeu nos Séculos XV e XVI e o Florescimento de Espanha e Portugal,* por Astrogildo de Melo, São Paulo, 1940). Sur le sucre des Antilles *(A Indústria do Açúcar nas Ilhas Inglesas e Francesas do Mar das Antilhas 1697-1735,* por Alice Canabrava, São Paulo, 1946). Le commerce anglais et l' Amérique espagnole au XVIIIe siecle *(A Penetração Comercial da Inglaterra na América Espanhola 1713-1783,* por Olga Pantaleão, São Paulo, 1946). Em *A travers les Amériques Latines,* Paris, 1949 (Cahier des «Annales»), pp. 96-8, 129-32, 149-53, 159-62. Reproduzido em *Ensaios* I.

— Sidney Welch, *South Africa under King Sebastian and Cardinal,* 1949: *Portuguese Rule and Spanish Crown in South Africa,* 1950. Em *Revue Historique,* 77º ano, t. CCIX, 1953, pp. 335-9. Reproduzido em *Ensaios* II.

8.12 Traduções.

— William Henry Werkemeister, *Sete Teses do Positivismo Lógico reexaminadas crìticamente.* Lisboa, Cadernos *Seara Nova*, 77 pp., Maio 1939 (com notas do tradutor) (trad. do inglês). Por sugestão de

António Sérgio.

— Federigo Enriques, *O Significado da história do pensamento científico*. Lisboa, Cadernos Inquérito, 87 pp., com prefácio do tradutor, Julho 1940 (trad.do italiano). Há 2ªedição.

— George Macaulay Trevelyan, *História de Inglaterra*. Lisboa Colecção"A Marcha da Humanidade", 2 vols, prefácio, anotação e bibliografia final organizada pelo tradutor (trad. do inglês), Fev. 1945-Jan. 1946.

— Gustave Glotz. *História económica da Grécia*. Lisboa, "A Marcha da Humanidade", 371 pp., Maio 1946. Com prefácio, notas, actualização bibliográfica e nota final de actualização do tradutor (trad. do francês).

— Gordon Childe, *O Homem faz-se a si próprio*: *O Progresso da Humanidade desde as suas origens até ao fim do Império Romano*. Lisboa, "A Marcha da Humanidade", 530 pp., Julho de 1947. Organização da fusão de três obras de G. Childe. (trad. do inglês). Em colaboração com Jorge Borges de Macedo.

9. Participação em júris de provas académicas com funções de arguente .

9.1. *Mémoires de maitrise*, UER Lettres et Sciences Humaines, Clermont-Ferrand:

- La paroisse de Picherande au XVIIIe siecle - Patrice Bussiere, 1972.
- Prompsat au XVIIIe siecle - Marie Christine Pautey, 1972.
- La population de Lubillac au xvrne siecle - Serge Paon, 1973.
- Le diocèse de Clermont sous l'épiscopat de F. Bochart de Saron-Champigny 1687-1715 - Danièle Duranton, 1971 (visitas paroquiais).
- La vie religieuse dans le diocèse de Clermont sons l'épiscopat de F. M. Le Maistre de Ia Garlaye 1742-1776 - Anne Marie Janin, 1973 (visitas pastorais).
- La gestion municipale de Thiers 1750-1789 - F. Cl. Ballet, 1972.
- La chatellenie de Souvigny 1750-1789 - Suzanne Grenier, 1971.
- La Révolution vue par un noble: le comte d' Espinchal- Lucette Chebance, 1974.

Estas memórias (de que as três primeiras são de demografia histórica) foram dirigidas pelo Prof. Abel Poitrineau.

- Le Franc Germinal- Françoise Suberville, 1973. Dirigida pelo Prof. Bertrand Gille.

9.2 Orientação e argumentação de teses de doutoramento.

— Fernando de Sousa, *A População portuguesa em começos do século XIX*. Faculdade de Letras do Porto, 8/01/1980.

— Aurélio de Oliveira, *A Abadia de Tibães 1630-1813*. Faculdade de Letras do Porto, 24/04/1980.

— Mesquitela Lima, *Les Kyaka (Angola)*. Doutoramento de Estado. Université de Nanterre, 30/06/1981. E Presidência do Júri.

— Heitor Gomes Teixeira, *Luanda no século XVII*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, UNL, 22-23/11/1982.

— Nuno Valério, *As Finanças Públicas em Portugal 1914-1945*. Instituto Superior de Economia, UTL, 29-30/11/1982

— Joaquim Romero Magalhães, *O Algarve económico 1600-1770*. Faculdade de Letras de Coimbra, 3/10/1984.

— Jorge Crespo, *A Economia do Corpo em Portugal nos finais do Antigo Regime*. Instituto Superior de Educação Física (Lisboa), 27/02/1985.

— Maria Eugénia Mata, *As Finanças Públicas desde a Regeneração à Primeira Guerra Mundial*.

Instituto Superior de Economia, 12/05/1986.

— David Justino, *A Formação do Espaço Económico Nacional 1850-1890*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, UNL, 6-7/01/1987.

— João Marinho dos Santos, *Os Açores nos séculos XV e XVI.* Faculdade de Letras de Coimbra, 23/03/1988.

— Jaime Ferreira, *A Questão do Pão em Portugal - séculos XIX e XX*. Faculdade de Economia de Coimbra, 11/10/1989.

— José Manuel Azevedo e Silva - *A Madeira e a Construção do mundo atlântico (séculos XV-XVII)*. 14/12/ 1993.

— Virgínia Coelho - *A Região de Santarém nos séculos XVII e XVIII*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, UNL, 27/04/1994.

— Diogo Ramada Curto - *A Cultura Política em Portugal 1578-1642* , Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, UNL, 10/02/1995.

Em França teve ensejo de contribuir para a escolha dos temas de duas teses de Doctorat d'État e para a orientação da sua preparação - teses que se revelaram como os mais importantes trabalhos sobre história portuguesa nos anos 50 e 60 e para toda a evolução posterior:

– Frédéric Mauro. *Le Portugal et l'Atlantique au XVII*e *siècle, 1570-1670.* Apresentada na Sorbonne em 1957, publicada em 1960.

– Albert Silbert. *Le Portugal méditerranéen à la fin de l'Ancien Régime: XVIIIe-début du XIX*e *siècle*, Sorbonne 1965.

Argumentação de Tese Complementar: Maria Leonor Machado de Sousa, *Os bolseiros de Pina Manique* (tese principal: *«The Ghost» e F. Solano Constância*), UNL, 1977.

9.3 Concursos de agregação.

– Francisco Sales Loureiro, Lição sobre D. Sebastião. Faculdade de Letras de Lisboa, 20 de Outubro de 1977 (História).

– Victor de Sá, Lição sobre um jornal de 1872. Faculdade de Letras do Porto, 6-7 de Abril de 1979 (também no júri dos concursos de Oliveira Ramos e Baquero Moreno) (História).

– Adriano Duarte Rodrigues, Currículo. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, UNL, 14-15 de Fevereiro de 1980 (Sociologia e Comunicação Social).

– Mesquitela Lima, Plano de curso sobre Antropologia do Simbólico. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, UNL, 3-4 de Dezembro de 1.982 (Antropologia).

– Aurélio de Oliveira. Lição sobre História Agrária do Minho. Universidade do Minho (Braga), 9-10 de Dezembro de 1982 (História).

– Maria Beatriz Rocha Trindade, Lições sobre Emigração. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, UNL, 16-17 de Maio de 1983 (Sociologia).

– Maria Leonor Buescu, Lição sobre «A visão do outro» na *Peregrinação.* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 9-10 de Setembro de 1983.

10. Orientação e discussão de memórias de Mestrado e de Provas de aptidão científico-pedagógica.

– Maria de Fátima Bonifácio, Memória sobre Wallerstein. 29-30 de Julho de 1982 (História).

– Cecília Barreira, Memória sobre a Ideia de Progresso em Portugal no séc.XIX. 17-18 Maio 1984 (Estudos Portugueses).

– Manuela Domingues, Memória sobre a *Biblioteca do Povo e das Escolas*. 19 Março 1985 (Sociologia da Cultura).

– Ana Isabel Buescu, Memória sobre "O Milagre de Ourique e Herculano".17-18 Janeiro 1986. (Estudos Portugueses).

– Diogo Ramada Curto, *O Discurso Político em Portugal na 1ª metade do séc.XVII*. 5-6 Março 1986. (Sociologia).

– Francisco Bettencourt, *O Imaginário da Magia. Feiticeiros, saludadores e nigromantes no séc. XVI*. Abril 1986 (Sociologia da Cultura).

– Manuel Canaveira, Lição sobre "As memórias do conde de Lavradio", 27-28 de Janeiro de 1987 (História das Ideias e da Cultura).

– Rui Santos, *Empréstimos e esmolas de trigo em Mértola 1792. Ensaio de exploração estrutural*. 24 Abril 1987 (Economia e Sociologia Históricas).

– Jorge Pedreira, *Indústria e Atraso económico em Portugal 1800-1825.* 24 Abril 1987 (Economia e Sociologia Históricas).

– Cristina Bastos, *Os Montes do Nordeste Algarvio*. 20 Novembro 1987. (Antropologia e Sociologia da Cultura).

– João Rocha Pinto, *A Literatura de Viagens - Memória e Espaço. Portugal no séc.XVI* 28-29 Outubro 1987 (Antropologia e História dos Descobrimentos e da Expansão).

– João Adolfo Loureiro, *Política e Indústria em Portugal 1945-1960.* 23 Fevereiro 1989. (Sociologia).

– Maria Isabel João, *Os Açores no séc. XIX. Economia, Sociedade e Movimentos autonomistas*. Junho 1989 (Economia e Sociologia Históricas)

– Pedro Tavares de Almeida, *Eleições e Caciquismo em Portugal 1868-1890*. 1991 (Sociologia Política).

11. Conferências.

A Historiografia Contemporânea. Na Faculdade de Letras de Lisboa, 18-04-1942. Publicada em revista e separata.

O Problema das Causas dos descobrimentos. Na Faculdade de Letras de Lisboa, 2-11-1942.

Oliveira Martins Historiador. No Ateneu Comercial do Porto, 5-05-1945.

Meditação sobre a História de Portugal. No Clube Fenianos Portuenses, Porto, 1-12-1945. Com sentido político forte, uma vez que tinham sido proibidas as sessões do M.U.D.

Le commerce portugais au XVe et au XVIe siècles. Três conferências no seminário de Histoire économique de l'Europe, do Prof. Emile Coornaert, École Pratique des Hautes Études, Paris, 17 e 24 de Março e 22 de Abril de 1947.

1580: *L'annexion du Portugal par Philippe II.* Conferência na École Pratique des Hautes Études, Paris, 15 de Dezembro de 1948.

Le despotisme éclairé au Portugal. Conferência na École Pratique des Hautes Études, Paris, Maio de 1949.

Le Portugal, les flottes du sucre et les flottes de l'or 1670-1770. Conferência na École Pratique des Hautes Études, 2 de Junho de 1949 (publicada em *Annales-ESC* e em separata).

História económica e economia política. Conferência no Institut Français au Portugal, Lisboa, Novembro de 1951 (publicada parte na *Revista de Economia*).

A historiografia portuguesa do século XX: Orientações, problemas, perspectivas. Conferência na Sociedade de Estudos Históricos, São Paulo, Setembro 1954. Publicada na Revista de História, São Paulo).

Oliveira Martins, historiador e geógrafo. Na Sociedade de Estudos Históricos, São Paulo, 9 Outubro

1954.

O *problema do pão nos séculos XV e XVI.* Conferência em sessão conjunta da Sociedade de Estudos Históricos e da Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo, 15 de Outubro de 1954.

Economia e política: de Pombal ao Fontismo. Na Escola Livre de Jornalismo da Universidade Pontificia de São Paulo, 25 de Outubro de 1954.

La route du Cap et l'économie méditerranéenne. Na Faculté des Lettres, Toulouse, 22 de Março de 1960.

Le "Cancioneiro" et la Miscellanea de Resende et l'évolution de la société portugaise. Na Faculté des Lettres, Toulouse, Março 1960.

Para uma Problemática da História de Portugal. Conferência no Grémio Literário, Lisboa, 16-06-1964. Na origem da *Reflexão sobre Portugal e os Portugueses.*

A sociedade portuguesa nos séculos XVI-XVIII. Para os alunos finalistas e professores do Colégio Moderno, Lisboa, 9 de Março de 1969.

O Socialismo e o Futuro da Península. 2º Congresso Republicano de Aveiro, 16-05-1969. Um dos pontos altos na intervenção doutrinária. Publicado nas Actas do Congresso.

A orientação presente das ciências humanas. Na associação cultural Convívio, Guimarães, 28 de Junho de 1969.

Para uma introdução às ciências sociais. Na Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Neurologia, Lisboa, Março de 1971.

L'Émigration Portugaise. Na Associação Les Amis de L'Université, UER Lettres et Sciences Humaines, Clermont-Ferrand, 9 de Fevereiro de 1972.

La monnaie au Portugal à la fin du Moyen Age. Reunião dos medievistas, UER Lettres et Sciences Humaines, Clermont-Ferrand, 23 de Fevereiro de 1972.

L' Emigration portugaise. Na Universidade de Vincennes (Paris), 31 de Maio de 1972.

Finances publiques et structure de l'état mercantiliste. No Institut des Hautes Études d' Amérique Latine, Paris, 9 de Maio de 1973.

La circulation intérieure au Portugal: sources et méthodes d'étude. No seminário do Prof. Frédéric Mauro. Universidade de Nanterre, 9 de Maio de 1973.

La course et la piraterie et la route du Cap. Na Ecole Pratique des Hautes Études, seminário do Prof. Michel Mollat, 11 de Junho de 1973.

Venise: les dimensions d'une présence face à un monde tellement changé. Na Fondazione Cini, Colóquio Internacional sobre a Civilização Veneziana, Veneza, 5-10-1973.

Présence du Portugal dans la Communauté mondiale pour le développement de l'éducation, de la science et de la culture. Discurso na Sessão plenária da UNESCO, Paris,15-10-1974. Publicado em «A educação num Portugal em mudança», 1975.

L'Unesco, l'élimination du racisme et du colonialisme et un nouvel ordre culturel. Discurso em sessão plenária da Unesco, Paris, 15 de Novembro de 1974.

A Democracia socialista, um Mundo Novo e um Novo Portugal. Na sessão inaugural do Colóquio internacional para a Construção do Socialismo. Lisboa, 18-07-1975. Publicado em opúsculo e em *Pensar a Democracia para Portugal*, 1977.

Problemas da construção do socialismo. Alocução de encerramento do Colóquio Internacional para a Construção do Socialismo, Lisboa, 20 de Julho de 1975 (publicado em *Pensar a Democracia para Portugal,* 1977).

Repenser l'état mercantiliste: marchandise et structure globale sous I' Ancien Régime. Conferência na UER Lettres et Sciences Humaines, Clermont-Ferrand, 14 de Novembro de 1975.

Sobre a concepção de cultura. No Centro Nacional de Cultura, Lisboa.

A política económica portuguesa num mundo em industrialização. No Instituto Politécnico da Covilhã,

17 de Maio de 1976.

A Academia Militar no contexto da sociedade portuguesa actual, frente à missão nacional e à função social das Forças Armadas. Conferência no Colóquio sobre Ensino Militar Superior, Academia Militar, 28 de Julho de 1976 (publicado em *Pensar a Democracia para Portugal,* 1977).

Portuguese Emigration from the Fifteenth to the Twentieth century: Constants and Changes. Comunicação apresentada à European Science Foundation, Maio 1977.

Herculano, historiador, ou o cidadão perante os problemas da sua pátria. Conferência na Casa do Infante, Porto, a convite da Biblioteca Pública do Porto, 28 de Outubro de 1977.

Os Descobrimentos: Inovação e mudança nos séculos XV e XVI. No Palácio dos Congressos, Madrid, 2-12-1977. Integrada no programa da Secretaria de Estado da Cultura: "Cultura Portuguesa em Madrid".

Educação e defesa nacional. Conferência e sessão de trabalho no ciclo de estudos «O País que somos», Instituto de Defesa Nacional, 3 de Fevereiro de 1978.

O problema da «nação» e a identidade nacional. Lição no curso de preparação do generalato, Instituto de Altos Estudos da Força Aérea, Base Aérea nº1 (Sintra), 9 de Fevereiro de 1978.

Herculano: o historiador e o cidadão e os problemas de Portugal. Conferência no Palácio Galveias, Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, a abrir a exposição herculaniana, Lisboa, 28 de Março de 1978.

O *municipalismo e o Portugal que queremos ser.* Conferência na Câmara Municipal de Chaves, na Comemoração da Fundação da Cidade, 18 de Junho de 1978.

Innovation et changement aux XV^e^ et XVI^e^ siècles. No XXI^e^ Colloque International d'Études Humanistes, Centre d'Études Supérieures de la Renaissance, Tours 5-07-1978.

Les Problèmes économiques du Portugal du XIXe siècle vus par les penseurs portugais de l'époque. No Centre Culturel Portugais de la Fondation Gulbenkian, Paris, 8-11-1978.

Vers un modèle de l'économie d'Ancien Régime: analyse des idées de l' économiste italien Antonio Serra (1613). Conferência e seminário no Institut d'Histoire Moderne, Université de Nanterre, Paris, 9 de Novembro de 1978.

L'économie des Grandes Découvertes: essor, blocages, ruptures. Conferência e seminário no Institut d'Etudes Portugaises, Université de Vincennes, Paris, 10 de Novembro de 1978.

O *Estado constitucional e os problemas políticos do século* XIX *português.* Conferência e colóquio na Sociedade de Estudos de Desenvolvimento Económico e Social, Lisboa, 9 de Fevereiro de 1979.

A crise do Estado nacional e o problema da defesa nacional. Lição e seminário para o curso de Altos Comandos, no Instituto de Altos Estudos Militares, Lisboa, 13 de Fevereiro de 1979.

A escola democrática. Conferência-seminário no Liceu de Matosinhos, 8 de Março de 1979.

Portugal - que futuro? Conferência-debate na Fundação António de Almeida, Porto, 9 de Março de 1979.

Universidade - Escola de formação profissional e ou espaço de investigação? Conferência-debate no Instituto Universitário Iustitia et Pax, Coimbra, 21 de Março de 1979.

Portugal - Bilhete de identidade. Discurso nas Comemorações do Dia de Portugal, Vila Real, 10-06-1979.

Pensée historique et pensée structurale en sciences humaines. Conferência inaugural do XXV Congresso Internacional de Sociologia, organizado pelo Institut International de Sociologie, Lisboa, 10 de Abril de 1980.

O *25 de Abril e os problemas da nação.* Conferência na Câmara Municipal de Vila Real, 25 de Abril de 1980.

Que nação possível no mundo de hoje? Conferência e seminário no Curso de Altos Comandos, no Instituto de Altos Estudos Militares, Lisboa, 11 de Dezembro de 1980.

Le Portugal et les Portugais: une réflexion historique. Na UER Sciences Humaines, Vincennes-Saint Denis, Paris, 22-01-1981.

Identité Culturelle et nouvel Ordre Culturel mondial. Paris, Conférence Internationale sur l'Identité Culturelle, 2-03-1981.

Identidade nacional. Conferência e discussão no Instituto de Defesa Nacional, 17 de Março de 1981.

Novos caminhos das ciências humanas. Conferência e discussão, Sociedade Portuguesa de Ciências Humanas, no Grémio Literário, Lisboa, 23 de Abril de 1981.

Les Finalités culturelles du Développement. Na Conférence des Ministres des Affaires Culturelles, Luxembourg, 05-05-1981. Reproduzido na *Revista de História Económica e Social* e em *Identité Culturelle et Humanisme Universalisant*, 1982.

Les objectifs culturels - Pour une charte culturelle de l'Europe. Exposição do projecto apresentado ao Conselho da Europa e sua discussão. No Grémio Literário, Lisboa, 28 de Janeiro de 1982.

A construção de modelos para as economias pré-estatísticas. Na reunião da Associação Portuguesa de História Económica, Braga, 26 de Março de 1983.

Chevalerie et marchandise. Mesa-redonda no colóquio sobre «Imaginário cavaleiresco e conquista do mundo», Tomar, 18 de Abril de 1983.

O *Estado-nação e sua evolução.* No Instituto de Altos Estudos Militares, Lisboa, 2 de Maio de 1983.

Les Découvertes Portugaises et l'élargissement du monde. Na Comemoração do Centenário da Universidade de Zurich, 14-06-1983.

L'éducation, facteur de changement de civilisation. Conferência e discussão no encontro internacional organizado pela Unesco e pela Académie Européenne, na Fundação Gulbenkian, 15 de Dezembro de 1983.

Os problemas da sociedade portuguesa. Sociedade de Ciências Humanas, no Grémio Literário, 25 de Janeiro de 1984.

Os Descobrimentos: entre mito e utopia - a construção do espaço e a invenção da humanidade. Conferência e discussão, em Primeiro Acto, Algés, 3 de Fevereiro de 1984.

As bibliotecas nacionais e a investigação científica. No *1.*° Colóquio Luso-Brasileiro de Professores Universitários de Literaturas de Expressão Portuguesa, na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 23 de Fevereiro de 1984.

O 25 de Abril e o Portugal que queremos ser. Conferência na sessão solene da comemoração dos dez anos do 25 de Abril, organizada pelo Governo Civil e Câmara Municipal de Santarém, na Casa do Campino, Santarém, 23 de Abril de 1984.

La Méditerranée dans l'horizon des européens de l' *Atlantique.* Nas *Journées Fernand Braudel,* Chateauvallon (Toulon), 18 de Outubro de 1985. Publicada a síntese em: *Une leçon d'histoire de Fernand Braudel,* Paris, 1986; trad. port., *Fernand Braudel e a História,* Lisboa, 1987. Texto integral na *Revista de História Económica e Social,* nº 17, 1986, pp. 21-54 e em *Mito e Mercadoria, Utopia e Arte de Navegar*, cap.V (pp.181-222), 1990.

As Ilhas Atlânticas - Da geografia mítica à Construção das economias oceânicas. Na Sessão de Abertura do Colóquio Internacional de História da Madeira, Funchal, 28-07-1986.

O naufrágio da memória e a nação na esfera do marketing. No Colóquio "A Memória da Nação", sessão de abertura, UNL. 3-10-87. Publicado.

As Políticas Portuguesas de Expansão e os espaços económicos - séculos XV e XVI. Na Reunião do Rotary Club, Lisboa, 6-01-1988.

Civilisation de l'écriture et civilisation de l'audio-visuel. Na Sessão Plenária de Abertura de Année Internationale du Cinéma et de la Télévision. Delfos (Grécia), 24-09-1988.

Portugal - A Identidade Nacional na sua História. No Instituto de Defesa Nacional, Lisboa, 6-04-1989.

Os Problemas do mundo e do Portugal de Hoje. No Centro Cultural Português de Cabo Verde, São Vicente, 14 Maio 1990.

De la Chrétienté à l'Europe - La formation d'une civilisation plurale XVe-XVIe siècles. No Centre Européen de la Culture, Genève, 13-11-1991.

Penser la science historiquement. Encontro Internacional sobre História da Ciência, Instituto Universitario Europeo, Florença, 13-12-1991.

Qu'est-ce que découvrir veut dire ? Les nouveaux mondes et un monde nouveau. No Centre Européen de la Culture, Genève, 17-09-1992.

Da Dificuldade de Pensar o Nosso Tempo. Conferências da Arrábida, 21-10-1999

Só muito raramente as conferências foram leitura de texto escrito (mas muitas foram publicadas sobre transcrição de gravações ou por redacção posterior). Tinha por norma: preparar e planear cuidadosa e longamente a exposição, e no momento "improvisar" (norma igualmente seguida nas aulas).

12. Palestras, Lições e Cursos livres.

História do Trabalho e da Civilização. Quatro palestras em "A Voz do Operário", Lisboa, Dezembro 1941 a Fevereiro 1942. O dealbar da acção pedagógica e cívica.

Dois cursos livres, a convite de antigos alunos, no Ateneu Comercial de Lisboa, 1944:

Curso de História Medieval: *a)* A evolução urbana e comercial-industrial dos Paises-Baixos e da Itália; *b)* A geografia medieval.

Curso de História Moderna: *a)* A Revolução económica do século XVI; *b)* A Reforma - origens, características, relações com o Renascimento e o capitalismo; *c)* A primeira revolução inglesa do século XVII.

Curso de História de Portugal: A Revolução de 1383-1385 e a regência de D. Pedro. A convite de antigos alunos, no Ateneu Comercial de Lisboa, 1945.

Introdução à Sociologia. Três palestras, a convite da Associação Académica, no Instituto Superior de Estudos Ultramarinos. Lisboa, Abril de 1961.

História e ciências sociais. Sessão para estagiários do ciclo preparatório, Universidade Nova de Lisboa, 7 de Julho de 1976.

Entre 1976 e 1983 conferências na Academia Militar, Instituto de Defesa Nacional, Instituto de Altos Estudos Militares, Instituto de Altos Estudos da Força Aérea. Em volta dos problemas de identidade nacional, estrutura do Estado e defesa da nação.

Estrutura e dialéctica. Sessão para orientadores de estágio do ciclo preparatório, organizada pela Direcção-Geral do Ensino Básico, Escola Preparatória de Eugénio dos Santos. Lisboa, 27 de Janeiro de 1977.

Traços fundamentais da estrutura da sociedade portuguesa. Sessão para estagiários para directores de finanças, Ministério das Finânças. Lisboa, 29 de Março de 1977 (no Serviço de Formação do Pessoal do MAI).

Identidade nacional. Sessão de trabalho na Base Aérea nº1 (Granja do Marquês) destinada aos oficiais superiores que seguem o curso de generalato da Força Aérea, 12 de Abril de 1977.

28 de Maio de 1926 - entre a República de 1910 e o 25 de Abril de 1974. Palestra radiofónica, Radiodifusão Portuguesa, Programa I, emissão «Contraponto», 28 de Maio de 1977.

Sessão de trabalho sobre *História - nova problemática, nova metodologia, novas concepções,* para

estagiários da Escola Secundária de Ferreira Borges, 2 de Junho de 1977.

Participação no colóquio organizado pela Academia Militar, sobre *Investigação Científica e Ensino Militar Superior,* Lisboa, 14 de Junho de 1977.

Sessões de trabalho com os professores de Antropologia Cultural das escolas do magistério primário, de explicação do programa e exposição e discussão da problemática e metodologia recentes em Antropologia Cultural e Social, Lisboa, 28 e 29 de Novembro de 1977.

Teoria económica e história económica. Lição inaugural do curso de História Económica e Social do Instituto Superior de Economia, Lisboa, 24 de Janeiro de 1979.

Teoria económica e história económica. Lição no curso de História Económica e Social da Faculdade de Economia de Coimbra, seguida de seminário de investigação para os assistentes e doutorandos, 2 de Fevereiro de 1979.

Portugal e os portugueses: uma reflexão histórica. No curso para orientadores de estágio e professores do ensino secundário (Conselho da Europa), Museu de Etnologia, Lisboa, 23 de Outubro de 1981.

A crise do Estado-nação e a defesa nacional. Lição e discussão no Instituto de Defesa Nacional, Lisboa, 3 de Fevereiro de 1982.

Educação e defesa nacional. Lição e discussão no Instituto de Altos Estudos Militares, Lisboa, 12 de Fevereiro de 1982.

Que Estado-nação no nosso tempo? Lição e discussão no Instituto de Defesa Nacional, Lisboa, 28 de Janeiro de 1983.

O *papel da educação na defesa nacional.* No Instituto de Altos Estudos Militares, Lisboa, 7 de Março de 1983.

13. Participação em colóquios, congressos, reuniões.

(Comunicações, intervenções, outras participações)

– Réunions d'Histoire du Moyen Age. École Pratique des Hautes Études, Paris, Maio de 1949 (sessão com Maurice Lombard e Robert S. Lopez).

– Congresso de Economia Humana. Organizado pela Associação Economia e Humanismo, São Paulo, Agosto de 1954 (com Sauvy, Lebret, etc.).

– 2.° Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. São Paulo, Setembro de 1954 (a convite da delegação brasileira).

– 2ème Colloque d'Histoire Maritime. Paris, Académie de Marine, Maio de 1957. Organizado por Michel Mollat.

– 3.° Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Lisboa, Setembro de 1957.

– 2ème Congrès des Instituts d'Études Africaines. Paris, Janeiro de 1960.

– 7ème Congrès International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques. Paris, Setembro de 1960.

– 9.° Colóquio Internacional de História Marítima - «Las rutas del Atlántico». Sevilha, 24-30 de Setembro de 1967. Organizado por Michel Mollat e Francisco Morales Padrón. (Publicação das Actas, Sevilha, 1969.)

– Congresso Republicano de Aveiro. Aveiro, 15, 16 e 17 de Maio de 1969. Conferência «O socialismo e o futuro da Península»; presidência de uma das sessões plenárias.

– Colóquio Internacional de História da Civilização Veneziana - «Venezia centro di mediazione tra Oriente e Occidente, secoli XV-XVI». Fondazione Cini, Veneza, 3-6 de Outubro de 1973. Conferência e intervenções nas *Atti,* Florença, 1977.

– Colóquio Internacional sobre a Construção do Socialismo. Organizado pela Associação António

Sérgio. Presidência, conferência de abertura: «A democracia socialista, um mundo novo e um novo Portugal» (publicada na revista *Critério,* Novembro de 1975, e em opúsculo) e discurso de encerramento. Julho de 1975.

– Colóquio sobre a Família e Emigração. Organizado pela Área de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Nova de Lisboa, 18 de Dezembro de 1975.

– Colóquio sobre Ensino Militar Superior. Academia Militar, Lisboa, Julho de 1976.

– Delegado português à Comissáo *ad hoc* para as Ciências Sociais, da European Science Foundation. Participação nas reuniões desde Julho de 1976. Apresentação de relatórios, propostas e críticas. Enviado pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. Cessou em Setembro de 1980, por não lhe serem dados os meios indispensáveis a uma representação condigna e eficaz.

– Conference on the Portuguese Economy. Fundação C. Gulbenkian, Outubro de 1976.

– XXIe Colloque International d'Études Humanistes. Tours, 3-13 de Julho de 1978. Tema do Colóquio: «L'Humanisme portugais et l'Europe». Conferência «Innovation et changement au XVe et au XVIe siecles», nas *Actes,* Paris, Centre Culturel Portugais, 1984.

– Representante de Portugal ao Congresso sobre o Ensino e Investigação dos Direitos do Homem, organizado pela Unesco, Viena de Áustria, 13-15 de Setembro de 1978. Comunicação sobre a «Investigação científica dos Direitos do Homem».

– Presidente do XXV Congresso Internacional de Sociologia, organizado pelo Institut International de Sociologie, Lisboa, 10-14 de Abril de 1980. Conferência de abertura: «Pensée historique et pensée structurale en sciences humaines».

– Seminário da Associação de História Económica e Social. Coimbra, Faculdade de Economia, 11-12. de Julho de 1980.

– Seminário da Associação de História Económica e Social. «Teoria das fontes». Coimbra, Faculdade de Economia, 25-26 de Outubro de 1980.

– Colóquio-seminário sobre «Os grandes objectivos nacionais», Instituto de Defesa Nacional, 12-14 de Novembro de 1980.

– Conférence Internationale pour l'Identité Culturelle. Organizada pelo Institut France-Tiers Monde. Paris, Fevereiro de 1981. Comunicação «Identité culturelle et nouvel ordre culturel mondial», publicada em *ldentité Culturelle et Humanisme universalisant,* Lisboa, 1982.

– Seminário da Associação Portuguesa de História Económica e Social: Coimbra, Faculdade de Economia, 17-18 de Julho de 1981.

– Seminário da Associação Portuguesa de História Económica e Social. Coimbra, Faculdade de Economia, 9-10 de Janeiro de 1982.

– Seminário da Associação Portuguesa de História Económica e Social: «Formas de mentalidade e organização social». Coimbra, Faculdade de Economia, 6-7 de Março de 1982.

– Seminário da Associação Portuguesa de História Económica e Social. Braga, 26-27 de Março de 1983. Conferência de abertura sobre «A construção de modelos nas economias pré-estatisticas».

– Colóquio sobre «O Imaginário cavaleiresco e a conquista do mundo». Organizado pelo Gabinete de Simbologia da FCSH da UNL. Tomar, 18-2.0 de Abril de 1983. Mesa-redonda sobre «Chevalerie et marchandise» e presidência de uma das sessões.

– Seminário da Associação de História Económica e Social. Universidade de Évora, 25-26 de Abril de 1985.

– Journées Fernand Braudel. Organizadas pelo Centre de Rencontres de Chateauvallon (Mme Marielle Paquet), Chateauvallon, Toulon, 18, 19 e 20 de Outubro de 1985. Com participação de I. Wallerstein, A. Tenenti, Maurice Aymard, E. Le Roy Ladurie, Robert Mantran, etc. Comunicação sobre «La Méditerranée dans l'horizon des européens de l' Atlantique». Publicado em *Une leçon d'histoire de Fernand Braudel,* Paris, 1986.

– Colóquio Internacional de História da Madeira, Funchal, 28 de Julho-2 de Agosto de 1986.

Conferência na sessão de abertura, presidência de uma das sessões plenárias, mesa-redonda sobre «As historiografias insulares».

– Colóquio sobre «A memória da Nação», organizado pelo Gabinete de Simbologia da FCSH da UNL. Fundação Calouste Gulbenkian 7, 8 e 9 de Outubro de 1987. Com a participação de Claude G. Dubois, Jacques Revel, García Cárcel, etc. Conferência de abertura e intervenções nas sessões.

– Colóquio luso-francês sobre «A contribuição de Portugal para a Europa de Hoje», na Fundação Calouste Gulbenkian, Fevereiro 1992. Presidente de sessão. Conferência: « A diversidade das heranças e a construção de uma unidade europeia».

14. Entrevistas, ensaios e outros textos publicados em Jornais ou Revistas não especializadas.

1939 – O Diabo .(14 Janeiro). "Actualidade de Descartes".

1932 – Diário de Lisboa (22-02). "Prioridade para a Cultura"

1944 – Vida Mundial Ilustrada (17/01. Entrevista. 10 minutos com Vitorino Magalhães Godinho.

1964 – O Primeiro de Janeiro (12 Agosto) (Suplemento "Das Artes e das Letras"). "Duarte Leite, ou: onde a mitologia se acaba e a História começa".

1966 – O Tempo e o Modo (Nov-Dez), nº33-34. "As Ciências Humanas e um novo Humanismo". (Republicado em Ensaios IV).

1967 – Diário de Lisboa (Dezembro 21 e 26, e Janeiro 3). "Economistas do século XVIII" (1, 2 e 3).

1968 – Diário de Lisboa (Janeiro 15, 25 e Fevereiro 5). "As três impossibilidades do século XIX Português" :

1 – "A industrialização falhada".

2 – "A irrealizada Sociedade burguesa".

3 – "Uma cultura sem eficácia social".

1968 – Diário de Lisboa (Fevereiro 22, Março 8 e 18, Abril 1, Maio 14). "Portugal e os Portugueses":
1 – "A gente".

2 – "As cidades e os campos"

3 – "Evolução do urbanismo"

4 – "Embarcados e retornados".

5 – "Se mais mundos houvera…"

6 – "Dispersão e proveniências".

1968 – Diário de Lisboa (15 Junho). "O equívoco da civilização de consumo".

1968 – Diário de Lisboa (26 Junho). "Os valores humanos na empresa".

1968 – Diário de Lisboa (10 Outubro). "Sentido humanista da educação".

1968 – Diário de Lisboa (19, 25, 28 Outubro a 9 Novembro). "Um rumo para a Educação":

1 – "Rentabilidade social e formação da personalidade".

2 – "Directrizes pedagógicas".

3 – "Orgânica do Ensino e Formação de professores".

4 – "O Professor".

5 – "A lição e o compêndio".

6 – "O Conteúdo e o espírito do ensino: a Universidade".

7 – "O conteúdo e o espírito do ensino secundário terminal".

1969 – Vida Mundial (31/01). Entrevista conduzida por José Raimundo.

1969 – Seara Nova (Fev.69). nº1480. Entrevista conduzida por António Borges Coelho.

1970 – Diário de Lisboa (19 Março). "A qualificação científica".

1970 – Diário de Lisboa (Junho e Julho 1, 11, 23 e 28) :

"A estrutura da antiga sociedade portuguesa. I".

"A estrutura da antiga sociedade portuguesa. II Classes privilegiadas de discriminações".

"A estrutura da antiga sociedade portuguesa. III. Sobrecargas e entraves ao desenvolvimento".

"A estrutura da antiga sociedade portuguesa. IV. A composição social."

"A estrutura da antiga sociedade portuguesa. V. Factores de evolução".

1970 – República (8 Dezembro). "As Ciências Humanas no Ensino Superior".

1974 – República (10 Maio). "Construir Portugal".

1974 – República (5 Junho). "A democratização e a responsabilidade de professores e estudantes".

1974 – República (8 e 15 Junho). "Caminhos e dificuldades da democratização":

1. "Comportar-se democraticamente".

2. "Democracia e organização."

1974 – La Nouvelle Critique (Novembro). Entrevistas como Ministro da Educação após o 28 de Setembro. (pp 42, 45 e 56-57).

1975 – Vida Mundial (02/01). Entrevista. "Agitação estudantil: expressão da crise geral".

1975 – Vida Mundial (30/01). "O Nó da questão: Construiremos ou não a democracia em Portugal?"

1975 – Diário Popular (8 Março). "…e se fôssemos sergianos? " (Manter viva a presença de António Sérgio).

1975 – Jornal Novo (17 e 23 Abril). "Democracia e Socialismo".

1975 – Vida Mundial (8 Maio). "Cultura Portuguesa: balanço francamente negativo".

1975 – Diário Popular (20 Junho). "Universidade e Democratização". Entrevista conduzida por José Eduardo Moniz.

1975 – Portugal Socialista (23/07/1975). "Problemas da construção do Socialismo" (Discurso de encerramento do Colóquio Internacional sobre a Construção do Socialismo, 20/07/75).

1975 – A Luta (1 Outubro). Diálogo com Vitorino Magalhães Godinho: "O Ensino não pode ser uma arma sectária". Entrevista de Maria Antónia Palla.

1975 – A Luta (2 Outubro). Diálogo com Vitorino Magalhães Godinho: "É ridículo opor cultura proletária e cultura burguesa". Entrevista de Maria Antónia Palla (Conclusão).

1975 – A Luta (5 Dezembro). "Extirpar o totalitarismo – erguer enfim a democracia socialista".

1976 – A Luta (13 Abril). "Nossa Pátria: que porvir? "

1. "As instituições e as forças políticas". (13 Abril)

2. "A agonia de uma economia raquítica e antiquada". (14 Abril e repetido 27 Abril)

3. "Uma Nação sem escola" (15 Abril).

4. "Por uma nova civilização" (17 Abril).

1976 – (14 Abril). "Sobre a creação de um Ministério da Cultura".

1976 – A Capital (19 Maio) (e Portugal Socialista 20 Maio; Diário de Notícias 20 Maio). Apresentação ao País da candidatura de Ramalho Eanes.

1976 – A Luta (25 Junho). "Escolher a Democracia para Portugal".

1976 – A Luta (Junho). "Mensagem a Raul Rego".

1976 – Portugal Socialista (1 Julho). "Finalmente, a Democracia".

1976 – A Luta (9 Setembro, 10 e 13). "As ameaças à democracia":

1. "Intervenção Incómoda".

2. "As seduções da política nos meios militares".

3. "O medo de governar".

1977 – A Capital (1, 2 e 3 Agosto). "O problema nacional: Só a democracia socialista é futuro para este país" (1, 2 e 3).

1978 – A Luta (6 Janeiro). "Memorando que ninguém pediu".

1978 – O Jornal. (06/10) "Portugal. Por que caminhos?"

1980 – Primeiro de Janeiro (25/09). Entrevista: "É indispensável que a política deixe de ser monopólio de alguns".

1983 – Diário Popular (01 a 07/03). 5 artigos e Conclusão. "Uma Pátria que se chamou Portugal".

1984 – JL (31/01 a 06/02). Entrevista (Carlos Oliveira Santos). "Somos um País de Mandarins".

1984 – NT (07/04). Entrevista (Eduarda Ferreira e Margarida Nunes). "Vivemos numa sociedade chilra onde triunfa a incompetência".

1984 – Semanário (27/10). Entrevista (Margarida Viegas)."Ignorantes, incompetentes, insensatos".

1985 – Diário Popular (23, 24, 25 e 26/01). "A construção do Estado".

1986 – Jornal de Letras, Artes e Letras nº 182 (06/01). «Evocação de Fernand Braudel».

1987 – Expresso (12/12). "Portugal e os Descobrimentos".

1988 – Jornal de Letras (05/07). Entrevista (Manuel Cadafaz de Matos). A vida, a obra e o país em revista." Comissão dos Descobrimentos deve ser extinta".

1988 – Jornal de Letras (12/07). Entrevista (Manuel Cadafaz de Matos). "Fui talvez o único Ministro da Educação em Portugal".

1989 – Vida Mundial (24/05). Entrevista. "O medo instalou-se em Portugal".

(1989 – Revista da FCSH. Entrevista (Margarida Marques e Jorge Pedreira). "Problema da institucionalização e do desenvolvimento das Ciências Sociais e Humanas em Portugal".)

1990 – DN (24/06). Entrevista (Moutinho Pereira). "A História é um modo de pensar todas as ciências humanas".

1990 – Estado de S. Paulo (25/08). Entrevista (Cristina Durán). "A outra Descoberta da Europa".

1996 – JL (10/04). "Como problematizar o mundo de hoje? Como intervir para o transformar?"

1997 – História (Março). "Albert Silbert. Os novos caminhos para conhecer Portugal". Texto.

1998 – JL (01/07 a 14/07). Entrevista (Maria João Martins; fotos João Ribeiro). "Ideia de Pátria substituída por cotações das Bolsas".

1999 – História. Entrevista (Fernando Rosas e José Miguel Sardica). "Ciências Sociais, cidadania e historiografia". (Janeiro) Iª parte; (Fevereiro) IIª parte.

2000 – História (Setembro). "A Iª Grande Guerra e a República Portuguesa". Texto (investigação).

2003 – O Público (15/12). Entrevista de Carlos Câmara Leme em Paris.

2004 – Jornal de Notícias (24/04). Entrevista (Eduarda Ferreira e João Ribeiro fotos). "Em Portugal anda-se num conformismo irritado".

2004 – JL (Jornal de letras, Artes e Ideias) (07 a 20/01).Entrevista (Maria João Martins). "Cidadania e História/Ofício de Cidadania.

2006 – Diário de Coimbra (Agosto). 3 artigos. "Os Painéis de S. Vicente".

2007 – JL (03 a 16/01). "Os Portugueses à procura de Portugal". "Os Portugueses em busca de si próprios" (1ª parte). Ensaio.

2007 – JL (17 a 30/01). Os Portugueses à procura de Portugal 2ª parte. "Globalização e identidade".

Ensaio.

2007 – JL (24/10 a 06/11). "Diversidade, identidade e integração". Ensaio.

2007 – JL (07 a20/11). Ensaio 2ª parte. "Respeito pela pluralidade".

2007 – Jornal de Negócios (30/11). Entrevista (Eva Gaspar e Marta Poppe). "Não sou pessimista, sou realista".

2008 – JL (26/03 a 08/04). "A língua portuguesa em tratos de polé". Ensaio.

2008 – Ipsilon (02/05). Entrevista (Clara Viana). "A culpa não se transmite de pais para filhos".

2008 – Expresso, "Única" (10/05). "O Homem que teima em ser cidadão" (João Mesquita e José Pedro Castanheira. Fotos José Ventura).

2008 – JL (18/06 a 01/07). "História e Cidadania". Entrevista (Maria João Martins): "A Cultura como cidadania". Textos de Mário Soares, David Justino e Romero Magalhães.

2009 – Diário de Notícias (27/02). Entrevista (João Céu e Silva). "Portugal não tem uma democracia".

2009 – JL (23/09 a 06/10). "A grande ilusão". Ensaio.

2010 – JL (06 a 19/10). Entrevista (Maria João Martins). "O sonho de um País moderno".

2010 – JL (17 a 30/11). "A República e a Iª Guerra. Portugal perdeu ou ganhou a guerra de 14-18?". Ensaio.

2011 – Revista de História da Biblioteca Nacional (Brasil)(Junho 2011). Entrevista (Alberto da Costa e Silva e Tiago dos Reis Miranda).

2012 – História da historiografia. Ouro Preto (Brasil). Nº10, Dez 2012, pp 14-31. Trabalhar a história: o tempo de um mestre. Entrevista de Vitorino Magalhães Godinho (1919-2011). (Alberto da Costa e Silva e Tiago dos Reis Miranda).

04 a 17/05/2011 – JL - VMG (1918-2011). A História como forma de pensar Portugal. Textos de Aº B. Coelho, David Justino, Francisco Bettencourt e Joaquim Romero Magalhães. Inéditos.

15. Estudos sobre Vitorino Magalhães Godinho.

Joaquim Romero Magalhães, "De Victorini Magalhães Godinho Vita, Scriptis et in adversis animi fortitudine". Em *Estudos e Ensaios - Em Homenagem a Vitorino Magalhães Godinho*, Lisboa, 1988, pp. 1-16; completado por elenco bibliográfico e de actividades científicas e pedagógicas.

Vitorino Magalhães Godinho - Portugal e os Portugueses. Texto e organização de Jorge Crespo e uma equipe. Com a Bibliografia e o elenco das actividades científicas e pedagógicas. Lisboa, 1988.

Maria de Fátima Pinto das Neves, *A Vertente sociológica da Obra do Prof. V. M. Godinho*. Dissertação de licenciatura, Universidade de Évora, 1991

Le Portugal et le Monde: Lectures de l'oeuvre de V. M. Godinho. Colóquio Internacional, Centre Culturel Gulbenkian, Paris, 12-13 Dezembro de 2003. As comunicações estão publicadas: *Le Portugal et le Monde: Lectures de l'oeuvre de Vitorino Magalhães Godinho*. Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian, Paris, 155 pp., 2005.

In Honor of Vitorino Magalhães Godinho, Review of the Fernand Braudel Center, University of Binghamton, New York, vol. XXVIII, nº4, 2005, pp. 305-410. Direcção de Immmanuel Wallerstein. Contém um currículo e bibliografia até fins de 2004.

José Luís Cardoso, "VMG e os *Annales* : a história como modo de pensar". No XIV Seminário de Diamantina (Brasil), 24-27 Maio 2010.

16. Encontros e Colóquios organizados em sua Homenagem.

Encontro Internacional de História, em homenagem a Vitorino Magalhães Godinho, organizado pela Associação Portuguesa de História Económica e Social: «A História como maneira de pensar nas

Ciências sociais e humanas», Museu de Etnologia, 17 e 18 Junho 1988. Inclui Exposição (coordenada por Jorge Crespo): *Vitorino Magalhães Godinho: Portugal e os Portugueses*. Textos de VMG. Junho 1988.

Colóquio «Portugal e o Mundo. Leituras da Obra de Vitorino Magalhães Godinho», organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian, Sorbonne, Paris, Dezembro de 2003.